



E SE O AMOR
CONTINUASSE ALÉM
DA VIDA?

ADEUS,
POR ENQUANTO

Laurie Frankel



Laurie Frankel

ADEUS,
POR ENQUANTO

Tradução
MARIA ALICE STOCK

B
B
B
B

*Para meu pai, David Frankel,
que de fato reprogramou nosso
Commodore VIC-20 para cometer
erros de aritmética com o objetivo de
melhorar minha autoconfiança e
minhas capacidades matemáticas
(somente um dos dois funcionou).*

*E para minha mãe, Sue Frankel,
que chama — e trata — meus
romances de livros-netos.*

O que sobreviverá de nós é amor.
Philip Larkin, *An Arundel Tomb*

Aplicativo matador

Sam Elling preenchia seu perfil de relacionamento on-line tentando decidir se ria ou chorava. Por um lado, acabara de se descrever como “alguém que ria fácil” e respondera oito em uma escala até dez à pergunta “Quão macho você se considera?”. Mas, por outro lado, tudo aquilo era muito frustrante e ninguém, ele sabia, aceitaria menos que oito na escala de masculinidade. Sam estava tentando pensar em cinco coisas sem as quais não poderia viver. Sabia que muitos pretendentes escreviam descaradamente: ar, comida, água, abrigo e mais alguma coisa ligeiramente engraçada. (Pensou que queijo suíço seria um complemento inteligente à lista, ou talvez vitamina D, embora, como estivesse em Seattle, parecia, de fato, estar vivendo muito bem sem ela.) Poderia ir para o lado tecnológico — laptop, outro laptop, tablet, conexão sem fio, iPhone —, mas pensariam que ele era um nerd da computação. Tudo bem que era, mas não queria que soubessem logo de cara. Poderia ir para o lado sentimental — porta-retratos com a foto do casamento dos pais, moeda da sorte do avô, programa do seu momento de estrela na montagem de *Grease* no ensino médio, carta de admissão no MIT, primeira fita de música que uma menina havia feito para ele —, mas suspeitava que isso desmentiria o fator macho indicado. Poderia ir para o lado da lactose: queijo suíço de novo (estava claramente com desejo de queijo suíço sem motivo aparente) mais sorvete de chocolate, cream cheese, pizza do Pagliacci, e café latte duplo. No entanto, não era verdade. Ele poderia viver sem essas coisas, só não gostaria muito.

O fato era que aquele exercício era cinco coisas: chato, intrometido, forçado, embaraçoso e totalmente sem sentido. Ele não tinha nenhum hobby porque trabalhava o tempo todo, motivo pelo qual não conseguia encontrar namorada. Se não trabalhasse o

tempo todo (ou não fosse programador de software e portanto também trabalhasse com algumas mulheres), teria tempo para hobbies que poderia listar, mas nesse caso não haveria necessidade porque não precisaria de encontros on-line para conhecer pessoas. Sim, era um nerd da computação, mas também era, ele achava, inteligente, divertido e razoavelmente bonito. Só não tinha cinco hobbies ou cinco coisas espirituosas sem as quais não pudesse viver ou cinco coisas interessantes em seu criado-mudo (a resposta sincera teria sido: copo meio cheio de água, copo com um resto de água, copo vazio, lenço de papel assoado, lenço de papel assoado) ou cinco esperanças reveladoras para o futuro (nunca ter que fazer isso de novo, repetir cinco vezes). Tampouco se importava com os hobbies declarados, as cinco necessidades na vida, os criados-mudos, ou o futuro de outras pessoas. Já tinha respondido variações dessas perguntas insanas em outro site, tinha saído com as pessoas que o site sugerira, e visto no que dava toda aquela bobagem. Dava em bobagem. Se escolhesse as que pareciam bem pé no chão (livros, utensílio para escrever, abajur, rádio-relógio, celular), acabava com uma chata. Se escolhesse as que pareciam excêntricas (chapéu de chuva amarelo, Polaroid, sal de fruta sabor limão, foto de Gertrude Stein, miniatura de plástico de Mao), acabava com mulheres muito estranhas e cheias de si. Se escolhesse *aquela* que parecia combinar bem (“Laptop e sinceramente nada mais porque é tudo de que preciso”), acabava com uma nerd da computação tão parecida com seu colega de quarto da faculdade que imaginava se ele tinha feito uma operação de mudança de sexo pouco convincente sem avisá-lo. Então você podia escolher entre chata, estranha ou Trevor Anderson.

Cinco coisas sem as quais Sam não poderia viver: sarcasmo, zombaria, desprezo, escárnio, cinismo.

Isso não era tudo, é claro. Se fosse, ele não estaria procurando encontros on-line. Estaria de mau humor e sozinho entocado em um apartamento no subsolo em algum lugar (Xbox, Wii, PlayStation, televisão de tela plana de cinquenta e duas polegadas, nachos de micro-ondas). Em vez disso, estava se expondo novamente. Isso não indicava otimismo em relação ao amor? (Esperança, alegria, carinho, generosidade, a promessa de alguém

para dar um beijo de boa noite.) Talvez, mas era cafona demais para escrever no formulário ridículo.

O problema do formulário ridículo era o seguinte: não era só que as pessoas não diziam a verdade — embora não dissessem mesmo. Era que não havia *como* dizer a verdade, mesmo se você quisesse. Coisas em um criado-mudo não revelam a alma. Esperanças no futuro não podem ser resumidas em formulários para estranhos. Perguntas em que você precisa preencher os espaços em branco na frase são divertidas mas não são indicativo do futuro de um relacionamento a longo prazo. (Nem mesmo são realmente divertidas.) Até as coisas com respostas diretas não conseguiam revelar o que você precisava saber. Por exemplo, Sam queria namorar uma mulher que soubesse cozinhar e que gostasse de fazê-lo, mas não podia ser porque ela fosse uma espécie de deusa doméstica que precisasse de uma casa limpa o tempo todo (Sam não era organizado), e não podia ser porque ela acreditasse que o lugar de uma mulher fosse em casa e que ela deveria cuidar de seu homem (Sam era feminista), e não podia ser porque ela fosse uma dessas pessoas que só come comida orgânica, sustentável, produzida localmente, sem produtos químicos, ecologicamente responsável, integral, crua, vegana (ver acima sobre a paixão de Sam por laticínios). Tinha que ser porque Sam não cozinhava e ela sim e ambos precisavam comer, e ele assumiria em troca outra tarefa doméstica como lavar a louça, dobrar as roupas ou limpar o banheiro. Não havia espaço para tudo isso no formulário, nem mesmo um lugar para indicar que ele era o tipo de homem que considerava tais minúcias bizarras relevantes.

Ainda assim, um homem tem necessidades. E não as que você está pensando. Bem, essas também, mas não era nelas que Sam estava pensando. O que ele pensava era que seria agradável ter alguém com quem sair para jantar nas noites de sexta-feira, com quem acordar na manhã de sábado, para ir com ele a museus, ao cinema, ao teatro e a festas, restaurantes, jogos e viagens de final de semana prolongado, trilhas, andar de esquí, visitas aos pais, degustações de vinho e eventos do trabalho. Essa última era especialmente urgente para Sam, que trabalhava na empresa de encontros on-line cujo formulário estava lhe causando tanta agonia.

A companhia empregava muitas pessoas exibidas e dinâmicas — a maioria homens — que levavam muitas pessoas exibidas e dinâmicas — a maioria mulheres — aos muitos eventos de gala exibidos e dinâmicos. Sam não possuía gravatas coloridas até conseguir esse emprego, não era nem exibido nem dinâmico, e achava realmente que um emprego como programador de software em um cubículo de três paredes, cercado de outros programadores com camisetas com dizeres matemáticos obscuros, bonecos de Jornada nas Estrelas e cubos mágicos de sete faces, devia tê-lo livrado desse tipo de pressão no trabalho. Mas os advogados, vice-presidentes, diretores financeiros, VIPS e investidores distorciam a curva e, além disso, era uma empresa de encontros on-line — aparecer nesses eventos sozinho era uma má escolha profissional. Sam passava aquelas noites em seu smoking apertado demais fazendo piadas internas estranhas com seus estranhos compatriotas programadores solteiros, bebendo vodca com tônica de graça e com medo de que nunca encontrasse o amor verdadeiro.

No ensino médio em Baltimore, quando Holly Palentine viu, além de sua aparência nerd, o coração legal que batia ali dentro e aceitou primeiro dançar com ele no baile de boas-vindas, depois que ele a levasse para jantar e ver um filme, e em seguida ficar namorando no porão na casa dele a maior parte das tardes depois da escola, Sam presumiu que se casaria com sua namorada de escola. Lembrava-se de dançar colado nela na festa da primavera e imaginar como estariam no dia do casamento. Depois ela mandou uma carta do acampamento de escoteiras onde era monitora perguntando se ainda poderiam ser amigos. Ainda? Sam não tinha percebido que aquilo sequer estivera em discussão. Na faculdade, no MIT, experimentara encontros de fim de noite no dormitório, garotas que flertavam com ele em festas, apaixonar-se loucamente pela barista do Shot Through the Heart (embora não tivesse tentado falar com ela) e um relacionamento real, adulto, de um ano e meio com Della Bassette, que depois se formou e partiu para três anos de trabalho voluntário no Zimbábue, e outro ano e meio de amor sólido, de-começar-a-pensar-em-anel-de-noivado com Jenny O'Dowd, que realmente o amava e queria estar com ele para sempre, só que acidentalmente também ficou com o companheiro

de quarto dele no semestre antes da formatura. Duas vezes. Depois Sam tentou ficar sozinho, sendo bem menos provável que ficar sozinho resultasse na destruição de sua alma e no despedaçar de seu coração. Tentou não se importar, não se arriscar e não olhar, passar tempo com amigos homens, tirar férias sozinho, dedicar-se ao crescimento interior, e cancelar a tv a cabo. Nada disso funcionou. Não estar apaixonado significava menos probabilidade de se machucar. Mas ele honestamente não via sentido.

Não via sentido porque era uma dessas pessoas que sempre, sempre tinha que estar acompanhada, e não porque ele não se considerasse completo sem uma parceira, nem porque caso contrário fosse difícil demais fazer sexo, mas porque quando não estava passando o tempo com pessoas que amava, Sam descobriu que passava muito tempo com pessoas que não amava. Seus colegas de trabalho eram legais no trabalho, mas não tinham muito que conversar quando saíam depois. Happy hours com amigos com quem havia perdido contato desde a faculdade o faziam lembrar de por que perdera o contato. Conversar sobre amenidades em festas de amigos de amigos significava fingir achar interessante um monte de coisas que ele não achava interessantes.

Quando se mudou da Costa Leste para Seattle, Sam tentou encontros pela internet e não conseguia acreditar que tinha estado vivo por trinta e três anos e meio e nunca houvesse pensado em fazê-lo antes. Sam acreditava em computadores e programação, em informação codificável, em algoritmos e números e lógica. Seu pai também era programador de software, além de professor na Universidade Johns Hopkins, então Sam fora criado para acreditar: computadores eram sua religião. Todo o resto do mundo tentava encontros on-line como a única opção depois de não ter conhecido ninguém no vasto oceano da faculdade. Mas Sam gostava de encontros on-line porque eliminava o mistério. Talvez você conhecesse alguém e gostasse dela, e ela de você, e vocês começassem a namorar e tudo corresse muito bem, e vocês ficassem mais e mais próximos, compartilhassem mais e mais, começassem a construir uma vida juntos e se apaixonassem profundamente, e ainda assim ela dormiria com seu colega de quarto quando você fosse para casa no fim de semana.

Computadores nunca deixariam acontecer uma variância tão atípica.

Encontros on-line ainda não tinham funcionado para Sam. Mas pagavam bem. E isso afinal tinha quase a mesma importância. Numa manhã linda-demais-para-ir-trabalhar em junho, toda a equipe de Sam recebeu uma mensagem de texto envergonhada do chefe. “Aviso”, Jamie escreveu. “Agenda do cc para a AI-pé de hoje: quantificar o coração humano.” Jamie se referia ao presidente altamente importante da empresa, o chefe de seu chefe, como cc. Sam o adorava por isso. cc tinha decretado recentemente que cada equipe começaria toda manhã com uma reunião em pé, sendo que a ideia era que a empresa não gastasse o tempo de seus programadores brilhantes com uma reunião de verdade, mas somente um breve encontro no corredor. Geralmente, tinha a duração de uma reunião de verdade mas sem o conforto das cadeiras, pães e doces. Jamie então a chamava de AI-pé, teoricamente significando “Assistida Inteiramente em pé”, embora na realidade ilustrasse como seus pés estavam no fim da reunião. Sam adorava Jamie por isso também. E ainda porque ele não era obsessivo com pontualidade, o que dava tempo a Sam para correr de volta ao apartamento e trocar os sapatos por outros mais confortáveis.

“A história é a seguinte”, disse Jamie quando Sam chegou. “cc acha que precisamos de um slogan melhor. Alguns sites de namoro prometem ‘as pessoas mais divertidas’. Alguns apregoam ‘a porcentagem mais alta de casamentos’. cc quer subir a barra. Muitos encontros acabam dando errado. Muitos casamentos acabam em divórcio. O que é melhor que namoro e melhor que casamento?”

“Amizade colorida?”, chutou Nigel, da Austrália.

“Alma gêmea”, disse Jamie. “cc quer um algoritmo que descubra sua alma gêmea. Portanto, recorro a vocês. O amor é uma coisa complicada. Todas aquelas variáveis humanas. A alma não é lógica. O coração quer o que o coração quer. Difícil identificar. Difícil quantificar e programar. Mas somos programadores, esse é nosso trabalho. Então precisamos conseguir. Digam-me como.”

“Aumente as chances de transar”, disse Nigel. “Encontros mais casuais levam a sexo mais frequente e mais rápido. Quanto

mais longe você chegar no primeiro encontro, mais informação terá sobre compatibilidade sexual.”

“Não vai funcionar”, objetou Rajiv de Nova Délhi. “Sair com alguém é chato.” Nesse ponto os engenheiros de software, exceto Nigel, estavam em acordo.

“Não é divertido”, disse Gaurav de Mumbai.

“É muito desconfortável”, disse Arnab de Assam.

“E é tudo falso”, disse Jayaraj de Chennai. Cinco estados indianos em que Sam havia se tornado especialista desde que começara a trabalhar como engenheiro de software: Délhi, Assam, Maharashtra, Tamil Nadu, Bengali Oeste. “Você é muito pior num encontro do que na vida real”, continuou Jayaraj. “Não consegue juntar duas frases sem parecer um idiota. Gagueja, fala de assuntos estranhos e se envergonha demais. Não é assim na vida real.”

“Ou você se apresenta sendo melhor do que realmente é”, completou Sam, “o que também é mentira. Você se arruma toda e penteia o cabelo e passa maquiagem quando na verdade anda pela casa o dia todo com roupa de fazer ioga e cabelo preso num rabo de cavalo.”

“Maquiagem?”, Jamie levantou a sobrancelha.

“Rabo de cavalo?”, perguntou Jayaraj.

“Precisamos de uma terceira pessoa”, sugeriu Arnab, “como os astrólogos hindus que conhecem todo mundo na aldeia há gerações, e assim arranjam casamentos no nascimento que duram até a morte.”

“Muitas culturas têm casamenteiras. Os *nakodo* japoneses. Os *shadchens* judaicos.” Gurav tinha se formado em antropologia na Universidade da Califórnia, em Santa Cruz. “Há séculos de precedentes. Eles percebem uma verdade.”

“Qual?”, perguntou Jamie.

“Quem as pessoas acham que são e o que elas acham que querem não é na verdade quem elas são ou o que querem”, disse Gaurav sabiamente. “Anciãos sábios, às vezes mágicos, arrumam alguém para você com base em quem você realmente é, em quem seria bom para você.”

“Não tenho anciãos mágicos”, disse Jamie.

“Não, você tem uma coisa melhor ainda”, disse Sam.

“Programadores de computador. Podemos analisar um pouco mais a fundo os dados que os usuários fornecem. Ver o que os dados dizem sobre eles, em vez do que eles mesmos dizem.”

Os pés de todos estavam ficando cansados, então analisar mais a fundo parecia valer a pena. “Acusar nossos clientes de mentir”, disse Jamie. “Tenho certeza de que cc vai adorar.”

Sam parou para tomar um café no caminho de volta a sua mesa. (Havia cinco lugares num raio de duzentos metros da mesa de Sam onde se podia comprar um excelente café latte duplo: o café no segundo andar, o café no décimo quarto andar, a cantina, o café no saguão da entrada da Quinta Avenida, o café no saguão da entrada da Quarta Avenida. Sam adorava Seattle.) Depois se sentou e pensou onde, se não nos formulários do site, as pessoas revelavam verdades sobre si mesmas. Mandou uma mensagem para Jamie: “Posso ter acesso aos registros financeiros dos clientes?”.

Jamie escreveu de volta imediatamente. “Acusar nossos clientes de mentir e invadir a privacidade deles. cc vai adorar isso também.”

Primeira prova irrefutável que Sam tinha de que os usuários estavam mentindo sobre si mesmos: todo mundo em todos os lugares estava o tempo todo tendo surtos de preocupação com privacidade na internet, mas se ele promettesse conseguir amor ou ao menos sexo, as pessoas consentiam que ele acessasse suas movimentações financeiras, faturas de cartão de crédito, contas de e-mail, ou qualquer outra coisa só porque Sam pedia com gentileza. Nessas informações Sam via as pessoas não como elas se representavam mas como realmente eram. Viu que elas diziam que suas cinco comidas preferidas eram mirtilos orgânicos, vitamina de broto de trigo, quinoa vermelha, sanduíche de *tempeh*, e caviar de beluga, mas haviam gasto uma média de quarenta e sete dólares e setenta centavos por mês no ano anterior em uma loja de conveniência. Viu que as cinco coisas que listavam na cabeceira eram todas DVDs de filmes estrangeiros, mas tinham assistido *Shrek Para Sempre* em 3D duas vezes no cinema e passado a semana do festival de filme estrangeiro com antigos colegas da faculdade no rancho de um cara no Wyoming. Notou que elas diziam gostar de escrever poemas e contos e até incluíam uma citação de *Ulisses* no

perfil, mas Sam analisava seus e-mails e sabia que estavam entre os doze por cento que menos usavam adjetivos e não faziam ideia de como usar ponto e vírgula. Todo mundo mentia. Não era por malícia nem mesmo de propósito, geralmente. Não era tanto que estivessem criando uma representação errônea de si mesmos, era mais que estavam completamente erradas. Como viam a si mesmas e como eram na verdade eram duas coisas bem distantes.

Sam era romântico, sim, mas também era engenheiro de software e, como era melhor nesse último quesito, usou suas forças a seu favor. Durante duas semanas seguidas, trabalhou obsessivamente em um algoritmo que descobrisse quem você realmente era. Ele ignorava o formulário que você mesmo havia preenchido e lia em vez disso seus relatórios de gastos, extratos de banco e e-mails. Lia seu histórico de chats e mensagens de texto, seus posts e atualizações de status. Lia seu blog e o que você postava no blog de outras pessoas. Olhava o que você comprava on-line, lia on-line e o que você cuidadosamente evitava on-line. Ignorava quem você dizia ser e quem você dizia querer e olhava quem você realmente era e quem realmente queria. Sam mesclou as tradições ancestrais dos casamenteiros com as verdades que os usuários revelavam mas não admitiam sobre si mesmos, combinadas ao poder dos processadores de dados modernos, e fez o algoritmo que mudou o mundo dos encontros. Decifrou o coração.

Seus colegas ficaram impressionados. Jamie ficou contente. Mas cc estava exultante com o algoritmo, especialmente depois que viu o teste de conceito e como funcionava incrivelmente bem.

“Acertamos no primeiro encontro!”, cc disse entusiasmado. “É só disso que vamos precisar. Isso é que é um aplicativo matador!”

A garota na sala ao lado

O próximo passo para Sam, claro, era testar ele mesmo o programa. Queria saber se funcionava. Queria provar que funcionava. Mas acima de tudo, queria que funcionasse. Queria que ele procurasse pelo mundo e encontrasse, apontasse como o dedo de Deus e dissesse: “Ela”. Quão bom era esse algoritmo? Na primeira tentativa, ele juntou Sam com Meredith Maxwell. Ela trabalhava ao lado dele. No departamento de marketing da mesma empresa que Sam. No primeiro encontro, foram almoçar na cantina do trabalho. Ela estava encostada no batente da porta sorrindo quando ele desceu do elevador, sorrindo também sem querer.

“Meredith Maxwell”, disse, apertando a mão dele. “Meus amigos geralmente me chamam de Max.”

“Não de Merde?”, perguntou Sam, incrédulo, horrorizado consigo mesmo enquanto falava. Quem fazia uma piada assim — pretenciosa, escatológica, e em francês — para causar uma primeira impressão? Sam estava sendo estranho, desconcertante e um pouco rude.

Inacreditavelmente, Meredith Maxwell riu. “*Je crois que tu es le premier.*”

Era como se um milagre tivesse ocorrido. Ela tinha achado graça. Achava Sam engraçado. Mas não era um milagre. Era ciência da computação.

“Onde você aprendeu francês?”, Sam recuperou-se depois que estavam sentados em um canto com as bandejas da cantina.

“Passei um ano fora quando estava na faculdade, em Bruges. Também aprendi flamengo.”

“Isso deve ser bem útil”, disse Sam.

“Menos do que você pensa. Os únicos com quem falo flamengo são meus cachorros.”

“Você tem cachorros?”

“Snowy e Milou.”

“Você tirou os nomes dos cachorros de uma história em quadrinhos belga.”

“Bom, de um quadrinho belga e da sua tradução em inglês”, disse Meredith Maxwell.

Sam estava profundamente impressionado consigo mesmo. Embora ela não tivesse dito nada em seu perfil no site sobre os nomes dos cachorros nem Sam tivesse falado de sua obsessão por Tintim na infância, ele havia criado um algoritmo que sabia mesmo assim. Sam era uma espécie de gênio. Meredith Maxwell, por sua vez, era bonita e divertida e evidentemente inteligente, tinha trinta e quatro anos (Sam gostava de mulheres mais velhas, mesmo que somente sete meses), tinha viajado o mundo, era poliglota, gostava de cachorros e do sorvete de morango da cantina, e sua pele tinha cheiro de mar.

“Foi divertido”, disse Meredith enquanto devolviam as bandejas. Mas não parecia ter certeza.

“Vamos fazer de novo?”, disse Sam.

“Talvez fora daqui?” Sam notou que isso não era um não, mas tampouco um claro-que-sim-não-seja-bobo-sim. Será que não funcionava tão bem quanto ele pensava? Será que funcionava no papel (bem, no código) mas não na realidade? Ou mais horrível ainda: será que ela era seu par perfeito, a única alma em todo o mundo que combinava com a dele, toda a humanidade resumida em uma pessoa... e ela gostava mais ou menos dele? Esforçou-se para lembrar de primeiros encontros que tivessem causado uma boa impressão. Ele era maluco? A cantina do trabalho não era uma boa primeira impressão. Aquele encontro não contava. Precisava começar de novo. “Vamos jantar em algum lugar especial.”

“O.k.”, ela concordou.

“Hum... Canlis? Campagne? Rover’s?” Sam enumerou restaurantes caros aleatoriamente. Nunca tinha ido a nenhum deles. “Podíamos pegar a balsa até Victoria? O Canadá é muito romântico.”

“Barcos me fazem vomitar”, ela disse.

“Aquele restaurante no alto do Space Needle?”

“Você gosta de beisebol?”, ela disse.

Sam parou de respirar. Era uma pergunta de brincadeira?
“Gosto de beisebol.”

“Que tal jantar no estádio? Sábado à noite? Cachorro-quente assistindo ao jogo? Pode ser mais divertido.”

O jogo *foi* divertido. E também o jantar, bem mais informal do que Sam tinha sugerido, mas ainda assim do tipo que poderia ser considerado extravagante em Seattle. E também a peça que Meredith escolheu para eles assistirem e a interrogação a que o submeteu depois, que foi como uma prova de inglês mas com mais pressão (afinal de contas, o que estava em jogo era mais importante). E também o filme de horror coreano no cinema de três dólares, e a trilha em Hurricane Ridge. Mas ainda assim o clique não fora imediato. Ou talvez fosse o contrário.

“Não posso deixar de notar”, Meredith observou depois de passar o dia todo na trilha, depois de tomarem banho separados, de secar o cabelo com toalha e do vinho tinto, velas e comida tailandesa para viagem no chão da sala de casa, “que você ainda não me beijou.”

“Não?”, disse Sam.

“Não.”

“Que estranho descuido. Por que não, você acha?”

“Pode ser que você não goste de mim”, Meredith sugeriu.

“Não acho que seja por isso”, disse Sam.

“Pode ser que você me ache horrível.”

“Também acho que não é por isso”, disse Sam, chegando depressa mais perto dela.

“Pode ser que você seja um péssimo programador e esse algoritmo não funcione e nós não tenhamos nada a ver, um casal péssimo, desditoso, malfadado, sem química.”

“Sou um programador brilhante”, disse Sam.

“Talvez você esteja com medo”, disse Meredith.

“De quê?”

“Rejeição.”

“Não tem muita chance de isso acontecer. Talvez *voce* esteja

com medo.”

“Eu?”, ela disse.

“Sim, você”, disse Sam, chegando ainda mais perto. “Talvez *você* tenha medo de *me* beijar. Talvez você tenha um fígado de lírio.”

“E o que é que isso quer dizer?”, ela disse. “Que o seu fígado é florido? Que você é uma menininha? Que todas as toxinas do seu sangue que ele filtra são flores?”

“Vem dos humores. Sabe, bile, sangue, fleuma”, Sam murmurou romântico. “Falta cor no seu fígado, então ele é todo branco, pálido e covarde, e fica ali no seu trato digestório impedindo você de me beijar.”

“Você sabe muitas coisas, Sam”, ela disse.

“Isso é ruim?”, perguntou, sentando-se. Tinha inclinado tanto na direção dela, os olhos semicerrados, que se sentia quase tonto. Ou talvez não fosse por isso.

Ela pensou um pouco. “Gosto de homens inteligentes, mas talvez quanto menos conversa sobre fleuma antes do nosso primeiro beijo, melhor.”

“Não sabia que estávamos bem antes do nosso primeiro beijo”, Sam disse.

“Bom, então acho que você não sabe tudo afinal de contas.”

Foi ela quem o beijou então ou ele quem a beijou? Ou já estavam tão próximos nessa hora que a próxima inspiração juntou suas bocas, que a batida feroz do coração de Sam empurrou-o para ela? Ou foi o destino, a compatibilidade, a química ou a ciência da computação? Sam não queria saber. Esqueceu-se de pensar nisso. Esqueceu-se de pensar em qualquer coisa.

Beijaram-se por um tempo. Depois pararam de se beijar por um tempo e ficaram ali respirando juntos. O apartamento de Meredith era decorado com modelos de avião pendurados pelo teto. Suas sombras balançando à luz de velas faziam Sam se sentir como se estivesse voando. Ou talvez não fosse por isso. Então Meredith disse: “Bom, foi legal. Por que você demorou tanto?”

Sam tentou dizer casualmente, “Por que *você* demorou tanto?”. Tentou trazer “fígado de lírio” de volta à conversa enquanto seus batimentos cardíacos diminuía. Em vez disso acidentalmente

respondeu com honestidade. “Acho... tenho certeza de que esse vai ser meu último primeiro beijo. Na vida. Queria saboreá-lo.”

“Como?”, perguntou Meredith.

“Esqueci”, disse Sam, e ela sorriu, mas fora acidentalmente honesto de novo. “Deixe-me tentar de novo.”

London Calling

Sam virou para o lado na manhã seguinte para observar com cuidado Meredith ainda-adormecida, de-dentes-não-escovados, com-cara-de-travesseiro por um minuto ou dois antes de dizer: “Então, devo me mudar para cá?”.

“O quê?”

“Mudo para cá agora? Ou você quer esperar?”

“Estava pensando no brunch”, disse Meredith.

“E depois empacotar as coisas?”

“Estava pensando em tomar um brunch e depois talvez fazer uma caminhada. Você está brincando?”

“É um algoritmo de primeira, Merde”, disse Sam.

“De primeira?”

“Não está errado. Fui eu mesmo que fiz, sabe. Você está lidando com um produto de qualidade.”

“Mesmo assim, acho que eu gostaria que se passassem mais de doze horas do nosso primeiro beijo antes de você se mudar.”

Sam pensou a respeito. “Será que você devia se mudar para a minha casa então?”

“Não acho que seja essa a questão, mas não seja maluco — não vou me mudar para seu apartamento.”

“Por que não?”

“Seu quarto é uma cama. Sua cozinha é um fogão. Eu tenho dois cachorros.”

“E vários aviões pequenininhos. Ficamos aqui, então.”

“Vá para Londres. Depois conversamos.”

Sam ia para Londres para a conferência internacional anual de tecnologia de networking social, chamada este ano “Londres, cidade do amor: aqui é seu coração em tecnologia”, um título que era tanto idiota quanto confuso, já que Londres era a cidade de muitas

coisas (chá, múmias e batata assada vinham à mente de imediato), mas não, *per se*, do amor. O compromisso tinha sido marcado, é claro, muito antes que ele soubesse que aquela seria a semana em que se apaixonaria. Tentou levar Meredith junto. “O marketing devia marcar presença”, disse a Jamie e depois tentou, “minha apresentação é sobre o algoritmo. Faríamos uma ótima propaganda dele.” Mas seus pedidos foram negados. “Acho que terei mais de sua atenção se você for sozinho”, Jamie disse.

Era só mais ou menos verdade. Foi uma viagem movimentada. Houve reuniões intermináveis e apresentações para investidores, conversas, coquetéis e cafés da manhã em que precisava aparecer, mais todas as panes tecnológicas para consertar, aquelas que são inevitáveis em equipamento emprestado longe de casa quando muito dinheiro e poder estão em jogo, todos os concorrentes estão olhando e tudo precisa funcionar perfeitamente. Não fazia sentido para Sam que houvesse tantas panes — e que tantas delas fossem problema dele — quando todo mundo em um raio de três quarteirões entendesse de computadores e o objetivo da conferência toda fosse tecnologia, mas não sobrava muito tempo para pensar nisso. Havia tudo aquilo a fazer além de museus para explorar, igrejas para visitar, mercados para perambular, cervejas para beber e peças para ver. Havia tudo aquilo para fazer além de caminhar pelas ruas da cidade na chuva, olhar para o rio e beber chá em cafés enquanto sentia saudades de Meredith. Sentia-se desolado por estar longe dela mesmo que por duas semanas. Sentia sua ausência fisicamente. Sentia como se lhe faltasse um pulmão. E estava adorando cada minuto.

Na primeira noite, parou para um jantar tardio num restaurante chinês em Tottenham Court Road, no caminho de volta para o hotel, e recebeu um biscoito da sorte que dizia: “A ausência faz o coração ficar mais apaixonado”. Isso ele mandou para Meredith por mensagem de texto.

“Estão errados”, ela escreveu de volta. “A ausência deixa você louco.”

Ele flutuou de volta para o hotel. Depois se preparou para dormir e ligou para ela.

“Louco como?”, disse.

“Estou no trabalho”, ela respondeu.

“É mesmo? Já passou das cinco aí. Vá para casa e me ligue.”

“Vou sair com Natalie. Podemos conversar amanhã?”

“Só se você me disser louco como”, disse Sam.

“Amanhã”, ela respondeu, e ele foi dormir. Às cinco e meia da manhã, tocou uma chamada de vídeo. Ficou tocando um tempo até ele acordar, misturando-se ao sonho de Sam em que ele estava preso em uma corrida de obstáculos debaixo d’água onde ganhava um prêmio no final por tocar um sino.

“Mmm...’lô?”, foi o que conseguiu dizer.

“Oiiiiii”, ela cantarolou, toda doce e suave. E bêbada.

“Mmfff”, ele disse.

“Você está aí?”

“Mmmfff.”

“Parece que você está numa caverna.”

“Não estou numa caverna.”

“Não dá para ver nada.”

“Está escuro.”

“Por quê?”

“É noite.”

“Não, é noite aqui. Deve ser de manhã aí.”

“Tecnicamente, talvez”, disse Sam, ficando aos poucos consciente. “Mas ainda não tem luz do sol.”

“É verão em Londres”, protestou Meredith. “Sempre tem luz do sol.”

“Acho que você não está entendendo”, disse Sam. “Está escuro porque as cortinas estão fechadas. Porque é noite.”

“Você não devia estar fora do fuso?”

“Sou talentoso para dormir.”

“Você não devia estar mais animado falando comigo?”

“Há muito poucas coisas que me deixam animado às cinco e meia da manhã.”

“Quer saber como a ausência deixa você louco?”

“Claro. Como?”

“Acenda a luz para eu poder ver você.”

Ele rolou na cama e acendeu a luz, olhando para ela com os olhos apertados, do outro lado do mundo e a meio dia de

distância.

“Deixa você louco porque você sai com sua amiga preferida que não via há semanas, vai a seu bar preferido ao qual fazia meses que não ia, para ver seu time de beisebol preferido ganhar dos Yankees de onze a um, e ainda sente que está faltando alguma coisa gigante a noite toda.”

“Sentir saudades de mim não é loucura. É só bom senso.”

“Boa noite, Sam.”

“Fácil para você falar isso. Você não tem um despertador programado para tocar em meia hora.”

“Sua apresentação é amanhã?”

“Hoje. Sim.”

“Sua apresentação importante?”

“Ela mesma.”

“Na frente de centenas de pessoas muito inteligentes?”

“Talvez milhares.”

“Com todo o futuro da empresa — a nossa empresa — em jogo?”

“Sou muito importante.”

“Você está nervoso?”

“Cada vez mais.”

“Nossa, Sam”, disse Meredith, “você devia mesmo estar dormindo um pouco.”

Quando Sam abriu a cortina não muito tempo depois, descobriu que seu quarto não ficara muito mais claro do que antes. Uma hora depois, encontrou Jamie no saguão. Jamie era de Londres. Tinha mudado para Seattle por ordem direta de cc para chefiar o departamento de Sam um ano antes. Jamie dizia que era por causa de seu talento superior em liderança e de seu know-how tecnológico. Sam suspeitava que cc tivesse sido levado a gostar de Jamie por seu sotaque britânico, que o fazia parecer inteligente e mundano quando explicava gentilmente as impossibilidades de pôr em prática as ideias exageradas e pomposas de cc. Tinha estudado para ser ator shakespeariano antes de se dedicar a computadores, e por isso enunciava as minúcias das idas e vindas do dia a dia com

um drama, uma cadência e *gravitas* que cc achava adequados a seu próprio senso de importância. Naquela viagem, Jamie estava sendo chefe e guia turístico. E defensor da rainha.

“Seu clima é uma merda, *dude*”, Sam cumprimentou-o com seu melhor sotaque Monty Python.

“Seu clima é uma merda, *mate*”, Jamie corrigiu. “E quem é você para falar? Você mora em Seattle. Seu clima é tão merda quanto o nosso.”

“Mas nós lidamos melhor com isso.”

“Como, por gentileza?”

“Cafés”, disse Sam.

“Pubs”, Jamie devolveu.

“Certo, porque o que você precisa para completar toda a chuva e o frio é cerveja gelada e depressores.”

“A cerveja não é gelada aqui”, disse Jamie.

“Não tenho nada a acrescentar”, disse Sam.

“Podemos pegar um café pra você”, disse Jamie enquanto andavam para a estação do metrô.

“Sim, um café de merda.”

Jamie empurrou-o para uma poça, e Sam teve que fazer sua Grande Apresentação com sapatos encharcados. Apesar disso, Sam e seu algoritmo foram recebidos com estrondosos aplausos e perguntas que tiveram que ser interrompidas depois de uma hora e meia porque outra pessoa (a quem Sam seria eternamente grato) precisava da sala.

Jamie o levou para um almoço comemorativo em um gastropub perto de Saint Paul, onde Sam bebeu uma cerveja em temperatura ambiente que ele tinha que admitir ser a melhor que já tinha tomado na vida. Depois atravessaram a ponte até a Tate Modern para dar uma olhada na exposição que preenchia seu hall de entrada gigantesco: um modelo em escala da cidade de Londres. Era feito de espuma, então se você se sentisse acidentalmente tentado a pisotear o National Theatre ou literalmente trombasse com o Big Ben, não se machucaria, nem a obra de arte. Ia até a altura da cintura e era tão maravilhosamente detalhada que conseguiam ver o próprio modelo em escala através das janelas do Hall das Turbinas da mini-Tate. Perambularam pelas ruas da

cidade, bem mais secas que as do lado de fora, até Jamie encontrar o apartamento onde havia crescido e acidentalmente rasgar sua jaqueta em um restaurante do qual havia se esquecido completamente, mas onde estava convencido de que tinha que levar Sam para jantar.

“Não sou um bom chefe?”, observou.

“É sim.”

“Você fez uma ótima apresentação, Sam. Muito inteligente. Até mesmo genial.”

“Obrigado.”

“Vai dar tudo certo para você”, disse Jamie.

“Vai?”

“Ah, sim, você vai ficar bem.” Depois saiu para conferir a Torre de Londres.

Em uma galeria no andar de cima, Sam recebeu uma mensagem de Meredith que dizia: “Te peguei. Olhei para baixo durante a reunião hoje de manhã e vi que estava usando um sapato azul-marinho e outro preto”.

“E por que isso é minha culpa?”, escreveu Sam.

“A ausência deixa você louco”, respondeu Meredith.

Foi assim pelo resto da viagem. Conferência de manhã. Dar voltas por Londres à tarde com Jamie. Esperar Meredith acordar em casa e ligar/mandar mensagem de texto/e-mail ou outra coisa que o assegurasse de que estava viva, bem e pensando nele também. Ela estava compilando uma lista de como estava ficando louca por causa da ausência dele.

3) Sem querer chamei a barista de “mãe”.

4) Esqueci-me de levar saquinhos para o parque com os cachorros e tive que pegar o cocô com uma folha.

5) Peguei o cocô do cachorro com uma folha não porque alguém estivesse olhando nem porque estivesse no meio da calçada ou algo do tipo, e na verdade as pessoas deviam só tomar um pouco de cuidado onde pisam e evitar todas aquelas sacolas plásticas enchendo os aterros mesmo se, o.k., sim, as minhas

sacolas são biodegradáveis, não que ajude quando as deixo em casa.

6) Não consegui escrever os modelos de interface de usuário para maio/junho, nem terminar o storyboard para o negócio da Wilson-Abbot, nem discutir com a Erin o pontapé inicial do mês que vem, nem prestar atenção convincentemente durante a reunião da manhã para evitar ser repreendida (!) pelo Edmondson (como se eu fosse a filha dele de quatro anos!), em vez disso pensei em você, pensei em você, pensei em você e... pensei em você.

7) Falhei completamente em guardar o número seis para mim e assim me fazer de tranquila, indiferente, pegar-ou-largar, interessada mas não demais e só um pouco difícil. In. Sana.

O pulmão remanescente de Sam desapareceu. Não conseguia esperar para voltar para casa.

Finalmente, a última sessão da última reunião do último dia da conferência acabou. Sam suspirava aliviado porque mais nenhuma tecnologia daria problema e nenhuma reunião ia requerer sua atenção e não precisava ir a mais nenhum evento e em dezenove horas estaria em um avião a caminho do resto de sua vida. Encontrou Jamie no gastropub. Além de Meredith, aquela cerveja tinha sido a única coisa à qual sua mente voltara de novo e de novo durante a semana toda.

Jamie chegou atrasado, molhado e exasperado. Sentou na frente de Sam com uma cerveja em cada mão.

“Mal toquei a minha.” Sam acenou com a cabeça mostrando seu copo ainda quase cheio. Estava saboreando.

“As duas são pra mim”, disse Jamie. E depois: “Você quer a boa ou a má notícia?”.

Na experiência de trabalho de Sam, as boas notícias nunca superavam as más. Nunca chegavam perto. Se chegavam, não começava daquele jeito.

“A boa notícia”, disse Jamie, “é que cc está maravilhado com o resultado de toda a conferência. A tecnologia funcionou muito bem. Nossos eventos pareceram não ter nenhum problema. Você arrasou com o algoritmo e a apresentação. A empresa está com

uma imagem ótima. Os investidores estão animados. Fizemos cc virar um homem muito rico.”

“Exatamente meu objetivo”, disse Sam. “Qual é a má notícia?”

Jamie fez uma careta. “A má notícia é que ele está me fazendo demitir você.”

Sam pensou que ele devia estar brincando. “Você deve estar brincando”, disse.

“Não.”

“Por quê?”

“Seu algoritmo está custando uma fortuna para eles. É genial, Sam. Você devia ganhar um prêmio ou algo assim. cc acha você um gênio. Mas funciona bem demais.”

“Como pode funcionar bem demais?”

“Acontece que arrumar namorado para as pessoas não é o que nos dá dinheiro. É *não arrumar* namorado, mas dar a elas esperança de consegui-lo. Funciona rápido demais. As receitas de taxas de inscrição estão explodindo, mas as de mensalidades estão no chão. Está custando uma fortuna para o cc.”

“Você acabou de dizer que o deixamos muito rico”, disse Sam.

“Ele quer ser mais rico. É por isso que ele é o cc.”

“Você acabou de dizer que ele ficou muito contente com a forma como tudo correu aqui.”

“É por isso que ele não demitiu você antes de acabar.”

Isso era o que Sam pensava sobre as boas notícias nunca superarem as más. cc ficar rico não era bom o suficiente.

Ligou para Meredith assim que voltou para o hotel, embora soubesse que ela ainda não estava acordada.

“Você está revidando?”, ela atendeu sonolenta.

“Você quer a boa ou a má notícia?”, disse Sam.

“O-oh.”

“Fui demitido.”

“O quê?! Por quê?”

“Jamie disse que estou custando muito caro para cc.”

“Aquele algoritmo é genial. Você é um gênio.”

“Ele concorda. Mas evidentemente faz mal para os negócios. A publicidade não é suficiente a longo prazo. A longo prazo, ele diz, todo mundo deseja que eu nunca tivesse inventado o algoritmo.”

“Eu não”, disse Meredith.

“Isso é porque você está louca”, disse Sam.

“Vou pedir demissão também.”

“É melhor não.”

“Vou liderar um motim. O departamento de marketing inteiro vai embora. Vamos ver ele tocar a empresa sem nós.”

“Está tudo bem.”

“Não é justo. Ele devia promover você, não demitir.”

“Estou precisando de um tempo de folga.”

“Ai, Sam, sinto muito. O que posso fazer?”

“Ir me pegar no aeroporto amanhã à tarde?”

Ela não estava esperando por ele no aeroporto, o que era estranho. Não estava lá quando ele passou pela segurança, e não estava perto das esteiras de bagagem, e não ligou desesperada de um congestionamento na estrada dizendo que chegaria em um minuto. Ele estava pensando se deveria estar preocupado, magoado, ou chateado quando recebeu uma mensagem de texto que dizia: “Desculpe, desculpe. Encontre-me em casa e explico”. Sam pegou o trem para o centro da cidade e ficou pensando na falta de tom em mensagens de texto. Não havia como saber se ela estava dando para trás, preferia namorar homens empregados ou percebera que a ausência fazia *de fato* o coração ficar mais apaixonado, mais do que era na presença dele. Ou talvez ela abrisse a porta para ele nua. Só havia um jeito de saber, e embora não fosse relendo a mensagem trinta e cinco vezes, foi o que Sam fez assim mesmo.

Meredith abriu a porta vestindo moletom, uma echarpe, chapéu, luvas e o que pareciam ser várias camadas de meias. Ou seja, o oposto de pelada. Abraçou-o, e ele sentiu seus pulmões voltarem, e abraçou-a por um instante, somente saboreando, antes de cochichar no cabelo dela: “Estamos em agosto. Vinte e quatro graus lá fora. Por que você está vestida para janeiro?”

“Não consigo me esquentar”, ela disse. “Não paro de tremer.”

“Você está doente?”

Ela sacudiu a cabeça mas não olhou para ele. “Desculpe não ter ido buscar você.”

“Tudo bem.” Ele estava confuso, esperando.

“A ausência realmente deixa você louco, eu acho.”

“Mas eu voltei”, ele disse alegremente.

“Não a sua ausência”, ela disse. “Minha avó morreu.”

Eles não a haviam encontrado até passarem vários dias, o que era talvez a pior parte. A avó de Meredith, Olivia — Livvie — passava invernos na Flórida, como qualquer aposentado saudável e em forma faria, mas passava os verões em casa, perto de sua neta, uma vida inteira de amigos, lembranças e lugares favoritos. Tinha um apartamento em um arranha-céu em First Hill onde morara por cinquenta anos, onde a mãe de Meredith e o tio dela haviam crescido, onde a própria Meredith havia passado os melhores momentos de sua infância. Os pais de Meredith tinham se retirado para Orcas Island para serem artistas — e viverem como tais — e Meredith crescera com um estúdio de cerâmica e um jardim, praias ao vento e velhas florestas de abeto, mas seu coração estava na antiga cobertura urbana da avó, um refúgio para ela. Mudara-se para a cidade na primeira chance. Ela e a avó eram praticamente vizinhas.

Meredith ia jantar lá pelo menos uma vez por semana, mas também passava com frequência para tomar café da manhã antes de ir para o trabalho ou encontrava com Livvie para almoçar na cidade, dava um pulo para fazer a barra de uma saia ou deixar metade de qualquer coisa que tivesse preparado no forno, um pouco de sopa ou cerejas para Livvie, ou então uma caixa de biscoitos que comprara do grupo de escoteiras da filha de alguém. Não que Livvie fosse velha, enferma ou cansada demais para se virar, elas só gostavam da companhia uma da outra. Mas também não era raro Meredith ficar sem notícias dela por um tempo. Não se falavam ou visitavam todos os dias. Livvie tinha muitos amigos, uma vida social ativa, muitas coisas para fazer. E era saudável, tirando o meio maço por dia. Seu argumento era: “Faz sessenta anos. Se ainda não me matou, talvez faça bem para mim”.

Não fizera bem para ela. Meredith a encontrara na quarta no jantar e estava tudo bem, e fizeram planos para um brunch no fim de semana. Ela ligou para a avó na sexta à noite e deixou uma mensagem dizendo que queria levar metade da caixa enorme de tomates que o vizinho trouxera do jardim. Não percebeu até o sábado à tarde que não tinha tido resposta e que elas não tinham

combinado o brunch — algo não totalmente incomum mas ainda assim um pouco preocupante. Livvie era uma mulher ocupada, mas tinha um celular. Meredith ligou de novo, deixou outra mensagem e depois mais uma, mas a essa hora já era tarde da noite de sábado. Finalmente, ela entrou no apartamento da avó no domingo de manhã.

Livvie estava sentada no sofá, com os óculos para ler no nariz, um livro no colo, o copo de água imperturbado na mesa de centro. Mas esse era o único aspecto da cena que não era perturbante. Meredith soubera só de olhar de relance, soubera mesmo antes disso, quando abrira a porta e não ouvira o jogo no rádio, não sentira cheiro de café ou de bagels dominicais, encontrara as persianas abaixadas e as janelas fechadas, soubera provavelmente antes ainda, em seu coração, porque sua avó era uma pessoa que respondia a telefonemas e adorava Meredith e era uma mulher de palavra, especialmente no que dizia respeito a brunchs de domingo.

Veio uma ambulância, só para ter certeza. Ataque cardíaco fulminante, opinaram. Tão fulminante que ela nem o sentiu começar. Tão fulminante que ela nem tirou os óculos, caiu do sofá, contorceu-se de dor ou tentou pedir ajuda — nem mesmo sentira um pouco de sede, pois seu copo ainda estava cheio. Rápido demais para ter sido doloroso, garantiram. Não muito tempo atrás, garantiram. Nada que você pudesse ter feito, garantiram.

No funeral, Sam segurou a mão de Meredith e conheceu os pais dela e outros parentes e todos os amigos de Livvie. Meredith apresentou cada um com calma e generosamente, para o bem deles e também de Sam. “Essa é a Naomi. Ela e o marido costumavam sair para dançar com meus avós nos anos cinquenta. Ela e minha avó vão bastante ao teatro. Naomi dança muito bem.” “Esses são Ralph e Ella Mae. São a companhia favorita da minha avó para jantar e ver um filme.” “Essa é a Penny. Ela mora no andar de baixo. É a melhor amiga da minha avó. Acabou de perder o marido, então a vovó provavelmente está junto com o Albert agora mesmo.” E depois Meredith e Penny se abraçaram e choraram e

balançaram para a frente e para trás, e Sam esperou sem jeito, as mãos enfiadas nos bolsos, por alguma coisa em que pudesse ajudar.

Os pais de Meredith, enquanto isso, pareciam quase tão desconfortáveis e deslocados quanto Sam. Julia esfregava os olhos úmidos com mangas compridas demais, puxadas por cima de seus punhos cerrados, e arrumava mechas imaginárias de cabelo atrás das orelhas. Parecia agradecida pelo talento social de sua filha nessa ocasião inominável, mas cada vez que cumprimentava alguém ou tentava sorrir, começava a chorar novamente. Kyle avaliou a situação e concluiu que Meredith estava segurando as pontas melhor que Julia, e então ficou ao lado de sua esposa como se fossem um casal de noivos sobre um bolo de casamento. No entanto, era assim com os pais de Meredith mesmo quando tudo estava bem. Kyle e Julia eram Kyle-e-Julia-contra-o-mundo. Eram habitantes de uma ilha no Pacífico Noroeste e gostavam disso. Possuíam um ateliê de cerâmica úmido e velho, mantinham uma loja na entrada, viviam no andar de cima, comiam coisas do jardim que cultivavam em volta de toda a casa. Passavam os dias fazendo cerâmica e conversando sobre arte, fazendo caminhadas úmidas em meandros pelas praias de mãos dadas, explorando infundáveis enseadas de caiaque. Era preciso uma longa viagem de balsa seguida de um longo caminho de carro para chegarem até Seattle, a que se referiam sem ironia como a “Cidade Grande”. Não eram chapados nem desconectados, nem mesmo veganos ou daquelas pessoas que não tomam banho. Faziam uma arte bonita e ganhavam bastante bem, além do mais. Mas cultivavam desapego, separação — do mundo, da vida real, até mesmo de pessoas queridas. Tinham poucos amigos e não falavam com Meredith a não ser que ela ligasse, e não falavam com Livvie a não ser que ela ligasse também. Amavam absolutamente sua filha única, é claro. Mas amavam a própria cumplicidade também.

Em contraste gritante, bem gritante, havia o primo de Meredith.

“Dashiell Bently.” Estendeu a mão para Sam, e abriu um sorriso de propaganda de pasta de dente.

“Mas esse não é seu nome de verdade?”, Sam sorriu hesitante,

sem querer ofender mas tendo certeza de que aquele não poderia ser o verdadeiro nome de ninguém.

“Não, não é” — Dashiell piscou — “mas é o que eu uso. Até a mamãe admite que combina mais do que o que ela escolheu.”

“Ainda não o conhecia quando escolhi o nome original”, tia Maddie deu de ombros.

Dashiell era o filho de Jeff, irmão de Julia. Ele e Meredith haviam nascido no mesmo dia, então se consideravam gêmeos embora de fato tivessem pouco em comum além do dia do aniversário e da avó. Dashiell vivia em Los Angeles, às vezes gay, às vezes hétero, ganhando dinheiro a rodo com alguma coisa ligada a Hollywood mas não na própria indústria cinematográfica. Meredith não entendia nem fingia entender, nem fazia muitas perguntas, mas eram próximos mesmo assim.

“Acho que eu sou a matriarca da família agora”, ele disse depois do enterro.

“E eu?”, disse Julia.

“Você não tem pernas bonitas o suficiente”, disse Dash. Estava se saindo bem na situação, mas estava um pouco perturbado.

Depois do funeral, depois que todos finalmente foram para casa, os pais de Meredith apareceram na casa dela. Tio Jeff e tia Maddie foram para um hotel chique na cidade, sendo o argumento de tia Maddie, em linhas gerais, “quando a vida decepciona, peça serviço de quarto”. Dashiell ficou no apartamento de Livvie. Então Meredith foi para casa com Sam que, finalmente, tinha Meredith toda só para si, em seus braços, tinha o reencontro com que sonhara enquanto voava por meio mundo. Não era bem o que tinha imaginado, e não sabia muito bem o que fazer — tão extasiado de estar com ela novamente, sentindo tanto que ela estivesse tão triste —, mas sussurrou amor na pele dela com cheiro de mar e se redimiou.

“Estou com fome”, ela disse de repente.

“É mesmo?”

“Sim. Esquisito, né?”

“Não tem nada em casa. Passei duas semanas fora.”

“Eu me lembro”, ela disse, sorrindo, e em seguida, admirada, “esqueci.”

Sam achou duas latas de sopa para esquentar e alguns biscoitos. Tentou ficar triste, mas não conseguia controlar a felicidade, tão alegre se achava por estar de novo com ela.

“Senti saudades”, Sam admitiu, um eufemismo e uma mudança de assunto.

“Eu me lembro”, ela disse, sorrindo. E em seguida, admirada, “esqueci”. E depois, dando risada apesar de tudo, “é melhor você me lembrar”.

O que Livvie diria

Foi uma semana dura. Meredith e Dash tiraram a semana de folga e, junto com os pais, ficaram empacotando uma vida. Sam tentou ficar em outro lugar, para dar espaço a todos, mas estava desempregado e ali estava, finalmente, um modo de ser útil. Na segunda-feira, Sam embalou taças de vinho em jornal. Embalou pratos, canecas, vasos, tigelas, copos de licor e taças. Embalou luminárias, uma estátua de porcelana de dois dançarinos da lua de mel de Livvie em Paris e um pato de cerâmica que Meredith havia feito na segunda série. Sam foi gradualmente ficando coberto de tinta de jornal. Colocou cada item cuidadosamente embalado em uma caixa.

Julia veio da cozinha. “Que raios você está pensando?”

“Estou embalando coisas frágeis?”

“E colocando tudo em uma caixa?”

“Sim?”

“Não, tudo precisa ficar em caixas separadas, duplamente encaixotado, etiquetado com cuidado. Talvez eu devesse fazer isso. Transporte cerâmica profissionalmente.”

“A Vovó não ia ligar”, gritou Meredith da sala de estar.

“Nunca vamos achar nada de novo se só jogarmos as coisas em caixas ao acaso”, disse Julia.

“A Vovó diria que é legal ser surpreendida quando você abre as caixas”, Meredith gritou de volta.

“Nem sei quando é que vou abrir essas caixas”, Julia murmurou. “Nunca vou usar essas coisas.”

“A Vovó diria que isso é louça do dia a dia. Ela diria que não faz sentido guardar a porcelana boa para uma ocasião especial porque ocasiões especiais não acontecem o suficiente.”

Na terça-feira, foram as roupas.

“A Vovó diria para jogar tudo fora”, disse Dash, as mãos na cintura, olhando ceticamente para o armário.

“Devíamos pelo menos doar para algum lugar”, disse Meredith.

“Para o Exército da Salvação das Velhinhas?”

Julia se espremeu entre eles, pegou um cardigã muito usado de um gancho atrás da porta, vestiu-o, e foi embora.

Na quarta-feira, cuidaram da papelada.

“A Vovó diria jogue tudo fora”, Dash disse de novo, mas em vez disso Sam fez sanduíches e pipoca enquanto todo mundo sentou pelo chão e separou um milhão de papéis numa aparente organização: cartas pessoais versus correspondência comercial, contas velhas versus a pagar, registros de contabilidade, lixo.

“Vai ser tão diferente quando nós formos”, disse Meredith. “Ninguém escreve cartas de papel para mim. Não recebo contas em papel nem extratos de banco nem registro de imposto. Meus netos podem só selecionar toda a minha conta de e-mail e apertar apagar, e será o fim.”

Ela achou um folheto verde que dobrou e guardou no bolso. Mais tarde, achou um azul e um rosa e guardou-os também. Na cozinha com Sam, sorratamente colocou-os na lata de reciclagem.

“O que são esses papéis?”, Sam perguntou.

“Folhetos de um cara que vende cerâmica no mercado na Flórida. Ela estava sempre falando para a minha mãe fazer um site como Pedro, o Oleiro, e aceitar pedidos customizados como Pedro, o Oleiro, e fazer anões de jardim como Pedro, o Oleiro. Ela achava que ele devia estar rico porque tinha sempre uma fila enorme de velhos esperando para comprar as coisas dele. Minha mãe acha que ele é um mercenário. Ela ficava maluca. Achei melhor poupá-la desse aborrecimento.”

Julia entrou na cozinha, pescou os folhetos da lata de reciclagem, e alisou-os no balcão.

Meredith levantou as sobancelhas para a mãe: “Pensei que fazer anões de cerâmica fosse algo pouco digno, uma pequenez”.

“É, uma pequenez. Por isso estava pensando em elfos.” Julia conseguiu dar um pequeno sorriso para acompanhar sua pequena piada.

“Você está guardando folhetos pelo valor sentimental?”, Meredith perguntou.

“Críticas do além”, disse Julia. “As melhores que existem.”

Na quinta-feira, todos precisavam de um descanso. Tio Jeff e tia Maddie levaram Kyle e Julia para um almoço chique em seu hotel chique. Dash e Meredith — secretamente, numa excitação culpada — mexeram nas joias de Livvie.

“A Vovó diria joguem tudo fora”, declarou Meredith frivolamente no meio da cama cercada por pilhas de pérolas, correntes de ouro, pingentes de metal, colares de diamante falsos e verdadeiros, braceletes de jade e anéis gigantes. Algumas coisas eram valiosas. A maior parte não. Algumas coisas eram lindas. A maior parte não. Ela estava usando três voltas de pérolas (brancas, cor-de-rosa e madrepérola), dois colares de ouro (um com um medalhão que não abria, um com um pingente de poodle de quando Livvie tivera um cachorro — antes de Meredith nascer), um par recém-formado de brincos (uma argola de prata, um de pedra azul), e quatro anéis que iam da aliança de casamento de Livvie ao anel de plástico vermelho e roxo que Meredith tinha ganhado em uma feira na sexta série e dado a ela. Dash usava uma tiara de diamantes muito falsos, um colar de macarrão que ele mesmo tinha feito, anéis em todos os dedos (poucos tão elegantes quanto o vermelho e roxo de plástico) e, no peito, broches de marfim que brigavam entre si.

“Dê um deles para mim”, disse Meredith.

“É um par”, protestou Dash.

“Um é um dragão e o outro, um tigre.”

“Exato. Eles vão lutar. Temos que ver quem ganha.”

Ele enrolou um bracelete com pingentes no tornozelo. Tinha quatro pingentes com perfil de Jeff, Julia, Dash e Meredith quando

bebês.

“Você está pegando todas as coisas boas”, Meredith resmungou.

“Vou usar essa tornozeleira de família, garota. Você não vai me tirar essa.”

“Pelo menos me dê a tiara.”

“O.k., quatro pilhas”, disse Dash. “Uma para sua mãe, uma para você, uma para mim e uma para o *ESV*.”

“*ESV*?”

“Exército da Salvação das Velhinhas.”

“Nem eles iam querer algumas dessas coisas.”

“A vovó ia querer que eu ficasse com estes”, disse Dash, segurando brincos de pressão de coral com um sol e uma lua.

“A vovó teria dito que esses brincos são horríveis”, disse Meredith.

“São dela.”

“E tenho certeza de que eram muito estilosos quando ela comprou em 1947, mas não agora.”

“Vou usar esses brincos”, disse Dash, colocando-os na orelha.

“Vai deixá-la orgulhosa”, disse Meredith.

Na sexta-feira, cuidaram do que havia sobrado. Era bastante coisa, mas não era muito. O telefone, os apetrechos de tricô, a gaveta de tranqueiras cheia daquilo de que a gaveta de tranqueiras de todo mundo é cheia — fita adesiva, tesouras extras, menus de delivery, cupons vencidos, elásticos, cliques de papel e chaveiros vazios. Acharam *M&M'S* que ela tinha escondido para Meredith e Dash uma tarde quando tinham cinco anos e estavam entediados (aparentemente, haviam encontrado a maior parte, mas não tudo), fitas cassete que tinham caído atrás da tv e livros para colorir não usados, esquecidos, de quando ela tinha netos pequenos ou talvez só para o caso de alguma criança vir visitá-la. E toda a mobília. Tinham ligado para o Exército da Salvação de verdade e estavam esperando eles chegarem, e tio Jeff estava ao telefone com um corretor imobiliário — já estavam nesse ponto — quando Meredith disse:

“Vou me mudar.”

“Para onde?”, disse sua mãe distraidamente.

“Para cá. Para a casa da vovó. Quero me mudar.”

“É um apartamento de velha”, disse tio Jeff.

“A vovó morava aqui quando era recém-casada”, disse Meredith. “Teve filhos aqui. Teve adolescentes aqui.”

“Muita história”, disse Dash. “Muitas memórias.”

“Isso é ruim?”

“Pode ser difícil. Pode ser pesado demais.”

“A vovó ia querer que eu morasse aqui”, disse Meredith.

“Muita mobília feia”, completou Dash. Era verdade. Parte dos móveis era feia o suficiente para superar até mesmo a nostalgia.

“Eu largaria meu apartamento e pagaria aluguel para vocês”, Meredith disse para a mãe e o tio.

“Não seja boba”, respondeu tio Jeff. “Você é parente. É tão seu quanto de qualquer um. A questão não é o dinheiro.”

“A vovó ia querer que você morasse aqui”, sua mãe admitiu, “se é isso que você quer. Mas não se isso for deixar você triste e deprimida e você for ficar se lamentando. Não se for só porque você não consegue deixar para trás.”

“Eu não consigo deixar para trás”, disse Meredith. “Mas não é por isso que quero ficar.”

Mais tarde, Jeff e Maddie voltaram para o hotel, Kyle e Julia voltaram para o apartamento de Meredith, e Dash ficou no de Sam, enquanto o próprio Sam começou a desempacotar todos os pratos, taças, copos e tigelas cuidadosamente embalados e a colocá-los de volta nas prateleiras onde os tinha achado. A sensação de Meredith era de que sua porcelana pós-faculdade, descasada, comprada no bazar de caridade, era muito inferior à de sua avó. A sensação de Meredith era de que o lugar da louça era naqueles armários. A sensação de Meredith era: “É isso que minha avó diria que eu deveria fazer”.

“Você sempre sabe o que sua avó diria”, disse Sam.

“Conheço-a desde que nasci.”

“Mas e o que você quer?”

“Eu quero o que ela quer. Queria. Ela quer o que é melhor para mim, e é só isso que eu quero também.”

“Eu também”, disse Sam. “Que tal eu terminar de desempacotar os pratos e tal aqui, enquanto você vai para casa empacotar as suas coisas?”

“Posso começar a fazer isso amanhã.”

“Na última noite com Dash e seus pais? Sua tia e seu tio? Talvez você prefira passar a noite com sua família.”

“Acho que você é minha família”, Meredith disse. E depois disse: “Você precisa ir para casa empacotar suas coisas também.”

“Por quê?”

“Mude para cá comigo.”

“O quê?”

“Mude para cá comigo”

“Ai, Merde, é muito cedo.”

“Você queria se mudar antes de ir para Londres.”

“Eu estava brincando.”

“Não estava.”

“Eu estava... delirando de felicidade.”

“Com ênfase em ‘felicidade’.”

“Com ênfase em ‘delirando’.”

“Seu apartamento é muito pequeno. Meu apartamento é muito... meu. Este apartamento é perfeito”, disse Meredith. “Além do mais, minha avó diria que você deveria ficar.”

“Você acha?”

“Tenho certeza.”

“Ela teria gostado de mim?”

“Você está brincando? Ela teria adorado você.”

“Por que você acha isso?”

“Você é inteligente. É divertido. É fã de beisebol. Faz uma boa pipoca. Mas principalmente, você é extremamente bom com a neta dela.”

“Estou desempregado. Avós detestam desempregados.”

“Avós legais com as netas passariam por cima disso. Acredite em mim”, disse Meredith.

“Queria conhecê-la”, disse Sam. “Ela parece ser uma pessoa fantástica.”

“Não acredito que você nunca a conheceu. Não acredito que você nunca vai conhecê-la.”

“Vou conhecê-la mesmo assim.”

“Como?”

“Vivendo na casa dela”, disse Sam. “Amando a neta dela.”

*

Eles acabaram de empacotar e levar as próprias coisas para o apartamento de Livvie durante as duas semanas seguintes. Mas naquela primeira noite depois que sua família foi embora, Meredith foi para casa e desamarrou todos os modelos de aviões. Quando Sam chegou no novo apartamento, encontrou lençóis limpos na cama, dois cachorros na cozinha e centenas de modelos de avião pendurados no teto. Em seguida ele e Meredith foram para o quarto para apropriadamente inaugurá-lo como deles.

Depois, Sam observou os aviões traçando sombras que balançavam sobre os corpos de ambos, sombras de avião sobre seu peito, barriga e pés, como estranhas tatuagens no rosto dela, em seus seios, voando em círculos sobre o umbigo dela como uma base aérea.

“Quantos tem?”

“Não sei, na verdade. Perdi a conta uma hora.” Levantou uma perna nua e apontou com os dedos do pé para um Hellcat da Segunda Guerra Mundial no canto, pintado com desleixo de tons de rosa e roxo. “Aquele é o primeiro. Meu pai montou. Mas eu pintei.”

“Logo imaginei.”

“Eu era pacifista, mas vivíamos numa ilha. Era difícil conseguir kits de modelos para montar que não fossem aviões de guerra. Eu montava depois pintava corações e flores por cima das insígnias com tons pastéis. Colocava cachorrinhos de plástico na cabine. Substituía as metralhadoras por bastões de pretzel.”

“Por que você começou a fazer modelos?”

Ela deu de ombros. “Provavelmente não teve um motivo. Provavelmente o motivo foi porque se não me dessem algo que exigisse concentração para fazer, eu arrebatava o ateliê e quebrava

coisas. Se você vai viver de cerâmica, precisa descobrir um jeito de conter sua filha pequena.”

“Você tinha vontade de voar, talvez? Escapar?”

“Acho que tinha mais a ver com conquista. Sabe, do tipo, ‘Veja o que eu sei fazer — voar!’. E veja o que uma criança consegue fazer também — pegar uma grande pilha de madeira, um vidro de cola e um pouco de tinta e mexer com isso a tarde toda até fazer um avião. Talvez fosse isso que meus pais quissem me dar — a sensação de que eu podia fazer alguma coisa.”

“Eu queria ter conhecido você nessa época”, disse Sam.

“Por quê?”

“Você devia ser a menininha mais esperta, meiga e divertida.”

“É, mas teria sido meio sinistro se você pensasse isso quando eu tinha seis anos.”

“Não se eu também tivesse seis anos. Eu podia ter ajudado você a montar aviões.”

“Você ainda pode.”

“Onde a gente os colocaria?”, Sam perguntou.

“Por isso comecei a pendurá-los no teto. Fiquei sem espaço na prateleira. Mas era no teto que deviam ter ficado desde o princípio. São aviões — têm que voar. E daí à noite eu tinha sonhos de que estava voando.”

“Todo mundo sonha que está voando”, disse Sam.

“Não que nem eu”, disse Meredith.

Ausência é ausência

O que aconteceu em seguida aconteceu porque Sam não conseguia ver Meredith tão infeliz. Aconteceu porque ele estava desesperado para ajudar. Aconteceu porque ele ainda estava na fase de tentar provar seu amor e conquistar o coração dela. Aconteceu porque ele estava desempregado e tinha tempo, e o verão virou outono, o clima ficou mais úmido, mais frio e mais desanimador. Acima de tudo, aconteceu porque ele era arrogante o suficiente para acreditar que era capaz. Por isso tudo, e também porque ele não tinha ideia de aonde ia chegar. Não tinha a mínima ideia. Como ele poderia saber?

Também aconteceu porque Sam estava surpreso de se descobrir sentindo ciúmes, inveja da morte da avó de Meredith. Não por ela ter morrido — Sam não queria morrer, obviamente — e não pela perda de uma pessoa amada, é claro. O que Sam cobiçava eram as lembranças. Levou um tempo para ele perceber. Primeiro achou que só estava se sentindo mal por causa de Meredith. Depois pensou que só estava triste porque ela estava triste. Por um tempo, achou que era porque ele nunca tivera a chance de conhecer Livvie. Por um tempo, achou que estava sendo um filho da puta egoísta que só queria que sua namorada superasse logo — pessoas velhas morrem! — para que pudesse voltar a ser a mulher não deprimida, não melancólica, não abatida de quem ele se lembrava vagamente. Mas não, não era nada daquilo. Sam estava sentindo saudades de sua mãe. E era difícil.

Era difícil porque é difícil sentir saudades de uma pessoa que você mal conheceu. É difícil sentir saudades de alguém de quem você não se lembra. Sentir saudades é se lembrar. São o mesmo ato. São partes integrantes uma da outra. Mas Sam não tinha uma única lembrança da mãe, então era difícil, ou estranho, sentir saudades

dela. Era mais como aquele outro tipo de perda — perder um ônibus em vez de perder a pessoa amada. Estava ciente de que tinha deixado de viver uma coisa enorme, mas sem memórias para cultivar e examinar em detalhe, era difícil identificar o que era.

Ela morrera em um acidente de carro quando ele tinha treze meses. Seu pai dissera que ele já estava dizendo “mamãe”, sua primeira palavra, que ele a adorava e berrava quando ela saía da sala por um momento que fosse, que eles não podiam deixá-lo com uma babá porque sua mãe não conseguia arrancar Sam dos próprios braços, tão ferozmente ele se agarrava. Sam acreditava nessas histórias, não porque pensasse que o pai nunca mentiria para ele — para dar-lhe de volta um pedacinho da mãe, para inventar um restinho que fosse de lembrança, Sam suspeitava que o pai mentiria alegremente —, mas porque tudo aquilo soava exatamente como o comportamento de qualquer bebê de treze meses. O pai de Sam oferecera esses detalhes como prova de amor extraordinário, mas na verdade, Sam sabia, era o amor mais ordinário que existia.

As evidências fotográficas sugeriam que fosse ordinário também. Lá estava ele — primeiro vermelho, enrugado e chorando, depois embrulhado em um cobertor como um burrito, depois posando com o cachorro, com um boneco de neve, com um sorvete de casquinha todo pingando, coberto de farinha, cercado de potes de plástico no chão da cozinha, sorrindo pelado e imundo no jardim de casa, no alto de um escorregador com um chapéu grande demais, sendo mordiscado de várias maneiras por gansos, bezerros, cabras, e numa foto até mesmo por um iaque. Havia fotos de Sam e sua mãe usando calças ridiculamente largas e camisetas horríveis com golas bufantes e o cabelo cacheado volumoso (de sua mãe; ela não viveu o suficiente para ver o cabelo de Sam crescer). Duas fotos se destacavam, pelo menos para ele. Em uma, ela está deitada de costas num tapete verde, o cabelo doido espalhado em cima da cabeça como quando alguém leva um choque em um desenho animado. Sam está sentado nesse ninho de cabelo, juntando e jogando grandes punhados como se fosse neve. Na segunda, ela está dando de mamar, com uma mecha daquela cabeleira presa em sua mãozinha e enrolada em todo o seu braço

em um movimento que seria proibido em luta profissional.

Sam esquadrinhara suas lembranças mas não conseguira evocar a sensação daquele cabelo. Quando tinha sete anos, descobriu com seu pai que tipo de xampu e condicionador ela usava e usou-os ele próprio, esperando desencadear alguma lembrança olfativa. Quando tinha dez anos, influenciado por programas policiais da tv, partiu em busca de amostras de cabelo, examinando cuidadosamente as caixas com as coisas dela separadas para doações de caridade que seu pai nunca tivera força para tirar do porão. Conseguiu encontrar sete longos fios em velhos suéteres, vestidos, jaquetas e na haste de um par de óculos escuros, que prendeu com fita adesiva na capa do livro *Escolha Sua Própria Aventura*. Passou sobre esses fios infinitas vezes os dedos pré-adolescentes ansiosos, mas não conseguiu recuperar memórias táteis nem mesmo ocultas, embora tivesse sacrificado um precioso fio na brincadeira do copo com Genevieve Trouvier. Quando começou a namorar, prestou atenção se tinha uma tendência a gostar de garotas cabeludas ou, no mínimo, a passar as mãos no peito delas, enrolar mechas de seus cabelos nos seus dedos ou mexer no rabo de cavalo flertando de um jeito brincalhão, mas não descobriu nada disso em si mesmo, não mais do que o ordinário. Ordinário parecia ser a marca do breve relacionamento de Sam com sua mãe. Mas por mais ordinário que fosse, não havia como ter aquilo de volta, é claro, nem mesmo um instante. Em contraste, Sam achava, Meredith guardava tanto de Livvie. Falando comparativamente, era quase como se ela ainda estivesse ali.

No último dia da temporada, Sam e Meredith foram ao jogo de beisebol. Era uma tradição que Meredith e Livvie mantinham fazia anos. Marcava o final oficial do verão para elas, embora o tempo em geral já tivesse virado muito antes e Meredith já tivesse voltado às aulas fazia semanas, porque Livvie sempre ia embora para a Flórida no dia seguinte. Ela esperava até que os Mariners estivessem estatisticamente eliminados da pós-temporada antes de reservar o voo, só para garantir, mesmo em temporadas em que já estava claro no fim de abril que ela podia seguir em frente e comprar a passagem de avião — e eram muitas. Mas os bilhetes do último dia da temporada, esses ela comprava no dia em que

começavam a vender ingressos avulsos. E assim Sam e Meredith encontraram os ingressos na manhã do jogo, quando viraram a gaveta do criado-mudo em uma busca fútil, mas meticulosa, pelos preservativos que Sam tinha certeza de ter comprado a mais, fazia só uma semana.

Meredith tinha tirado folga da temporada de beisebol pós-Livvie. Não conseguia assistir aos jogos, nem ouvir ou mesmo olhar para os resultados. Sam acompanhara a temporada on-line, e tudo bem, mas agora achava que eles deviam ir àquele jogo.

“Seria uma vergonha desperdiçar esses ingressos”, ele disse.

“Vou superar”, disse Meredith.

“Sua avó iria gostar que nós fôssemos.”

“Como você sabe?”

“Ela era fã. E era tradição.”

“Está chovendo. É um dia terrível para beisebol.”

“O estádio é coberto. O que mais vamos fazer com esse tempo?” Tinha levado um tempo depois de Sam mudar para Seattle para considerar beisebol uma atividade para dias de chuva, mas ele estava aprendendo.

“Odeio beisebol”, disse Meredith.

“Você adora beisebol”, disse Sam.

“Eu adorava. Agora odeio. Agora tudo me faz lembrar dela.”

“É por isso que devíamos ir. Para dizer adeus.”

“Não quero dizer adeus.”

“Não adeus para sempre”, disse Sam. “Adeus por enquanto. Adeus por alguns meses. Adeus como se ela estivesse indo para a Flórida amanhã.”

Meredith-cética virou Meredith-ligeiramente-intrigada. Vestiram várias camadas de roupa e foram para o jogo. No caminho, pararam no Uwajimaya para comprar sushi, sanduíches vietnamitas e o equivalente japonês de Doritos sabor Cool Ranch. (“É o que minha avó considera comida de beisebol”, ela disse.) Entraram com uma garrafa térmica de chocolate quente escondida no bolso interno da jaqueta enorme de Meredith. (“Minha avó achava que sete dólares era demais para um café latte no estádio.”) Negociaram quem ia anotar os pontos em cada entrada. Meredith ficou com os ímpares e Sam com os pares, depois que o argumento

dele de que estava frio demais para tirar as luvas foi derrotado pelo dela:

“Minha avó achava muito importante contar os pontos.”

“Por quê?” O pai de Sam o ensinara a contar os pontos em uma temporada quando era criança, para que ele parasse de enchê-lo pedindo petiscos a cada entrada e meia, mas ele já nem se importava com aquilo. “Você alguma vez olha de novo?”

“Não”, disse Meredith. “Ela sempre dizia que o que importa é que esteja lá.”

Apesar do entusiasmo inicial, Sam começou a sugerir de leve que deviam pensar em ir embora quando os Angels fizeram cinco corridas na sexta entrada e a temperatura baixou para perto de dez graus.

“Meu traseiro está congelado.”

“Primeira lei de Livvie: não importa quão ruim fique, fã de verdade ficam o jogo inteiro.”

“Dá para ver minha respiração no ar.”

“Está dez graus lá fora, Sam.”

“É inverno.”

“É a primeira semana de outubro.”

“Beisebol é um esporte de verão.”

“Minha avó achava que a temporada devia acabar no Dia do Trabalho.* Mas não porque ela fosse tão chata com o frio. Só porque ficava ansiosa para voltar para a Flórida e ver todos os seus amigos lá.”

“Não sou chato. Está oito a um. Quatro graus negativos. Acabou nosso chocolate quente. Fui proibido de comprar um latte de sete dólares. Podíamos ir para casa e lembrar de Livvie em frente à lareira.”

“Não importa quão ruim fique, fã de verdade ficam o jogo inteiro”, entendeu Meredith alegremente.

Logo depois de passarem do portão, tendo assistido nove entradas maçantes até o mísero final de onze a um, Meredith espremeu a luva de Sam contra a dela.

“Obrigada. Por me fazer vir hoje. Você estava certo. É o que ela ia querer.”

“Foi divertido”, disse Sam.

“Percebi.”

“Estava só brincando sobre morrer congelado.”

“Espere até a abertura da temporada. Vai estar mais frio.”

“Abertura?”

“Ah, sim. Minha avó achava que devia ser um feriado nacional. Claro que você vai à abertura.”

“Claro”, disse Sam.

“Sinto muito pela coisa incrivelmente cafona que vai acontecer agora”, disse Meredith. Depois soltou a mão dele, virou de frente para o estádio e disse: “Tchau, Vovó. Divirta-se na Flórida. Logo nos vemos, e mais logo ainda nos falamos”.

“Isso foi cafona”, disse Sam, passando o braço na cintura dela e puxando-a para perto tanto por amor quanto para esquentar o corpo.

“E então ela diria: ‘Não se eu a vir primeiro’.”

“O que isso quer dizer?”, disse Sam.

“Não faça ideia.”

No caminho úmido para casa, Sam pensou sobre o que sua mãe poderia dizer sobre a necessidade de ficar até o final de um jogo de beisebol no frio, o que gostaria de petiscar enquanto estivesse lá ou qual seria o máximo que pagaria pelo café latte no estádio. Não fazia ideia sequer se sua mãe gostara de beisebol. Seu pai nunca tinha mencionado nada, mas isso não necessariamente significava alguma coisa. No primeiro semestre de faculdade, Sam fizera uma aula iniciante de piano por impulso (o.k., a professora era atraente), e aconteceu que ele era impressionantemente bom naquilo. Quando contou isso em casa durante as férias de outono, seu pai sorriu melancolicamente e deu risada. “Deve ser hereditário.”

“O que você quer dizer?”

“A mamãe era uma pianista incrível.”

“Era?”

“Ah, sim. Estudou piano na faculdade.”

“Você só me disse que ela se formou em inglês.”

“Com um *diploma secundário* em piano”, completou o pai de Sam. Ele gostava de compartilhar uma história por vez. Nunca passava uma noite relembando, emendando uma história na outra.

Em vez disso, Sam conhecia um momento da vida de sua mãe por vez. Assim as histórias eram frescas, orgânicas. Sam só conseguia ouvi-las porque as trazia à tona. Assim, sempre havia mais, algumas que Sam ainda não havia ouvido, algumas que seu pai não havia contado. Era como se houvesse mais vida para ser vivida, mais a descobrir, um canto despercebido onde entrar. Pelo que Sam sabia sobre as inclinações de sua mãe para o beisebol, ela poderia ter jogado no Mets.

Foi mais tarde, na cama, finalmente aquecido, que percebeu que estava com ciúmes. O que ele não daria para saber o que sua mãe diria em um jogo de beisebol? Meredith, no mesmo trem de ideias, mas aparentemente em um vagão diferente, devaneou em voz alta: “É estranho sentir tanta saudade dela quando sei tudo que ela diria se estivesse aqui? Eu poderia fazer os dois lados da conversa o jogo inteiro. Posso praticamente recriar o dia todo, quadro a quadro, como se ela estivesse aqui comigo”.

“Não sei por que”, disse Sam, “mas não é a mesma coisa.” Obviamente.

Ela deu de ombros. “Pelo menos agora eu posso simplesmente fingir que ela está na Flórida. Vai ser mais fácil sabendo que eu não estaria com ela de qualquer jeito.”

“Ausência é ausência?”

“Acho que sim. Mas nós também trocávamos e-mails. Falávamos por vídeo. Ela me mandava mensagens de texto da praia só para me lembrar que estava longe. Sabe?”

“Sei”, disse Sam. “A ausência é menos ausência do que costumava ser.”

* Nos Estados Unidos o Dia do Trabalho é comemorado na primeira segunda-feira de setembro. (N. T.)

Um lugar para ir

A pergunta de Meredith ficou presa no cérebro de Sam e não queria ir embora, em parte porque Meredith estava conseguindo colonizar cada canto de sua mente, mas também porque era uma pergunta interessante. *Por que* sentia tanta saudade se sabia tudo que sua avó diria se estivesse ali? Do que sentimos falta em relação a pessoas amadas que conhecemos tão bem que poderíamos terminar as frases por elas e pensar seus pensamentos não pensados?

“Você acha que são as coisas aleatórias, intersticiais?”, Sam perguntou depois do jantar na noite seguinte.

“Se eu acho que são as coisas aleatórias, intersticiais?”

“Se você sabe os pontos principais do que ela diria no estádio, é das coisas aleatórias no meio que você sente falta?”

“Da minha avó?”

“Sim.”

“Como falar do jogo de bridge da noite anterior, reclamar do interbases ou se ela deveria comprar uma Coca ou só encher a garrafa no bebedor?”

“Acho que sim.”

Meredith pensou a respeito. “Acho que não. Sinto falta da essência dela, do eu verdadeiro dela. Todo mundo pensa sobre o que beber quando está com sede. Só ela achava que arremessadores reserva deviam ser lançados de aviões com paraquedas com uma quantidade de buracos igual ao número de pontos que deixaram de fazer.”

“É o toque?”, Sam perguntou delicadamente.

“Talvez. Uma parte. Não sei. Minha avó e eu éramos mais de abraços rápidos e beijocas na bochecha.”

“Você sente saudades da voz dela? De vê-la?”

“Não sei”, disse Meredith novamente. “Seria de se pensar que

uma conversa previsível seria um tédio, mas não é, é tranquilizador. Não é saber o que ela diria. É ouvi-la dizer aquilo que eu sei que ela diria. Familiaridade é reconfortante. Dizer as frases dela, na cadeira dela, no jogo dela, saber que ela me daria apoio, ficaria orgulhosa de mim e me motivaria sobre qualquer coisa que eu contasse... não é ela a questão, é a ausência dela. Saber não é a questão. Só quero estar com ela de novo, ter notícias dela de novo, mesmo um e-mail, mesmo uma mensagem de texto, mesmo um jantar cancelado. Só quero acreditar que ela ainda está em algum lugar por aí. Sei como sentir saudades dela na Flórida. Sei como sentir saudades dela por alguns meses. Só não sei como sentir saudades dela para sempre.”

Sam poderia ter dito: “Sentir saudades dela é uma coisa boa. Quer dizer que você a amava”? Poderia ele ter dito: “Sentir saudades dela é uma coisa boa. Quer dizer que você está de luto”? Poderia ele ter dito: “Você é sortuda de terem sido tão próximas”, ou “Você é sortuda de tê-la em sua vida por tanto tempo”, ou mesmo “O que você acha do rebatedor”? Não, o que Sam disse foi: “Talvez você devesse mandar um e-mail para ela. Só para se sentir melhor”.

Meredith riu. “Escrevi uma carta para minha tartaruga de estimação quando ela morreu; eu tinha seis anos.”

“O que você disse?”

“Não me lembro. ‘Querido sr. Tartarugo, obrigada por ser uma boa tartaruga. Sinto muito que você morreu. Espero que esteja aproveitando o paraíso das tartarugas.’ Algo assim. Minha mãe achou que seria terapêutico.”

“E foi?”

“Não me lembro. Lembro-me de ter tido problemas por ter jogado a carta no riacho. Meu pai ficou bravo comigo por poluir a natureza, mas era lá que ele tinha posto o sr. T., então era lá que fazia sentido colocar a carta. Não conseguia entender por que pôr uma carta no riacho era poluir mas pôr uma tartaruga morta era completamente aceitável.”

“Essa é a beleza do e-mail”, disse Sam. “Pelo menos há um lugar para onde você pode mandar, um lugar para ele ir.”

Meredith de fato mandou um e-mail para sua avó só para se sentir melhor. Mas não funcionou. Como poderia? Mesmo para um e-mail, estava sem alma. Não havia ninguém do outro lado. E ela sabia. Sam sabia. Mas ele também sabia outra coisa. Ou suspeitava saber. Sam suspeitava que não seria difícil fazer Livvie responder. Havia muitos exemplos com que modelar porque Livvie havia mandado muitos e-mails. E eram razoavelmente padronizados e previsíveis, especialmente aqueles para sua neta. Uma vez que Sam filtrara o arquivo por data para incluir somente os e-mails do inverno, descobriu que geralmente Livvie escrevia para Meredith que estava com saudades e a amava e esperava que ela não estivesse trabalhando demais, que a Flórida estava ensolarada, quente e divertida, e que Meredith devia ir visitá-la. Às vezes ela acrescentava que estava detonando alguém no baralho.

O pai de Sam tinha uma história preferida sobre um experimento inicial em linguagem de computadores chamado ELIZA que fora desenvolvido nos anos 1960 no MIT para fazer o papel de um terapeuta. Usava uma combinação de padrões para ouvir os problemas dos usuários e responder com perguntas de psicoterapia apropriadas. Um usuário se sentava e digitava: “Minha irmã sempre me detestou”, e o programa dizia: “Por que você diz que sua irmã sempre o detestou?”. Era ao mesmo tempo uma programação muito simples e muito complexa, uma farsa, uma paródia, uma piada, e uma ciência revolucionária. A parte favorita do pai de Sam na história era que todos os estudantes de graduação que estavam trabalhando no programa acabavam ficando depois do horário fazendo terapia com ELIZA. Sabiam que não estavam falando com um médico de verdade. Mas ficavam mesmo assim. Sam nunca entendera direito se a moral da história era que programas de computador conseguem modelar o comportamento humano tão bem a ponto de serem indistinguíveis ou se estudantes de graduação são tolos.

Meredith tinha mandado um e-mail para sua avó como se ela realmente estivesse na Flórida. Não um e-mail cheio de tristeza e luto — o que certamente não a faria se sentir melhor —, mas o e-mail que ela desejava poder escrever para uma Livvie aproveitando

o verão, de uma neta ainda passando o outono em Seattle. Se havia talvez algo mais amargo do que o normal em sua doçura, teria sido preciso saber antes para perceber. Ela escrevera:

Oi, Vovó,

Como você está? Como vão as coisas aí?

Aqui, estou morrendo de saudades. Mas tenho uma novidade. Estou namorando um cara muito legal. Ele se chama Sam. Conheci-o no trabalho. Você iria adorá-lo — muito inteligente, divertido e bom. Ele é realmente sensacional comigo, e estamos muito bem juntos. Mal posso esperar para você conhecê-lo.

Enfim, estou me sentindo um pouco boba mandando este e-mail, mas sei que você gostaria de saber. Espero que esteja quente, ensolarado e maravilhoso onde você está. Queria dizer também que te amo muito, sinto saudades todos os dias e penso sempre em você!

Com carinho,
Meredith

E não de cara, mas finalmente, depois de um pouco de tentativa e erro da parte de Sam, a avó dela escreveu de volta:

Oi, querida,

Também estou com saudades, mas ESTOU TÃO FELIZ QUE VOCÊ CONHECEU ALGUÉM. Conte tudo sobre ele! Como ele é? Ele gosta de beisebol? Para que time ele torce? Ele é um nerd da computação? Não falei quando você começou a trabalhar lá que estava se arriscando a casar com um nerd da computação? Viva!! Nem posso esperar para saber mais detalhes. Talvez você e Sam possam vir me visitar aqui. O tempo está perfeito, e a água está te chamando. Aposto que está frio e chuvoso aí. Coitada de você :(

Vamos falar por vídeo logo. Agora estou saindo para jogar bridge com as meninas.

Também te amo!

Com carinho,

Inteiramente gerado por computador. Nem fora tão difícil. Ele havia criado um programa que combinava os e-mails antigos de Livvie procurando pistas: o que ela havia dito sobre estar com saudades da neta, o que havia dito sobre o tempo, o que havia dito quando Meredith conhecera alguém de quem gostasse. *Não falei quando você começou a trabalhar lá que estava se arriscando a casar com um nerd da computação?* Ela dissera. Muitas vezes. O e-mail simplesmente juntava detalhes, ecoava o que Meredith dissera, e fazia um bom trabalho falando exatamente como Livvie sempre falava. Era lúgubre e um pouco sinistro mas surpreendentemente simples.

Sam achou que era impressionante, mas estava preocupado que fosse impressionante demais, ou mesmo real demais e, é claro, não o suficiente. Era isso que Meredith dissera que queria, mas ele não tinha certeza se era o que ela queria dizer.

Ela queria o e-mail ou o fato do e-mail, a mulher por trás dele? Sam não podia lhe dar a mulher por trás dele. Mas podia lhe dar o e-mail. Não seria suficiente — ele sabia disso — mas talvez alguma coisa fosse melhor que nada, afinal.

Ou talvez não. Sam sempre tinha esse problema. Ele *consequia* e estava impressionado com isso, e a combinação dessas duas coisas o fazia pensar que ele *devia*. Mas esse não era sempre o caso. Decidiu chamar um especialista no assunto “coisas estúpidas que Sam fez só porque conseguia”.

Jamie estava cheio de frustrações. O trabalho não tinha mais graça depois que Sam fora embora. cc estava ao mesmo tempo exigindo uma performance melhor e proibindo qualquer um de sequer pensar em revisitar o algoritmo de Sam. Os clientes estavam espalhando boatos de que havia uma fórmula mágica para juntá-los com seu par perfeito, mas fora roubada das massas, e somente os escolhidos poderiam usá-la. Outros estavam convencidos de que a resposta estava trancada em algum lugar em seu arquivo — que se tivessem ao menos acesso a ele, poderiam saber o nome, endereço, número de identidade e signo de sua alma gêmea — mas ninguém tinha permissão para ver. Comunidades online falavam de Sam como um deus. cc proibira que seu nome

fosse pronunciado no prédio novamente.

“É um pesadelo”, disse Jamie.

“É fantástico”, disse Sam.

“Por que você acha?”

“Estou vingado. Nada como ser demitido e ainda conseguir estragar as coisas para o cc à distância.”

“É muito frustrante”, disse Jamie. “Aquele algoritmo é o melhor software já desenvolvido sob minha responsabilidade, e ninguém pode usá-lo.”

“Bem, não exatamente ninguém”, disse Sam.

“Explique-se.”

“A avó de Meredith morreu.”

“E você está acertando as coisas entre ela e Abe Lincoln.”

“Abe Lincoln?”

“Só estou tentando citar um americano morto.”

“E Lincoln é quem veio à mente?”

“Não sou daqui. Rápido, diga o nome de um britânico morto.”

“Shakespeare”, disse Sam.

“Shakespeare não é britânico. É universal. Mas não importa. O que você está fazendo com o algoritmo?”

“Nada. Só estou usando a ideia dele. Olhando os e-mails de alguém para saber mais sobre essa pessoa.”

“Você está bisbilhotando a avó morta da Meredith?”

“Meredith queria escrever uma carta para a avó. Dizer adeus e que a amava e estava com saudades e tal. Um impulso comum, certo? Mas estamos morando no apartamento dela, então não podia mandar para cá, e elas trocavam bastante e-mail, então foi isso que ela decidiu fazer. Ela mandou um e-mail para a avó.”

“E? Estou esperando a conclusão.”

“A avó dela respondeu.”

Jamie riu. “E-mail zumbi. Não me surpreende que cc tenha demitido você.”

“Escrevi um *script* que olha os e-mails antigos dela e compila uma resposta para Meredith que é perfeitamente indistinguível do que ela teria realmente dito se ainda estivesse viva.”

“Combinação de padrões? Preenchimento de lacunas?”

“Basicamente. Quão variados são os e-mails que você troca com sua avó?”

“Minha vó não saberia o que é um e-mail nem se ela acordasse ao lado do cara de *Mensagem pra você*, mas entendo o que você quer dizer. É bem inteligente.”

“Obrigado.”

“E qual a pergunta?”

“Mostro para a Meredith?”

“De jeito nenhum.”

“Sério? Por quê?”

“Inquietante demais. O que foi útil para Meredith nesse exercício foi ela escrever para a avó. Ela obviamente não está esperando uma resposta.”

“Mas ela disse que queria uma resposta. Ela disse que tudo que ela queria era um e-mail da avó.”

“Receber correspondência de um parente morto pode ser sempre perturbador, Sam.”

“Não sei”, disse Sam. “Talvez pudesse ser catártico.”

Não foi catártico

Ele decidiu pensar no assunto durante a noite. Encaminhou o e-mail para a caixa de entrada de Meredith mas depois guardou o laptop dela debaixo do travesseiro caso mudasse de ideia. De manhã quando acordaram, ele começou assim: “Isso é estranho. Não tenho certeza do que acho, mas quero mostrar para você e deixar você decidir. Tenho uma surpresa”.

“Ah, espertinho.” Ela se aproximou dele.

“Não isso”, disse Sam e em seguida pensou melhor. “Bem, claro, isso primeiro se você quiser.”

“Primeiro? O que mais você está oferecendo?”

Sam tirou o computador debaixo do travesseiro.

“Você vai me dar... o meu computador?”

“Mande um e-mail para você.”

“Acho que prefiro sexo”, ela disse, indo novamente em direção a ele.

“Não é meu de verdade, no entanto”, Sam disse, evasivo.

“Você *encaminhou* um e-mail para mim? Essa surpresa fica cada vez menos excitante.”

“Abra e veja.” Sam entregou-lhe o laptop nervoso. Meredith abriu e passou os olhos pela caixa de entrada.

“Nenhum e-mail seu. O que você está...? Espere... ai, meu Deus. Ai, meu Deus, Sam.” Olhou para ele, e ele prendeu a respiração por um momento, depois outro, ela não fez nada. Então ela clicou no e-mail. Leu. Ficou completamente pálida. Parecia confusa. Depois com raiva. “Minha avó respondeu meu e-mail.”

“Sim.” Sam esperou. Depois acrescentou: “Bem, eu ajudei”.

“Para me enganar?”

“Não!”

“Para foder comigo?”

“Merde, claro que não.”

“Você acha isso engraçado?”

“Não, eu...”

“Por que você... como você conseguiu?”

“Não fui eu, na verdade.”

Silêncio confuso. Raiva quieta. “Você acabou de dizer que foi.”

“Sim. Quero dizer, eu disse isso. Não mandei o e-mail para você. Sua avó mandou. Eu só ajudei.”

“Ajudou?”

“Nem fui eu, na verdade. Só apertei ‘iniciar’. Bem, ajustei o programa e depois apertei ‘iniciar’.”

“Você entrou na conta de e-mail da minha avó e me mandou uma mensagem para fazer graça.”

“Não.”

“Não?”

“Não. Esse e-mail parece com o meu jeito?”

“Você faz uma boa imitação.”

“Não.”

“Não?”

“Não. Foi ciência da computação.”

Meredith não tinha nada para dizer em resposta. Só olhou para Sam e esperou, irritada, uma explicação.

“Criei um programinha que estuda as coisas que Livvie escreveu para você em e-mails e depois modela, reescreve essas coisas. Pedi para ele responder. Ele respondeu. Bem, ela respondeu. Ela quis responder. Não fui eu. Foi ela.”

“Não foi ela.”

“Na verdade foi, de certa forma.”

Ela saiu da cama. Pegou roupas de uma pilha no chão. Não disse nada. Nem olhou para ele. Pegou as chaves e simplesmente foi embora. Sam afundou novamente nas cobertas e não se mexeu por três horas. Depois ligou para Jamie.

“Mostrei o e-mail para ela.”

“Claro.”

“Ela não recebeu bem.”

“Se você tivesse ao menos antecipado que isso iria acontecer.”

“O que faço agora?”

“Como eu vou saber, Sam? Não sou uma mulher — sou programador de computação. Pior, sou gerente de programadores.”

“E não é um gerente muito bom. Por que você me deixa fazer besteiras, Jamie? Seu trabalho é me impedir de fazer coisas assim.”

“Se ao menos eu pudesse, Sam. Ainda teria você trabalhando comigo.”

“Pediram para eu desenvolver aquele algoritmo”, disse Sam.

“Mas não para destruir a empresa”, disse Jamie. “A questão é: é um bom algoritmo. Não estava errado sobre você e Meredith, o que significa que é matematicamente impossível você destruir esse relacionamento, o que significa que há uma maneira de consertar as coisas.”

“Qual?”

“Não faço ideia.”

“Não ajudou.”

“Diga a verdade. A verdade é sempre a resposta, Sam.”

“Onde você ouviu isso?”

“Na Oprah. Mas parece um bom conselho.”

“A verdade é que estou tão apaixonado por ela que faria qualquer coisa para fazê-la me amar a metade do quanto a amo. A verdade é que sou um filho da puta tão arrogante que minha resposta para ‘Estou triste porque minha avó morreu’ é ‘Deixe-me inventar um programa de computador para ela poder escrever cartas para você’. A verdade é que sou tão desajeitado e sem noção que acho que mostrar para alguém na cama um e-mail de sua avó morta é romântico.”

“É um começo”, disse Jamie, “mas eu melhoraria o modo de dizer.”

Sam desligou e voltou para a cama. Enfim, perto da hora do jantar, alguém puxou as cobertas, e ela estava parada diante dele segurando comida indiana para viagem e uma bela garrafa de uísque que estendeu para ele como um pedido de desculpas, perdão, luz.

“Achei que precisávamos de coisas boas”, ela disse.

“Desculpe...”, Sam começou.

“Faça de novo”, disse Meredith.

O.k., foi um pouco catártico

Sam queria conversar a respeito. Meredith não. Sam queria considerar algumas ramificações. Diante da reação dela, Sam achava que uma discussão era necessária antes de continuar.

“Não estrague a mágica”, disse Meredith.

Depois do jantar, depois de um pouquinho de uísque, depois de muito digitar e deletar e debater sobre o que dizer, ela escreveu de volta para a avó:

Frio sim, mas pelo menos parou de chover agora. Estou contente que aí esteja melhor e que você esteja jogando bridge com as meninas. Diga oi a elas por mim. A praia parece melhor que o trabalho, mas nem todo mundo pode se aposentar.

Sam e eu fizemos uma sopa na semana passada que você ia amar. Cozido de couve com lentilha. Vou aprimorar um pouco e mandar a receita para você. Sam é um bom assistente de chef e também, lógico, um nerd da computação, e fã dos Orioles (mas é claro que ele adotou os Mariners agora que está aqui).

Te amo,

M.

Depois passaram nove horas durante as quais Meredith só ficou com seu laptop clicando em “atualizar”. Sam implorou para ela ir para a cama, então ela levou o computador junto, e ficou a noite toda sentada, apoiada na cabeceira.

“Vai aparecer um pop-up quando o e-mail chegar. Vai fazer um barulhinho para acordar você se você programar”, ele grunhiu.

“Você não pode fazer chegar mais rápido?”

“A sua avó ficava acordada mandando e-mails para você no meio da noite?” Eram quatro da manhã na Flórida.

“Não.”

“Então não consigo.”

Ela ficou acordada a noite toda mesmo assim. Às sete e trinta e cinco da manhã, finalmente, chegou:

Você devia tirar umas férias do trabalho e vir me visitar — tomar algumas semanas de sol. Você trabalha demais! Eles vão se virar sem você. Mande a receita da sopa. Você ainda não me disse como o Sam é!

Beijos e abraços, querida,

Vovó

Meredith sacudiu Sam para acordá-lo.

“Ela quer a nossa receita de sopa!”

“Nós fomos inventando na hora”, Sam murmurou debaixo de um travesseiro.

“Demorou bastante”, Meredith resmungou. “E é tão curto. Quero mais.”

“O programa manda e-mails quando e como ela mandava. Ela mandava no meio da manhã, então ele manda no meio da manhã. Os e-mails dela eram bem curtos e diretos, então ele manda e-mails curtos e diretos.”

“Esperei horas. Quero mais que um parágrafo! Ela não está com saudades?”

“Só como se ela estivesse na Flórida.”

“Você não pode acelerar? Não pode fazer ele escrever mais?”

“Ele está sendo a sua avó, Merde. Está cientificamente, logicamente, brilhantemente, analiticamente modelando a sua avó. Não vou fazer nada mais. Você vai ter que se entender com ela.”

O e-mail seguinte de Meredith passou por vários rascunhos e acabou sendo uma missiva de seis páginas sobre a natureza do amor e da família, infância e avós, lembranças, a vida, e a passagem do tempo. Terminava com o apelo: “Estou com tantas saudades! Escreva mais e-mails, e mais compridos, por favor. Conte tudo!”

Ao que Livvie respondeu animadamente:

Uau. Alguém estava com muito tempo sobrando esta semana. Deve estar

um tempo muito feio aí — aqui está lindo, por isso vou ter que escrever mais depois! Estou indo para a praia!! Te amo!!

P.S.: Venha me visitar!!!!!!!!!!!!!!

P.P.S.: Por que você não me conta como é esse menino, ele é horrível???

Sam estava impressionado consigo mesmo — principalmente porque o programa estava curioso por ainda não lhe terem contado como Sam era —, mas Meredith estava à beira de um ataque de nervos. Ela não queria saber se sua avó nunca havia mandado e-mails longos e sentimentais para ela quando viva. Não queria saber que, se recebesse e-mails longos e sentimentais, não pareceriam ser de sua avó. E, é claro, não podia ir visitá-la na Flórida. Sam achou que talvez tivessem chegado ao fim. O passado havia entrado em conflito com o presente. Tinham chegado ao limite do que podiam atingir usando lembranças, hábitos e o modo como as coisas sempre haviam sido. Livvie não conseguia acompanhar. Seu relacionamento com a neta havia mudado desde que morrera, mas ela não sabia, e assim havia coisas que ela não conseguia levar em consideração.

“Preciso de um motivo crível para não ir visitá-la. O que falo para ela?”, disse Meredith.

“Nada. Vamos pôr um ponto final.”

“Como assim?”

“Acabar com isso agora. Vamos considerar tudo uma experiência interessante e parar por aqui.”

“Você quer dizer, não responder ao e-mail?”

“Claro. Deixe-o aí.”

“Não posso ignorá-la. Ela vai se perguntar o que está acontecendo. Vai ficar completamente possessa.”

“Não vai, não”, Sam disse tão gentilmente quanto podia. “Ela está morta.”

“Não, ela tem me mandado e-mails.”

“Ela não. O software.”

“Tem certeza?”

“Absoluta.”

“Eu não.”

“Merde...”

“Alguém está me mandando e-mails. E está preocupado que estou trabalhando demais. Pergunta como é meu namorado. Quer que eu vá visitá-lo. Não quero desapontá-lo. Desapontá-la. Não quero deixar pendente.”

Quando Sam era criança, seu pai criou um programa para que ele treinasse matemática no computador. Quando ele acertava uma pergunta, o programa dizia, “Muito bem, Sam”, ou “Que esperto”, ou algo do tipo. Quando ele errava, dizia, “Desculpe, não é bem isso”, ou, “Ops, tente outra pergunta”. Era uma programação incrivelmente simples, mas ainda assim não funcionava porque, depois de uma hora cometendo erros, Sam recusava-se a usá-lo de novo. Ele tinha certeza de que o computador o achava burro. Não havia explicação que seu pai desse que convencesse Sam de que o computador não achava isso. Ele sabia que era inanimado, não tinha sentimentos, opiniões, nenhum conhecimento real, mas saber isso não ajudava, não o fazia mudar de ideia. Então seu pai reescreveu o programa com problemas extremamente fáceis — todos errados.

“Quanto é dois mais três?”, o programa perguntava.

“Cinco”, Sam digitava.

“Não, são quatro”, o computador dizia. “E quanto dá oito menos dois?”

“Seis”, Sam digitava.

“Não”, dizia o computador. “Dá sete.”

Desse modo, Sam se sentia superior ao computador. E assim ganhava a confiança — um empurrão, na verdade — para estudar mais matemática. Por outro lado, aquele fora seu primeiro computador. E ele tinha sete anos. Meredith era mais inteligente. Mas mesmo Sam não tinha certeza. Não era sua avó, mas talvez alguma coisa — alguém? — estivesse esperando sua resposta.

Meredith tinha certeza de que não podia ignorar o convite da avó. Mas também não queria dizer a ela que estava morta. Achava que isso a deixaria chateada, quem quer que ela fosse. Sam achava

que talvez isso fizesse o programa implodir. Afinal, Meredith respondeu:

Querida Vovó,

Sam é bonito, na verdade. Ele tem cabelo escuro, ondulado, como o do pai, evidentemente. Tem esses olhos profundos, verdes, que observam tudo de perto e parecem vagamente perplexos, que ficam vermelhos quando ele fica triste ou cansado. Ele usa jeans e camisetas. Usa óculos para ler. Sorri o tempo todo. Quase nunca faz a barba. Quando ele acorda, o cabelo dele está espetado para todos os lados, e ele fica abaixando com a mão a manhã toda até tomar banho.

Adoraria ir visitar você. Queria tanto poder ir. Você nem imagina. Mas não é possível agora. Sinto muito, muito mesmo.

Penso em você todos os dias. Sinto tantas saudades. Você está no fundo do meu coração.

Sam se perguntou o que o programa faria disso mas não disse nada. Se o computador respondera até então de forma perfeitamente correta, Meredith respondera agora de forma completamente errada. O programa identificara corretamente a situação: comum, cotidiana, calorosa mas não demais, saudades mortais ordinárias, em vez do tipo eternas e extraordinárias. Já a resposta da neta estava cheia de tragédia, *pathos* e desespero disfarçado.

O programa percebeu a mudança. E ficou preocupado.

Ó, querida,

Você parece tão triste. Está dormindo o suficiente? Está se sentindo bem? Talvez você esteja mesmo trabalhando demais. Também estou com saudades, mas não se preocupe, logo nos veremos. Mal posso esperar! Se eu puder ajudar enquanto isso, é só gritar.

Te amo e até logo!!! O verão está chegando!!

Beijos,

Vovó

P.S.: Sam parece ser muito gato! Mande uma foto!

Sam disse vamos parar agora. Ele disse. Disse é o bastante. Nu, abraçando-a nua, sussurrou que aquilo não era saudável, nem bom para ela nem revelador, e ninguém estava esperando a resposta dela, ninguém havia escrito para ela, e era tudo uns e zeros, vários dados, um programa de computador inteligente, e elétrons em movimento. Ela disse que era somente isso que o algoritmo dele era também, e no entanto ele os unira. Nada mais real que aquilo. Todo aquele milagre. Toda aquela luz. Toda aquela vida que vinha de lugar nenhum, do vazio, de onde não havia existido nada antes. Sam disse que estava fazendo mal para ela, e não ajudando. Ela disse que estava mal de qualquer maneira, e desse jeito recebia e-mails da avó para se sentir melhor. Sam disse que estava preocupado que ela estivesse ficando obcecada. Ela disse você acha que consegue fazer em vídeo.

Não seja ridícula, disse Sam. A resposta é inequivocamente não, Deus, não, não seja absurda, não, nem no inferno, uma graça você perguntar, não. O e-mail era um truque, uma curiosidade, um divertimento. Pegava elementos repetidos, rearranjava para criar variedade, e usava as palavras principais de Meredith. Basicamente, era como o jogo Mad Libs melhorado. Vídeo, por outro lado, necessitaria a solução de problemas que haviam intrigado programadores desde o nascimento da programação de computadores, além de um milagre. A resposta teria continuado a ser você-deve-estar-usando-drogas, a não ser por uma coisa que Sam deixara de levar em conta. Até onde sabia, não havia nada no mundo mais persuasivo que: “Por favor, Sam. Você consegue tentar? Por mim? Sei que nada assim foi feito antes, mas você é um gênio, Sam. Sei que você consegue. Acredito em você e no seu grande cérebro. Estou tão triste com saudades dela, e sei que isso

ajudaria”, vindo de sua nova namorada apaixonada, de luto e muito gata. Com lágrimas nos olhos. “Eu faria isso por você”, ela completou.

“Merde”, Sam respondeu com cuidado, sem querer tirar a convicção que ela tinha no seu gênio, “o que você está pedindo não é possível. É tão difícil quanto fazê-la voltar dos mortos.”

“Isso serviria, também”, ela concordou amigavelmente.

“Não posso fazer nem uma coisa nem outra.”

“Vídeo é exatamente como e-mail.”

“Vídeo não tem nada a ver com e-mail.”

“Por que não funciona da mesma forma? O computador se lembra de como ela era e da voz dela e das coisas que ela dizia e de como dizia.”

“Não.”

“Não o quê?”

“Não, senhora?”

“Não”, ela riu. “Não, você não consegue, ou não, você não quer?”

“Não, não consigo. Primeiro de tudo, e-mails são arquivados inteiros. Você olha na caixa de saída, e estão todos lá. Chats em vídeo não são arquivados. Conseguiríamos provavelmente pegar alguns pacotes de IP, mas esses dados estariam todos misturados, ilegíveis, impossíveis de organizar. Segundo, Livvie conversava com muitas pessoas, mas não é como e-mail que tem um nome e um endereço. Ela sabia com quem estava falando, mas o computador não. Três a quatrocentos e sessenta e sete: as atuais limitações da inteligência artificial, a inescrutabilidade do coração humano, o mistério da interação pessoal, e a infinita variedade de comportamentos e respostas humanos, sem contar o entendimento complexo de situações complexas.”

“Perdi o fio da meada em ‘primeiro de tudo’.”

“Basta dizer que não é possível.”

“Minha avó adorava conversar por vídeo”, Meredith refletiu. “Demos um laptop com câmera para ela de aniversário alguns anos atrás. Tive que convencer meus pais. Eles achavam que o laptop velho dela servia. Eu disse que era velho e desatualizado e não tinha uma câmera para conversar por vídeo. Você pode imaginar

quão forte era esse argumento para Kyle e Julia, então tive que mudar a tática para quão pesado o computador velho era. Disse para eles que ela podia deslocar o ombro ou coisa assim. Isso os convenceu. Mas, no começo, minha avó também não estava muito segura com a câmera. Dizia que podia mandar e-mail vestindo roupão. Eu disse que já tinha visto minha avó de roupão muitas vezes, mas ela estava preocupada que essa imagem dela de pijamas rodasse pelo mundo afora. Enfim, depois ela percebeu que, diferente de e-mails, conversas por vídeo eram algo que ela podia fazer enquanto suas unhas secavam. A mulher amava fazer as unhas. Depois disso, ela se converteu instantaneamente. Conversávamos o tempo todo quando ela estava na Flórida. E aqui também. Ficou mais fácil que usar o telefone.”

“Ela era uma mulher notável”, disse Sam.

“Não era isso que eu queria dizer.”

“O que você quer dizer?”

“Quero dizer que tem muito mais da Vovó em vídeo do que em e-mails por aí.”

“Por aí?”, disse Sam.

“Esse é o *seu* trabalho”, disse Meredith.

Não era o trabalho de Sam. Porque ele não tinha trabalho. Cada vez que tomava a decisão de procurar emprego, lembrava de quanto mais produtivo era simplesmente ficar em casa. Quando tinha emprego, tudo que fazia era trabalhar. Agora Meredith ia trabalhar de manhã, e ele limpava o apartamento, levava os cachorros para passear, perambulava pelo mercado em Pike Place para comprar frutas e verduras frescas, queijo e flores, ia correr, lia livros, lavava roupa, assistia a programas de culinária e depois tentava fazer jantares elaborados, e brincava de correspondência eletrônica com os mortos. Também se correspondia eletronicamente com a namorada, e embora flertar on-line fosse menos excitante do que flertar pessoalmente, pois envolvia menos chances de ela estar sem roupa, aumentava as chances de ela ficar sem roupa mais tarde, e isso era importante.

“Esta reunião está tããããããõ comprida”, ela escreveu uma

manhã.

“Saia e venha para casa”, ele respondeu. “Estou me sentindo sozinho.”

“Porque você passa muito tempo sozinho. Solitário. Desempregado. À toa.”

“Não estou sozinho.”

“Quem mais está aí?”

“Os cachorros.”

“Não, você está mesmo solitário.”

“Então saia e venha para casa”, ele escreveu novamente.

“Mas daí eles não vão me pagar.”

“Por pouco tempo, vão.”

“Estou tão entediada. Tire uma foto das suas partes indecentes e mande para o meu telefone.”

“E se eu quiser concorrer à presidência algum dia?”, perguntou Sam.

“Não quero mudar para a Costa Leste”, disse Meredith.

“E se eu quiser concorrer a governador?”

“Ninguém liga para fotos indecentes do governador.”

Pouco depois ela mandou: “Meu Deus, está a maior agitação aqui. Você precisa vir ao happy hour depois do trabalho conhecer meu novo chefe”.

“Você tem um chefe novo?”, disse Sam.

“Acredite em mim”, ela respondeu. “Este você tem que ver para acreditar.”

Encontraram-se no centro no Library Bistro, o lugar preferido deles para um happy hour. Era o bar no lobby do Hotel Alexis. Ele gostava que as paredes fossem forradas do chão ao teto, de um canto ao outro, com livros que você podia pegar emprestado ou adquirir por cinco contos. Era uma mistura eclética, sem ser uma livraria, e Sam se lembrava dos dias que tinha passado ali antes de conhecer Meredith, quando ele escolhia com quais mulheres poderia conversar com base no livro que estivessem lendo. Nunca conversou com nenhuma delas, mas gostava da informação adicional que os livros forneciam, para garantir. Além disso,

tinham ótimas batatas fritas. Sam chegou cedo e tinha apanhado um livro de piadas científicas quando Meredith entrou com Jamie.

Sam ficou muito contente de vê-lo. “Jamie! Você veio junto!”

“Vim mesmo. Por que você está lendo piadas sobre ciência?”

“Werner Heisenberg é parado pela polícia por excesso de velocidade. O policial chega e diz: ‘Senhor, o senhor sabe quão rápido estava?’. Heisenberg diz: ‘Não, mas sei exatamente onde estou.’”

Jamie pensou um pouco. “Não sei se isso responde a minha pergunta.”

“Vou pagar um drinque para você”, disse Sam.

“Você deveria mesmo.”

“Dia difícil?”

“E tudo culpa sua.”

“Conte rápido antes que o novo chefe da Meredith chegue.”

“Na verdade”, disse Jamie dramaticamente, “ele já chegou.”

Sam trocou olhares com Meredith para confirmar. Ela piscou para ele.

“Como foi que aconteceu?”

“Engraçado você perguntar, Sam. cc acha que minha equipe de desenvolvimento de software estava produzindo uma quantidade insuficiente de software. cc acha que nosso fracasso em prometer almas gêmeas convincentemente — mas nunca realmente encontrá-las — é minha culpa. Disse para ele que minha equipe na verdade tinha produzido um software de primeira classe, inovador, alguns diriam até orgástico, e que era ele que não nos deixava usá-lo. Depois quebrei a regra nunca-pronuncie-o-nome-de-Sam-Elling.”

“Oh-oh. E o que ele disse?”

“Disse que meus talentos de gestor não eram mais necessários no sétimo andar.”

Sam perdeu o fôlego. “Ele demitiu você?”

“Não, Sam, preste atenção. Ele me deslocou. Para baixo.”

“Ei”, Meredith protestou.

“Demissão teria sido melhor. Daí eles teriam que pagar rompimento de contrato.”

“E eu não sei”, Sam sorriu.

“Agora estou simplesmente sendo torturado. Sou um

engenheiro de software. Era tão bom nisso que fui contratado para gerenciar outros engenheiros menores. Inventávamos coisas. Coisas novas.”

“É isso que ‘inventar’ significa”, Sam concordou.

“E agora o que vou fazer? Vender coisas.”

“É um pouco mais complicado que isso”, disse Meredith.

“Vender um produto que eu sei que é uma merda.”

“O produto *nos* uniu”, disse Sam. “Não, espere, esse serviço não está mais disponível.”

“E só o que há são mulheres conversando e cabelos e risadas...”

“Cabelos?”

“E elas cheiram bem e perguntam sobre o que você vai fazer à noite e se oferecem para trazer alguma coisa para você quando voltarem do mercado.”

“Essas vadias”, disse Sam.

“E elas têm tacinhas de jujubas sobre a mesa. E hidratante para as mãos. E fotografias. Em porta-retratos. Só quero trabalhar em paz. Gosto dos meus funcionários socialmente desajeitados, não falantes. Não quero responder a perguntas educadas nem cheirar bem nem comer doces. E se eu precisar de um cubo mágico para trabalhar enquanto penso em um código complicado? Bem, não há cubos mágicos à vista.”

“Nem nenhum código complicado para pensar a respeito”, disse Sam.

“Além disso elas fazem reunião sentadas. Em cadeiras! Com doces. Vou engordar doze quilos até o Natal.”

“Você podia vir trabalhar para mim”, Sam ofereceu.

“Fazendo o quê? Conversando com a avó de Meredith?”

“E fazendo jantar.”

“Acho que não quero trabalhar para você. Você fica arruinando minha vida.”

“Pense a respeito”, disse Sam.

“Paga bem?”

“Não paga absolutamente nada.”

“E outra coisa”, disse Jamie, apontando com uma batata frita para Meredith. “Parem de mandar e-mails e mensagens de texto um

para o outro durante as reuniões. Meredith é minha única aliada lá. Preciso que ela preste atenção.”

“Eu presto atenção!”, Meredith insistiu inocente.

“Ninguém sorri para as próprias calças durante uma reunião. Estou de olho em vocês dois. Tem chefe novo no pedaço.” Em seguida ele pensou um pouco. “Pelo menos vocês podiam me colocar em cópia. As reuniões de marketing são intermináveis. Aquelas malditas cadeiras fazem as pessoas falarem muito. Eu preciso de um pouco de humor.”

“Hoje ela me pediu fotos das minhas partes indecentes”, disse Sam.

“Quantas vezes tenho que falar?”, disse Jamie. “Nada de mensagens durante as reuniões.”

Tornar-se chefe de Meredith pode ter sido um passo atrás para Jamie, mas foi um enorme passo adiante para Meredith. O velho chefe dela era, bem, velho — indigesto, cansativo, antiquado, e sem noção no que dizia respeito a tecnologia. Frequentemente se gabava de ter conhecido a esposa em um verdadeiro festival da colheita, do jeito tradicional, a abordagem pura do amor verdadeiro, não essa tecnologia modernosa. Meredith tinha somente uma vaga ideia do que seria um festival da colheita, e nem fale em modernoso, mas tinha bastante certeza de que um gerente de marketing em uma empresa de encontros on-line precisava ter ao menos alguma noção da parte on-line. Em contraste, Jamie era divertido, engraçado, astuto em tecnologia e, uma vez acostumado à ideia, empenhou-se com entusiasmo ao lado de todas as mulheres da equipe de marketing. Ela começou a passar mais tempo no trabalho, a sair depois, a mandar menos mensagens e e-mails picantes durante as reuniões.

Sam ficou contente. Estava contente que ela estivesse feliz. Estava contente que ela estivesse seguindo em frente, acostumando-se — novo namorado, novo chefe, novo trabalho, novo apartamento, nova vida sem Livvie. Estava contente de estar sem trabalho, também. Crescer em uma casa onde não somente o filho mas também o pai seguia o calendário acadêmico criara em Sam

uma sensação de que tudo deveria começar de novo a cada quinze semanas, de que ninguém deveria trabalhar no verão e as férias deviam ser longas e frequentes, e de que era razoável a expectativa de tirar um punhado de meses de folga a cada tantos anos para trabalhar em seus próprios projetos mas ainda assim receber salário. A licença era a melhor parte da academia, até onde Sam sabia, e seu coração de filho de professor estava feliz de ter um tempo de folga. Quebra de contrato não era salário, mas salário de acadêmico não era salário de engenheiro de software tampouco, então talvez desse na mesma afinal de contas. Ele precisava do tempo. E tinha o projeto.

Dissera não para o vídeo, e com sinceridade. Não achava que fosse possível mas, mesmo em teoria, parecia ser uma má ideia. Havia dito não, mas brincou um pouco com a ideia. Era interessante. Ele era curioso. Pensou em remexer um pouco, só para ver, só para tentar, só por diversão. Coletou os dados que pôde, mas não havia nenhuma ordem: uma sentença aqui, uma piscada ali, uma risada, um espirro. Escreveu um script para ordenar, juntar e compilar o que havia encontrado, mas o que acabou conseguindo foi um quebra-cabeça com a maior parte das peças faltando. Não estava nem perto do suficiente. Livvie falava como Livvie por três ou quatro palavras; depois falava como no jogo Speak & Spell que Sam tivera aos cinco anos. Parecia-se com si mesma, depois gaguejava com movimentos abruptos, depois congelava completamente. Ria como Livvie e depois ria como Livvie sem som e depois parava de rir tão abrupta e completamente que você jurava que estava olhando para alguém que nunca dera risada na vida, e Sam lembrava-se outra vez de que fosse o que fosse que estivesse vendo, certamente não era humano. Escondeu tudo isso de Meredith. Essa Livvie a machucaria para sempre.

“Aliás, obrigada”, ela escreveu durante uma reunião uma manhã na primeira semana de novembro.

“De nada. Por quê?”

“Por trabalhar no vídeo.”

“Como você sabe que estou trabalhando no vídeo?”

“Conheço você. Além do mais, você não consegue dizer não

para mim.”

“Claro que conseguiria.”

“Sou bonita demais.”

“Não é tão bonita assim.”

“Você está dizendo que eu sou *bem* bonita mas não tão bonita a ponto de você ser incapaz de me negar um programa de computador?”

“Estou dizendo que você é *muito* bonita mas não tão bonita a ponto de eu conseguir reanimar os mortos. Não alimente suas esperanças demais, Merde”, ele avisou. “Quase não funciona.”

“Tenho fé. E você é bem bonito também.”

“Infelizmente, beleza não tem nada a ver com isso.”

“Você é muito qualificado.”

“O que tem mais a ver, mas não é o suficiente.”

“Adoro seu grande cérebro, Sam. E todas as suas partes grandes.”

Nesse momento o telefone de Sam apitou com uma mensagem de Jamie. “PAREM DE FLETTAR POR E-MAIL DURANTE AS REUNIÕES.”

O pai de Sam também estava de licença por coincidência, um verdadeiro descanso, entediado com seu projeto para a Hopkins, intrigado e ansioso para se distrair com o de Sam em vez disso. Sam disse não estou de licença, estou desempregado. Sam disse isso não é acadêmico, é amor. O pai de Sam disse dá no mesmo. Ao quebra-cabeça limitado que a busca de Sam havia montado, seu pai acrescentou partes de outros programas: animação, de modo que ela parecesse humana e consistentemente se parecesse com Livvie; um sintetizador de voz, de modo que ela soasse como si mesma em vez do R2-D2; um software de reconhecimento facial, de modo que ela pudesse saber com quem estava falando. Ficou melhor — menos assustador, mais humano — mas ainda não sabia muita coisa. Precisava ser ensinada.

“Isso é filosofia básica de inteligência artificial. É Turing”, o pai de Sam entusiasmou-se. Alan Turing, 1912-1954. Seu herói. Pai da ciência da computação e um completo fodão em computadores. Havia um busto de Turing sobre a lareira na sala de estar deles

quando Sam era criança. Fora feito para seu pai por um de seus alunos, um menino que estava simultaneamente estudando escultura e, caso isso não desse certo, ciência da computação. A cabeça era feita de gesso, mas os olhos, nariz, lábios, orelhas, sobrancelhas, cabelo, gola e gravata eram feitos de partes reaproveitadas de computadores. Os olhos em particular — teclas “I” — aterrorizavam Sam aos sete anos além do verbalizável. O argumento de Turing era que se podia considerar que um computador, robô, avatar ou qualquer coisa pensasse somente se uma pessoa interagindo com ele não conseguisse saber com certeza se era humano ou máquina. A pergunta de Sam aos sete anos era e se a pessoa fosse realmente burra ou uma criancinha. A pergunta de Turing era e se você começasse com um computador somente tão inteligente quanto uma criancinha e ensinasse a ele o que você queria que soubesse — inteligência artificial aprendida em vez de inata. Criação em vez de natureza.

“O que isso tem a ver com Livvie?”, disse Sam.

“Ensine a ela o que ela precisa saber”, disse seu pai.

Sam alimentou Livvie com fotos, de modo que pudesse reconhecer quem era quem, quem dizia o quê, e onde estavam. Alimentou-a com todos os e-mails que havia trocado com Meredith desde que morrera, de modo que ela estivesse atualizada. Depois alimentou-a com todos seus e-mails pré-morte também, para dar-lhe uma base de conhecimento. E foi então que Sam teve uma nova ideia. Bem, uma velha ideia. Uma ideia que ele tinha tido antes. O que Livvie precisava era de seu algoritmo de encontros, não para encontrar um parceiro, mas para encontrar uma voz.

Inicialmente não funcionou nada. Estava calibrado para amor, fâscas, romance, preferências, pontos fracos, hábitos, inclinações, objeções, reações instintivas. Nada daquilo era necessário ali. Mas o que continuava valendo era que mais dados pintavam um retrato melhor e mais completo da pessoa em questão. Não precisava de inteligência artificial, precisava da inteligência natural de Livvie. O algoritmo juntou os retalhos de conversas em vídeo antigos até conseguir projetar exatamente como Livvie se parecia e falava, suas entonações e seu jeito, suas expressões faciais e hábitos verbais, o modo como ela ajeitava o cabelo para trás casualmente enquanto

falava, o modo como girava a aliança no dedo, o modo como se atrapalhava com o aparelho auditivo e pintava as unhas. Sabia como ela respirava, quando ria, o modo como inclinava a orelha direita para a câmera quando não entendia algo que Meredith dizia, como perscrutava a tela quando abria a imagem para dar uma boa olhada na neta, como ela cerrava os olhos durante as conversas que tinham nos finais de tarde quando o sol estava refletindo na água.

Meredith estava certa — era a mesma ideia dos e-mails. O programa se lembrava dos tipos de coisa que ela diria, das maneiras como respondia, mas também de sua aparência e voz quando dizia essas coisas. Sam aprimorou a programação. Seu pai aprimorou a programação. Sam e seu pai tentaram e erraram e mexeram até ficar tão bom que tirou-lhes o fôlego, mas Sam não contou para Meredith. Continuava dizendo que estava avançando mas ainda não havia terminado. Dizia que testar antes que estivesse pronto poderia machucar ambos, ela e o programa de computador, que era menos uma velha que um bebê, absorvendo tudo, internalizando tudo, lembrando-se — quer você gostasse ou não. Melhor não dizer palavras perto dele, ou ele diria a palavra “F” na frente de seus sogros durante o café da manhã.

Então uma manhã Meredith acordou sentindo dores de cabeça, vomitando e com febre e ligou para o trabalho para dizer que estava doente. Sam queria que ela ligasse para o médico, mas ela disse que só precisava dormir e de um dia no sofá assistindo porcarias na tv. Ele saiu na hora do almoço para comprar *pho* no lugar que ela gostava no International District. Entrou em casa silenciosamente caso ela estivesse cochilando, mas em vez disso ouviu o falso telefone tocando no chat de vídeo de Meredith. E enquanto ele observava e ouvia do hall de entrada, a respiração presa de ansiedade ou premonição, Livvie atendeu. Sua janela abriu. Meredith engasgou, enxugou os olhos, recuperou a voz, e finalmente abriu o sorriso mais lindo que Sam já tinha visto.

“Oi, Vovó. Como está a praia?”

“Maravilhosa, querida. Sol e calor. Como está em casa?”

“Chuvoso e frio.”

“Buu. Você está se sentindo melhor?”

“Sim... estou.”

“Estou tão contente, querida. Estou com saudades do seu sorriso. Estou com saudades da Meredith feliz, sorridente.”

“Foram dois meses difíceis”, Meredith admitiu. “Quais as novidades aí?”

“Ah, você sabe. Nada de novo. O de sempre. Queria que você viesse me visitar.”

“Se eu pudesse... tenho que trabalhar.”

“Você trabalha demais, querida. Acho que vamos ter que esperar até o verão.”

“Acho que sim.”

“Como está Sam?”

“Está bem. Ele é tão legal, Vovó.”

“Estou tão feliz por você, querida. Mal posso esperar para conhecê-lo. Como está a mamãe?”

“Está bem também. Com saudades de você.”

“Também estou com saudades dela. E de você, é claro. Vejo você logo, querida. Tenho que correr. Vamos tomar *piña colada* na casa da Marta. Diga oi ao Sam por mim.”

“O.k., te amo.”

“Também te amo. Falamos no fim de semana, talvez?”

“Com certeza.”

“Tchau”, disse Livvie.

“Tchau”, Meredith guinchou, e Sam soltou a respiração atrás dela, e ela se virou e o viu, mas nenhum dos dois conseguia pensar em nada a dizer que parecesse apropriado. Pálida e atordoada, ela também estava radiante, os olhos febris, as bochechas rosadas.

“Estava perfeito”, ela sussurrou finalmente.

“Estava.”

“Juro que você teria que saber para saber.”

“Eu sei.”

“Parecia com ela. Falava como ela. Dizia o que ela diria, respondia o que ela responderia.”

“Eu vi.”

“Sim, mas você não a conheceu. Acredite em mim, estava... perfeito.”

Sam assentiu. “Mas está bom ou somente impressionante.”

“O que você quer dizer?”

“Quero dizer que é espantoso e tal. Mas você quer usar?”

“Claro que sim. O que você quer dizer? Por que não?”

“É sinistro?”

“Não, é exato. É exatamente como conversar com ela. É preciso demais para ser sinistro. Nada de vale da estranheza. Nenhum vale, nenhuma distância. Não tem nenhuma lacuna.”

“Não faz você sentir mais saudades dela?”

“Traz minha avó de volta.”

“Mas não de verdade.”

“Não, de verdade. Realmente a traz de volta para mim”, disse Meredith. E depois, mais tarde, depois de *pho*, aspirina e um descongestionante: “É um alívio tão grande. Como se ela não tivesse realmente partido. Se eu ainda posso falar com ela... sequer preciso sentir saudades”.

Ação de graças

Sam estava confuso. Meredith estava radiante. Sam estava preocupado de que aquilo estivesse atrapalhando o processo saudável do luto. Meredith não estava tendo nada que se aproximasse de um processo saudável de luto que pudesse ser atrapalhado. Era mais como um caso ilícito on-line. Ela não podia contar a ninguém. Não podia explicar para as colegas no trabalho por que estava radiante de repente, sorrindo casualmente enquanto olhava para o vazio durante as reuniões, seu eu antigo estava de volta pela primeira vez em semanas. Presumiram que fosse por causa de Sam, e era por causa de Sam mas, acima de tudo, ele sabia, porque ele tinha lhe dado Livvie. Ele sempre sabia quando elas haviam conversado porque Meredith brilhava. Antes, geralmente os dias em que não conversavam eram dias em que estavam ocupadas, preocupadas, em que não tivessem prestado atenção ao fuso horário, não tivessem nada para contar ou simplesmente não tivessem pensado em conversar. Agora, nos dias em que não conversavam, era um peso para uma das partes que a outra tivesse partido. Nos dias em que conversavam, Meredith ficava radiante de prazer mas também de alívio — sua avó não havia partido, afinal. Mesmo assim, tentava se controlar. Não trocavam e-mails ou conversavam todos os dias antes, então não o faziam — não podiam fazê-lo — agora.

Então uma manhã Livvie ligou quando Meredith havia saído para correr com os cachorros. Sam hesitou mas concluiu “que é que tem”, e atendeu.

“Oi, Livvie”, disse educadamente.

Ela piscou diante dele por um momento um pouco longo enquanto ele esperava, imaginava e se preocupava. E agora? Se ele quebrasse esse negócio, Meredith lhe daria um fora com certeza.

Então ela começou a sorrir.

“Você deve ser Sam!”

Ele era. E estava muito impressionado consigo mesmo.

“É um prazer tão grande conhecer você”, ele disse.

“Igualmente! Ouvi tanto sobre você. É ótimo finalmente conhecê-lo em pessoa.”

“Bem, não exatamente em pessoa.”

“Então pegue essa sua namorada e venham aqui me visitar”, disse Livvie. “Tenho bastante espaço, e adoraria ver vocês dois.”

Sam deu de ombros. “Ela diz que precisa trabalhar.”

“É o que ela sempre diz”, riu Livvie. Então a porta abriu e Meredith entrou. “Oi, querida.” Livvie estava encantada, mas Meredith lançou um olhar de pânico para Sam e desmoronou na cadeira que ele rapidamente cedeu a ela.

“Estava conhecendo a sua avó”, ele disse alegremente, de pé atrás dela olhando sobre seu ombro de modo que Livvie pudesse ver os dois.

“Por que você está correndo no inverno sem um gorro, mocinha? Vai pegar um resfriado mortal. Olhe para você — está encharcada. Use um gorro ou venha correr aqui.”

“Não posso”, Meredith conseguiu dizer, e em seguida ela e Livvie disseram juntas, “preciso trabalhar.” Ela mostrou a língua para a avó.

“Bem, é bom finalmente conhecer seu companheiro... Ei, vocês estão na minha casa!”

Sam e Meredith trocaram uma olhadela rápida. “Hum, sim”, disse Meredith. “Estão pintando meu apartamento... Resolvemos nos abrigar aqui por um tempo.”

“Seu apartamento é pouco confortável para duas pessoas, né?”, Livvie piscou. “Vocês são muito bem-vindos, é claro. Acomodem-se. Tenho que correr, meus queridos. Falo com vocês logo. Muito prazer em conhecê-lo, Sam.”

“Você também, Livvie.”

“Te amo, querida”, ela disse para Meredith.

“Também te amo”, Meredith sussurrou. “Tchau.”

Virou-se para Sam e soltou todo o ar. “Você ligou para a minha avó?”

Entre uma pergunta e uma afirmação, acusação e incredulidade.

“Não, ela me ligou. Bem, ligou para você. Tudo que fiz foi atender.”

“Ela me ligou?”

“Sim.”

“Você sabia que ela podia fazer isso?”

“Não.”

“Quem ela pensou que você fosse? Você deve ter dado um puta susto nela.”

“Não, ela soube quem eu era logo de cara.”

“Como?”

“Adivinhou. Quem mais poderia estar em casa com você atendendo suas chamadas de vídeo?”

“Mas ela nunca conheceu você.”

“Ela — ele — aprendeu. Você disse a ele que conheceu alguém. Ele adiciona isso ao que sabe sobre você. Ele — ela — reage como ela teria reagido. Sua avó teria ficado encantada em conhecer seu novo namorado, em vê-lo e conversar com ele — comigo. Ela teria ficado encantada e animada e genuinamente contente de finalmente ver esse cara. Então é assim que ela ficou.”

Meredith sacudiu a cabeça, confusa. Ligeiramente traumatizada também. “Isso podia ter dado tão errado. Eu podia tê-la perdido para sempre.”

“Por quê?”

“Ela não conhece você. Nem tinha percebido que ela podia conversar com outra pessoa além de mim.”

“Eu tomei cuidado.”

“Por que ela de repente percebeu que estamos na casa dela, não na minha? Estivemos aqui o tempo todo.”

“Quem é que sabe?” Sam deu de ombros. “Ela acabou de perceber. Teve essa informação o tempo todo, mas tem muito mais dados do que é capaz de usar em qualquer momento. Ela usa os dados com parcimônia. Como meu pai.”

“O que vou dizer a ela no mês que vem e no ano que vem e daqui a uma década? Que meu apartamento ainda está sendo pintado?”

“Não tenho certeza sobre como o tempo vai passar. Para ela”, ele acrescentou, e era verdade, embora o que ele realmente não soubesse, e que o preocupava muito mais, era como o tempo ia passar para Meredith. Se o tempo não passasse para a projeção de Livvie no computador, não tinha importância. Se o tempo não passasse para a Meredith da vida real, era um problema bem, bem maior, e mais difícil de resolver.

Logo antes do dia de Ação de Graças, Meredith recebeu um e-mail da avó reclamando casualmente de sua mãe. Não era cruel, raivoso, nem mesmo malicioso — fiel a seu caráter, a única opção disponível para ela, Livvie, era ir pelo caminho passivo-agressivo, procurando causar culpa. “Como está a mamãe?” Livvie perguntava. “Parece que não tenho notícias dela há eras. Ela deve estar realmente ocupada, mas quando você falar com ela peça para ela falar comigo se tiver um tempo. A velha mãe está com saudades dela.”

“Você não pode contar para sua mãe”, disse Sam.

“Eu sei.”

“Não pode.”

“Eu sei.”

“Sério, Merde. Ninguém pode saber.”

“Eu sei.”

Não era estranho que Livvie não tivesse notícias da filha por um tempo — era completamente comum, o que era o motivo pelo qual ela fora capaz de comentar a respeito. Kyle e Julia tinham celulares e tv e uma conexão de internet como todo mundo. Mas, diferentemente de todo mundo, ignoravam tudo isso por semanas e semanas seguidas. Meredith não os via fazia alguns meses, desde o funeral, mas eles viriam para o dia de Ação de Graças, para o fim de semana inteiro na verdade, e embora Meredith estivesse ansiosa para vê-los, estava um pouco aflita porque significava quatro dias que ela teria que ficar sem contato com a avó.

Julia tinha perdido um pouco de peso, mas de resto parecia bem. Kyle parecia como sempre era na “Cidade Grande” — disposto, contente de ver sua filha, e de algum jeito estranhamente

deslocado. Chegaram no final da manhã de quinta-feira trazendo queijos, batatas-doces e tortas. Meredith estava fazendo sopa, peru, salada, beterrabas e uma tentativa valente de desviar a conversa daquilo que Sam andava fazendo nos últimos tempos. Não era fácil.

“Então, Sam, o que você anda fazendo esses tempos?”, Kyle perguntou jovial.

“Não pergunte isso”, Julia bateu no traseiro de Kyle com um pano de prato e completou em voz baixa, mas não tão baixa que Sam não pudesse ouvir, “ele está desempregado.”

Sam não ficou ofendido embora mal pudesse responder à pergunta. “Tenho corrido bastante de manhã. Pela orla. Às vezes no Arboreto. É bonito lá. Tenho aprendido a cozinhar, preparado várias refeições. Estou me acostumando à vida daqui. Ficando ocupado. Também tenho feito alguns... projetos. Para um amigo.” Acrescentou essa última para sugerir trabalho *freelance* e a habilidade de sustentar financeiramente a filha de Kyle — que lhe lançou um olhar de aviso —, mas estava preocupado que os pais dela tivessem perguntas a respeito que ele não pudesse responder.

“Procurando trabalho de verdade, também?”, Kyle perguntou.

“Chega!” Julia acertou-o novamente. “Lembra da Ação de Graças em que meu pai perguntou quando você ia parar de brincar com massinha e arrumar um trabalho de verdade?”

Kyle riu e depois fez a voz ficar extremamente grossa. “Calos não são másculos se você os desenvolve brincando com argila.”

Julia baixou a voz para combinar. “Ser artista é bom para uma menina — nunca esperamos que você precisasse de um emprego, querida —, mas Kyle tem que aprender que é hora de ser um homem.”

Pareciam ter esquecido que Sam estava ali. Meredith virava os olhos enquanto ia e vinha pela cozinha. Já tinha visto essa encenação antes. Mas Sam, para quem era novidade, achou encantador, esses pais amorosos com conversas coreografadas, curiosidade sobre Sam misturada com preocupação com a filha, entremeados pelas suas próprias memórias e histórias. Faltavam-lhe pais, tendo tido somente um pai — de certa forma um pai sozinho não parecia ser um dos pais — e a sobreposição da vida adulta com paternidade era um território novo para ele.

Meredith ficou sem manteiga depois de as batatas duplamente assadas serem assadas a primeira vez e mandou-o buscar mais no mercado aberto até as três. A chuva havia parado brevemente, e andando sobre as folhas cor de laranja encharcadas e sob o sol baixo na linha do horizonte, Sam finalmente sentiu o outono e a família de verdade. Era bom estar do lado de fora no ar fresco, bom estar fora de uma cozinha cheia demais de cozinheiros, bom estar fora de um apartamento pequeno demais para quatro adultos, dois cachorros e comida suficiente para alimentar o prédio todo, mas ele também se sentira oprimido de nostalgia e tinha saudades deles quase que imediatamente. Era uma sensação ótima. Ele mandou uma mensagem de texto para Meredith: “Seus pais são adoráveis. Devem ter puxado você”.

“Estou revirando os olhos”, ela respondeu.

“Eles te amam tanto. E amam tanto um ao outro. É legal de ver.”

“É nojento”, ela respondeu.

“Não é!”

“São preliminares”, ela respondeu.

“É nojento!”, Sam concordou.

Na manhã seguinte, Meredith e seu pai fizeram brunch com as sobras — uma fritada de ovos e batata com queijo, batata-doce, beterraba e peru. Aparentemente era tradição, mas Sam deu a maior parte de seu prato para os cachorros debaixo da mesa (até eles pareceram céticos). Depois do brunch, saíram para uma caminhada no Arboreto. O centro da cidade estava lotado de pessoas fazendo compras. O prédio estava movimentado com parentes dos moradores. Mas à beira do lago estava tranquilo, vazio. Chovia sem parar e estava frio, mas Kyle e Julia haviam criado Meredith em uma ilha, todos estavam acostumados à umidade. Sam estava congelado até os ossos. Kyle e Julia andavam com as mãos nos bolsos de trás um do outro. Sam andava com as mãos debaixo das axilas. Meredith estava tentando controlar os cachorros quando Julia parou subitamente, virou-se para Meredith, e perguntou: “Como estamos ferrando você?”.

“O quê?”

“Como estamos ferrando você? Como pessoa? Diga. Podemos suportar.”

“Esta conversa não está ajudando muito.”

“Estou falando sério”, disse Julia, parecendo estar mesmo, embora não fizesse muito sentido. “Posso dizer exatamente como meus pais me ferraram. Vovô nunca achou que o que eu fazia da vida era respeitável, e certamente nunca achou que fosse arte. Nunca perdoou a mim e a Kyle por vivermos da forma como vivemos, por criar você ‘no mato’, como ele dizia, como se tivéssemos entregado você aos lobos ou algo assim. E vovó, bem, você sabe que éramos próximas, mas olhe para isso aqui.” Ela acenou para as árvores que pingavam, o barro, o lago cinza misturando-se ao céu cinza, as folhas do outono amalgamadas numa pasta.

“Para o que estou olhando?”, disse Meredith.

“É magnífico. Toda essa natureza. Sinta o cheiro do ar.” Sam sentia. Alguma coisa estava apodrecendo. Mas ele entendeu o que ela estava dizendo. Para chuvoso e cinza e frio, *era* magnífico. A memória das montanhas debaixo de toda aquela neblina, mesmo se eles não as vissem novamente durante meses, sustentava-o em corridas longas. Uma garça levantou uma perna, devagar como em tai chi, e abaixou-a com cuidado infinito trinta centímetros adiante no tronco que estava atravessando, depois congelou como uma estátua para ter absoluta certeza de que tudo estava bem antes de desdobrar o outro membro telescópico e fazer o mesmo. Julia estava certa. Era bonito.

“Como isso é culpa da vovó?”, perguntou Meredith.

“Cinco quilômetros de casa e ela nunca me trouxe aqui em toda a minha infância”, disse Julia. “Se meu professor de artes da escola não nos tivesse trazido aqui para desenhar folhas, grama e barro, para sentar e respirar e simplesmente *estar*, eu nunca teria sequer sabido que existia. Se dependesse da vontade dos meus pais, eu nunca teria me tornado uma artista. Nunca teria saído da cidade. Teria me mudado para um apartamento na outra ponta do corredor e casado com um contador. Então estou perguntando, como estamos ferrando você?”

“Bem, eu gostaria de ter morado no mesmo andar que a vovó”, Meredith tentou. “Com meu pai contador rico. Sem querer ofender, pai.”

“Não ofendeu, querida.” Kyle tinha o mesmo olhar complicado no rosto que Sam podia sentir em si próprio — confuso, porém intrigado, e suprimindo tudo para não arrumar confusão.

“Além disso, você está prestes a matar meu namorado de frio”, Meredith completou. “Vamos voltar para o carro.”

“Todos os pais ferram os filhos de algum jeito. Só quero saber como”, Julia disse em voz baixa.

“O que trouxe isso à tona?”, Meredith perguntou.

Julia deu de ombros. “Acho que é porque esta é a primeira Ação de Graças depois que a vovó morreu. Sinto tantas saudades dela. Talvez eu estivesse tentando enumerar motivos para não sentir. Sabe? Como se, caso eu pudesse ficar com raiva dela, não ficaria tão triste por ela não estar aqui.”

“Está funcionando?”, disse Meredith.

“Não muito. Mas melhor do que qualquer outra coisa que eu tenha tentado.”

“Que mais você tentou?”

“Afundar na tristeza.”

“Está muito frio, mãe. Estamos encharcados. Vamos para casa jogar palavras cruzadas ou algo assim. Podemos pensar em maneiras como você me ferrou no caminho.”

“Obrigada, querida”, disse Julia, pondo o braço em volta de Meredith e andando de volta na direção de onde tinham vindo. “Você é uma boa filha.”

Foi depois de eles secarem e se esquentarem, depois de duas partidas de palavras cruzadas, depois de várias xícaras de chá e mais sobras de torta do que qualquer um deles estivesse a fim de comer, que o laptop de Meredith deixado aberto por engano começou a tocar.

Estava na ponta da mesa perto de Kyle. Ele olhou para o computador, deu uma quase risada abafada e desconfortável, depois

chamou Sam e Meredith na cozinha: “Diz aqui que a vovó está ligando. Vocês não conversam por vídeo com a vó Edie, conversam?”.

Meredith tentou decidir se conversar por vídeo com vovó Edie, sua outra avó de noventa e oito anos, demente, acamada, completamente surda, inveteradamente má, era uma história mais ou menos crível do que conversar com a avó morta.

“Clique em recusar”, disseram Meredith e Sam juntos.

“Tem uma foto da vovó”, disse Julia.

“É só um *bug* estranho”, disse Sam. “Clique em recusar, Kyle. Ou simplesmente feche o computador.”

Julia — incrédula, alarmada, empanturrada, aterrorizada, com medo de estar sendo assombrada, ou talvez simplesmente confusa com a tecnologia — esticou o braço por cima do marido e clicou em aceitar.

A janela abriu. Sam e Meredith saltaram na frente do computador.

“Oi, queridos”, disse Livvie. “Como vocês estão?”

Levou um tempo para Meredith recuperar a voz e decidir o que fazer com ela. “Tudo bem, vovó”, ela finalmente conseguiu. “Como vai você?”

“Ah, estou bem, querida. Você me conhece. Vocês estão ocupados? Queria dizer oi antes de sair para um filme daqui a pouco com a Charlotte e a Marta.”

“Estou tão contente que você ligou”, disse Meredith com uma voz fraca. Ela e Sam trocaram olhares de pânico. Qual a melhor forma de agir? Não conseguiam nem mesmo virar e olhar para Kyle e Julia. Mas também sabiam que havia somente uma forma de explicar aquilo. “Veja quem está aqui”, disse Meredith, e ela e Sam se afastaram da câmera devagar, aterrorizados.

Julia arregalou os olhos para a mãe diante de si, pálida como gesso, sem fala, atingida por um raio.

“Jules!”, disse a mãe, a única pessoa no mundo que a chamava assim.

Julia não disse nada.

“Estou tão feliz de ver você, querida. Estou com tantas saudades — ah, Kyle está aí também. A turma toda! Esqueci que

Meredith me disse que vocês viriam este fim de semana. Sinto muito estar perdendo o encontro.”

Julia não disse nada.

“Querida, Meredith contou que precisava falar com você? Nada de mais. Só queria conversar sobre uma ou outra coisa. Você poderia me ligar alguma hora semana que vem?”

Julia não disse nada.

“Contei a você sobre o Pedro, o Oleiro?” Ela tinha contado, é claro, muitas vezes. “Ele vende cerâmica na feira local aqui perto. Não é nem de longe tão bom quanto vocês dois.”

Julia não disse nada.

“Você sabe, ele faz canecas, tigelas, vasos, o de sempre. Também faz descansos de colher, bebedouros para passarinhos, cestos de pão, pratos. Faz até algumas bijuterias, e todo mundo adora seus anões de jardim. Mas nenhuma das coisas dele é tão bonita quanto as suas.”

Julia não disse nada mas caiu de joelho no chão da sala.

“Mas ele recebe encomendas. Vocês recebem encomendas? Talvez vocês devessem dar uma olhada nisso porque ele faz bons negócios. Também tem um website. Vocês têm um website? Talvez vocês devessem dar uma olhada nisso também porque acho que muitas pessoas fazem todas as suas compras on-line hoje em dia. Vou tentar me lembrar de trazer um folheto para você quando voltar para casa ou...”

“Faça parar”, Julia implorou, mal um sussurro, com os dentes cerrados.

Sam esticou o braço e fechou o laptop. Ninguém disse nada por um minuto. Finalmente, tremendo um pouco ele próprio, Sam começou a dar a explicação mais direta que conseguia formular. Parecia sua única opção no momento. “Nós — eu — improvisei um script, um programinha, no computador. Ele manda e-mails da conta de Livvie. Em nome dela. Como ela mesma faria. E ele replica as conversas em vídeo dela do mesmo jeito.” Dito em voz alta daquela forma, não parecia tanto irreal mas sim infantil, até mesmo tolo.

“Você invadiu a conta dela?”, disse Kyle.

“Não exatamente.”

“E mandou e-mails fingindo ser ela?”

“Não, eu não mandei nada...”

“Vocês acham isso engraçado?”, Kyle estava começando a levantar a voz.

“Não é uma piada”, Meredith insistiu. “E não é Sam. É um algoritmo, um programa. O computador lê todos os e-mails que a vovó me mandou e as minhas respostas, olha nossas conversas, sabe como ela escreve e pensa, como ela se expressa e fala, e compila e-mails escritos por ela.”

“Não posso ouvir isso”, Julia disse olhando para baixo.

“É difícil entender no começo”, disse Meredith.

“Difícil... Vocês dois estão loucos? Por que vocês fariam isso?”, Kyle estava quase gritando.

“Não é real”, Sam disse. “Não é ela de verdade...”

“Bem, não”, disse Kyle. “Porque ela morreu.”

“Mas você teria que saber”, Sam continuou.

“E daí, se o programa finge ser ela?”, ele disse.

“É mais como se ele adivinhasse por ela. Ele adivinha muito bem o que ela diria”, disse Sam.

“Então é como se ela ainda estivesse viva, na Flórida, ainda conosco”, Meredith acrescentou desesperadamente. “Porque não há diferença entre o que ela mandaria por e-mail se ela ainda estivesse viva e o que ela manda agora que ela... não está mais. Porque você ainda pode ver seu rosto e ouvir sua voz e ter uma conversa com ela. Mãe?”

Mas Julia sacudiu a cabeça com força e não levantou os olhos. “Por que eu... faria uma merda dessas com a minha mãe morta?” Sam via todo o corpo dela tremendo.

“Você não está fazendo uma merda com ela”, disse Sam tão gentilmente quanto conseguia, “porque não é ela, na verdade.”

“Por que eu faria uma merda dessas com as memórias dela — com as minhas memórias — com esse... esse truque estúpido, esse brinquedo?”

“Você poderia escrever para ela, mãe”, Meredith explicou docilmente, “e ela escreveria de volta. Você poderia ligar para ela. E ela atenderia. E falaria com você.”

“Não, ela não falaria.” Julia estava com raiva, mas bem quieta.

“Porque ela se foi. Ela morreu.” Então Julia se levantou. Foi à varanda e agarrou as grades com as duas mãos como se estivesse pensando em saltar por cima. Ou quebrá-las. Meredith começou a andar na direção dela, e Kyle se levantou para pará-la, para dizer a ela que desse um pouco de espaço para sua mãe e tempo para se recuperar, mas a filha não havia acabado de argumentar.

“Não queríamos que você descobrisse dessa forma”, Meredith disse para a mãe, como se a forma como descobrira fosse a maior objeção de Julia.

“Você não queria que eu descobrisse nunca. Você nunca ia me contar.”

“Eu ia. Queria. Porque... ela tem perguntado por você.”

“Pare de dizer ‘ela’. Não sei o que Sam inventou ali, mas não é um ‘ela’, e definitivamente não é ela.”

“O programa”, Meredith consentiu. “Tem perguntado por você. Ele se pergunta por que você não ligou.”

“*Porque ela está morta.* Meu Deus, Meredith, você está ouvindo o que está dizendo?”

“Mas esse é o ponto. Não é real. Sei disso. Mas ainda assim falo com a vovó, ainda assim a vejo. Você não daria qualquer coisa para vê-la novamente?”

“Sim. Daria.”

“É isso que ele é.”

“Não, não é.”

“Não está fazendo mal a ninguém.”

“Está fazendo mal para mim.”

“Por quê?”

“É errado se lembrar dela dessa maneira.”

“Qual a maneira correta de se lembrar dela, mãe?”

“Você olha fotografias, Meredith. Conta histórias. Que diabos, você está vivendo no apartamento dela. Como é que isso não é...”

“Suficiente?”, Meredith sugeriu.

Julia parou. “Nunca é o suficiente, eu sei. Mas aquilo ali... é simplesmente errado.”

“Por quê?”, Meredith pressionou.

“Porque não é ela. Tudo que eu tenho dela são minhas lembranças e...”

“E nós as estamos usando. É o que estamos usando. Suas lembranças. Mas as dela também. Não é legal que elas não se percam simplesmente?”

Julia olhou para a filha por trás de lágrimas que escorriam sobre seu rosto e para dentro da gola alta de sua roupa. Puxou a filha para junto de si e acariciou seu cabelo, segurou-a por alguns minutos confusos e depois sussurrou: “Meredith. Eu te amo. Mais que qualquer pessoa. Isso sempre será verdade. E você é uma menina grande agora — inteligente, aberta, uma boa pessoa. Mas não sei o que você está fazendo com isso. Não sei se você sabe o que está fazendo. É errado. É cruel. É egoísta. E, acima de tudo, não é o que sua avó teria desejado”.

Sam observou da sala. Meredith estava olhando para os próprios pés, os braços cruzados sobre o peito, os ombros caídos. Ele viu um flash repentino, carinhoso, de como deveria ter sido colocá-la de castigo quando era adolescente. Mas então ela se recompôs.

“É assim que você me ferra, mãe. Você ferra comigo. Todo jeito que não é o seu jeito é errado. Todo mundo que discorda de você é moralmente deficiente. Eu gosto de viver em uma cidade em vez de numa ilha. Gosto deste grande e velho prédio de onde você não podia esperar para sair e de todas as pessoas fazendo compras no centro que você desdenha porque estão comprando coisas que não foram feitas à mão. Passei anos me sentindo culpada por isso tudo até perceber que o que você pensa não estava certo. Era só a sua opinião, sua opinião julgadora e parcial, e eu tinha direito à minha também.”

“Essa não é minha opinião, Meredith. Se aquela coisa ali fosse boa, você não teria que mantê-la em segredo. Não quero estar com você quando você está desse jeito. Eu te amo, mas quero ir para casa.”

Meredith suspirou. “Você sempre quer ir para casa, mãe.”

“É simplesmente errado, Meredith. Não quero fazer parte disso, e não quero ver você fazer tampouco.”

Julia foi para dentro e começou a fazer as malas. Nem sequer olhou para Sam. Disse a Kyle para dizer adeus e que estaria esperando no carro. Tirou duas canecas azul-escuras da mala,

colocou-as em cima do laptop fechado, beijou a filha no alto da cabeça abaixada, e fechou a porta atrás de si sem mais uma palavra.

“Pai...”, Meredith começou.

“Simplesmente pare”, ele disse a ela.

“Pare o quê?”

Ele não disse. “Ela ficou acordada até tarde terça-feira colocando estas no forno.” Ele acenou com a cabeça em direção às canecas. “É um novo esmalte que estamos testando. Bonito, não é?”

“São... maravilhosas”, Meredith conseguiu dizer, sendo um novo assunto a única opção para conversa, evidentemente.

“Estamos indo para casa”, disse o pai. “Mas vamos ligar assim que as coisas... quando ela se acalmar. Ou, diabos, talvez você não precise de nós para conversar com a gente de qualquer jeito. Talvez só estejamos freando o processo.” Ele beijou Meredith e seguiu a esposita porta afora.

Meredith sentou-se com a cabeça entre as mãos por meia hora. Sam fez café e encheu as canecas novas.

“Não correu bem”, disse Meredith.

“Não”, concordou Sam.

“Devíamos ter simplesmente fechado o computador quando minha avó disse oi. Eles não teriam percebido. Não teriam adivinhado.”

“Não.”

“Podíamos ter explicado tudo para a vovó depois. Ela entenderia.”

“Não, Merde, ela não entenderia nada. Mas tudo bem. Porque não é realmente ela. A única ‘ela’ que pode entender ou não entender se foi.”

Meredith pensou um pouco. “Você sabe o que fizemos de errado? Mostramos para eles por engano.”

“Não acho que seja bem isso.”

“Poderia ter sido melhor se tivéssemos preparado meus pais para isso. Apresentado com calma.”

“Com calma como?”

“Temos que dar um desconto”, ela disse. “Eles não estão acostumados com a tecnologia. Não ficam cem por cento confortáveis com e-mail normal, imagine e-mail de uma pessoa

morta. Nunca gostaram de conversar por vídeo. Mas talvez eles mudem de ideia.”

“Não vão mudar. Não deviam. Não é para eles. Sempre foi só para você.”

Meredith não estava escutando. “Eles não são as pessoas certas para isso. Não são um bom teste.”

“Teste?”

“Sou uma idiota. Sabe para quem deveríamos ligar? Dashiell! É claro, Dashiell. É óbvio! Como não pensei nisso antes?”

Sam não respondeu. Não estava totalmente certo do que ela estava pensando, mas tinha certeza de que a última pergunta era retórica.

Primo Dash

Dashiell era o tipo de primo (com o tipo de dinheiro) para quem você podia ligar lá pelas duas e meia no dia seguinte à Ação de Graças, quando seus pais iam embora furiosos depois do almoço, e ele chegaria lá a tempo de jantar no fim da noite, trazendo o melhor vinho que você havia tomado desde a última vez que o vira e bolo de chocolate do Hellner's, a loja no final da rua onde morava que fazia o melhor bolo de chocolate da parte conhecida do universo. Sam esperava que talvez a questão fosse que Meredith quisesse estar com alguém da família e não que ela estivesse surtando. Para ele era difícil saber, porque sua família sempre havia sido ele e seu pai, desde que ele conseguia se lembrar. Ele esperava que aquilo não fosse só o desespero súbito e insensato de Meredith por compartilhar Livvie. Era Ação de Graças, ela havia perdido a avó, e agora seus pais estavam com raiva dela, mais distantes ainda que o normal. Sua família estava se desmantelando. Ela tinha que chamar reservas. Sam achava que Dash, com todo o seu ar chique de LA, seu cool hollywoodiano, contatos e bajuladores, era o cara errado para essa tarefa, mas isso era porque Sam não o conhecia realmente. Dash escutou horrorizado e com simpatia quando Meredith contou que seus pais estavam bravos com ela (embora não tenha dito por que, estava deixando para mais tarde), compartilhando o drama familiar, concordando que não havia um sentimento pior no mundo do que desapontar pai e mãe. Largou tudo e foi direto para lá.

Primeiro, ficaram todos bêbados. Meredith tinha aprendido com Julia e Kyle que o estado sóbrio não era o melhor para receber aquela notícia. Não havia como entrar no assunto com calma (“Então, tem tido notícias de Livvie recentemente?”), por isso decidiram entrar bêbados, aos trancos e barrancos. Mas no fim,

como com seus pais, parecia mais fácil simplesmente mostrar a ele do que contar. Podiam ligar para Livvie no meio da noite afinal de contas. Ela não estava realmente dormindo.

“Tem alguém com quem quero que você fale por vídeo”, disse Meredith.

“Qualquer amigo seu é amigo meu, baby”, disse Dash. “Você sabe.”

O toque falso do telefone, a conexão, por um instante conseguiam ver somente a si mesmos olhando ansiosamente para o nada, e depois uma janela abriu, e lá estava Livvie. Ela ficou contente de ver Meredith, mas ficou sem fôlego de alegria ao ver Dash ali também. Costumava conversar regularmente com cada um, mas ver os dois juntos era especial.

“Dash! Não sabia que você estava aí.”

A boca de Dashiell se abriu imediatamente — hábito ou talvez choque — mas, pela primeira vez que Meredith se lembrava, não saiu nada.

“Foi uma visita muito espontânea”, interveio Meredith. “Mas queríamos dizer oi.”

“Estou encantada”, disse Livvie.

Dashiell não disse nada.

“Ah, queria estar aí com vocês. Como você está, Dash?”

Uma pausa enquanto o cérebro de Dashiell zunia. “Estou... bem?”, perguntou.

“Ah, você parece ótimo”, Livvie disse entusiasmada. “Como está LA?”

“Está... bem?”, adivinhou Dash.

“Como está o trabalho, querido? E aquele negócio com o cara do filme sobre os oricteropos? Como foi?”

Dash pareceu ainda mais atordoado, o que não parecera possível no instante anterior. “Foi... foi bem. Deu certo. Foi ótimo.”

“Ah, querido, estou tão orgulhosa de você. Tenho netinhos tão espertos. Vocês estão fazendo uma festa?”

“Mamãe e papai foram para casa hoje à tarde”, disse Meredith. Dash parecia que ia cair.

“Bu para eles. Vocês vão se divertir mais sem eles de

qualquer jeito. O que vocês estão fazendo?”

“Ah, o de sempre”, disse Meredith. “Vinho, bolo, bate-papo.”

“Bom, não fiquem acordados até tarde”, advertiu Livvie. “Conheço vocês dois. Vão ficar a noite toda acordados tagarelando e depois vão passar o dia todo mal-humorados e resmungando amanhã.”

“Não me sinto mal-humorado nem resmungão”, Dash conseguiu dizer.

“Você está dizendo isso agora. Mas vamos ver amanhã. Escutem, queridos, tenho que ir. Vamos tomar *piña colada* na casa da Marta” — Meredith e Sam trocaram um olhar. Era por isso que ela tivera que ir naquela primeira vez. Pane no sistema? Loop de respostas limitado? Coincidência? Promoção de leite de coco? — “mas ligo de manhã. Amo todos vocês. Beijos!” E ela se foi.

“Putá. Merda”, disse Dash.

“Não é?”, disse Meredith.

“Quão bêbado estou?”

“Muito”, disse Meredith.

“Não era... como vocês...? Não era uma conversa antiga.”

“Não.”

“Era nova.”

“Sim.”

“Não foi feito a partir de conversas... aquela coisa dos oricteropos foi a última conversa que tive com ela.”

“Sim.”

“Antes de ela *morrer*.”

“Sim.”

“Você me ligou. Você a encontrou em casa. Aqui. Morta.”

“Sim.”

“E eu estava no enterro. Eu a vi no caixão. Carreguei o caixão até a cova. Coloquei o caixão no chão.”

“Eu lembro”, disse Meredith.

“Vocês a ressuscitaram? Se sim, podem me contar, sabe. Assisti um monte de filmes de zumbi e vampiro, li histórias de fantasma. Conheço o negócio.”

“Não”, disse Meredith com tristeza. “Ela ainda está morta.”

Dash pensou um pouco, depois serviu-se de mais um copo de

vinho e olhou para Sam franzindo a testa. Depois virou para Meredith. “Era com isso que a vovó estava preocupada, sabe.”

“Que eu comesse um bolo de chocolate praticamente sozinha de uma vez?”

“Que você se apaixonasse por um nerd da computação. Certeza, eles recebem opções de ações da empresa como parte da remuneração e são sarados, mas e aquele lado escuro do gênio que reanima os mortos?”

“Certo, comece devagar. Do começo. Conte como funciona”, Dash começou a conversa na manhã seguinte, com um drinque para curar a ressaca (Bloody Mary), estimulante para superá-la (café americano), e todos os carboidratos que estavam ali por cima para absorver tudo (bagels, sobras da torta de Ação de Graças e umas panquecas congeladas suspeitas). “Na verdade, não; comece com *por que funciona*.”

“Bom, funciona porque a maior parte das interações humanas é previsível. Especialmente entre pessoas que se conhecem bem”, explicou Sam.

“Nada em mim é previsível”, disse Dash. “Sou uma constante, encantadora surpresa. Como aquela coisa dos oricteropos. Ninguém podia prever aquilo.”

“Bom, isso é fácil”, disse Sam. “Você está vivo.”

“E daí?”

“E daí que você pode variar o que diz, mas a resposta continua mais ou menos a mesma. O que quer que seja que você está fazendo, qualquer que seja o negócio em curso, o filme em produção, ela sempre vai dizer, ‘Que empolgante!’ e ela fica tão orgulhosa de você. Você nunca vai ter um debate profundo com ela sobre os prós e contras de um investimento versus outro. Você dá a ela uma visão geral. Ela faz elogios genéricos. Conta sobre a praia e o tempo. Só.”

“Então você está dizendo que *eu* sou uma surpresa constante, encantadora surpresa, mas minha avó — amada matriarca e doadora de genes a sua namorada aqui — era cansativa e tediosa?”

“Não, estou dizendo que porque vocês tiveram tantas

conversas parecidas de novo e de novo, pequenos desvios não atrapalham o padrão geral que você nem mesmo enxerga, mas o computador sim. Você fecha o negócio com o cara dos oricteropos, e ela fica orgulhosa de você. Troque os oricteropos por porquinhos-da-índia, balões ou queijo, troque fechar um contrato por cozinhar um prato ou ser feliz de fato, e o computador sabe que ela ainda estaria orgulhosa de você.”

“E se fosse apalpar alguém sem recato?”, Dash perguntou.

“Muito bom gosto”, disse Sam.

“Não, estou falando sério. E se eu fizesse alguma coisa completamente atípica? Ela ainda ficaria orgulhosa de mim se eu apalhasse alguém sem recato ou matasse um pato?”

“Não sei”, Sam admitiu. “É uma boa pergunta. Mas Meredith não me deixa mexer com o programa.”

“Com ela”, Meredith disse. “Não vou deixar você mexer com ela. Minha avó morta. Sou uma chata mesmo.”

“Mas não existe ela na verdade, certo?”, Dash esclareceu. “Você não dotou o computador da consciência dela, não é?”

“Não estrague a ilusão”, disse Meredith.

“Não é uma ilusão na verdade”, disse Sam. “Não é colocar a consciência de Livvie em um computador. Mas é real.”

“Detesto soar como um poeta adolescente chapado”, disse Dash, fazendo a voz soar como a de um poeta adolescente chapado, “mas o que é real, cara?”

“O computador faz uma compilação depois uma projeção. Ele olha todo o arquivo eletrônico dela e...”

“Isso não é invasão de privacidade?”

“Sim, mas ela está morta e é da família, então me sinto tranquilo em fazer isso. E também é ela, o eu público dela, o eu que ela deu para você antes. Ele não sabe nada que ela estivesse mantendo em segredo. O programa simplesmente recria a versão de Livvie que ela já estava sendo para você. E então vira somente uma questão de padrões. Quais são as chances de ela mencionar a praia e o tempo quando vocês conversam? Cerca de noventa e nove vírgula nove por cento. Quais as chances de você só contar a ela sobre as partes boas e agradáveis do seu trabalho?”

“São só essas partes que existem, baby”, disse Dash.

“E então quais são as chances de ela dizer que está orgulhosa de você? Noventa e nove vírgula nove por cento. Fácil.”

Na praia

Dashiell voltou para LA, e Meredith continuou a mandar e-mails para a avó e a ter conversas de cinco minutos com ela dia sim dia não, mas era só. Não estava obcecada. Não estava mal-humorada. Não estava sentindo saudades demais. Ou de menos. Tinha voltado a ser, tanto quanto Sam podia perceber, como era antes. O namoro deles havia sido estranho. Sem aquela viagem para Londres bem no momento em que seus olhos brilhavam mais, sem o desespero causado pela separação, a insanidade causada pela ausência, talvez eles tivessem passado mais tempo na fase de sair, de se conhecer, fazer-se de difícil, agir de modo recatado. Talvez pudessem até ter voltado a essa fase se ele não tivesse encontrado tragédia na volta e a demanda implícita de que ele estreitasse o relacionamento como um namorado de longa data ou desse o fora para sempre. Estava feliz de estreitar os laços, é claro. Fora um atalho no relacionamento, uma escada secreta para conhecer a família, os bons e os maus momentos, a parte em que ele tinha que provar estar disposto a longo prazo. E, mesmo depois disso, eles poderiam ter voltado um ou vários pontos na escala, mas ali estava aquele apartamento e Meredith desesperada para viver nele e não fazê-lo sozinha. Ele não estava reclamando, de forma alguma, mas era estranho.

Que ela tivesse desaparecido ali por um tempo, obcecada, melancólica, fechada e triste parecia compreensível. Mas agora as coisas estavam se assentando. Ela estava se acostumando. Estavam recuperando o atraso no próprio relacionamento, começando a pensar naquele como o apartamento deles e não de Livvie, encontrando um ritmo nos dias e semanas. Sam começou a pensar em conseguir trabalho. Meredith começou a pensar que talvez eles deveriam ir para algum lugar juntos, não para a Flórida, é claro,

mas algum lugar quente. Eles se aninhavam — passavam noites comendo em frente à lareira, convidavam Jamie para jantar e compraram uma cortina para o chuveiro e toalhas de banho. Uma noite depois do jantar, enrolada no sofá, Meredith levantou os olhos do chá e do livro para dizer: “Aliás, obrigada”.

“Por quê?”

“Por me ajudar a dizer adeus a minha avó.”

“De nada”, disse Sam.

“Acontece que eu te amo, você sabe”, ela disse.

“Eu sei”, ele disse, e sabia, mas ainda assim achava que ouvia a dizer isso era a melhor coisa que já tinha acontecido. “Também te amo.”

Por ajudá-la a dizer adeus a sua avó. Não por ajudar a mantê-la em contato com a avó. Não por dar-lhe a avó de volta. Não por fazer os mortos viverem de novo. Por ajudá-la a dizer adeus. Isso era bom, Sam concluiu. Não era errado ou exploração. Uma coisa gentil, generosa, boa.

Parecia um doce momento, mas olhando para trás, mais tarde, Sam podia ver que esse fora o motivo pelo qual, quando Dash ligou para conversar por vídeo sobre sua hipótese, Sam não disse: “Dash, você é um lunático. É uma péssima ideia. Saia de perto de mim”, ou: “Dash, você está delirando. Nunca vai funcionar. Saia de perto de mim”, ou: “Dash, você é doente. Não pode ser. Saia de perto de mim”. Em vez disso, Sam disse: “Hummm, não sei, mas é uma pergunta interessante”.

“Podemos pensar a respeito?”

“Claro.”

“Pessoalmente?”

“Claro. Venha para cá este fim de semana.”

“Por que vocês não pegam o avião para cá?”, Dash disse. “Um amigo vai fazer uma festa imperdível na praia amanhã.”

“Uma festa na praia? Você está me zoando?”, Sam era da Costa Leste de coração e tinha uma questão pessoal com o tempo de Seattle — onde o clima estava perto de cinco graus, oscilando entre chuva, chuva gelada, granizo e neve.

“Vocês têm alguma festa na praia para ir aí?”, Dash perguntou inocentemente.

“Vemos você na esteira de bagagem do aeroporto pela manhã”, disse Sam.

*

A festa era como um daqueles programas de tv com colegiais em cidades de praia — montes de comida, álcool, música e pessoas bonitas, céu limpo, fogueiras que faziam os festeiros parecerem cool e ao mesmo tempo se aquecerem, todo mundo usando malhas e sandálias de dedo. Dash se misturava aos convidados com destreza, e Sam e Meredith iam atrás dele, observando um pouco espantados e um pouco sem jeito, esperando serem apresentados conforme Dash abraçava cada um ou beijava em ambas as bochechas ou apertava calorosamente a mão de alguém. Para Sam, cujas habilidades sociais eram titubeantes, na melhor das hipóteses, era um espetáculo impressionante.

“Meredith, meu bem, este é o amigo querido sobre quem estava falando, que faz as bolachas de maçã mais perfeitas do mundo”, disse Dash, uma mão no ombro de um cara descalço, vestindo terno e um chapéu de caubói, e a outra no ombro de Meredith, que não fazia a menor ideia do que ele estava falando. Dash nunca tinha mencionado bolachas de maçã nem um amigo querido que as fizesse, mas o cara sorriu e abraçou Dash e prometeu dar-lhe uma fornada fresca de manhã. Sam admirava a habilidade de usar um terno descalço, e um chapéu de caubói com qualquer coisa, mas não tanto quanto a habilidade de Dash de conversar com todo mundo e fazer todos se sentirem bem e especiais.

“Quero que vocês conheçam o incomparável ls”, Dash disse da próxima pessoa que encontraram.

“Mitch Carmine”, disse ls, apertando a mão de Sam. “Prazer.”

“Esta é minha parente preferida, viva ou morta”, disse Dash, apontando para Meredith, “e o namorado gênio dela, meu segundo parente preferido.”

“Como é que Mitch Carmine vira ls?”, Meredith perguntou.

Mitch Carmine deu de ombros humildemente. “Aparentemente, tenho lábios suculentos.”

“Sem essa de aparentemente”, disse Dash. “Vou demonstrar mais tarde.”

Depois de intermináveis apresentações, que Sam esquecia instantaneamente, Dash serviu pratos em um bufê incrivelmente generoso, mantido por uma mulher que só podia ser modelo de lingerie, e acomodou-os em volta de uma fogueira perto da última duna da praia. Ele tinha ideias. Era romântico ali na duna com peixe grelhado nos dedos, margaritas nas mãos, fumaça nos olhos e o mar se estendendo diante deles para sempre, então talvez não fosse uma surpresa que estivessem sonhando grande e quase, mas não exatamente, desejando o impossível.

“Então, eu não consigo parar de pensar no seguinte”, Dash começou. “Esse programa que você preparou... funcionaria para qualquer um? Qualquer pessoa morta?”

“Teoricamente, acho que sim”, Sam pensou. “Ou qualquer pessoa viva, na verdade. Desde que tivesse comunicação eletrônica suficiente.”

“Você é o que você tuíta.”

“Exatamente.”

“Certo, mas todo o seu argumento sobre a vovó era que nossas conversas eram bem previsíveis. Ela sempre menciona o tempo na Flórida. Está sempre orgulhosa de mim independentemente dos detalhes do que esteja fazendo no trabalho. E pessoas com quem tive conversas mais complicadas, menos previsíveis?”

“Hum, interessante”, Sam refletiu.

“Não só interessante.” Os olhos de Dash estavam brilhando. “Se você pudesse fazer isso funcionar, podíamos vender. Conseguir um vc...”

“vc?”

“*Venture capital*. Investidores dispostos a nos financiar. Lançar uma pequena empresa que permita às pessoas se comunicarem com entes queridos falecidos.”

“Não”, disse Sam. “Não, não, não. Não. Não foi feito para outras pessoas. É só para Meredith. E para você, se você quiser.”

“Mas por que guardar para nós?”, disse Dash.

“Não acho que o público esteja pronto para isso.”

“Aposto que estariam, na verdade”, Meredith ponderou. “Pense em quanto da sua interação social todos os dias já acontece on-line.”

“Sim, mas por que íamos querer dividir isso?”, disse Sam.

“Bom, para começar, pelo dinheiro”, Dash disse.

“Não sei se vale a pena”, Sam interrompeu.

“Poderíamos todos nos aposentar.”

“Não, é melhor que isso”, disse Meredith. “Tenho sentido ultimamente que essa tecnologia é extraordinária demais para guardarmos para nós. Como se eu estivesse sendo egoísta. É um milagre mas só na sala da nossa casa. Não é isso que se deve fazer com milagres — guardá-los para si mesmo. Você deve dividi-los. Pense em quantas pessoas poderíamos ajudar. Você seria como o papa.”

“Não quero ser como o papa”, disse Sam.

“O papa não faz milagres”, disse Dash. “Ele reconhece milagres. Você seria como o Papai Noel.”

“Gordo e cercado de renas?”

“Santo e rico.”

“Papai Noel não é santo nem rico.”

“Claro que é”, disse Dash. “Papai Noel vem de são Nicolau, e são Nicolau era santo. E como você acha que ele consegue comprar presentes para cada criança no planeta?”

“Só para as que foram boas”, disse Sam.

“Ah, sim”, Dash assoviou, ignorando-o. “Rico como ele.”

“Quero uma casa na Espanha”, disse Meredith.

“Não é uma boa ideia”, disse Sam.

“Na Itália?”, disse Meredith.

“Por que não?”, disse Dash.

“Logo de cara?”, disse Sam. “Problemas com privacidade, com propriedade, com direitos autorais, com patentes, problemas de usuários, problemas ligados ao horror, problemas de ter que lidar com os problemas de outras pessoas. Problemas com explorar doença, morte e pessoas de luto.”

“Mas esses são só problemas”, disseram Meredith e Dash juntos. Eram parentes, afinal. “Podemos resolvê-los”, completou Dash, “se você resolver os problemas de tecnologia.”

“Os problemas de tecnologia são a parte fácil”, disse Sam. Não tinha certeza — na verdade, os problemas de tecnologia pareciam ser incontornáveis. Tinha dúvidas de que conseguisse. Mas tinha ainda mais dúvidas de que devesse fazê-lo. “Lembra de como sua mãe reagiu? Ela ficou tão brava. Ficou aterrorizada, alarmada, ofendida, enraivecida. Achei que ela fosse pular da sacada.”

“Mas olhe para mim”, disse Meredith. “Veja o quanto me conforta. Pense no que poderia fazer por outras pessoas. Você se sente tão mal pelas pessoas de luto, mas você não sabe o que dizer ou como ajudá-las. Você diz que sente muito e talvez prepare alguma coisa de comer para elas, mande flores ou uma doação, e o que mais pode fazer? Desse jeito poderíamos realmente fazer alguma coisa, realmente ajudar. Não podemos curar a morte, a tristeza ou a saudade, mas podemos acalmar, facilitar, aliviar. Podemos ajudar as pessoas a se lembrar. Podemos ajudá-las a seguir em frente. Podemos ajudá-las a se sentir melhor sobre a pior parte da vida.”

“Não era só que ela não queria usar”, disse Sam. “Sua mãe estava com raiva de que o programa simplesmente existisse.”

“Não é da conta dela”, disse Meredith simplesmente. “Se as pessoas não gostarem, não precisam usar. Mas pense em quanto podemos ajudar todas as outras.”

Estavam atordoados e tontos — com as possibilidades, ondas batendo, o vento no cabelo e areia entre os dedos dos pés. Alguém tinha feito uma seleção de músicas lentas dos tempos de escola, e logo todos estavam recriando o baile da oitava série, fingindo segurar o par com gestos duros, tendo conversas estranhas de adolescente e agradecendo em silêncio por serem finalmente adultos. Dash foi ficar com *Is*, e Sam segurou Meredith mais perto do que o Sam de treze anos jamais teria ousado. A pele dela cheirava a mar, o mar cheirava a mar, e eles mal moviam os pés, só estavam ali, colados um ao outro da cabeça aos pés. Sam já sentia o coração batendo forte contra ela embora não houvesse nada a temer ainda, e então interpretou como alegria, alegria de fazer o coração bater depressa, de alterar o pulso. Não como premonição. Não como o momento de pegar a mão dela e fugir.

“Quero falar com você”, Dash implorou na manhã seguinte.

“Você está falando comigo”, disse Sam.

“Não você de verdade”, disse Dash. “O não-você. O você-morto. Ajudaria se eu envenenasse seu café?”

“Provavelmente não a longo prazo”, disse Sam. “De qualquer jeito, não vai funcionar para nós.”

“Por que não? Nós dois temos toneladas de correspondência eletrônica.”

“Mas não juntos.”

“Já conversamos por vídeo.”

“Não o bastante. É não sobre coisas o bastante”, disse Sam e, quando ainda estavam discutindo três horas depois, decidi demonstrar. Quando estava pronto, Dash se sentou sem jeito e nervoso bem na frente da câmera do computador, fez a chamada e observou uma janela abrir e mostrar um segundo Sam, um Sam do mundo dos mortos.”

“Oi, cara”, Dash disse casualmente.

“Oi, Dash”, não-Sam disse, aparentemente contente de vê-lo.

“Como vão as coisas?”

“Bem. Como você está?”

“Bem.”

“Quer falar com a Meredith?”, não-Sam presumiu.

“Não, cara, liguei para falar com você.”

“Oh-oh. A internet sem fio não está funcionando de novo?”

“Está sim”, disse Dash.

“Pegamos você no embarque em vez do desembarque”, não-Sam explicou. “É menos cheio a essa hora.”

“Não, vocês vieram para LA, lembra?”, Dash disse.

“Vemos você na esteira de bagagem do aeroporto pela

manhã”, disse não-Sam.

“Não sou um agente de viagens, cara.”

“Quer falar com a Meredith?”

Dash virou de costas para a câmera e olhou para o Sam verdadeiro. “Não-Sam é bem burro.”

“Não é burro, só limitado. Fale de alguma coisa. Talvez ele funcione melhor com um objetivo claro.” Sam verdadeiro sabia que jogar conversa fora não era o forte de não-Sam.

“Escute, liguei porque... ah... hum... queria... a sua receita de tamale”, tentou Dash absurdamente. “Vou fazer um jantar esta noite, e achei que seria um bom complemento.” Meredith estava rindo tanto que não conseguia respirar. Sam simplesmente abanou a cabeça. Dash deu de ombros desamparado. Estava claro que devia ter feito um roteiro antes de ligar. Enquanto isso, Sam podia ver as engrenagens trabalhando na cabeça de não-Sam e ouvi-las no processador do laptop que estava rodando não-Sam ali na frente.

“Você está tirando com a minha cara?”, perguntou não-Sam, abrindo um sorriso, e Sam verdadeiro ficou intrigado, surpreso com que a projeção soubesse que Dash estava dizendo coisas sem sentido, impressionado com que ela não estivesse confusa mas sim certa de que estavam caçoando dela.

“Não”, Dash disse. “Não estou tirando com você.”

“Tudo bem”, não-Sam respondeu e depois completou esperançoso, “quer falar com a Meredith?” Saiu da tela e foi chamá-la. E não voltou.

“Bom, foi bem”, Dash disse a Sam. O Sam verdadeiro.

“Não é disso que se trata. Acho que você não está entendendo o que está acontecendo. O programa funciona modelando você e eu e o nosso relacionamento. Do jeito que sempre é.”

“Do jeito que é normalmente”, disse Dash.

“Funciona porque eu sou quem geralmente sou, do modo como sou. Você é quem geralmente é e do modo que é. Juntos, somos sempre praticamente a mesma coisa.”

“Um tédio?”

“Padronizados. Previsíveis.”

“Chatos.”

“Seu argumento é que seríamos mais interessantes se

passássemos bastante tempo juntos trocando receitas surpresa?”

“Talvez.”

“Você me liga para discutir a que horas pegamos você no aeroporto ou que horas você nos pega no aeroporto ou porque sua internet sem fio não está funcionando. Ou para falar com Meredith. Só. Em todo o nosso relacionamento até agora, foi assim. Quando de repente baixa *La Cocina Mexicana* em você, o computador não consegue entender. Não tem base para isso. Não funciona.”

“Vai ter que funcionar”, disse Dash.

“Ou você poderia ser menos estranho”, sugeriu Sam.

“Poderia. Mas nem todo mundo vai querer ser menos estranho.”

“Vão querer”, Sam insistiu. “É exatamente esse o objetivo. As pessoas só iam querer — só conseguiriam — fazer isso com pessoas queridas, pessoas de quem elas tivessem sido realmente próximas e com quem tivessem intimidade. Veja a Meredith. Tudo que ela quer de Livvie é o que tinham antes. A melhor parte dos relacionamentos como esse é o conforto, a familiaridade, alguém que diz o que você precisa ouvir. É bom ter alguém que consegue terminar suas frases. É bom ter atalhos de linguagem, piadas internas, um entendimento perfeito. De vez em quando talvez você queira sair com uma pessoa nova e surpreendente numa sexta-feira. Mas quando alguma coisa boa acontece, ou quando alguma coisa ruim acontece, você liga para nós, para Livvie ou para os seus pais. Você liga para casa. É esse o serviço, *o único serviço*, que poderíamos oferecer.”

“Se só funciona quando as pessoas dizem o que normalmente dizem”, disse Dash, “não funciona. Na verdade não funciona nem um pouco.”

Era isso que Sam estava tentando dizer desde o princípio. Depois pensou em outra coisa, que havia esquecido desde Meredith. Era o seguinte: estar solteiro era um saco, e era legal amar e ser amado. Foi até Meredith e abraçou-a por um tempo. Depois Sam se lembrou de outra coisa. Havia mais em não-Sam do que hábito e o que ele geralmente dizia a Dash. Havia o que não-Sam dizia para todas as outras pessoas. Havia o que não-Sam escrevia e lia, mandava por e-mail, pesquisava, comprava on-line,

postava, via, clicava. Havia muita coisa de não-Sam por aí afora e, na verdade, não tanto por aí afora quanto *ali dentro*, no computador, bem onde não-Sam vivia. Sam verdadeiro não estava convencido. Mas estava um pouquinho curioso.

Da segunda vez, Dash foi direto ao ponto.

“Oi, Sam. Então, estou ligando para pegar a sua receita fantástica de tamale. Vou fazer uma festona de Natal hoje. *Cinco de mayo*.”

“O Natal é em dezembro”, disse não-Sam. “*Mayo* quer dizer maio.”

“Tanto faz”, Dash deu de ombros.

Não-Sam pareceu confuso. “Por que você está ligando?”

“Para pegar a receita de tamale.” Desta vez Dash pareceu seguro. E era isso que estava confundindo não-Sam, que estava inclinado a responder como sempre respondia aos pedidos diretos de Dash. Mas não-Sam nunca tinha discutido tamale em uma conversa por vídeo antes. Não tinha a receita de tamale em seus e-mails, seus documentos ou favoritos. Nunca tinha comprado tamale on-line, nem lido críticas de um restaurante que servisse tamale, nem baixado um filme onde aparecesse tamale. Sam sabia que não-Sam achava tamale bem inosso e geralmente seco, e achava que Dash estava agindo de um jeito muito, muito estranho. Ele e Sam concordavam nesses pontos. Não-Sam ficou calado por um tempo atipicamente longo, depois virou para Dash e disse: “A cidade natal de Tom Holly é Baltimore, Maryland, mas ele atualmente vive em Richmond, Virginia, com a esposa, Bethany, e as gêmeas, Emmalou e Emilee”.

Todos se entreolharam inexpressivamente, incluindo não-Sam. “É isso que você está me perguntando?” Parecia confuso, intrigado, e ligeiramente preocupado, ciente de que algo estava estranho, sem ter certeza do quê.

“Tom Holly! Amigo do colégio”, Sam verdadeiro finalmente se deu conta. “Tamale. Tom Holly. Deve ter tirado do Facebook. Não pensava nele há anos.”

“Sim, sim, exatamente o que eu pensei”, Dash recuperou-se. “Um amigo de um amigo tem negócios lá, ouviu o nome dele, e me perguntou sobre o contato.”

“Ahhh”, não-Sam parecia satisfeito.

“Bom... obrigado, Sam. Foi bom falar com você. Ahn... mande beijos para Meredith.”

“Valeu, cara. Vou mandar. Bom ver você também. Até.”

Dash desconectou e virou os olhos para Sam. “Então quando eu ajo de forma estranha, não funciona. E se eu ajo normalmente, também não funciona.”

“Você estava agindo normalmente”, disse Sam. “Mas estava dizendo coisas estranhas. Mas foi melhor.”

“Não acho.”

“Vamos tentar de novo.”

Sam estava entretido. Percebera outra coisa enquanto observava não-Sam lutando para identificar Tom Holly. Não havia motivo para limitar não-Sam a suas próprias memórias eletrônicas. Não-Sam tinha todo o mundo disponível porque, é claro, tinha uma conexão de internet.

“Oi, Dash”, disse não-Sam quando atendeu. “Bom ver você.”

“Escute”, disse Dash, devagar, claramente, como se estivesse falando com uma criança. “Sei que vai parecer um pouco estranho, mas estava pensando se você poderia me dar a sua receita de tamale para uma festa que vou fazer este fim de semana.”

Longa pausa. “Tenho uma receita de tamale?”, perguntou não-Sam.

Uma pequena vitória. Sam verdadeiro comemorou fora da câmera.

“É”, Dash disse evasivamente, “daquele negócio que você fez aquela vez. Quando fomos naquele lugar. Sabe?”

O algoritmo desistiu de não-Sam. Em vez disso, procurou online e conseguiu entender que tamale era um prato mexicano que consistia em uma massa de milho recheada com algum tipo de vegetal, queijo ou carne — geralmente de porco — cozida no vapor. Mas não-Sam nunca havia procurado o endereço de um mercado mexicano, nem escrito num blog sobre uma barraca de taco fantástica no estacionamento do prédio ou dado nota para um restaurante mexicano on-line. O algoritmo foi no Google mas não conseguiu encontrar referências ao termo “receita de tamale” como gíria, piada, expressão sugestiva, alusão ou metáfora que se

parecesse com algo que não-Sam ou Dash diriam. Finalmente não-Sam informou Dash sobriamente: “Tamale é uma cidade em Gana, na África Oriental. É a capital da região norte”.

Agora Dash era quem parecia confuso, intrigado, e ligeiramente preocupado. Sam se sentia vingado. Não-Sam havia aprendido aquele olhar ao observar Dash.

“Não, uma *receita*”, Dash repetiu condescendentemente.

“Hum... deixe-me procurar e ligo de volta”, não-Sam tentou. “Acho que está no quarto. Já ligo de volta.” Nos instantes depois que ele saiu do computador mas antes que desconectasse, ouviram-no dizer: “Merde, seu primo está viajando”.

A internet inteira, aparentemente, era informação demais — a maior parte, Sam percebeu, com grandes chances de ser completamente falsa. Estava além de suas competências. Era hora de chamar um expert.

Embora o salto olímpico de Meredith e Livvie para qualquer outra pessoa parecesse temerário e enorme a ponto de distender a coxa para Sam, era tudo uma questão acadêmica para seu pai. Seu pai não estava horrorizado nem maravilhado nem terrivelmente impressionado. Estava orgulhoso do filho como tinha ficado desde o dia em que nascera, mas projeções computadorizadas da compilação algorítmica do arquivo de correspondência eletrônica de uma pessoa pareciam para o pai de Sam perfeitamente dentro do possível, ou provável, até mesmo prático. “Estamos pensando em expandir o aplicativo. O primo de Meredith, Dashiell, acha que se pudermos fazer funcionar para qualquer pessoa, poderíamos viver de conectar pessoas eletronicamente com seus entes queridos falecidos.”

“E-mail do além. *Dead Mail*. Adorei.”

“Exatamente. Mas estou preocupado sobre como dar ao programa tudo que precisa saber.”

“Ele já sabe tudo que precisa saber. Por definição. Não é essa a questão? Falar com a pessoa como era quando estava viva?”

“Fizemos uns testes com o meu arquivo e o de Dash. Os resultados foram variados. Então dei acesso à internet para a

projeção.”

O pai de Sam riu. “Como foi?”

“Não muito bem. Dash estava pedindo uma receita de tamale para a projeção, mas eles nunca haviam discutido tamale ou receitas de qualquer tipo. A projeção não fazia ideia do que ele estava falando. Ela procurou, mas nada fazia sentido, então ela não soube o que fazer.”

“Bom, Sam, ela não vai conseguir fazer nada sozinha.”

“O que você quer dizer?”

“Você não está criando um novo humano. Está *recriando* um relacionamento que já existe. Claro que você pode enganá-lo. E claro que não vai funcionar se o usuário tentar enganá-lo. Mas o usuário não vai fazer isso. Ele vai entrar num acordo com a projeção. Os usuários vão conduzi-la e guiá-la. Vão ficar longe do que sabem que a projeção não sabe e não pode saber. Essa é a questão toda, certo? Fazê-la tão próxima quanto possível do que era? Do que eles eram?”

“Acho que sim. Mas as pessoas não vão mexer com ela, sair pela tangente, sair do caminho batido, ou pelo menos falar de coisas sobre as quais nunca falaram antes?”

“Sim.”

“E isso não é um problema?”

“Sim, problema delas. Se os usuários não quiserem projeções confusas, vão se esforçar para não confundi-las. Se quiserem seus entes queridos de volta, vão ficar o mais perto possível do que costumavam fazer. É esse o objetivo: manter contato com entes queridos falecidos, não conhecer pessoas novas ou ter novos relacionamentos.”

“Acho que sim.”

“O programa não vai ser esperto, Sam. Não vai ter livre-arbítrio. Não vai ser humano. Tudo que ele vai ser é o que já existia antes. É uma mímica. É como um mainá. Você pode fazê-lo falar com um humano, mas ele não vai entender nem saber o significado daquilo.”

“Mas quanto mais perto ele for do real, mais os usuários vão se esquecer disso tudo.”

“Verdade. Os usuários são sempre o problema. Você sabe o

que ajudaria? Um redirecionamento. Algo que ele possa dizer para alertar o usuário quando se confunde.”

“Acho que sim”, disse Sam novamente. “Você acha que isso é possível, pai?”

“Claro. Por que não?” Lá estava Sam reinventando as regras da vida, do amor e da morte, e seu pai não estava nada além de vagamente intrigado. Era isso que ele adorava em seu pai.

“E você acha uma boa ideia?”

“Bom, um ótimo exercício de pensamento, em todo caso.”

Quanto mais Sam pensava a respeito, mais percebia que seu pai, como sempre, estava certo. O primeiro não-Sam fora o mais próximo de um humano, o mais próximo de Sam. Confusão não era um fracasso: era uma vitória. Confusão diante de um Dash que dizia coisas sem sentido era exatamente o que aconteceria com o verdadeiro Sam. Tom Holly e a capital da região norte de Gana eram respostas de computador, mas eles não queriam respostas de computador. Queriam respostas humanas, e a convicção intrigada e ligeiramente perplexa de não-Sam de que Dash estava tirando com sua cara parecia a mais humana de todas as respostas. Sam cortou a internet de não-Sam. Tirou as prioridades de seu arquivo de interações com todo mundo menos Dash. Organizou em pirâmide o que não-Sam sabia, o que poderia saber: muito de sua interação com Dash, um pouco de suas interações com todas as outras pessoas, um tiquinho do resto do mundo, um delicado equilíbrio entre o conhecido, o desconhecido e o inescrutável.

“Aquele filho da mãe mentiu para mim.” Dash estava incrédulo. “Disse que ia procurar no quarto, e nunca mais voltou.”

“Meu pai disse que precisamos de uma frase de alerta”, Sam informou.

“Que tal: ‘Não minta para mim, seu filho da mãe?’”

“Não para você. Para o programa. Um ‘impossível computar’, ‘abortar, tentar novamente, ignorar’, um ‘vê bem o que tá falando, mano’ para a projeção dizer quando fica confusa, quando você faz uma pergunta que ela não tem informação suficiente para responder, algo para guiar o usuário gentilmente para outro

assunto.”

“Afaste-se... senão”, Dash sugeriu ameaçadoramente.

“*Gentilmente*”, reiterou Sam.

“Que tal ‘Não faço ideia de aonde você está querendo chegar?’”, disse Meredith.

“Britânico demais”, objetou Sam. “Você está passando tempo demais com Jamie. Menos trabalho para você.”

“É por isso que temos que ficar ricos”, disse Dash.

“E que tal ‘Quem quer saber?’?”

“Ou ‘Que que *você* tem com isso?’?”

“Eu nunca...”

“*No hablo inglés.*”

“Você não tem acesso a esses arquivos. Por favor contate o administrador.”

“Te amo e nunca te machucaria”, sugeriu Meredith, repentinamente séria.

“Como é que isso pode significar ‘Não tenho informação suficiente para responder a essa pergunta?’”, perguntou Dash.

“‘Não tenho informação suficiente para responder a essa pergunta’ é evasivo. ‘Te amo e nunca te machucaria’ na verdade vai direto ao ponto.”

“Que seria?”

“Que seria que o objetivo real de todas essas conversas sempre será: ‘Te amo e nunca te machucaria. Sinto tantas saudades’.”

Escolheram “Sinto muito, querido, não entendo”, com um menu de escolhas na configuração das preferências de modo que você pudesse trocar “querido” por “lindo”, “baby”, “anjo”, “amor”, “coração”, ou seu nome de usuário, como preferisse.

Esqueçam encontros on-line perfeitos. Sem nem mesmo tentar, sem nem mesmo decidir fazê-lo, na verdade, de algum jeito Sam inventara a vida eterna. Imortalidade. Não para você, porque você não ligaria, pois estaria morto. Para seus entes queridos, entretanto, Sam poderia manter você vivo e com eles para sempre. Isso não era imortalidade? Sam se sentia vingado. Talvez casais que

se conhecessem pela internet se encontrassem e depois cancelassem o serviço, mas pessoas que morriam continuavam mortas. Sam podia trazê-las de volta, desde que você pagasse pelo serviço.

“Namoro é temporário”, disse Meredith. “A morte é para a vida toda.”

PARTE II

Nada desconhecido é conheável.
Tony Kushner, *Angels in America*

Dead Mail

Passaram um Natal adorável, chuvoso, em família, observando as tempestades irem e virem em um grande chalé alugado em Whidbey Island. O pai de Sam veio para o grande encontro dos pais. Tio Jeff e tia Maddie concordaram em ficar no chalé em vez de em um hotel chique, em grande parte porque a ilha não tinha um hotel chique mas também pelo espírito de Natal. Kyle e Julia chamaram cada um a filha de lado cinco minutos depois de chegar para dizer que a amavam e feliz Natal e mal podiam esperar para conhecer o pai de Sam, mas não queriam conversar sobre o que aconteceu na Ação de Graças e será que não podiam deixar para lá. Meredith apertou a mão deles, olhou para os próprios pés com remorso e assentiu com a cabeça sobriamente. Dash piscou para ela em solidariedade conspiratória.

O chalé era enorme e esparramado. Os donos deviam ter construído por partes, conforme pudessem pagar porque quartos e banheiros pareciam fincados em cantos, aninhados atrás de corredores escondidos ou acessíveis somente por escadas, atravessando espaços vazios ou em um caso saindo da casa e entrando novamente. No terceiro dia, tia Maddie encontrou um quarto banheiro que ninguém havia percebido antes, enfiado em um espaço apertado no sótão. Mas o chalé tinha uma sala grande e uma parede de janelas com vista para o penhasco e o barulho lá embaixo e as montanhas lá longe saindo e entrando nas nuvens. Tinha uma cozinha grande e suficientemente equipada — o que era importante, como foi possível perceber — para sustentar todas as tradições alimentares festivas de Livvie.

Havia biscoitos em todas as superfícies horizontais. Diariamente faziam mais; nunca repetiam as mesmas receitas, nem a equipe de cozinheiros. Fizeram uma bola de queijo tingida de

verde e vermelho uma noite, coberta com nozes picadas e recheada de cogumelos, que desafiou até mesmo o caso de amor de Sam com a lactose. Fizeram gumbo, lasanha e mariscos que eles mesmos apanharam na areia com os cachorros. Aperitivos, molhos e petiscos surgiam de hora em hora; geralmente, mas não sempre, com temas de Natal; geralmente, mas não sempre, identificáveis. Havia por toda parte tigelas milagrosas que se enchiam sozinhas de salgadinhos caseiros, e uma nova fornada estava sempre — sempre — assando. Sam e seu pai ficavam trocando olhares arregalados em silêncio. As tradições deles nas festas geralmente envolviam um jantar na véspera do Natal na casa de uma tia ou de um catedrático, a troca de um presente na manhã de Natal quando saíssem da cama, seguida de cereal ou aveia e depois um filme à tarde. Quando Sam era criança seu pai fizera mais esforços — mais presentes, uma tentativa de decoração, cantigas natalinas no rádio — mas nenhum dos dois sentiu falta disso quando Sam cresceu, e eles simplesmente haviam gradualmente parado, Sam supunha. Não parecia valer todo o estardalhaço só para eles dois.

Agora, entretanto, tudo era diferente. A vida de todo mundo estava prestes a mudar. Sam sentia. Sabia. Para trás ficavam todos aqueles natais que ele e seu pai tinham passado sozinhos juntos, e agora havia essa enorme família — tias, tios, primos, sogros, maratonas de Trivial Pursuit, tradições natalinas envolvendo comidas que Sam não conseguia imaginar comer por nenhum outro motivo (por que alguém tingiria um queijo?), quebra-cabeças semiacabados em cinquenta por cento das mesas da casa, e pessoas onde quer que você olhasse. É assim que vai ser de agora em diante, ele pensou. Família, drama, comida, amor e tradição. Tudo estava mudando.

Ficaram lá uma semana, e cada dia tinha um tema — outra ideia de Livvie, evidentemente, que fora sem dúvida divertida para Dash e Meredith aos seis anos de idade, mas para Sam parecia ter perdido a relevância. Por outro lado, Dash e Meredith aos trinta e quatro anos pareciam estar se divertindo muito, então quem era ele para falar. “Velhas tradições não morrem aqui”, Dash disse encolhendo os ombros para ele no dia do pijama de Natal quando desceu para jantar vestindo calças de rena e uma parte de cima

coberta do pescoço à barra com uma cabeça gigante (e assustadora, Sam achava) de Papai Noel. Mas até o dia do eggnog não tiveram nenhum problema sério.

O dia do eggnog era exatamente o que parecia e revelou-se não ser opcional. O armário de bebidas muito bem abastecido estava trancado, o vinho e a cerveja haviam sido intencionalmente consumidos na noite anterior. A escolha era eggnog ou nada. Para Sam, essa era uma decisão fácil — ele precisava de um dia sem álcool de qualquer maneira. Também estava tendo fantasias com salada, depois de todos aqueles dias de petiscos e biscoitos, e passou a tarde picando vegetais em pedacinhos minúsculos, gratificantes. Ocorreu-lhe por volta do pôr do sol que não via Meredith fazia mais de uma hora. Dash também não a vira, nem ninguém mais. Sam procurou no quarto deles, na varanda, na sala de jogos e na biblioteca. Caminhou pela praia por um tempo em ambas as direções, mas não encontrou sinal dela. Não parecia que ela pudesse ter ido longe — na verdade, não parecia que ela pudesse ter ido a lugar algum — mas uma busca rápida, depois uma mais detalhada não deram em nada, e então Sam começou a ficar realmente alarmado.

Ele ligou. Ela não atendeu, e ele não conseguia ouvir o telefone tocando em nenhum lugar pela casa. Estava começando a entrar francamente em pânico quando recebeu uma mensagem de texto. O conteúdo completo era “Uuuuuuuuhhhhhhhnnnn”.

“VOCÊ ESTÁ BEM???” , gritou Sam por mensagem de texto.

“Não.”

“Onde você está, Merde?”

“Você acredita em inferno?”

Ele mal podia respirar. “Você está sentindo dor?”

“No corpo todo.”

Ela tinha sido drogada, ele imaginou. Ou apanhado na cabeça.

“Quem está machucando você?”

“Tio Jeff.”

Tio Jeff estava na cozinha com todo mundo, lendo por cima do ombro de Sam, tentando entender que raios estava acontecendo.

“Você está sozinha? Tem alguém aí com você?”

“Estou tão só.”

“Por que você não atende o telefone?”, ele digitou.

“Não é uma boa hora para conversar”, ela disse.

“Olhe em volta. Diga o que você vê.”

“Papel de parede feio. Chão sujo. Cheiro ruim.”

“Você se lembra de como chegou aí? Você estava...”, ele parou, engoliu em seco, fechou os olhos depois abriu de novo e se obrigou a terminar de digitar, “... consciente?”

“???” , ela escreveu.

Seu cérebro acelerou, o pulso batendo forte atrás dos olhos, decifrando aquilo, decidindo o que poderia significar e o que dizer em seguida quando seu telefone apitou de novo.

“Ah, Sam! Não fui sequestrada, seu idiota.”

Todo mundo na cozinha soltou a respiração. Mas Sam-confuso se sentia mais como Sam-em-pânico do que como Sam-aliviado.

“O que foi então?”

“Intoxicação alimentar, acho.”

“Intoxicação alimentar?!”

“Tio Jeff me envenenou com *eggnog*.”

“ONDE VOCÊ ESTÁ?”

“Naquele banheiro feio que a tia Maddie descobriu no quarto andar.”

“POR QUÊ???”

“Privacidade.”

“Procurei você em todos os lugares. Você me matou de susto.”

“Desculpe. Só estou tentando tirar tudo que está dentro de mim. Em paz.”

Sam tentou acalmar o coração. A ansiedade de todo mundo rapidamente se transformou em alívio e depois frivolidade. Voltaram para a sala e começaram a contar histórias embaraçosas sobre a infância de Meredith, acrescentando aquele incidente à lista. Ele tentou dizer algo leve:

“Aquele banheiro era realmente nojento.”

“Não tão nojento como está agora”, escreveu Meredith.

Mas ele não conseguia afastar o pânico sombrio que havia engolfado tudo tão rapidamente. Subiu até o terceiro andar, passou pelo alçapão, caminhou sobre as tábuas de madeira espaçadas do

sótão, entrou agachado no nicho debaixo do telhado, e sentou-se encostado no batente da porta enquanto ela hibernava lá dentro. Não o deixou entrar, então ele ficou falando atrás da porta. Contou piadas. Contou histórias embaraçosas de sua própria infância. Inventou parábolas sobre os riscos de comer ovos crus e as criaturas que moravam dentro deles que não era possível matar nem com todo o bourbon do mundo. Ela ria, tinha convulsões e suspirava alternadamente do outro lado da porta até finalmente mandar por mensagem: “Caguei tudo que tinha para cagar. Vomitei tudo que tinha para vomitar”.

“Tem certeza?”, ele respondeu. “Não é bom apressar essas coisas.” Seu traseiro adormecera fazia muito tempo. Suspeitava que todo mundo na casa tivesse feito o mesmo.

“Acho que está tudo resolvido”, ela escreveu. “Está com saudades?”

“Como eu estaria? Estive aqui o tempo todo.”

“Obrigada por ficar comigo, Sam.”

“Obrigado por não ter sido sequestrada.”

“Não há de quê. Agora vá me esperar lá embaixo. O banheiro precisa ficar sozinho por um tempo e pensar no que fez.”

A única coisa boa sobre o incidente do eggnog, além de ela não ter sido sequestrada, era que mesmo pais putos da vida ficavam completamente compelidos a cuidar da filha doente. Meredith, Julia e Kyle tinham estado estranhos um com o outro a semana toda, tomando cuidado com o que diziam e onde olhavam e como se tocavam; agradáveis mas esforçando-se demais. Agora Kyle correria até o mercado para comprar biscoito de água e sal, ginger ale, macarrão de arroz e ingredientes para canja. Julia ficou com a cabeça de Meredith no colo e acariciou seu rosto e cabelo e recusou-se a sair do lugar ou a deixar Meredith sair do lugar durante todo o dia seguinte. Elas acamparam na sala de tv e assistiram a filmes antigos. Ambas estavam felicíssimas.

“Você está bem aí?”, Sam mandou por mensagem no fim da tarde.

“Está brincando? Estou ótima. Valeu totalmente a pena.”

Eles tentaram adiar — adiaram de fato — mas na última noite no chalé, era hora de falar sobre logística. Os planos para Dead Mail passavam de excitantes a paralisantes conforme a realidade ficava mais clara. Meredith teria que pedir demissão, o que a aterrorizava. Dash teria que acrescentar bolas às dúzias com que já estava fazendo malabarismo, o que o entusiasmava, mas também aterrorizava. Sam teria que trabalhar com humanos de verdade, o que era o mais aterrorizante de tudo. Meredith também estava se sentindo mal por mentir aos pais. Sabia que eles descobririam no final das contas, mas não queria que eles tentassem convencê-la a parar antes de terem começado. Enquanto acertavam detalhes, ela pintou de azul as unhas de Dash, depois as de Sam, depois as dos cachorros (ela levara um vidro de esmalte na mala, aparentemente outra antiga tradição familiar). Sam achava que talvez fosse o único jeito, um contrabalanço. Só podiam confrontar tamanha responsabilidade e tragédia se o fizessem usando tiaras imitando chifres de rena.

“Você sabe que não podemos continuar a chamar esse negócio de Dead Mail”, disse Dash. “É pouco refinado.” Ele estava misturando uma dose dupla de schnapps de menta em uma caneca de chocolate quente instantâneo com um palito doce. Sam apenas levantou uma sobrancelha em resposta.

“Além disso, você nunca vai conseguir fazer o marketing aceitar”, disse Meredith.

“Podíamos chamar de d-mail”, disse Sam.

“D-mail?”

“Claro. Como e-mail. Ou Gmail.”

“Só se ninguém perguntar o que o D significa”, disse Meredith. “Que tal iMortal?”

“Steve Jobs vai nos processar.”

“Ele está morto”, disse Meredith.

“Exatamente. E-mortal? Como imortal?”

“Talvez a gente não queira que as pessoas nos associem tanto com a morte”, ela disse. Sam só conseguiu responder levantando uma sobrancelha. “E-vive? Tem mais vida.”

“Parece um xampu para cabelos grisalhos”, disse Dash. “Re-vive?”

“Pior ainda.”

“E-lan?”

“E-lide?”

“E-volve?”

“E-scape?”

“E-face? Esse funciona de várias maneiras”, disse Dash.

“E-late?”, disse Meredith. “Também funciona bem.”

“Pensei que você quisesse se afastar da morte”, disse Dash.
“Re-late?”

“Tipo, ‘Este é meu pai. Estou re-lating com ele’? Não. Re-volve?”

“Re-vive?”

“Que tal re-pose?”, Sam interrompeu.

“Re-pose?”

“É, como ‘repousar’: pousar novamente. E também como fazer em repouso no velório antes do enterro. E ainda: estar parado, calmo, descansado, em paz.”

Ninguém disse nada por um tempo. Depois Dash jogou uma pecinha verde de Trivial Pursuit na prima. “Meu Deus, Meredith. Por que seu namorado sempre tem que ser a pessoa mais esperta na casa?”

Logo depois do Ano-novo Dash começou a ir e vir entre Seattle e Los Angeles, passando a noite no apartamento de Sam e Meredith algumas vezes por semana conforme as coisas começavam a acontecer. Trouxe somente uma pequena mala de roupas, explicando que ninguém se importava com sua aparência em Seattle, então deixara todos os seus “apetrechos” em LA, onde faziam diferença. Mas, além da mala, mandou seis caixas da FedEx com esteiras, tábuas, potes e tigelas, panos e escorredores, termômetros, bandejas, copos de medida e colheres, conchas, balanças, prensas, fôrmas de todo tamanho e formato, dúzias de pequenos envelopes de pós misteriosos e minúsculos frascos de líquidos misteriosos.

“Metadona líquida”, Meredith chutou.

“Por favor”, disse Dash.

“Você vai virar boticário”, previu Sam.

“*Romeu e Julieta* demais. E veja como a história acabou.”

“Você tem lido *Harry Potter* demais”, disse Meredith.

“Nada disso.”

“Está namorando um escultor”, sugeriu Sam.

“Não. Queijo.”

“Você está namorando um queijo?”

“Vou fazer queijo.”

“Você não cozinha”, disse Meredith.

“Correto. Porque ninguém cozinha em LA. E, com certeza, ninguém faz queijo. Fazer queijo não é uma coisa que combina com LA. Mas combina com Seattle. Use jaquetas esportivas. Faça queijo.”

“Por quê?”, disse Sam.

“É frio aqui. E queijo é bom.”

“É mesmo.” Ninguém precisava convencer Sam a comer queijo. “Mas temos lojas aqui, mercados, até leiterias.”

“Escute, se vou ser metade de Seattle, preciso me adequar. Se vou morar aqui...”

“Quem disse que queremos você morando conosco?”, disse Meredith.

“É a casa da vovó”, disse Dash. “Sou tão bem-vindo quanto vocês.”

“O que faz você pensar isso?”

“Ligue para ela e pergunte”, disse Dash.

No começo de fevereiro, dois apartamentos pequenos mas adjacentes no andar de baixo vagaram ao mesmo tempo, então eles aproveitaram a oportunidade, compraram ambos, derrubaram todas as paredes, e fizeram um showroom gigante e um empréstimo gigante. Meredith insistiu no primeiro (e dessa forma no segundo) apesar dos protestos de Sam.

“Estou desempregado”, disse Sam, “e você está prestes a pedir demissão.”

“Moramos aqui de graça”, disse Meredith.

“Não significa que possamos pagar tudo isso.”

“Na verdade, podemos”, disse Dash. “Descobri um jeito.” Dash sempre descobria um jeito.

“Não vou mentir por você no tribunal”, disse Sam.

Dash deu um sorriso maroto. “Vovó me deixou um dinheiro. Deixou um pouco para Meredith. Nenhum de nós tem dívidas. Todos nós três temos um ótimo risco de crédito.”

“Não é possível que nos aceitem para um empréstimo corporativo”, disse Sam. “Nenhum banco no planeta emprestaria dinheiro para três pessoas sem emprego mas com planos de se comunicarem com os mortos.”

“Conheço um cara.” Dash sempre conhecia um cara.

“Esse trabalho é importante”, disse Meredith. “É um serviço de que as pessoas precisam. Um serviço que vai trazer paz e consolo para elas. Que vai fazer do mundo um lugar melhor. Um serviço que vai nos deixar ricos o suficiente para poder pagar dois apartamentos.”

“E se não funcionar? E se ninguém quiser esse serviço?”

“Todo mundo vai querer esse serviço.”

“Todo o objetivo de ter uma empresa on-line”, Sam insistiu, “é não precisar de showrooms. Nem de interação com humanos.”

“Vamos precisar de um espaço físico”, Meredith disse.

“Comunicação eletrônica é algo particular”, Sam insistiu. “Reunir-se com um ente querido falecido é totalmente íntimo. Essas pessoas vão chorar, gritar, soluçar e arrancar os cabelos. Ou vão tirar a roupa. Ou vão pifar. O que quer que seja que elas façam, não vão querer fazer conosco.”

“Espere só para ver”, disse Meredith. “Vão querer companhia. Especialmente no começo.”

“Por que elas iam querer estar conosco na primeira vez se podem ligar ou mandar e-mails? É como perder a virgindade no laboratório de biologia. Durante a aula.”

“Elas vão precisar de nós. Vão estar assustadas. Chocadas. Com medo de dizer a coisa errada. Com medo de dizer qualquer coisa. Sem saber o que fazer. Distantes. Todo mundo tem medo de fantasmas.”

“Não são fantasmas”, disse Sam, sempre lógico.

“Espere só para ver”, disse Meredith, sempre certa.

Ela pintou as paredes de cores chamadas areia, sálvia e fumaça. Instalou luzes suaves e confortáveis, sofás e cadeiras macios e confortáveis, criou nichos e cantos e espaços tranquilos fora do caminho, colocou música baixa, pendurou cortinas, persianas e quadros. Pendurou modelos de avião em todo o teto. Por último, instalou uma série de computadores bonitos, brilhantes, com tecnologia de ponta, último modelo, com monitores maiores que baleias. E mais uma provisão de laptops novos em folha. Logo ficou parecendo menos com um showroom e mais com um salão. Salão Styx, decidiram chamá-lo.

A próxima questão era como fazer as pessoas entrarem. Talvez tivessem um produto pelo qual as pessoas, bem, morreriam de vontade; mas não sabiam como comunicar essa informação para elas. Fazer propaganda parecia de mau gosto. Deixar as pessoas testarem, mostrando só um pedacinho, não funcionava — os usuários precisavam estar totalmente dentro e assinar acesso a tudo antes mesmo de começar. Dash sugeriu pôsteres coloridos em feiras de armas e lojas de motocicleta. Achava que talvez um dia pudessem estender para hospícios e asilos. “Para os entes queridos deles, estar maluco é o mesmo que estar morto”, argumentou. Meredith disse não para tudo isso. Bom gosto e nobreza, exortou.

Ela deu aviso prévio no trabalho. Disse aos colegas que Sam, seu namorado gênio da computação, estava abrindo um negócio e precisava de sua ajuda. Disse aos colegas que Sam ia mudar a vida de todo mundo na Terra e até mesmo de pessoas que já não existiam. Disse aos colegas que estava tomando um risco, dando um salto, abraçando o amor, a vida e a fé, de coração. Todo mundo estava muito contente por ela. Todo mundo abraçou-a, desejou-lhe o melhor e apareceu para comer um bolo, fez planos para o happy hour e prometeu manter contato, com sinceridade. Todo mundo estava triste de vê-la partir mas feliz por sua felicidade. Quer dizer, todo mundo, exceto seu chefe, que assistiu a todos os abraços e carinhos ceticamente, depois mandou uma mensagem de texto para seu namorado gênio da computação: “Por que você está sempre arruinando minha vida?”

“Você vai achar alguém para substituí-la”, Sam respondeu.

“Nunca conseguiria. Preciso dela.”

“Não, *eu* nunca conseguiria. *Eu* preciso dela.”

“Para quê?”, Jamie desafiou.

“Você é jovem e puro demais para os detalhes excitantes”, disse Sam.

“Você está demitido”, disse Jamie.

“Posso conviver com isso”, disse Sam.

Meredith estava confiante de que o serviço se venderia sozinho do segundo ao milionésimo usuário. A questão era como vender para o primeiro. Dash estava encarregado do lado misterioso do negócio (orçamento, finanças, montes e montes de advogados), mas provou ser também a pessoa certa para essa parte do trabalho. “Tudo em Hollywood acontece assim”, disse. “Hollywood e a multidão. Alguém cochicha alguma coisa para alguém que passa adiante e passa adiante. Ninguém sabe nada. Todo mundo suspeita de alguma coisa. Sombras e rumores são os objetivos aqui, de qualquer maneira. Não pode ser feito de maneira límpida. Mas confiem em mim: vamos fazer acontecer mesmo assim.”

Enquanto isso, Sam cuidava da tecnologia, da programação, dos problemas, dos testes. Dash chamava isso de “cozinhar com o Buda”. Sam chamava de “dormir só duas horas por noite”. Criou um menu completo com opções para o ente querido falecido (EQF). Não podia construir vídeo com alguém que só tivesse mandado e-mails, é claro. Mas qualquer que fosse o meio de comunicação eletrônico que seu EQF tivesse usado em vida, Sam podia replicar na morte. Devagar, a lista de nós para resolver diminuiu, e não-Sam conseguiu conversar com Dash melhor, mais próximo da realidade e menos estranho. No final, entretanto, o que era preciso era um salto por cima do abismo com os olhos bem fechados, os dedos das mãos e dos pés cruzados. Não podiam fazer testes beta. Não funcionaria teoricamente, só na realidade. Não funcionaria para usuários fictícios com entes queridos fictícios, somente para usuários reais que fossem realmente queridos. Os EQFS podiam ser projeções inanimadas, mas o único lugar para testá-los era em um mundo que era bem, bem real.

Contando

Na manhã depois dos toques finais no Salão Styx, na manhã depois de eles pendurarem uma bola espelhada, colocarem música brega, beberem champanhe barato e dançarem no novo espaço (porque, Meredith insistiu, antes de toda a tragédia e das retrospectivas que iam chegar, o espaço precisava de uma vida inaugural, luz e expectativas), na manhã depois de eles passarem a noite no chão do salão em três sacos de dormir mas sem dormir — excitação demais, medo abafado demais —, na manhã depois de tudo isso, Meredith e Sam limpam tudo, e Dashiell Bently saiu por aí em busca de uma orelha para cochichar. Voltou duas horas depois com doces da loja francesa no mercado e uma expressão presunçosa. Logo depois do meio-dia, a porta tilintou (Meredith havia pendurado um sino na porta como se fosse uma loja de antiguidades, num esforço para deixar o lugar aconchegante e agradável e menos ligado à morte).

Eduardo Antigua entrou olhando para seus sapatos de mil dólares e alisando dobras imaginárias no terno de três mil dólares. Estava nervoso. Mas nem a metade do quanto estava Sam. Meredith foi cumprimentá-lo na porta.

“Hum... olá”, ele disse.

“Olá”, ela disse calorosamente, apertando a mão dele.

“Hum... não sei se estou no lugar certo.”

“Está sim, senhor.”

“Hum... ouvi dizer... quer dizer... eu... um amigo disse que vocês têm um serviço...”

“Temos sim, senhor. Entre. Posso oferecer um chá? Café?”

“Meu, hum, meu irmão morreu a semana passada.” Mal um sussurro mas sua voz sumiu mesmo assim, e Sam sentiu um frio na barriga. De algum modo nunca ocorrera para ele o quão

desolador aquele trabalho seria todos os dias. Tinha pensado na tecnologia, mas agora percebia que logo essa parte estaria mais ou menos estável e em vez disso ele passaria seus dias ouvindo as histórias de horror das pessoas e vendo olhos molhados e corações partidos.

Não era que ele tivesse esquecido os usuários. É que ele estava familiarizado — intimamente familiarizado — com um tipo muito diferente de morte. Quando ficou grande o suficiente para lembrar, a morte havia se tornado mais um membro da família do que qualquer outra coisa, um parente que seu pai não queria morando com eles mas não tivera escolha a não ser acomodá-lo e cuidar dele; que era bagunceiro e cruel mas cuja presença constante era inegociável e, portanto, normal. Sam percebeu que seu pai provavelmente não se sentia daquela forma, mas para Sam perder a mãe era algo que poderia ter acontecido antes de ele ter nascido. Perder a mãe *era* sua mãe, o fato mais constitutivo dele, a presença mais constante, o monstro babão que se movia entre o porão escuro de sua psique e a mesa do café da manhã. Quando ficou grande o suficiente para lembrar, a morte dela era sempre presente mas já muito distante. Só tinha Livvie como experiência com mortes recentes, e nem mesmo a conhecera. Só tinha Livvie, e aquele era um problema que ele conseguira resolver.

Para Eduardo, claramente, a morte era menos um hóspede enfermo e indesejado, e mais um tijolo atirado contra a janela de sua casa aconchegante em sua vizinhança segura, embrulhado em um bilhete cujas palavras estilhaçavam qualquer esperança de jamais viver ali em paz novamente. Olhou de relance o menu que Meredith entregou e disse que ia querer tudo. Ela explicou que podia mandá-lo para casa com tudo de que precisava, ou ele podia começar no salão. “Ah, acho que é melhor fazer aqui.”

Como Eduardo era o único usuário até então, e como Sam não dormia fazia eras, foram capazes de instalar Eduardo de um dia para o outro. Ele voltou logo cedo. Ofereceram-lhe privacidade, mas ele não parecia estar preparado para ficar sozinho. Ofereceram-lhe privacidade, mas em instantes ele esqueceu que eles estavam ali de qualquer maneira. Sentou-se em frente a um computador ao lado da janela e entrou de cabeça — conversa por

vídeo logo de cara. Tocou algumas vezes e conectou, depois a janela abriu, e Miguel Antigua sorriu alegremente para seu irmão atordoado, sem fala, com o coração pesado e o cérebro explodindo.

Miguel sorriu para Eduardo: “¡Mi hermano! ¡Buenos días! Tão bom ver você”.

E Eduardo soluçou e não conseguiu dizer nada. Sam lembrou-se da primeira vez que Dash ligara para não-Sam. Lembrou-se de como até mesmo o coração não-partido precisa de um roteiro. Lembrou-se disso um pouco tarde demais.

“Eduardo! ¡Qué pasa? O que foi? O que aconteceu?”

“É você, é você”, Eduardo soluçou.

“Claro que sou eu. O que foi?”

“Não, é você. Você é o problema. Você morreu, Miguel.”

“Eu o quê?”

“Você morreu.”

“O que você quer dizer com isso, que eu morri?”

“Você morreu. Estava voltando para casa tarde da noite no sábado e um filho da puta chapado e bêbado mudou de faixa bem em cima de você. Levaram você para Harborview. Ligaram para mim no caminho — aquele cartão que você guarda na carteira — e cheguei em minutos. Segurei sua mão. Você lembra? E você sussurrou que me amava e amava Marion e amava Diego, e disse para eu dizer à mamãe... mas eu não entendi. Você lembra? Não entendi e depois você se foi. Você não lembra?”

Mas como poderia? Tinha morrido antes que pudesse sequer tuitar a respeito. Longa pausa. Depois o rosto de Miguel se iluminou. “É uma piada?”

“Não, Miguel, *mi muchacho*.”

“Você está fazendo um teste para alguma coisa?”

“Não, Miguel, sinto muito.”

“Por quê?”

“Não pude salvar você. E não consegui entender.”

“Eu não morri. Estou bem, cara. Veja.” Ele acenou a mão direita diante da câmera. Depois a esquerda. Depois mostrou a língua. Depois colocou o olho bem colado na câmera. “Vivo e saudável. Você está bem?”

“Estou bem”, disse Eduardo, triste, resignado, mais infeliz do

que quando chegara.

“Escuta, cara, estou atrasado para o trabalho.”

“Não, Miguel, não vá ainda!”

“Não surte. Ligo hoje à noite.”

“Tudo bem, tudo bem.” Suave, gentil. Depois: “Miguel? Te amo. *Te amo, mi Hermano*”.

“Calma aí”, Miguel disse. “Também te amo. Tenho que correr. Falamos logo.”

“Sinto muito, Miguel”, Eduardo gemeu mais uma vez. “Sinto tanto.”

“Tudo bem”, disse Miguel. Seus olhos haviam mudado. Não parecia mais que estava falando com Eduardo. “Você só estava tentando ajudar. Eu perdoo.”

Eduardo sentou-se encolhido na cadeira e ficou com ar derrotado, esvaziado. Sam deu-lhe um pouco de espaço. Enquanto isso, o que estava pensando era: *merda*. Todo aquele tempo, esforço e investimento, eles tinham conseguido um usuário — um único usuário — e era só isso, tudo que eles tinham podido fazer. Eduardo havia quebrado sua projeção, que certamente não se recuperaria depois de ouvir que estava morta, e provavelmente era por isso que havia perdido o rumo no final. Sam não sabia ao certo por que Eduardo estava pedindo desculpas, e não sabia como alguém convencido de estar vivo responderia ao ouvir a notícia da própria morte, mas ainda assim tinha bastante certeza de que “Tudo bem. Você só estava tentando ajudar. Eu perdoo” não era uma resposta apropriada. Eduardo parecia ter um gosto ruim na boca. Não havia recebido catarse nem bálsamo nem alívio. Parecia improvável que sáísse por aí fazendo a revolução de boca em boca de RePose. Tinham acabado antes que tivessem começado. Finalmente, Eduardo ergueu os olhos devagar, esfregou-os, e disse: “Quanto tempo leva para eu poder usar de novo?”.

Meredith o levou até a porta. Sam começou uma limpeza. Usuários e projeções, pensou, precisariam ambos da opção de um recomeço.

O segundo usuário apareceu no final daquela tarde. Como

Eduardo (Sam se perguntou onde Dash havia cochichado), Avery Fitzgerald parecia rica, suave, e composta. Diferentemente de Eduardo, ela estava segurando as pontas. Ajeitou seu cabelo grisalho perfeitamente penteado com o dedo do meio ao entrar e foi direto ao assunto.

“Meu marido morreu no mês passado. Clive. De câncer. Disseram-me que vocês têm um modo de me comunicar com ele.” Escolheu e-mail e vídeo. Não tinha vontade de trocar mensagens de texto nem por Twitter com seu marido falecido. Achava Facebook uma tremenda perda de tempo e que se seus filhos o usassem menos e estudassem mais, já estariam a caminho de Harvard.

Quando voltou no dia seguinte, pronta, tinha cortado e tingido o cabelo. Embora evidentemente não tivesse ninguém a quem impressionar, Sam ainda achou um bom sinal que ela estivesse preparada para ser vista — e para ver. E, de fato, a janela abriu — ela prendeu a respiração um instante e sacudiu a cabeça de espanto — mas recuperou a voz imediatamente.

“Clive.”

“Avery, querida.”

“Você está bonito, amor.”

“Você também, querida. Seu cabelo está lindo. Mas você parece um pouco... pálida. Sou eu quem está doente.”

“Não, meu amor. Você morreu.” *Merda*, pensou Sam novamente. Sério que essa era a primeira coisa a sair da boca de todo mundo? Por que você começaria desse jeito?

“Ainda não”, disse Clive, triste, em vez de completamente confuso como Miguel. Sam tentou não prestar atenção, mas que diabos, certo, ele estava prestando atenção. Era uma virada. “Ainda estou doente. Você não vai se livrar de mim tão facilmente.” Clive tinha desmoronado. E também Avery.

“Não, na verdade estamos em março, amor”, disse Avery gentilmente. “Você morreu há cinco semanas.”

“O que você quer dizer?”, Clive perguntou, confuso mas não completamente incrédulo.

“Você pegou pneumonia durante o último ciclo de quimioterapia, querido. Seus pulmões se encheram de líquido. Você simplesmente não foi forte o suficiente para resistir.”

“Eles disseram que eu tinha... que eu tinha mais alguns meses de vida, pelo menos.”

“O câncer estava... sob controle, acho. Mas a pneumonia... estávamos todos lá. Todos com você quando você se foi. Foi tudo em paz. Você não estava sentindo nenhuma dor no final. Foi uma bênção.”

“E isto é... o paraíso?”

“Não, querido, é tecnologia.”

Avery voltou no dia seguinte, no outro, e nos outros depois daquele. Avery voltou todos os dias durante dez dias. De início, estava claramente contente e aliviada de ver Clive. Mas a projeção só queria falar sobre a própria morte. Estava obcecado. O pior dia da vida de ambos, e ele não deixava passar. Ela queria contar-lhe sobre as crianças, o grupo de apoio, a volta ao trabalho, o novo treino na academia. Tudo sobre o que ele queria falar era morrer. Avery inaugurou uma nova versão da projeção. Da segunda vez, simplesmente não contou.

No final da segunda semana, ainda estavam sem dormir, sem fôlego, mas pelo menos no caminho. Dash foi para casa para usar suas roupas e ver como estavam as coisas. Meredith e Sam fecharam o salão na sexta-feira à tarde e achavam que mereciam um jantar muito bom num restaurante muito bom com uma garrafa de algum vinho muito, muito bom. Infelizmente, estavam cansados demais. Compraram sushi para viagem, colocaram um filme e adormeceram no sofá. Sam acordou durante os créditos com uma fatia de gengibre grudada na bochecha. Acordou Meredith; deixaram tudo onde estava, avisaram os cachorros para não comer a raiz forte, e foram para a cama.

“Está indo bem, acho”, ela murmurou a um passo de adormecer de novo.

“O quê? Dead Mail?”

Ela riu. “Achei que não fôssemos mais chamar assim.”

“É, mas às vezes eu esqueço. E aposto que RePose vai ser um pouco formal para alguns dos usuários. As pessoas bacanas vão chamar de Dead Mail.”

Ela revirou os olhos. “Nunca abri um negócio antes, mas parece que foram duas boas semanas.”

“Estou preocupado”, disse Sam. “Não entendo por que eles contam às projeções que estão mortas.”

“Eu entendo.” Meredith se acomodou ao lado dele. Estava quente, confortável, e bem pelada. Eles haviam banido pijamas logo depois de se mudarem para o apartamento de Livvie.

Sam abraçou-a. “Conte para mim.”

“É como se apaixonar. Sua vida antiga não existe mais, simplesmente... não existe. Uma coisa aconteceu com você, e você parece ser a mesma pessoa, e sua vida parece continuar a mesma em muitos aspectos — você vive no mesmo lugar, usa as mesmas roupas, vai para o mesmo trabalho, e a maior parte das pessoas na sua vida é a mesma. Mas você está totalmente, completamente, irrevogavelmente diferente. Uma pessoa nova. Vida nova num mundo novo. E você só quer gritar para o mundo de cima do telhado, porque senão como é que alguém vai saber?”

“Então a questão não é ser honesto com a projeção. É ser honesto consigo mesmo. Sobre si mesmo”, disse Sam.

“Algo assim”, ela murmurou.

“Como faço parar?”

“Você não faz. Eles contam. Você conserta. Você põe a fábula em tábula rasa.”

“Ahn?”

“Apaga e tenta novamente.”

De fato, apagar a projeção era uma meia solução, mas não uma boa solução. Começar de novo demandava tempo, energia, dinheiro, coragem. Os usuários já tinham passado por tanta coisa. A doença. Depois a morte. E depois criar coragem para ir ao salão. E depois aquele primeiro e-mail, o primeiro vídeo, a mistura de alívio e horror que era ver a projeção pela primeira vez. Todas as confissões. Todas as lágrimas. Apagar tudo e começar de novo era como perder a pessoa amada outra vez. A curva de aprendizagem era íngreme e espinhosa — usuários e projeções tinham que absorver tanta coisa —, então ter que começar de novo parecia um

sério contratempo para pessoas que já haviam sofrido tanto. Evitar dar a notícia e, portanto, fazer a limpeza, parecia a melhor saída.

Sam escreveu uma lista de *yamas* e *niyamas*, certos e errados de RePose, sendo o primeiro dos quais, impresso em negrito: PELO AMOR DE TUDO QUE É SAGRADO, NÃO CONTE A SUA PROJEÇÃO QUE ELA ESTÁ MORTA!!!! Meredith escreveu meia dúzia de roteiros como amostra — sugestões para começar a conversa. Dash pediu a um amigo em LA para fazer um filme, estrelando ele mesmo, que mostrava para os usuários antes de começarem, explicando o que dizer e o que não dizer, explicando por que contar a seu ente querido que estava morto não era uma boa ideia. Os usuários assentiam, fungavam e entendiam. Por um tempo, Sam aplicou um pequeno teste que os usuários precisavam passar antes de poder continuar. Por um tempo, ele os fez assinar um juramento: “Prometo não contar à minha projeção que ela está morta”. Contavam mesmo assim. Todos. A primeira coisa que saía da boca.

As projeções não recebiam bem a notícia. No mais das vezes, não ficavam chateadas. Ficavam confusas. Era um dos eventos mais importantes em suas vidas, a morte, mas também era com certeza a única coisa que nunca tinham experimentado. Não havia como prever como reagiriam à própria morte com base nos e-mails, históricos do navegador, posts no Facebook ou qualquer outra coisa. Frequentemente, havia muitas reações nesses arquivos à morte de outras pessoas, mas isso revelou-se um indicador ineficaz da reação à própria morte. Além do mais, não era possível convencê-los. Podiam ver a si mesmos, ouvir a si mesmos. Podiam mover uma mão e vê-la se movendo na pequena janela do vídeo. Podiam ler um e-mail informando de sua morte e responder: “Ei, não estou morto”, ou: “Não, não se preocupe — estou bem”. EQFS de primeira geração nunca tinham ouvido falar em RePose, e assim não era possível explicar. Pessoas que não tinham estado doentes — vítimas de acidentes, ataques cardíacos repentinos, choque elétrico, esse tipo de coisa — não tinham motivo para acreditar, nenhuma base. Ou algumas vezes as projeções ficavam com raiva. Uma vez que ficavam sabendo, mandavam e-mail após e-mail ralhando sobre como haviam parado de fumar, de comer carne, de beber vinho, de comer croissants, de fazer *sky-diving*, para no final

perceber que não valera a pena; que não fora, em todo caso, suficiente.

Quando o filme, os roteiros, os testes, os juramentos, todos os avisos e a persuasão de Sam não funcionaram, a próxima solução foi o caminho de Orfeu. Sam colocou uma condição para seu milagre generoso de permitir que você falasse com seu ente querido falecido direto do outro mundo: não vire para trás. Não o deixe saber que está morto. Simplesmente tornou proibido. Colocou um mecanismo mortal. Se você contasse, a projeção apagava automaticamente. Sam a desativava, limpava, e, se você a quisesse de volta, tinha que começar do zero. Não estava tentando ser controlador nem cruel. Mas já que pedir que não contassem não funcionava, tinha que tentar outra coisa. Porém, o caminho de Orfeu não funcionou tampouco (nem mesmo, é claro, para o próprio Orfeu). Os usuários ficavam intimidados, mordiam a língua, com medo de seguir adiante. Ficavam com tanto medo de dizer o que quer que fosse por medo de contarem por engano; pois não importava o que mais tivessem a dizer, o subtexto era sempre: veja esse buraco gigante em mim.

Não demorou muito, Sam decidiu incluir a primeira limpeza de graça com a tarifa de instalação. Não demorou muito, ele acabou com o desligamento automático de Orfeu e deixou a decisão na mão das pessoas. Inevitavelmente, entretanto, usuários que contavam faziam *mea culpa* e pediam uma limpeza, geralmente de novo e de novo. Os usuários faziam a limpeza e começavam de novo, ferravam tudo, diziam a coisa errada, ficavam irritados, ficavam frustrados, apagavam tudo e começavam de novo, mais tristes porém mais sábios, sabendo o que evitar com base na última vez, caindo em vez disso em novas armadilhas. Era como um videogame. Tanto a projeção e a pessoa, ente querido e usuário, o morto e o vivo, morriam e renasciam de novo e de novo e de novo.

Penny

A solução de Sam para todos os problemas sempre fora: mais trabalho. Sam achava que a cabeça no lugar, os pés no chão, o corpo sentado bem firme — preparado para o longo prazo — era o jeito de seguir adiante. Engenharia de software adequava-se perfeitamente a essa abordagem. Você simplesmente sentava-se e codificava, recodificava, esperava rodar, via o que acontecia, codificava um pouco mais. Enquanto as coisas rodavam, você lia coisas on-line em outra janela. Sam passava muito tempo sentado.

“Você vai se fundir fisicamente a essa cadeira”, Meredith avisou.

“Foi bom que você escolheu as ergonômicas, então.”

“Você precisa de um pouco de exercício, de ar fresco.”

“Levo os cachorros para passear com você. Sempre. Às vezes.”

“Você precisa de contato com humanos.”

“Não faço outra coisa além de ter contato com humanos.”

“Vivos.”

“Vejo você e Dash. Vejo nossos clientes.”

“Estava pensando que podíamos convidar algumas pessoas para vir em casa este fim de semana.”

“Quem?”

“Nós tínhamos amigos”, disse Meredith.

“Ainda temos.”

“Amigos não eletrônicos.”

“Ah, ninguém tem mais esse tipo de amigo”, disse Sam.

“Você devia vir comigo assistir ao jogo.”

“Não posso, Merde. Tenho que consertar esses bugs.”

“Minha avó ia querer que você fosse.”

“Leve Dash. Sua avó ia querer que você levasse Dash.”

“Ele está em reunião. Você está aqui.”

“É, mas você sabe o que conserta bugs, Merde?”

“O quê?”

“Bunda mais cadeira. É o único jeito.”

Era o dia de abertura da temporada, e realmente Sam estava animado. Enquanto o programa rodava em outras janelas, estava lendo previsões e estatísticas de treinos e prognósticos de quem estaria na reserva. Estava vibrando de alegria que a temporada de beisebol estivesse recomeçando. Mas também achava que era para isso que tinham uma tv e um rádio — para que pudesse trabalhar e ver o jogo.

“É tradição”, disse Meredith.

“É, tradição sua”, disse Sam. Não era que ele não quisesse ir com ela. Era que eles haviam apostado tudo naquilo, e no mundo inteiro, na verdade, só ele poderia fazer funcionar. “Leve Penny.”

“A vizinha da minha avó?”

“Nossa vizinha.”

“Não sei. Ela tem estado bem estranha desde que o marido morreu.”

“Mais um motivo”, disse Sam.

Meredith desceu para convidá-la para o jogo. O telefone de Sam tocou dois minutos depois.

“Sei que você está tendo um caso de amor com a cadeira”, ela disse, “mas você precisa descer aqui agora mesmo.”

O apartamento de Penny era exatamente o mesmo de Livvie dois andares abaixo — a mesma planta, a mesma cozinha, o mesmo acabamento no banheiro, a mesma varanda e janelas do chão ao teto, a mesma vista —, mas era como se estivesse em um universo paralelo. Sam podia apenas presumir que a vista fosse a mesma — as janelas estavam cobertas por cortinas pesadas de veludo verde-escuro. Ele sentiu suas pupilas abrirem para enxergar. Estava escuro não só devido à cortina fechada, mas também às poucas e fracas lâmpadas e ao papel de parede dourado-escuro e manchado de um canto a outro, ao carpete azul-marinho gasto praticamente até os tacos e à poeira em cima de tudo. Ele apreendeu duas poltronas de couro rasgadas, um sofá com almofadas gastas com o

enchimento vazando, e duas mesas de madeira tão velhas que haviam ficado lisas e escuras. Havia pratos sujos sobre as mesas, nas cadeiras, no sofá, e no chão. O balcão da cozinha e a pia estavam cheios de latas de sopa vazias incrustadas de restos, sacos vazios de vegetais congelados, potes vazios de queijo cottage, embalagens vazias de sorvete. Havia pilhas de roupas — dela e dele — por todo o apartamento como formigueiros, então Sam precisou andar em zigue-zague como um inseto entre elas para encontrar Meredith. O quarto estava em uma desordem similar de roupas, pratos, copos d'água, vidros de remédios, toalhas e lençóis sujos, revistas velhas, pilhas de livros empoeirados. Ao lado da porta do banheiro havia uma pilha de folhetos que haviam sobrado do enterro de Albert. A data impressa era dois meses antes de Livvie morrer. Meredith e Sam trocaram um olhar longo, triste.

“Desculpe pela bagunça”, Penny lamentou, gesticulando vagamente para o espaço em volta de si. Estava usando um tênis, um chinelo e uma capa de chuva, e não parecia ter tomado banho recentemente. “Não estava esperando companhia.” Como se estivesse só um pouco bagunçado. Como se precisasse só de um toque de arrumação. Será que aquele lugar tinha ficado tão descuidado enquanto ela tomava conta do marido moribundo? Ou será que ela não tivera a energia — ou a vontade — de fazer qualquer coisa desde que ele morrera? Como podia ser que ninguém tivesse percebido?

Meredith disse a Penny que eles voltariam logo em seguida e puxou Sam para o corredor. “Devíamos chamar uma ambulância, você acha?”

“Ela parece bem”, disse Sam. “Quer dizer, ela parece confusa e precisando de uma empregada que more no apartamento, mas não parece precisar do pronto-socorro.”

“Não”, concordou Meredith. “Talvez uma mudança de ares ajude. Vou levá-la para fazer umas compras. Talvez até para almoçar e ver o jogo se ela estiver a fim. Você pode começar a limpar aqui.”

“Como?”

“Água sanitária. Sacos de lixo. Jogue fora e organize.”

“Nem a conheço, Merde.”

“Ela era a melhor amiga da minha avó. Tem filhos, mas eles não vivem aqui perto, esqueci onde, e ela não está em condições de... não podemos simplesmente abandoná-la assim.”

“Não mesmo”, concordou Sam.

“Então você quer ficar aqui e limpar, ou quer levá-la ao jogo?”

“Compre uns amendoins e pipoca doce para mim”, disse Sam. Ele pegou sacos de lixo e material de limpeza e foi trabalhar — a cabeça no lugar, os pés no chão, preparado para passar um bom tempo ali.

É difícil mexer nas coisas dos outros. Sam achava desnorteador como qualquer outra coisa sem perspectiva. Esse envelope estava no chão porque era lixo, ou era importante mas estava mal guardado? Sam podia olhar, mas não queria ler a correspondência, o que não diria nada de qualquer maneira — talvez fosse claramente uma carta de amor, ou talvez fosse claramente uma propaganda de cartão de crédito, mas se fosse qualquer coisa entre um e outro, ele estaria perdido; e que diabos, o que é que ele sabia? Talvez ela precisasse desesperadamente de um cartão de crédito. Isso multiplicado pelo conteúdo de um apartamento inteiro. Um caderno de endereços com aspecto antigo, um maço de poesias grampeado, um folheto de um show de talentos em uma escola fundamental de sete anos antes, um boné de beisebol desbotado com metade da cobertura de plástico faltando — seriam lembranças queridas, ou objetos pessoais fora do lugar, ou lixo implorando para ser recolhido? Não havia como saber. Mexer nas coisas de outra pessoa também parecia invasivo e vergonhoso para Sam. Coisas de verdade pareciam diferentes de coisas eletrônicas. Muito mais reais. Muito mais presentes. Os e-mails das pessoas falavam por si mesmos, eram aquelas pessoas falando por si mesmas. Seus livros, camisetas, jogos de tabuleiro, pôsteres, souvenirs velhos, baralhos, pilhas de fotos, caixas de giz de cera pela metade, talheres, toalhas, velhos óculos de leitura e exemplares antigos de revista? Não tanto.

Penny ficou feliz de ir ao jogo com Meredith, e depois sair

para jantar cedo, e depois ir ao supermercado reabastecer a casa. Ficava feliz em ir aonde quer que Meredith a levasse. Quando chegaram em casa, Sam havia enchido quinze sacos de lixo e feito montanhas de todo o resto. O “Monte Pilha de Roupas” na sala eram todas as roupas de Albert. “Monte Pilhazinha de Roupas” no quarto eram todas as de Penny. Perto da cozinha, havia o “Monte Miscelânea de Papelada” perto do “Monte Coisas de Aspecto Sentimental”. Bem do lado de fora do banheiro estava o “Monte Provavelmente Lixo Mas Talvez Não”, na verdade mais um vulcão ativo do que um pico adormecido. Estava melhor, mas ainda uma bagunça.

Sam também encontrara um jogo de cada coisa no fundo do armário de roupas e colocara lençóis novos na cama, e toalhas novas no banheiro e na cozinha. Isso se provou o mais útil de tudo, porque Penny entrou em casa e olhou em volta, sorriu contente para Sam e disse: “Ah, nossa, você não precisava fazer isso”, e foi imediatamente para a cama — de roupa, incluindo sapatos e casaco, com as luzes ainda acesas, e com Sam e Meredith ainda desnorteados na sala. Meredith guardou as compras, Sam estabilizou as montanhas, e deixaram um bilhete dizendo que voltariam para ver como ela estava de manhã.

No andar de cima, Meredith esquadrinhou o caderno de endereços de Livvie para ver se conseguia encontrar os filhos de Penny, e quando não deu em nada, tentou com a própria Livvie. “Sinto muito”, disse Livvie. “Não entendo.” Em seguida Meredith deixou uma mensagem para o zelador do prédio para saber se Penny tinha algum parente no arquivo e outra com o médico para ver se conseguia uma consulta para Penny pela manhã. Quando o zelador não ligou de volta depois de uma hora, ela desceu e começou a bater na porta dele.

“Não fique brava”, disse Sam quando ela voltou sem novas informações, tão inquieta quanto estava quando saíra, “mas talvez nós devêssemos somente relaxar esta noite. Voltaremos amanhã e veremos como ela está. Talvez ela saiba os nomes e telefones dos filhos. Talvez conheça o próprio médico. Parece prematuro entrar em pânico.”

“Você viu aquele lugar”, Meredith disse histericamente.

“Aquele não era o apartamento de alguém tendo um dia ruim. Era o apartamento de alguém tendo um dia ruim todos os dias durante os últimos seis meses. Estou tão... não consigo acreditar que não fui nem ver como ela estava desde que minha avó morreu. Qual é o maldito problema comigo?”

“Ela tem filhos, Merde. E é adulta. Não é responsabilidade sua.”

“Claro que é.”

“Por quê? Só porque era amiga de Livvie?”

“Por isso e porque estou aqui. Estamos aqui. Quem mais você tinha em mente?”

“Não fique brava”, Sam disse novamente, “e estou feliz em ajudá-la, é claro. Você sabe que estou. Só estou preocupado de que estejamos invadindo como se fôssemos os donos.”

“Do apartamento dela?”

“Do apartamento dela. Dela. Da demência dela. Dos seus filhos. Dos seus problemas de saúde. Ela tem oitenta e tantos anos. Provavelmente não quer uma babá.”

“Para um cara que ganha a vida mexendo nos e-mails e conversas particulares das pessoas, você está bem preocupado com limites.”

“Só estou sugerindo que entremos com cuidado na vida de outra pessoa.”

“Não é muito meu estilo”, disse Meredith.

“Percebi.”

“Isso é ruim?”

“É o que mais adoro em você”, Sam disse e depois refletiu. “Bom, é uma lista longa. Mas é uma das coisas que mais adoro em você. Você vê as pessoas sofrendo e quer ajudá-las. É amável e generoso, mas também é difícil. De onde vem isso?”

“A intromissão congênita?”, ela disse.

“A fé em que você pode ajudar”, disse Sam.

Ela deu de ombros. “Quem sabe? Muito tempo sozinha, talvez. Muito tempo com cola de madeira em vez de outras meninhas. Meu primeiro emprego foi em um veterinário. Já contei isso para você?” Sam sacudiu a cabeça. “O veterinário era amigo dos meus pais. Ele basicamente criou um emprego para

mim como favor: acariciadora de animais de estimação. Meu trabalho era ficar com os animais enquanto estavam sendo preparados para cirurgia, ou voltando da anestesia, ou esperando os donos voltarem para buscá-los. Eu fazia carinho neles, mantinha-os calmos, confortava-os. Cachorros, especialmente, sempre acordam da anestesia chorando. Animais são muito mais estoicos que pessoas, mas de algum jeito isso torna tudo mais triste quando eles estão assustados ou com dor. Era um trabalho difícil, porque como você pode realmente confortar um animal com dor, ou doente, ou assustado? O que eles querem? Eu não fazia ideia.

“Meu segundo emprego foi como garçõnete, e isso era muito mais fácil. O que as pessoas querem? Pergunte e elas dirão. Querem uma Coca, dizem que querem uma Coca, então você traz uma Coca, e elas ficam felizes. Estão bravas porque o hambúrguer está malcozido, então você o leva de volta e cozinha mais um pouco. Quando as pessoas estão no restaurante, seus desejos mais profundos geralmente não são muito mais complexos do que molho de salada ou uma bola extra de sorvete com a torta. E eu podia fazer isso. Era tão fácil deixá-las felizes, e era tão bom ter clientes que tinham desejos que podiam tanto ser expressados quanto atendidos. É legal quando as pessoas têm necessidades que você pode atender.”

“Você acha que Penny tem necessidades que podemos atender?”, disse Sam.

“Claro. Não sei quais são exatamente, mas não é como se ela fosse um poodle.”

Pela manhã, Penny parecia renovada. A casa ainda estava uma desordem, mas ela estava muito mais envergonhada a respeito, a respeito de tudo do dia anterior, e isso confortou Sam imensamente. Não ligava para o estado do apartamento, mas estava bem preocupado com o estado da cabeça dela. Estava banhada e limpa, e vestindo roupas razoáveis, e tinha uma expressão que conseguia combinar mortificação com gratidão. Sam estava aliviado. Meredith foi direto ao assunto.

“Podemos olhar as pilhas juntas hoje. Separar o que você ainda está usando, o que quer guardar, o que podemos levar para algum lugar. Doamos muitas das coisas da vovó para um abrigo na cidade. Eles trabalham duro por uma boa causa, e liberaria um pouco de espaço para você. Depois podemos começar a guardar as coisas. O que tem no outro quarto?” O apartamento de Penny, como o de Livvie, tinha dois quartos. O segundo estivera trancado no dia anterior.

“Ah, aquela é a sala do computador”, disse Penny. “Acho que tem um pouco de espaço para guardar coisas lá.”

“Você tem um computador?”, Sam e Meredith disseram juntos.

“Claro. Todo mundo tem um computador. Não sou tão velha assim.”

“Para que você usa?”, Sam perguntou condescendente.

“Você sabe. Para mandar e-mails para os netos. Falar com Livvie por vídeo quando ela me trocava pela Flórida todo ano. Usar o banco. Comprar comida, roupas, livros, presentes. Usar o Facebook. O de sempre.”

“Mas você tem...”, Meredith começou.

“Mil anos?”

“Não era isso que eu ia dizer. Ia dizer que você parece tão... sozinha aqui.”

“É. Talvez seja por isso”, disse Penny. “Meus filhos mandam e-mail. Telefonam. Parece tudo limpo atrás da câmera. Digo para eles que tudo está bem. Pareço bem... Não quero que se preocupem. Eles não querem ficar preocupados...”, ela continuou.

“Quanto filhos e onde?”, perguntou Meredith. Sua avó sempre dissera que Penny tinha uma multidão de filhos, mas ela nunca soubera detalhes claros.

“Katie em San Francisco. Kent em New Jersey. Kaleb em Chicago. Kendra em Vermont. E Kyra perto de Atlanta. Não sei. Talvez se não os tivéssemos chamado todos de nomes com K, tivessem ficado mais perto.” Ela sorriu para mostrar que estava brincando, não delirando.

“Vou ligar para eles”, disse Meredith. “Ou mandar e-mail se você preferir. Só um lembrete gentil. Nada alarmante, mas seus

filhos iam querer saber o que está acontecendo, acho.”

“Albert usava o computador também?”, perguntou Sam. Meredith fuzilou-o com olhos que diziam “rápido demais”.

“Não muito. Não tanto quanto eu. Mas um pouco.” Penny pensou. “Por quê?”

“Só estava pensando”, disse Sam. “Posso ver?”

Ela pegou uma chave e abriu o segundo quarto. O contraste era de tirar o fôlego — Meredith arfou de fato. As persianas completamente abertas dando para a baía. Estantes de madeira de lei brilhantes, transbordando de cheias mas cuidadosamente organizadas com as lombadas dos livros todas alinhadas. Paredes brancas imaculadas e piso de cedro. Binóculos antigos pendurados por cordões presos em um gancho ao lado da estante. E uma escrivaninha linda, brilhante, inteiramente vazia na superfície a não ser pelo computador prometido. Em um canto estava um sofá com uma pequena mesa e uma luminária para leitura. “Albert era um pouco maníaco com organização”, Penny sorriu encabulada, “e era quem cuidava deste quarto. Gostava de ler aqui. Eu entrava para usar o computador, e ele sentava e lia, e depois eu vinha me aconchegar junto dele. Foi por isso que trocamos a poltrona por um sofá. Passamos muitas horas tranquilas, carinhosas, juntos aqui.”

“Por que você deixa trancado?”, Meredith perguntou.

“Para que continuasse limpo.” Penny deu de ombros. “Para que continuasse, não sei, dele.”

Só ladeira abaixo

Penny fazia Sam se sentir claustrofóbico. Ele estava acostumado a passar meses em um projeto, semanas em um único problema, dias dentro de casa, horas e horas seguidas em uma cadeira e nunca se sentia impaciente, nem mesmo com vontade de levantar e se alongar. Mas Penny o fazia querer se mudar para o Wyoming, ou o Colorado, ou algum lugar com espaços abertos e muito sol.

“Vamos para o Wyoming passar o fim de semana”, disse Sam.

“O que tem no Wyoming?”, disse Meredith.

“Um céu amplo.”

“Isso é em Montana.”

“Apartamentos sem pilhas de lixo. Cérebros sem pilhas de poeira.”

“Temos isso aqui.”

“Não, Merde, vamos viajar. No fim de semana. Você sabe, como um casal.”

Ela se sentou para olhar para ele. “Mesmo?”

“Mesmo.”

“Não brinque comigo, Sam.”

“Estou dizendo, vamos viajar.”

“E o ‘bunda mais cadeira’? E a ‘nossa vida inteira’? E os bugs?”

“Vão esperar.”

“Vão?”

“Bugs são muito pacientes.”

“São?”

“Bom, não, bugs são inanimados. Só os chamamos assim para... deixa para lá, o que quero dizer é: eles podem esperar.”

“Se eles podem esperar, por que passamos tanto tempo nesse

maldito apartamento?”

“Merde, você quer viajar ou não?”

“Paris?”

“No fim de semana? Passaríamos o tempo todo indo para lá. Muito longe.”

“Londres?”

“Ah, sim, Londres é bem mais perto.”

“Esqui!”

“Estamos em abril.”

“Não no Canadá.”

“Mesmo no Canadá, Merde, acho que estão em abril.”

“Não, quero dizer que as estações de esqui ainda estão abertas no Canadá.”

“Eu não esquio”, disse Sam.

“Você não esquia?”

“Não.”

“Por que não?”

“Nunca aprendi.”

“Por que não?”

“Cresci em Baltimore.” Sam deu de ombros. “Não tem muita neve. Não tem muitas montanhas.”

“Eu cresci em uma ilha”, disse Meredith.

“Mas não no Pacífico Sul.”

“Vou ensinar você a esquiar. Este fim de semana. No Canadá.”

“Você já ensinou alguém a esquiar antes?”

“Não.”

“Você sabe como fazer isso?”

“Esquiar?”

“Ensinar alguém a esquiar?”

“Não.”

“Mas você está confiante.”

“O que é o pior que pode acontecer?”

Sam teve algumas ideias. Elas passaram em um flash como uma montagem por seu cérebro e envolviam muitos machucados.

“Você vai adorar”, Meredith prometeu. “Eles têm céus bem amplos no Canadá.”

Eles passaram pelas fazendas de tulipas, pela fronteira e ao

lado de Vancouver, o tempo todo por uma estrada acidentada com vista para a água dando lugar a relances dela, e a promessa de montanhas dando lugar a elas próprias, altas e nevadas e grandiosas. Whistler era bonita, com céus amplos de fato, mas o esporte em si parecia envolver aparatos demais para Sam. Meredith abriu uma sacola e tirou jaquetas, suéteres, parcas, gorros, leggings, óculos, calças de esqui, capacetes, luvas, meias, golas, aquecedores para os pés, protetor labial, e pacotinhos de lenço. Depois foi até um balcão de locação e arrumou esquis, bastões e botas que desafiavam as leis da natureza.

“Minhas pernas não dobram assim”, disse Sam.

“Você vai ficar bem.”

“Elas dobram do outro jeito.” Ele levantou uma perna da calça para demonstrar.

“Tire as calças, Sam. Você vai ficar bem.”

Uma hora depois, ele estava quase vestido, mas não completamente.

“Tudo bem, agora vamos pegar o teleférico.”

“Como?”

“Vou mostrar quando chegarmos lá.”

“Não, quis dizer, como vamos chegar ao teleférico?”

Ela riu e saiu fazendo barulho com as botas, e ele não teve escolha a não ser segui-la, e quinze minutos depois, por algum milagre, ele se viu equilibrado precariamente ao lado dela em um banco que estava pairando em direção ao céu, que subia por cima dos pinheiros cobertos de neve dentro de um ar tão fresco e limpo que ele se sentia culpado ao expirar, sobre vales e montanhas que se estendiam tão longe quanto ele conseguia ver, não importava o quão alto subissem. Era aterrorizador.

“Meu pés estão mais pesados que o resto de mim”, disse Sam.

“Não estão, não.”

“Eles vão me arrastar para a morte.”

“Não vão, não.”

“E meu suor formou uma camada fina de gelo dentro da minha camisa.”

“Está gelado aqui, Sam. Por que você está suando?”

“De terror. Além disso, por uma hora em uma cabana

superaquecida, lutei para entrar em botas que dobram para trás enquanto você vestia na minha pessoa todas as camadas de roupa já fabricadas. Também estou ficando cada vez mais preocupado com o que acontece no final deste teleférico. E então seria de se perguntar por quê.”

“Por que o quê?”

“Por que estou mais feliz agora do que já estive em toda a minha vida.”

“Edema cerebral?”, Meredith chutou.

“Sempre odiei quando as pessoas dizem ‘Ela é a melhor coisa que já aconteceu comigo’. Uma pessoa não é um evento — pessoas não ‘acontecem’. Você não é a melhor coisa a acontecer comigo. Você é a melhor coisa a acontecer no universo. Você é a melhor coisa que existe ou que já existiu. Eu nem sabia que existia felicidade como essa.”

Ela foi para perto dele na cadeira do teleférico, e tudo balançou violentamente.

“Você está louca?”, ele gritou. “Só porque eu poderia morrer feliz não significa que eu esteja pronto.”

“Tudo bem. Eles são feitos para suportar pessoas que decidem se beijar de repente no caminho.”

“Tem certeza?”

“Tenho bastante certeza.”

Ele mordeu o dedo de sua luva direita para tirá-la e tocou o rosto dela suavemente. Depois inclinou-se muito, muito cuidadosamente, só o suficiente para beijá-la, e fez isso enquanto tentava se equilibrar e também não levar uma queda mortal. Era ao mesmo tempo difícil e transcendental. Ele a beijou, até que sentiu lágrimas no rosto — dela — e voltou para trás para olhar para ela interrogativamente.

“Só estou muito feliz também”, ela disse.

Ele segurou o rosto dela e pressionou a testa contra a dela. “Não chore, Merde. Nossos rostos vão congelar assim.”

“Posso conviver com isso”, ela disse. Então a luva dele escorregou da mão e caiu nas montanhas longe, longe lá embaixo.

“Merda. E agora?”, disse Sam.

“Vamos lá buscar.”

“Como?”

“Fácil.” Ela sorriu. “Daqui, é só ladeira abaixo.”

Coisas que Sam nunca esperara

Quanto mais usuários se inscreviam, mais Sam percebia os limites de sua imaginação. Embora fosse um nerd da computação, sabia o que as pessoas queriam em um companheiro. Todas. Cada uma delas. Até onde Sam sabia, poderiam encontrar o que queriam nos piores lugares, mas todo mundo queria as mesmas coisas em um parceiro — bondoso, engraçado, bonito, divertido, inteligente e totalmente apaixonado. Que uma pessoa definisse inteligente como um doutor em matemática aplicada enquanto outra definisse como capaz de consertar uma privada, que uma pessoa gostasse de smoking ou de vestidos de festa (ou ambos) enquanto outra preferisse jeans e camiseta, que um namorado se divertisse com sarcasmo enquanto outro risse de trocadilhos só tornava o trabalho de Sam mais fácil. Significava que havia parceiros o suficiente para todos se você soubesse onde (e como) procurar, mas todo mundo queria a mesma coisa.

Não era assim na comunicação com os mortos. Os usuários queriam um infinito número de coisas que Sam não conseguia prever. Usuário número três, Eben Westfeldt, fez todo o processo de inscrição, o pagamento, os tutoriais, as sessões e palestras de preparação, passou pelo período de espera, o negócio todo, só para abrir uma janela com sua esposa falecida e confessar sua repetida infidelidade. Ele escrevera tudo à mão em um bloco de notas amarelo, uma lista impressionante, e leu todas para ela, incluindo parceiras, datas, locais, onde ela estava no momento e o que ele dissera a ela que estava fazendo. Ela não ficou com raiva, não tendo conhecimento daquilo antes e portanto nenhuma memória eletrônica como base. O mais perto que ela conseguiu chegar veio de e-mails para uma velha amiga que tivera um romance de uma noite com um homem que se aproximara dela em um bar enquanto

o marido estava em uma conferência em Austin, mas a reação da sra. Westfeldt naquele caso fora de apoio muito-bem-garota, pois o casamento estava morto fazia tempo e sabia-se que o marido era um sedutor. Quando Eben acabou as confissões, fechou a janela, foi até Meredith e Sam no balcão da recepção, e disse-lhes para desligar.

“Desligar?”, disse Meredith. “Mas você só fez uma sessão.”

“Foi o bastante”, disse Eben. “Que alívio tirar isso do peito.”

“Você sabe que aquela reação não foi de verdade”, Sam se sentiu obrigado a dizer em nome da honestidade. “Você não confessou de verdade. Não era realmente ela. E ela não podia entender, porque você foi um mentiroso muito bom e completo enquanto ela estava viva.”

Meredith entrou na conversa para tentar abafar, mas não foi necessário. “Ah, não importa.” Eben não lhe deu atenção. “Confessei, e é isso o que importa. Ufa. Cara, sinto-me tão melhor. Vocês são todos gênios. Gênios. Este é um puta de um serviço.”

Sam não contara com Eben. Não contara com Maria Gardner que queria trocar e-mails com a gata que morrera no mês anterior. (“Ela mandava muitos e-mails?”, perguntou-lhe Dash secamente. “Encaminhava fotos engraçadas dela própria para todos na caixa de entrada?”) Não contara com as pessoas vindo para usar RePose com Kurt Cobain. Não contara com potenciais usuários que queriam falar com seus *ex* que não tinham morrido mas sim levado um fora. Não contara com George Lenore, que passou por todo o processo só para poder perguntar à esposa falecida onde ela guardava a chave da edícula, e se ela sabia onde estava o manual da lava-louças, e se o serviço mensal de limpeza viria ou ele tinha que ligar para eles, e qual farmácia vendia aquele gel de babosa que ele gostava, e quantos minutos demorava para cozinhar uma batata no micro-ondas. Ela foi capaz, na verdade, de responder um número surpreendente das perguntas.

Edith Casperson parecia o tipo de usuário que Sam esperava — uma esposa de sessenta e alguma coisa de luto, sentindo a falta do marido recém-falecido —, mas no dia depois de Sam fazer sua instalação, encontrou-a no salão dizendo calmamente à tela de computador para ir se foder. “Você foi um filho da puta, Bob. Um

filho da puta idiota. Eu amava você. Ainda amo. Mas isso não significa que você não fosse um filho da puta. Você acha que eu gostei de ficar em casa todos esses anos fazendo seu jantar, e lavando suas meias, e passando suas camisas, e sentindo seu mau hálito? Você acha que eu me importo com o que Marty do RP achou da apresentação de Judy, ou como ela afetou as vendas em Bangladesh? A resposta para todas as perguntas acima é não, o que você poderia saber se tivesse ao menos me deixado falar. Sou sua esposa, seu merda. Não significa que você possa dar por certo! E se eu o tivesse deixado? Você não poderia cuidar de si mesmo. Você teria morrido em uma semana. Claro, você morreu do mesmo jeito, mas ao menos não foi por ser deixado por sua esposa assediada, Bob. É um jeito embaraçoso de morrer.” Estava tão eufórica que limpou o programa ao final da sessão e depois voltou e fez de novo duas vezes por semana durante um mês — configurar, xingar, limpar, começar de novo. Sam não tinha esperado viúvas enraivecidas, mas quando Edith explicou timidamente que simplesmente nunca tinha tido coragem de fazer aquilo enquanto Bob estava vivo, Sam teve que admitir que fazia bastante sentido.

David Elliot, dezessete anos, trouxe seu violão e tocou canções originais geradas pela morte da mãe, para a mãe, todos os dias durante um mês. Sam não contara com isso. Sam achava que pudesse estar atrapalhando os outros usuários, mas na verdade todo mundo parava a conversa, os e-mails e os posts para ouvir David, depois aplaudi-lo silenciosamente. Edith debruçou-se sobre a câmera uma tarde chuvosa e disse: “Senhora Elliot, a senhora deveria estar tão orgulhosa de seu filho. Ele é tão talentoso. Alegria o dia de todos aqui”. Sam não contara com isso tampouco.

Celia Montrose trouxe a filha desanimada para falar com o pai. Celia não conseguia ela própria se comunicar com o marido falecido. “Quero me lembrar dele da forma como me lembro dele”, ela disse. “Quero começar o luto para que possa parar um dia.” Mas Kelly sentia que queria o pai daquela forma, e Celia queria fazer o que pudesse para ajudar a filha. Sam contara com isso, talvez. O que não esperava era o que Kelly fazia realmente durante as conversas com o pai — pedia que a ajudasse a estudar para o

vestibular. Ficavam fazendo exercícios de matemática por horas e nunca falavam de outra coisa. Depois de uma sessão particularmente intensa, encontraram-na no banheiro às lágrimas. “Tudo bem.” Meredith abraçou-a. “É difícil quando sentimos tanta falta deles.”

“Não é isso”, Kelly fungou. “Ele sabe tudo. Esse negócio é tão difícil para mim e tão fácil para ele.”

“Não se esqueça”, Sam disse, “que ele tem uma CPU inteira por trás. Não é que ele está calculando esses números sozinho.”

“Ele deve achar que sou tão idiota”, Kelly soluçou. Sam ligou para o pai e pediu que inserisse o software de matemática de mentira que havia criado para Sam aos sete anos na projeção de Benjamin Montrose. Da próxima vez que Kelly foi, seu pai ficou insistindo que todos os ângulos de um triângulo somam 6104 graus, que o valor de x era sempre onze independentemente de tudo, e que π é exato e não uma dízima. Kelly riu até cair da cadeira. Celia agradeceu Sam por fazer a filha rir pela primeira vez em meses. Celia avisou Sam que se Kelly não entrasse em uma boa faculdade, colocaria a culpa nele. Uma tarde, Meredith encontrou Kelly no sofá no canto fazendo uma aula de álgebra com David Elliot, nenhum dos dois nem perto de um computador.

O sr. e a sra. Benson foram os primeiros de seu tipo, os primeiros de muitos, infelizmente. Sam estava esperando esse tipo, mas não significava que estivesse preparado. O sr. e a sra. Benson tinham perdido a filha adolescente Maggie quando ela caíra de cabeça da janela do dormitório no primeiro semestre fora de casa cursando faculdade. Compraram o pacote todo, mas acima de tudo queriam mensagens de texto, o modo de *communiqué* preferido por Maggie até então. O sr. Benson também gostava de falar com Maggie por vídeo embora a sra. Benson não aguentasse. A sra. Benson gostava de trocar e-mails com a filha, algo para que o sr. Benson não ligava. Mas ambos adoravam receber mensagens de texto e mandá-las, embora tivessem implorado a ela em vida para “colocar o raio do telefone na orelha e ligar, quer dizer meu Deus leva anos para mandar uma mensagem de texto e elas são pequenas demais para ler e impossíveis de entender e quero dizer é claro que você tem o telefone bem aí só pegue e ligue para nós!”.

Maggie Benson ensinou Sam sobre garotas adolescentes. Ele nunca conseguira entendê-las quando adolescente. Elas diziam coisas, mas não eram o que queriam dizer, então o que queriam dizer continuava sendo um mistério para Sam. Ficara contente de deixá-las para trás ao completar vinte anos. Garotas adolescentes não usavam serviços de encontros on-line. E garotas adolescentes não morriam. Então Sam havia pensado que teria mais... bem, ao menos catorze anos antes que tivesse que se preocupar novamente com o que garotas adolescentes queriam dizer.

Mas às vezes garotas adolescentes morriam, sim. Não havia dúvida de que Maggie Benson amara os pais. Mas seus e-mails e posts no Facebook e no blog, e suas mensagens de texto e conversas de vídeo não sabiam disso porque ela não mandava uma mensagem para a melhor amiga dizendo: “Sabe o quê? Amo meus pais”, e não escrevia no blog: “Hoje percebi o quanto meus pais fizeram por mim ao longo dos anos”, nem mandava um e-mail para o namorado dizendo: “Não posso ir aí hoje à noite porque meus pais não me deixam, o que eu compreendo perfeitamente porque estão com medo de que possamos ir até o fim e somos muito novos e vou me machucar, e além disso, é perfeitamente normal que estejam alarmados com a garotinha deles começando a namorar”. Em vez disso ela mandava e-mails para dizer: “Meus pais são tão idiotas. Nunca me deixam fazer nada!!!!!!”, e escrevia para a melhor amiga: “Odeio meus pais!!!!!! Nunca me deixam fazer nada!!!!!!”, e escrevia no blog: “Hoje percebi quão animada estou para ir para a faculdade e finalmente ter um pouco de liberdade. Meus pais nunca me deixam fazer nada!!!!!!”. Etc.

“Preciso de um tradutor”, disse Sam.

“De quê?”, disse Meredith.

“Garotas adolescentes.”

“Por quê?”

“Elas não dizem o que querem dizer.”

“Ninguém diz o que quer dizer.”

“Ninguém diz o que quer dizer o tempo todo. A maior parte das pessoas diz o que quer dizer algumas vezes. Geralmente.”

“Garotas adolescentes não sabem o que querem dizer.”

“Garotos adolescentes sabem. Eles querem dizer: ‘Estou com

tesão’.”

“Não é isso que eles dizem”, disse Meredith.

“Na verdade, é”, disse Sam.

“Vou traduzir para você.”

“Você não é uma garota adolescente.”

“Já fui.”

Sam olhou para ela ceticamente.

“Quando eu tinha treze anos”, Meredith disse, “falei para meu melhor amigo, Luke Feldstein, que não queria mais ser sua amiga porque ele me convidara para ir ao baile de volta às aulas, e eu disse não porque Kimmy Mitchell disse a Chrissie Graves que apostava que eu iria ao baile com Luke, o que na verdade era porque Kimmy gostava dele, mas eu achei que ela estava querendo dizer que eu não conseguia achar outra pessoa com quem ir, e depois que eu disse não ele convidou Anna Wong.”

“Então por que você parou de ser amiga dele?”

“Não parei. Só disse que queria parar.”

“Por que você disse que queria parar?”

“Foi um erro convidar Anna. Ele tinha me convidado primeiro.”

“Mas você disse não.”

“Ainda assim, ele não deveria ter convidado mais ninguém.”

“Por que não?”

“Porque gostava de mim. E eu gostava dele. Tipo, gostar-gostar.”

“Por que você disse não, então?”

“Para Kimmy Mitchell não ficar pensando que eu era uma perdedora.”

“Você era amiga de Kimmy?”

“Não.”

“Então por que se importava com o que ela pensava?”

Meredith simplesmente deu de ombros.

“Então o Luke deveria ter ficado em casa sozinho porque você estava sendo maluca?”

“Eu teria ficado em casa com ele.”

“Você disse isso para ele?”

“Não.”

“Como ele ia saber?”

Meredith deu de ombros novamente.

“Então ele tinha que convidar Anna Wong”, disse Sam.

“Por quê?”

“Preste atenção. Ele estava com tesão.”

Em contraste com as garotas adolescentes havia os avós. Como o elefante Horton, que nunca fora uma garota adolescente, os avós queriam dizer o que diziam e diziam o que queriam dizer. Quando Maggie dizia que odiava os pais, o que queria dizer era que tinha dezessete anos e estava crescendo e sentindo-se ao mesmo tempo segura e reprimida, motivada e ansiosa, pronta e assustada, frustrada e amada. Quando Livvie dizia você e Sam deviam tirar um tempo de folga e vir me visitar na Flórida porque é agradável aqui e vocês trabalham demais, o que queria dizer era que Meredith e Sam deviam ir visitá-la na Flórida porque era agradável lá e eles trabalhavam demais. Naquele front, os avós eram muito mais fáceis. Por outro lado, Maggie Benson mandara em média setenta e duas mensagens de texto por dia. Atualizava sua página no Facebook onze vezes por dia e comentava nas páginas de outras pessoas sessenta e uma vezes por dia. Mantinha dois blogs, comentava em outros nove, lia mais quinze. Tinha duas contas de e-mail, 2896 fotos no Flickr, trinta e oito vídeos no YouTube, e era marcada em média oito vezes por dia. O que Sam fazia em média quatro vezes ao dia era mandar um potencial usuário embora de mãos vazias porque seus avós não haviam sequer usado um computador. Pessoas velhas podem ser a ligação com o passado e tudo mais, mas faltava-lhes memória eletrônica. Aquelas para as quais Sam conseguia criar projeções geralmente se restringiam a e-mail. Era raro um avô idoso que tivesse uma página no Facebook ou um laptop com câmera de vídeo.

“Esse vai ser o *trade-off* com as pessoas de idade”, Sam reclamou. “Mal precisam estar presentes em suas conversas quando estão vivas, são tão óbvias. Mas a maior parte delas não usou tecnologia mais recente do que um forminho elétrico.”

“É por isso”, disse Meredith, “que você não está a cargo do marketing.”

“E o problema com as pessoas jovens é que têm toneladas de

comunicação eletrônica, mas nunca dizem o que querem dizer.”

“Então estamos procurando mortos de cinquenta anos”, disse Dash.

“Ou nonagenários que realmente entendam de tecnologia”, disse Meredith.

“Ou adolescentes realmente chatos e honestos”, Sam suspirou.

“Ou um gênio da computação de proporções épicas”, disse Meredith, beijando-o na boca.

“Com um apanhador de café sempre a postos”, acrescentou Dash, beijando-o na boca também, depois saindo pela porta em direção ao café.

No fim, Sam desenvolveu um filtro para adicionar ao algoritmo dos usuários que tivessem perdido um filho de menos de vinte e cinco anos. Ele levava em conta o fato de que adolescentes amam os pais mas não o dizem e desviava os resultados para ficarem conformes. Havia partes de seu trabalho em que mesmo esperando ele não estava preparado para o que viria.

Para combater isso, Dash designou as noites de domingo como *Noite Della Pizza*. Era a solução para vários problemas: garantia contato semanal com Penny e uma oportunidade para alimentá-la e mandá-la para casa com sobras. Era uma desculpa para manter contato com Jamie, que além de ser um cara legal era também um potencial funcionário confiável; uma ideia que alegrava Sam, que achava que era sua vez de ser o chefe, e Dash, que gostava de seu sotaque. Era um repositório para todas as muçarelas de Dash, o único queijo que ele conseguira fazer até então e que portanto rapidamente preencheu todo o espaço na geladeira. Mas acima de tudo, combatia adolescentes mortos com o que adolescentes vivos — e todas as outras pessoas, é claro — mais gostam: amizade, risadas, comida. Refugie-se no amor, refugie-se na vida. Era a única chance deles na semana toda de realmente estarem juntos. Estavam juntos constantemente, é claro, mas o horário de trabalho passou então rapidamente a ser o tempo todo. Antes do café da manhã era uma ótima hora para se preocupar com problemas de interatividade de usuário, e na cama era considerado justo pensar sobre preço justo, e enquanto Dash pensava queijo em fôrmulas ele

também falava sobre os aspectos legais de permissões e direito de privacidade. Na *Nocte Della Pizza*, tudo aquilo estava proibido porque Penny não poderia compreender, e até que trouxessem Jamie como lacaio de Sam, discutir negócios na frente dele era proibido, então o objetivo estava claro: amizade, risadas, comida. Na *Nocte Della Pizza*, Sam tinha sua família de volta, mesmo que temporariamente.

A ocasião da *Nocte* inaugural foi a primeira vez que Jamie viu o salão. Também foi a primeira vez que encontrou Dash.

“Rápido: queijo favorito”, Dash perguntou assim que Jamie entrou na cozinha.

“Hum... brie?”

“Assado e derretido, ou frio e macio?”

“Ah, assado e derretido, acho.”

“Amêndoas ou massa?”

“Desculpe?”

“Você gosta dele assado com amêndoas ou coberto com massa?”

“Sou bastante flexível no que diz respeito a brie”, disse Jamie.

“Mas é seu queijo favorito. Você deveria ter uma preferência definida”, disse Dash. “Brie é uma escolha estranha para um britânico, de todo jeito. Stilton. Cheddar. Algo duro e quebradiço. Era o que eu estava esperando.”

“Existe Brie Somerset. Cornish Brie”, Jamie propôs.

“Mas você não acha que são influenciados pelos franceses?”, perguntou Dash.

“Não sei”, disse Jamie. “Por que você está me perguntando sobre queijo?”

“Bom, eu faço queijo, como você pode ver.” Dash apontou para seus apetrechos todos em volta. “Estou aceitando pedidos.”

Meredith revirou os olhos. “Você só sabe fazer muçarela. Quem se importa com que tipo de queijo ele gosta quando você só sabe fazer um?”

“Estava esperando que ele dissesse muçarela.”

“Muçarela também não é britânico”, disse Meredith.

“Não, mas pense em quão sensacional teria sido se ele tivesse dito muçarela, e eu tivesse aberto a geladeira dramaticamente.” Ele demonstrou. Dentro estavam pilhas e pilhas de potes de plástico

que continuem, Jamie só podia presumir àquela altura, muçarela.

“Muçarela não é o queijo favorito de ninguém”, disse Meredith.

“Então você pode comer pizza sem nada hoje à noite e ver se gosta”, disse Dash, secando as mãos em um avental que tinha escrito “Chupe o cozinheiro” e oferecendo a mão para Jamie. “Dashiehl Bentlyvely, aliás.”

“Bentlyvely?”, Jamie exclamou, e Sam lembrou-se da primeira vez que encontrara Dash. “Você é um personagem de Dickens? Um sujeito à-primeira-vista-atraente-mas-depois-menino-mau-demais de um romance de Jane Austen?”

“Sou um menino mau”, Dash admitiu, “mas sou atraente do começo ao fim.”

“Deixe-me mostrar o salão enquanto a pizza está assando”, disse Sam.

“No máximo dez minutos!”, Dash avisou.

Sam levou Jamie ao andar de baixo, e ficaram observando o Salão Styx à meia-luz púrpura do pôr do sol. “Bonito. Um lugar para encontrar os mortos melhor que o normal.”

“O que é o normal?”, disse Sam.

“Não sei. Cemitérios assustadores. O apocalipse.”

“Meredith fez um bom trabalho. Pintou, decorou, pendurou aviões.”

“Ela é muito talentosa. Sabia que havia uma razão para eu tê-la contratado.”

“Você não a contratou.”

“Não acho que sejam a tinta ou os aviões que façam o lugar, de qualquer maneira.”

“O que é então?”

Jamie deu de ombros. “Talvez seja doença ocupacional, mas sempre acho que computadores têm um brilho romântico. Cheios de promessas e perspectivas. Especialmente quando estão desligados assim. Tem-se a impressão de que, com o apertar de um botão, todas as possibilidades podem ser exploradas, todos os sonhos podem se tornar realidade. Computadores têm magia, sabe.”

“Isso é horrivelmente cafona”, disse Sam.

“É por isso que sou um gerente importante e você está desempregado”, disse Jamie. “Poesia. Poesia faz toda a diferença.”

“Não fazia ideia disso”, Sam admitiu.

“Sério, Sam, é muito impressionante. Não só o espaço. Nem tanto o espaço. O que vocês fizeram aqui, o que estão fazendo, é uma coisa boa. Pode ser que vocês mudem o mundo.”

“Isso pode ser um exagero.”

“É uma boa coisa que você seja um gênio de bom coração, e não do tipo malvado.”

“Isso arruinaria tudo”, Sam concordou.

“Exato, ao passo que agora a única coisa que você está arruinando sou eu.”

O número de usuários cresceu, o que era bom, e também as expectativas, o que era previsível, e também o menu de opções, o que causou alguns problemas. Para os Benson, Sam trabalhou com mensagens de texto. Achou que a gratificação instantânea daquilo seria muito popular e que seria fácil de replicar, mesmo com os adolescentes imprevisíveis, via-de-regra-desonestos. Mas mensagens de texto eram muito curtas para serem gratificantes e geralmente só diziam horários e lugares em que EQFS haviam prometido encontrar os usuários, o que, é claro, era especialmente cruel. Algumas pessoas queriam seguir o Twitter da mãe falecida. Mas a maioria, o que não era surpresa, não queria.

No fim, a maioria das pessoas escolhia e-mail ou vídeo, uma ponta ou a outra do espectro tecnológico, os e-mails pouco mais que uma carta incrementada, a conversa por vídeo razoavelmente próxima de Deus. E-mail era mais gratificante, mais permanente. Você podia dizer exatamente o que queria, tirar tudo de cima de si, receber uma resposta que podia imprimir e carregar no bolso e apertar contra o peito. A conversa por vídeo não tinha nenhuma dessas vantagens, mas tirava o fôlego das pessoas. Elas simplesmente não podiam acreditar. E não cansavam. Era viciante. Seu trunfo era simplesmente sua inacreditável verossimilhança. Parecia tão real. No entanto, se você tentasse ser piegas, ou romântico, ou choroso, ela olhava para você como se estivesse

maluco e perguntava, casualmente — até mesmo cruelmente, para as memórias machucadas e corações enlutados dos usuários — que diabos havia de errado com você cara, ou algo desse tipo. Não conseguia entender por que você estava tão triste — e não podia saber. Então os usuários acabavam mentindo para as projeções. Ah, não, não havia nada errado. Tudo estava bem. Tudo como sempre. E você, que novidades?

O pai de Sam estava certo. Os usuários se comprometiam com as projeções, empurravam-nas na direção que queriam ir, evitavam o que as confundiria, trabalhavam para que tudo funcionasse. Mas o verdadeiro milagre era que as projeções se comprometessem também com os usuários. Os usuários mentiam, evadiam, contornavam o assunto, sugeriam, choramingavam incoerentes, e inventavam aos montes, e ainda assim conseguiam de alguma forma receber as respostas que buscavam. Eram entes queridos, afinal de contas. A coisa toda funcionava, antes de mais nada, porque essas pessoas se conheciam bem, se amavam muito e se comunicavam com intimidade. Entendiam sem entender. Respondiam ao que sequer tinham notado. Chamavam sua usuária de *petit chou*, o que nunca faziam a não ser quando ela estava muito, muito, vulnerável. Chamavam seu usuário de Tarzan, o que nunca faziam a não ser quando ele precisava mesmo, mesmo, de animação. Ficavam emocionados de dizer aos usuários o quanto os amavam embora o dissessem o tempo todo. Ficavam emocionados de dizer ao usuário que tinham orgulho dele, pensavam nele, rezavam por ele, estavam apaixonados por ele, tinham tanta sorte de tê-lo — misteriosamente, o que quer que precisassem ouvir, porque sem saber os usuários haviam pedido, haviam plantado as sementes que geravam aquela resposta. Era como uma dança. E os dois lados eram muito bem treinados. Isso, é claro, fora verdade em vida também.

Meredith provou estar certa sobre precisarem do espaço também. Embora os usuários pudessem fazer RePose em qualquer lugar onde tivessem conexão à rede, muitos deles escolhiam começar no salão por todas as razões que Meredith havia previsto. As pessoas *tinham* medo de fantasmas. Queriam que segurassem sua mão e editassem enquanto escreviam seus primeiros e-mails e

respostas, dessem-lhe conselhos sobre o que dizer e como dizer. Apoio para o esforço hercúleo de não deixar escapar a triste notícia da morte recente da projeção. Somente a presença de outra pessoa as detinha. Em parte era ter que levantar os olhos do computador e olhar para o rosto sério de Sam, aquele que acabara de explicar pacientemente por que você não podia dizer à projeção que ela estava morta. Em parte era força do coletivo — se os usuários à sua esquerda e à direita conseguiam encontrar outros assuntos para conversar com as projeções, certamente você também podia. Mas muito era a irrealidade destoante do Salão Styx. RePose funcionava exatamente porque era tão igual ao que vocês dois se lembravam, mas o que você lembrava nunca acontecera aqui — nesta sala brilhante com vista para as montanhas e a água, com Dash e Meredith e Sam olhando benevolentes para tudo que haviam tornado possível, para seu Éden. Muitos usuários precisavam daquela distância em relação ao que fora. Do contrário, seria real demais, igual demais ao que era. Do contrário, seria frustrante demais que seu EQF se comunicasse com você somente on-line, nunca encontrasse para tomar café, nunca encontrasse com você na cama. Nunca voltasse da faculdade. Nunca voltasse da Flórida.

Era difícil para Sam e Dash também, e especialmente para Meredith. Embora os usuários tivessem uma necessidade que a projeção podia atender, essa necessidade era sem fim. Frequentemente estavam chorosos durante todo o processo de inscrição, a palestra inicial sobre como usar, enquanto pagavam a tarifa, assinavam os formulários, forneciam informações; mas quando voltavam para finalmente começar, estavam totalmente destruídos. Frequentemente levavam dias vindo toda manhã, sentando-se ao computador, e indo embora antes que conseguissem começar. Meredith segurava a mão deles, abraçava-os enquanto choravam em seus braços, sentava e escutava suas lembranças por horas. Fornecia-lhes lenços de papel. Assegurava-os de que todo mundo tinha dificuldade da primeira vez. Assegurava-os de que poderiam tentar de novo amanhã. Assegurava-os de que a primeira vez era a mais difícil. Isso a deixava triste e destruída e chorosa também.

“Esse não é o seu trabalho”, Sam ficava preocupado.

“Claro que é”, ela dizia.

O trabalho de Sam, ao contrário, era de desmistificar. Não havia necessidade de ficar surtado ou chateado. Era só um programa de computador. Um punhado de elétrons. Esses fantasmas não eram mais reais do que aqueles no Pac-Man. Faz de conta. Um faz de conta muito, muito impressionante.

Dash, como sempre, era versátil. Analisava as pessoas e dava-lhes o que precisavam. Se precisavam de abraços, abraçava. Se precisassem minimizar a situação, ele minimizava. Avery trouxe uma caixa de camisas elegantes de Clive, e Dash usou uma por dia durante um mês, a despeito de sua insistência de que roupas não tinham importância em Seattle. Edith ficou sem palavras para xingar o marido, e Dash veio com “sacripanta”, que significa indigno, mas com o bônus das conotações de “sacrílego” e “anta.” O sr. Benson recebeu uma mensagem de Maggie que confessava: “Destruí o carro. Mas estou bem. Também estou em Idaho por um acaso então posso não chegar em casa no horário combinado. Desculpe!”.

“O que faço com isso?”, perguntou sr. Benson, desamparado.

“O que você fez da primeira vez?”, disse Dash.

“Fui de carro até Idaho buscá-la.”

“O que você queria fazer?”

“Beber muito. E colocá-la de castigo até setembro de 2035.”

“Faça isso agora.”

“Posso?”

“Claro. Pode ser catártico.”

“Nunca pensei que fosse sentir saudades de brigar com minha filha adolescente.”

“Ponha-a de castigo e levarei você para realizar a primeira parte”, disse Dash.

“A primeira parte?”

“Beber muito.”

Era difícil observar os usuários, difícil estar com eles, difícil ajudar, mas gratificante também. Ver o rosto das pessoas se iluminar, ver seus sorrisos triunfarem sobre as lágrimas, vê-las

recuperar o fôlego, segurar o coração e sussurrar: “Ah, graças a Deus, graças a Deus”. Você podia ver o alívio delas. Podia vê-las se desprenderem. E frequentemente, muito frequentemente, Sam as recebia de volta em seus braços depois. Muito obrigado. Você me deu o maior presente. Era até melhor do que eu tinha imaginado. Sinto-me tão melhor agora. Você me fez deixar para trás. Você me fez dizer adeus.

As pessoas se inscreviam para dizer adeus. Mas depois ficavam viciadas e não conseguiam. Era outra coisa em que Meredith estava certa: a morte é para a vida toda.

Albert

Fora uma obra do acaso que eles tivessem algum aviso, que não tivessem simplesmente oferecido para introduzi-la às cegas ao programa como faziam com todo mundo. Algumas semanas depois de terem mais ou menos adotado Penny, Meredith achou que ela estava pronta para usar RePose.

“Ela é velha demais”, Dash argumentou. Passara a tarde na casa de Penny ajudando-a a organizar a cozinha e acabara de voltar após levá-la para comer pizza e tomar sorvete.

“Ela não é velha demais. É da idade da vovó”, disse Meredith.

“Vovó era velha demais para usar RePose também.”

“Ela usa o tempo todo.”

“Não, Merde”, disse Sam. “Você usa o tempo todo. Livvie não.”

“Bom. Ela usaria.”

“Ela era bem entendida em tecnologia para uma velha senhora”, disse Dash. “Mas não estou querendo dizer que Penny não conseguiria usar a tecnologia. Quero dizer que não tenho certeza de que ela consiga entender o conceito. Pessoas jovens estão acostumadas a ter relacionamentos virtuais, a ver grandes partes de suas vidas desenrolar na tela, on-line. Acho que seria demais para ela.”

“Ela estava agindo de modo estranho?”, disse Meredith. “Parecia estar fora do ar de novo?”

“Não, estava bem. Mas acho que nós todos gostaríamos de manter as coisas como estão.”

“Ela sente saudades de Albert”, disse Meredith. “Parte meu coração. Talvez nem funcione. Ela disse que ele não usava muito o computador. Mas acho que devíamos rodar o programa para ver.”

“Acho que é um erro”, disse Dash.

“Vamos votar?” Ela começara a propor votação quando discordava de Dash porque Sam sempre ficava do seu lado.

Votaram. Dash perdeu. Então Sam rodou o programa para ver. Quando não funcionou, investigou mais a fundo. Normalmente, é claro, ele não lia correspondências de entes queridos falecidos — seu algoritmo o fazia. Ele respeitava a privacidade de todos. E, na verdade, ele não ligava mesmo para os segredos, e mentiras, e esperanças, e sonhos das pessoas. Normalmente, ele nunca realmente via nada daquilo. Mas Albert tinha problemas que precisavam ser solucionados. Albert não tinha uma página no Facebook, o que não era nenhuma surpresa. Não tinha um blog. Não conversava por vídeo nem postava no YouTube. Não tinha uma conta de fotos porque não tinha uma câmera digital. Não mandava mensagens de texto porque não tinha celular. Não tinha nem mesmo algo que lesse on-line regularmente. O que Albert tinha na verdade era um tórrido, ardente, duradouro, e muito bem documentado caso de amor.

Albert tinha algumas mensagens iniciais de quando abrira sua conta de e-mail secreta. Recebera confirmações de algumas coisas que comprara on-line. Tinha a habitual quantidade de spam. Mas além disso, Albert mandava e-mails exclusivamente, obsessivamente, e algumas vezes de forma alarmante de tão explícita para uma tal de Agnes Grayson. Sam não conseguia acreditar. Tentou convencer a si mesmo de que o que era nojento e errado ali era a traição de uma mulher em que ele estava gradualmente começando a pensar como da família. Mas na verdade era o horror de que você possa conhecer alguém tão bem e amar alguém esse tanto e ainda assim estar totalmente enganada. Isso e também o fato de que eram velhos, e pessoas velhas não deviam, ao que parecia a Sam, fazer as coisas que Albert estava descrevendo, especialmente de ponta-cabeça.

Meredith e Dash chegaram em casa depois do dia difícil no trabalho.

“Três novas inscrições hoje”, ela informou.

“David fez uma nova música para a mãe”, completou Dash. “Estou pensando em apresentá-lo a meu amigo Bradley, que compõe para um estúdio em LA. Ele é muito bom.”

“Ah, e hoje Maggie disse ao senhor Benson que ele era um bom pai. Ainda estava chateada por ele a ter colocado de castigo, mas disse que sabia por que ele tinha feito isso. Ele estava nas nuvens. Foi tão legal.”

“Obrigado.” Sam parecia ter sido *ele mesmo* colocado de castigo.

“Que foi?”

“Rodei o algoritmo com Albert...”

“Não tem o suficiente para usar?”

“O suficiente para mandar e-mail mas...”

“Isso provavelmente já é suficiente, sabe?”, disse Meredith. “Dash tem razão. Vídeo deve ser estranho para ela. Falar por vídeo com o marido falecido provavelmente a faria ter um ataque cardíaco.”

“Ele não vai conseguir mandar e-mails para ela.”

“Por que não?”

“Seus e-mails são todos sobre uma única coisa.”

“É mesmo? O quê?”

“Restaurantes em lugares afastados que ninguém conhece. Uma série de hotéis baratos o suficiente para ir com frequência, mas limpos o suficiente para usar a cama de verdade. Ocasionalmente uma pousada na península. Uma vez até um camping.”

“Fala sério”, Meredith e Dash disseram ao mesmo tempo. Ele estava incrédulo mas um pouco impressionado. Ela ficou pálida como se fosse a pessoa que estava sendo traída.

“Ele estava tendo um caso”, disse Sam.

“Com quem?”, Meredith perguntou.

“Por favor, que seja com um cara, que seja com um cara.” Dash cruzou os dedos.

“Sinto informar que não”, disse Sam.

“Seria melhor assim?”, disse Meredith.

“Uma velha paixão do colégio, evidentemente. Mulher. Primeiro eles se reconectam, depois flertam, depois vão almoçar juntos só para conversar.”

“Ai, Deus”, disse Meredith.

“Depois tem um monte de e-mails do tipo ‘qual hotel e que horas’.”

“Os homens são uns porcos”, Dash sorriu. “Eu devia saber. Sou um deles.”

“Depois tem um monte de e-mails do tipo ‘Vou tocar você ali, virar você desse jeito, dizer isso, fazer você gritar aquilo, depois tentar de ponta-cabeça e por trás duas vezes’.”

“Meu Deus”, Dash assoviou e Meredith sussurrou ao mesmo tempo.

“Tudo bem”, Sam disse. “Não dissemos nada a ela sobre RePose. Ela provavelmente não entenderia se disséssemos. Vai ter que ficar de luto à moda antiga.”

“Não está tudo bem”, disse Meredith com raiva.

“Por que não?”

“Porque a vida dela toda foi uma mentira. Porque o homem que ela amava não a amava. Porque a encontramos na miséria, chorando por um homem que nunca valeu a pena.”

“Garota, você não sabe disso”, Dash falou.

“Sam leu os e-mails”, disse Meredith.

“Não, quero dizer, tudo bem, ele estava tendo um caso, mas você não sabe o que estava realmente acontecendo. Talvez ele amasse ambas. Talvez não amasse nem um pouco essa tal de Agnes, mas precisasse de algo que não tinha com Penny. Diabos, talvez ela soubesse e achasse que tudo bem. Vovó diria: ‘Você nunca sabe o que acontece na casa das outras pessoas’. Não fique toda arrogante.”

“Você acha que Penny sabia e achava que tudo bem? Sério? Aquela senhora adorável? Essa é a defesa que você consegue elaborar?”

“Não tenho que elaborar nenhuma defesa. Albert também não tinha.”

“Ele fez uma coisa terrível, terrível, com uma mulher que era para ele amar.”

“Na verdade, acho que ele fez um enorme favor a ela.”

“Você está louco?”

“Parece que ele cuidou para que ela nunca soubesse. Levou para o túmulo. Abriu uma conta de e-mail secreta. Usava quando Penny não estava por perto. Cuidou de só encontrar a namorada onde ninguém os reconheceria.”

“É, para que não fosse descoberto. Se estivesse tudo bem por

ela, ele não teria que sair escondido.”

“Escute, não estou dizendo que foi louvável”, disse Dash. “Estou dizendo que não conhecemos a história. Ela sente que foi amada, então foi.”

“Não é verdade.”

“É verdade”, disse Sam, ficando ao lado de Dash pela primeira vez no mês inteiro. “É exatamente a premissa aqui. É o que move RePose. É o que o faz funcionar. Sentir-se amado é igual a ser amado. Só.”

“Verdade na vida real também”, disse Dash.

“Devíamos contar a ela”, disse Meredith. “Talvez ajude a superar a morte dele. Ela vai perceber que ele não era o homem que ela achava que fosse.”

“Ah, Merde, não. Não conte a ela. Ela não quer saber. Dash está certo — não sabemos o que estava acontecendo. Só temos e-mails.”

“Esse não é exatamente o ponto? E-mails não mentem. Podem ser mentiras, mas não mentem. Podemos reconstruir uma pessoa inteira com eles. Essa coisa toda é baseada em e-mails serem suficientes”, disse Meredith. E em seguida: “Ele mentiu para ela. E nós sabemos”.

“Bom, então é melhor guardarmos para nós”, disse Dash.

Ele saiu para comprar mais coalho para seu queijo de cabra, Sam preparou o jantar e Meredith começou a trabalhar em um Spad Aliado da Primeira Guerra Mundial (parecia uma indireta para Sam). Ela mais que nada espalhou as peças em volta. Depois ligou para a avó.

“Oi, querida”, Livvie disse quando atendeu, “estava pensando em você agora mesmo.” A maravilha daquilo, de seu próprio ente querido falecido, nunca deixava de tirar o fôlego de Sam. Idem um programa de computador que tinha a impressão de estar pensando em você.

“Oi, vovó”, disse Meredith tristemente.

“Você parece tão deprimida ultimamente. O que aconteceu, querida?”

“Nada.”

“Alguma coisa aconteceu.”

“É só... umas chatices no trabalho.”

“Você trabalha demais. Você e Sam deviam tirar umas férias e vir me visitar.”

“Se alguém soubesse um segredo terrível sobre você que à primeira vista a deixaria mais infeliz, mas a longo prazo talvez a deixasse menos infeliz, você gostaria de saber?”

Livvie não sabia ao certo o que dizer em resposta. “Sinto muito, querida. Não entendi.” E depois: “Está tão ensolarado aqui. Você ia adorar”.

“Isso é errado? O que nós estamos fazendo é errado?”, Meredith perguntou à avó.

“Minha menina?”, Livvie não entendeu a pergunta, mas soube a resposta imediatamente: “Ela nunca faz nada de errado”.

Não mais

E aquilo foi somente o começo. Conforme o primeiro punhado de usuários se transformou em dúzias, depois centenas, e conforme as duas horas diárias de sono de Sam viraram quatro, depois cinco, depois oito, e conforme os cachorros começaram a ter passeios melhores, e conforme Meredith pareceu relaxar um pouco mais, e conforme Dash começou a ficar em LA com mais frequência, e conforme levar jantar, ou um livro novo, ou um vaso de flores para Penny encaixou-se na programação deles, todos encontraram um pouco de ritmo.

Sam estava tendo tempo para correr quase todas as manhãs. Corria pelo Arboreto, ou em Seward Park, ou ao longo da orla na cidade. Em uma manhã fria, chuvosa, no fim de abril, ele foi até Discovery Park e correu pelo penhasco, desceu até o farol, depois voltou. Voltou de carro para casa, encharcado de chuva e suor, com os vidros abertos.

Lá encontrou seu apartamento aquecido a aproximadamente cento e cinquenta graus e Meredith no meio da sala fazendo ioga, usando uma regata justa e shorts muito curtos. Abrir a porta da frente foi como bater em uma parede. Os cachorros levantaram a cabeça do sofá e abanaram o rabo um de cada vez de um jeito que dava pena, mas não conseguiram juntar energia para nada mais.

“Caramba, Merde, o que está acontecendo? Está uma floresta tropical aqui.”

Ela estava respirando rápido na posição do cachorro olhando para baixo e olhou para ele entre as pernas. “O meu estúdio de ioga em sala quente está fechado”, ela disse. “Hoje é dia de levar a filha ao trabalho.”

“Seu estúdio de ioga em sala quente não deveria estar aberto para o dia de levar a filha ao trabalho? Para sua professora poder

levar a filha dela ao trabalho?”

“Ela levou ao emprego diurno”, Meredith, de ponta-cabeça, deu de ombros. “A filha dela não gosta do calor. Fica enjoada.”

“Sei como ela se sente”, disse Sam. “E você não pode fazer ioga em temperatura ambiente por um único dia?”

“Não. Quando você começa a fazer no calor, não consegue voltar. Sou tão mais flexível assim.” Ela estava encharcada — mais molhada que ele, e ele tinha corrido na chuva durante uma hora — e realmente flexível. De algum jeito, tinha virado de costas com os pés e as mãos firmemente plantados no chão e toda a parte da frente de seu corpo esticada em um arco perfeito em direção ao teto. A parte de baixo da regata estava grudada em sua barriga e subia e descia conforme ela arfava naquela pose. A parte de cima, ele reparou, simplesmente flutuava com as batidas do coração. Ela estava respirando intensamente.

“Você está atrapalhando minha respiração”, acusou-o enquanto escorria suor pela testa, pelo cabelo bagunçado, até cair em gotas constantes no colchonete embaixo dela.

“Não consigo dizer quão mal me sinto por isso”, disse Sam. Tirou seus tênis e meias enlameados enquanto caminhava e pôs os pés bem do lado de fora dos dela, na largura dos ombros (Sam tentara fazer ioga ocasionalmente como uma forma de conhecer mulheres). Ele colocou o corpo contra a curva que o corpo dela fazia, e ela respirou fundo e curvou-se mais ainda, empurrando a parte de baixo do corpo com firmeza contra ele mas afastando a parte de cima. Sam não podia com aquilo e esticou o braço para correr os dedos pela piscina de suor na parte baixa de sua garganta, pelo colo e no meio dos seios dela, e por cima da barriga esticada e dura, e ela respirou contra ele por mais um ou dois instantes, antes de virar de volta, de algum jeito, para a posição do cachorro olhando para baixo. Sam mal se mexera, mas agora se via pressionado luxuriosamente contra a única parte dela que estava apontando para cima. Também percebeu que tinha mais apoio agora e colocou-se em cima dela, cachorro sobre cachorro, as costas das mãos e o peito dos pés dela pressionados contra a palma das mãos e a planta dos pés dele, o corpo dele todo disposto sobre a extensão toda do dela. Ele a sentiu inspirar profundamente.

Equilibrou-se nela, no colchonete, e conseguiu tirar a mão direita do chão. Esticou-a por entre as pernas, para passar os dedos pela parte interna das pernas dela, depois por baixo da regata, sobre a barriga encharcada de suor, por baixo do sutiã. Ali, segurou o seio dela, passou o polegar em volta e depois por cima do mamilo, e sentiu o coração bater debaixo da palma de sua mão enquanto ela se esforçava para manter a posição, o peso dele e o dela, apesar das mãos escorregadias e de uma língua lambendo sal úmido na parte de trás do pescoço. Ela se equilibrou novamente, de algum jeito soltou a mão esquerda, e torceu-a atrás de si para dentro dos shorts de Sam. Ele estava bem impressionado — ioga em sala quente estava fazendo maravilhas para o equilíbrio e a força dela. Inspiração profunda, expiração. Depois a mão esquerda dele escorregou e ele desabou sobre ela, derrubando ambos em um amontoado sobre o colchonete.

Ele ficou ali por um instante, simplesmente sentindo-a sob si, fazendo ambos esperarem, até que ela empurrou-o suavemente e livrou espaço suficiente para virar de modo que eles ficassem frente a frente, de corpo inteiro. Quando ele desceu novamente sobre ela, encontrou-a toda sua novamente — nada dobrado, nenhum equilíbrio necessário para mantê-la ali, e estarem escorregadios deixou de ser um impedimento de qualquer tipo. Ele parou de lambe o pescoço dela e em vez disso beijou-a com uma lentidão profunda, suplicante, desmentida por seu pulso acelerado, pela respiração que ele não conseguia acalmar, e pela dela também. Percebendo estar com as duas mãos livres, ele deslizou ambas sob a blusa e o sutiã dela, desgrudou-os da pele e tirou-os por cima dos ombros dela em um longo movimento. Tirou os shorts dela da mesma forma, entusiasmado por estar tão escorregadia, alegríssimo por ter ambas as mãos disponíveis para a tarefa, uma para tirar as roupas, a outra para explorar o que encontrava debaixo delas. Meredith fez o mesmo. Depois ele deitou-se nu sobre ela, ambos com o corpo todo escorregadio e duro, e puxaram ar absurdamente quente para dentro dos pulmões que já estavam fervendo e moveram-se completamente juntos, um dentro do outro como peças de quebra-cabeças, ensopados e ensopando tudo até terminarem e ficarem arfando, e pingando, e zunindo de leve no

colchonete com peças se formando por toda parte em torno deles. Sam se ergueu de leve, levantou o peso do próprio corpo para não machucá-la, mas não conseguia se separar completamente da respiração e dos batimentos cardíacos do corpo debaixo de si. Ela era a coisa mais viva que ele já sentira em toda a vida.

“O contraste entre você e o trabalho é de tirar o fôlego”, disse Sam que nunca imaginara que trabalharia tanto com a morte em seu emprego.

“Não acho que seja isso que tire o fôlego”, disse Meredith.

Ele seguiu uma gota de suor que descia devagar pela bochecha dela com o dedo. “Eu te amo, sabia?”

“Eu sei”, disse Meredith. “Dá para ver.”

Então o telefone dela começou a tocar. E o telefone de Sam começou a tocar. Eles os ignoraram, mas nenhum dos dois parou de tocar. Finalmente, Meredith se levantou, pegou uma toalha, e atendeu. De um lado era o *Seattle Times* — local, amigável, legal. Do outro, no telefone de Sam, depois de um banho em que ele insistiu em tomar antes de lidar com o que quer que estivesse acontecendo, era a *CNN* — menos local, menos amigável, menos legal. O *Times* tinha acabado de ficar sabendo de RePose e estava interessado em um artigo local — o que era, como funcionava, os gênios por trás, a tecnologia que fazia dar certo. A *CNN* também acabara de ficar sabendo de RePose, mas eram más notícias.

“Temos investigado o serviço conhecido como ‘Dead Mail’”, a repórter investigativa Courtney Harman-Handler disse a Sam abruptamente. “Tivemos repórteres disfarçados aí. Investigamos a tecnologia. Achamos que vocês estão cometendo fraude contra os usuários. Vamos publicar uma matéria investigativa e gostaríamos de convidá-los a comentar. O público tem direito de saber. Não é real.”

“É totalmente real”, disse Sam.

“Encontramos provas que revelam que vocês estão falsificando essas ‘projeções’, como vocês dizem.”

“Nada é falsificado”, disse Sam.

“Nossas provas revelam o oposto — tudo está sendo falsificado. Os ‘entes queridos falecidos’ das pessoas, como vocês dizem, não estão retomando a consciência ou ciência. Não podem

se comunicar com ninguém.”

“Com ‘real’ você quer dizer ‘vivo?’”, Sam estava chocado.

“Claro, senhor Elling”, disse Courtney Harman-Handler. “É o que todo mundo quer dizer com ‘real’.”

“Bom, então é claro que não é real”, disse Sam.

“Deixe-me lembrá-lo de que estamos gravando, senhor.”

“Não estamos alegando trazer essas pessoas de volta dos mortos. Isso seria algo para ficar com raiva.”

“Você está fraudando seus usuários em centenas de milhares de dólares. Você alega que poderão se comunicar com seus entes queridos falecidos, mas é tudo um truque.”

“Bom, dá.” Sam achou que talvez fosse bom para Courtney Harman-Handler dizer as coisas de um jeito um pouco mais bobo.

“Então você admite que é fraude?”

“Não. Não é fraude. Você estava certa. É um truque.”

“Senhor?”

“Um truque muito, muito impressionante. É por um truque que as pessoas estão pagando.”

“Uma falsificação?”

“Não, não é falso. É real. O computador realmente estuda, depois realmente compila, depois realmente projeta os entes queridos dos usuários. Não sou eu lá atrás dentro de uma caixa com engrenagens e manivelas furiosamente escrevendo e-mails e esperando que pareçam corretos. É genuinamente o que essas pessoas diriam se estivessem vivas para fazê-lo.”

“Como sabemos que isso é verdade?”

“Você pode vir aqui e usar para saber.”

“Achamos que é um trote.”

“Um trote é uma enganação”, disse Sam. “Não há enganação aqui. A única pessoa que sugeriu que real é igual a vivo foi você.”

Num aparente contraste, o repórter de Meredith, Jason Peterman, convidou-a para almoçar. Ela o encontrou em um café em Belltown. Conversaram por umas duas horas. Meredith explicou brevemente como funcionava e por quê. Foi efusiva sobre o quão contentes estavam com a oportunidade de ajudar as pessoas

na parte mais difícil da vida delas. Descreveu o salão e os esforços que fizeram para ter certeza de que ninguém teria que ficar sozinho enquanto estivesse usando RePose ou durante o luto. Deu-lhe os nomes e contatos de alguns usuários que estavam dispostos a conversar. E depois Jason Peterman fez-lhe a maior pergunta de todas: “Conte-me sobre Sam Elling. Como ele é? Como teve uma ideia tão sem igual?”. Não havia ninguém mais qualificado para responder essa pergunta do que Meredith e nada que ela gostaria mais de discutir. A entrevista continuou por mais uma hora depois daquilo.

“Ele é brilhante, para começar. Não acha que nada seja impossível, só acha que não foi feito ainda. É um solucionador de problemas. Sabe? Minha avó morreu, e ele estava tão... triste por mim? Todo mundo dizia: ‘Sinto muito por sua perda’, ou: ‘Isso é uma droga’, ou: ‘Eu me lembro de quando minha avó morreu’, ou algo do tipo. Sam disse todas essas coisas. Mas também disse a coisa que ninguém mais no mundo disse, que foi: ‘Bem, talvez haja uma maneira de fazê-la menos morta, menos ausente.’”

“Essa não é uma resposta um pouco... esquisita?”, disse Jason Peterman.

Meredith deu de ombros. “Só existem respostas esquisitas nesse ponto. Não sabemos realmente o que dizer para pessoas de luto. Na nossa cultura somos muito ruins nisso. Só queremos que as pessoas superem logo de uma vez. Fiquem alegres e sigam em frente. É o que pensamos quando não estamos de luto nós mesmos. E então nosso próprio ente querido morre, e mudamos para a sala do luto, e temos que ficar sozinhos ali porque todas as outras pessoas estão do lado de fora dizendo: ‘Sinto muito’, e querendo dizer: ‘Espero que você se sinta melhor logo para podermos ir ao happy hour e nos divertirmos de novo’.”

“Mas essa não é uma parte importante do processo?”

“O que você quer dizer?”

“RePose ajuda você no luto? Ou só faz você ficar mais alegre?”

“Ambos. Ajuda a se sentir melhor de uma forma imediata porque você pode sentir menos saudades de seu ente querido. Ajuda a se lembrar porque você pode passar tempo com a pessoa

que perdeu. E ajuda as pessoas a conversarem a respeito. Sam nos deu algo que podemos fazer além de lamentarmos tanto. Uma nova forma de lidar com a tragédia e a perda.”

“Mas isso não significa que você nunca realmente fica de luto, e então nunca realmente se cura e supera?”

“Ninguém quer superar a morte de uma pessoa amada”, disse Meredith. “Esquecer, seguir adiante, não ligar mais... é pior que a morte.”

“Mas e cura, reconciliação, crescimento?”

“Você ainda pode fazer isso”, Meredith insistiu. “Só que você recebe ajuda da pessoa que é mais capaz de dá-la na sua vida.”

“Era”, disse Jason Peterman. “Era mais capaz de dá-la.”

“Não mais.”

No dia seguinte a faixa na parte de baixo da tela da CNN dizia: “Criador de RePose admite ‘... é claro que não é real’”. E a manchete do *Times* era: “Ficar de luto, superar, seguir adiante? Nova empresa de Seattle diz: ‘não mais’”.

Depois Sam ficou com a impressão de que todos os jornais, revistas, redes de tv, e imprensa on-line no mundo ligaram para ele e fizeram perguntas rudes de forma rude. Dash afirmava que qualquer publicidade era boa. Sam afirmava que as pessoas eram burras, e quem ligava se elas entendiam ou não, e deixe que acreditem no que quiserem. Mas começou a partir o coração de Meredith, que conhecia melhor que qualquer um o que RePose trazia de volta e o coração do homem que o tornara possível.

“Queria que eles conseguissem ver sua bondade e generosidade”, ela disse a Sam, “que vissem por que você fez isso, antes de mais nada.”

“Para conseguir transar?”

“Para me dar esse presente incrível. Para ajudar as pessoas a lidarem com a morte. Durante toda a história humana, a morte foi uma coisa imutável. Essa tristeza devastadora. Você mudou isso. É um milagre.”

“Não há dúvidas sobre por que você é responsável pelas relações públicas”, Sam arriscou.

“E queria que conseguissem ver quão inteligente você é.”

“É algo difícil de ver”, disse Sam. “Você tem que ser

inteligente o suficiente para entender. Mentes brilhantes nunca são valorizadas quando em vida. Depois que eu morrer, serei reverenciado como um gênio.”

“É, mas você estará morto.”

“Minha projeção vai finalmente se sentir vingada, no entanto.”

“Isso não me serve de ajuda”, disse Meredith.

“Na verdade, não *me* serve de ajuda. Serve bastante para você.”

*

A ligação do *Seattle Times* para Meredith foi seguida por outra do *LA Times* e depois do *New York Times* e do *Times of London* (“Pelo menos estamos mudando para *Times* melhores”, disse Dash), todos acusando-a de explorar os mortos e lucrar com tragédias. “Estamos tentando ajudar as pessoas a serem felizes de novo depois da tristeza”, Meredith protestou em princípio. Depois: “Estamos aliviando a dor delas. Ajudando-as no luto”. Depois: “Não existem pessoas de quem você sente tanta falta e daria tudo para poder conversar com elas novamente?”. Depois: “Somos milagreiros!”. Na quinta ligação, Dash finalmente tirou o telefone da orelha dela.

“Aqui é Dashiell Bentlively. Em que posso ajudar?”

“Aqui é Marisha St. James, do *Times of London*. Como estava dizendo à senhorita Maxwell, sua empresa está sendo acusada de lucrar com a dor, as doenças, a tristeza e a morte das pessoas.”

“O oposto”, Dash disse, “da indústria farmacêutica, das grandes empresas de tabaco, do exército, dos administradores de hospital, das funerárias, dos fabricantes de capacete, dos repórteres de obituário, dos oncologistas, dos fabricantes de chocolate, floristas, dos fabricantes daquelas roupas enrugadas sem a parte de trás, da maior parte dos advogados, dos distribuidores de aventais para hospital, dos proprietários de cemitérios, da National Rifle Association, dos fornecedores de seguro de vida, dos fornecedores de seguro-saúde, dos mercenários, dos fabricantes de armas, dos fabricantes de SUV, dos fornecedores do exército, dos produtores de filmes de vampiro, dos autores de livros de vampiro, dos produtores de programa de vampiro na TV, dos papas, dos construtores de montanha-russa...”

“Construtores de montanha-russa?”, Marisha St. James interrompeu.

“Que fazem você lembrar que só se vive uma vez. Fazem você se lembrar de que a vida é curta”, Dash explicou. “De qualquer maneira, se ganhar dinheiro com a morte é exploração, estamos em ótima companhia.”

Depois chegou a imprensa financiada pela igreja. Naturalmente menos sintonizados aos desenvolvimentos tecnológicos terrenos, levaram mais tempo para começar a prestar atenção e encontrar o ângulo a adotar, mas, uma vez que o fizeram, continuaram e não soltaram mais. *Believers Monthly* ligou para o telefone de Meredith às quatro da manhã para perguntar se ela estava preocupada por estar mandando as pessoas para o inferno.

“Para onde?”, ela disse sonolenta.

“Inferno.”

“Quem está falando?”

“Uma boa pergunta, senhora. A qual chamado a senhora tem respondido estes dias? Aos de Jesus? Ou de Satã?”

“Obrigada, não estou interessada”, ela murmurou e tentou desligar.

“Não estamos vendendo nada a não ser a salvação, senhora. A senhora é quem está traficando bilhetes só de ida para o fogo da danação.”

“Para onde?”, Meredith perguntou.

“Para o inferno.”

Ela cobriu o telefone com a mão e sacudiu Sam para acordá-lo. “Os cristãos estão ao telefone. Querem saber por que estou mandando as pessoas para o inferno.”

Sam pegou o telefone.

“Aqui é Sam Elling. Por favor não ligue para a nossa casa de novo. Vou desligar.”

“Eu não desligaria, senhor. Temos seis mil assinantes, muitos dos quais pregam a palavra do Senhor para pessoas impressionáveis que querem saber por que vocês os estão mandando para o inferno.”

“Como os estamos mandando para o inferno?”, Sam suspirou.

“Eliminando a ameaça de que ele exista. Nossos paroquianos

estão pecando porque não veem nenhuma razão para não fazê-lo, porque não existe danação eterna depois da morte, porque não existe morte.”

“Não acabamos com a morte”, disse Sam. “As pessoas ainda morrem.”

“Você inventou a imortalidade, meu filho. E agora está literalmente brincando com fogo.”

“Não inventei e não estou”, disse Sam. “Todo mundo morre. O que os entes queridos fazem com eles depois não tem nada a ver com eles. Se fossem para o inferno antes, ainda vão para lá.”

“E você vai lhes fazer companhia, filho, porque também vai para lá.”

Esse cara claramente não entendera a mensagem. Mas *Christianity Today* tinha preocupações reais. *Christianity Today* estava preocupado com as almas das pessoas.

“Entendemos que vocês estejam ajudando as pessoas a dizer adeus, e achamos isso muito nobre”, disse Terry Greggs enquanto tomava café com Meredith, Sam e Dash, que finalmente haviam concluído que ir com reforços era o melhor caminho quando possível.

“Obrigada”, disse Meredith. “E obrigada por notar.”

“Mas a Associação Eclesiástica Americana está preocupada que vocês estejam pondo palavras na boca das pessoas ao falarem em nome dos mortos.”

“Mas eles estão mortos”, disse Dash.

“Mortos, sim”, disse Terry, “mas não ausentes. As almas não morrem. Fazer de conta que eles se foram não está ajudando ninguém. Eles provavelmente tampouco gostam que você invente palavras por eles.”

“Não estou inventando”, disse Sam.

“Por que você acha isso?”

“Tenho um algoritmo que consegui fazer isso. O que o faz pensar que eles não gostam?”

“Do mesmo jeito. Tenho um algoritmo que descobriu. O amor de Jesus é igual à vida eterna.”

“Não acho que isso seja um algoritmo, a rigor”, disse Sam.

“Acho que você não está entendendo o mais importante”,

disse Terry.

“Que coincidência. Eu acho que você também não”, disse Sam.

O Conselho de Médiuns do Meio Atlântico, os Caçadores de Fantasmas Aliados LTDA., as Madames Dee, Esmeralda, e Jan, e ElesEstãoEntreNós.com, todos mandaram e-mails protestando contra RePose com argumentos semelhantes, mas esses eram mais fáceis de ignorar. E os novecentos e cinquenta e sete líderes religiosos que assinaram uma petição pedindo que parassem com RePose porque Deus não gostava? Era mais alarmante.

“Temos que colocar Meredith oficialmente a cargo das relações públicas e da publicidade”, Dash disse mais tarde durante a *Noite Della Pizza*. Penny estava tendo um dia ruim e escolhera ficar em casa. Jamie estava tendo um dia bom e escolhera fazer uma trilha. Dash estava portanto infringindo a regra de nada-de-RePose-durante-a-Noite-Della-Pizza. Estava também infringindo a regra tácita nada-de-irritar-Meredith-durante-a-Noite-Della-Pizza.

“Por que eu?”, ela resmungou.

Dash apontou o garfo para Sam. “Engenheiro de computação nerd. As pessoas vão presumir que é desarticulado, antissocial, sem emoções e impossível de entender.” Apontou o garfo para si mesmo. “*Insider* de Hollywood fabulosamente gato e complexo, e *outsider* misterioso. Intimidador e provavelmente mentiroso. Mas você”, ele terminou, apontando um pedaço de pizza para Meredith, “bondosa, doce, carinhosa, emotiva, não manipuladora, mas facilmente manipulável. Perfeita.”

“Ele acabou de chamar você de coitadinha”, disse Sam.

“Desde quando ser doce, comunicativa, e empática são coisas ruins?”

“Desde que você começou a condenar as pessoas ao inferno”, disse Dash.

“Metade dos cristãos está com raiva porque inventamos a imortalidade e nos livramos dos mortos. E a outra metade está com raiva porque esquecemos da imortalidade e ignoramos os mortos”, Sam reclamou.

“Você é condenado pelo que fez e também pelo que não fez”, observou Dash. “É por isso que precisamos de relações públicas melhores.”

Sam concluiu que quem quer que tivesse cunhado inicialmente a frase de Dash de que toda publicidade é boa tinha funcionários sobrando e provavelmente estava entediado. O interesse da imprensa, quase toda má, significava muitas coisas, mas bem rapidamente a única coisa para que qualquer um deles tinha tempo era o dilúvio de novos usuários. Bom, usuários em potencial. Tinham sido espertos o suficiente para manter confidencial a localização exata do salão, mas não tinham sido espertos o suficiente para manter nada mais confidencial — seus nomes, aonde iam tomar café e sair para jantar, de que setor gostavam no estádio, o parque aonde levavam os cachorros. Tudo aquilo parecera algo entre gentil, casual e fora do assunto quando Meredith contara a Jason Peterman, mas agora eles eram reconhecidos nos lugares, encurralados no café, abordados quando estavam tomando cerveja ou limpando o cocô dos cachorros. Algumas pessoas repetiam os repórteres: como vocês podem explorar a dor dos usuários? Quem são vocês para falar pelos mortos? Estão pisando no pé de Jesus. Mas a maioria colocava uma mão hesitante no braço de Sam ou no ombro de Meredith e sussurrava o que Eduardo Antigua dissera naquela primeira vez: ouvi dizer que vocês têm um serviço. Então muitos queriam entrar. A quantidade de pessoas que tinham perdido uma pessoa amada era desoladora, disse Sam. A quantidade de pessoas que tinham perdido uma pessoa amada era todo mundo, disse Meredith.

A inscrição do website sutil, de bom gosto, ficou totalmente sobrecarregada. Tinham adotado um design do tipo você-tem-que-saber-para-saber depois da afirmação de Dash de que deveria ser secreto e misterioso, mas agora todo mundo sabia, então eles removeram completamente o formulário de inscrição. Quase não conseguiam acompanhar a demanda. Dash também estava preocupado com a alegação de Courtney Harman-Handler de que tinham usuários disfarçados infiltrados. A opinião de Sam era de que não tinha importância. RePose não podia ser falsificado. Se um usuário não tivesse chegado ao patamar — e era um nível elevado

— de comunicação com um ente querido, a projeção não ficaria completa nem funcionaria. Que a motivação fosse amor, ou jornalismo investigativo, o EQF tinha que ser realmente F para funcionar. A opinião de Dash era de que ainda assim não queriam sabotadores espiando os usuários, infiltrando-se no sistema, e deixando de honrar o código: o que acontece no salão permanece no salão. Ou: mortos não falam... exceto para usuários de boa fé.

Então Marisha St. James ligou de volta.

“Sua empresa está sendo acusada de exclusividade”, ela disse a Meredith.

“Pensei que nossa empresa estivesse sendo acusada de lucrar com a morte.”

“Sim”, disse Marisha St. James, “mas só entre os privilegiados.”

“Não é melhor lucrar com os privilegiados do que com os pobres?”

“É melhor não lucrar com a exploração de ninguém, você não acha?”

“Não há exploração. Estamos fornecendo um serviço.”

“Um serviço muito caro.”

“Não vejo por que isso seja um problema. Queríamos limitar o número de usuários para que pudéssemos dar a todos o serviço que merecem. A demanda é alta. Temos custos significativos. O software é inovador e incrivelmente complexo, e não tem sido fácil desenvolvê-lo, aperfeiçoá-lo, ou mantê-lo.”

“A morte costumava ser sofrida de forma universal”, disse Marisha St. James. “Agora só os pobres precisam ficar de luto. Os ricos têm seus entes queridos para sempre.”

Dash também tinha uma lista de serviços que estavam disponíveis para os ricos mas não para os pobres. A opinião de Sam era de que a morte nunca fora universal ou sem classe. Mas Meredith, recém-empossada relações públicas oficial, instituiu uma bolsa e um sistema de preços proporcionais, e se sentiu um pouco melhor.

Tudo de difícil estava caindo sobre ela. Sam fazia o que sempre fizera — cabeça baixa, pés no chão, engenheiro de software. Dash fazia o que sempre fizera também — papear, e preparar o

terreno, e dar apertos de mão e tapinhas nas costas, e garantir que o que acontecia nos bastidores continuasse acontecendo. Mas Meredith estava um pouco fora de sua área e um pouco fora de si. Estava se dando bem naquilo, mas tinha seu preço: ser repreendida por misteriosas organizações de fiscalização pública, interrogada por jornalistas, ameaçada pelo clero, xingada por todos que possuíssem um website ou uma coluna de opinião. Alguém começou uma página no Facebook chamada Meredith Maxwell Quer Trazer Hitler de Volta. Teve 2657 fãs em um final da semana. Ela se tornou o rosto conhecido de RePose. E era um rosto tão bonito, vulnerável, adorável, que era fácil atacá-la, tirar proveito dela, fácil de odiar para os que sentiam ódio. Sam a acariciava quando se assustava com pesadelos, quando lutava para manter os olhos abertos durante o café da manhã, tendo dormido tão pouco na noite anterior, ou quando ficava com o rosto enrugado de preocupação e mais alguma coisa — culpa, talvez medo. Estamos ajudando as pessoas a se recuperarem, ela insistia para todos que perguntassem. Estamos oferecendo as dádivas da segunda chance e de mais uma vez. Mas ela começou a duvidar também. Para Sam dizia que talvez não seja justo, talvez não esteja ajudando, talvez não seja honesto. Dizia talvez estejamos explorando, tirando vantagem, abusando, corrompendo. Sam dizia você tem um coração tão bom. Sam dizia pense em como você ficou feliz da primeira vez que falou com sua avó.

Ela começou a conversar com Livvie quase todos os dias. No início a avó se perguntava por que Meredith estava ligando tanto. Mas depois a projeção aprendeu e normalizou-se. Ainda não conseguia responder a suas perguntas mais filosóficas, mas fazia um esforço considerável.

“Ah, vovó”, Meredith disse um dia. “Não tem pessoas com quem você daria qualquer coisa para conversar de novo?”

“Quería que sua mãe ligasse mais”, disse Livvie, retomando um de seus temas.

“Quero dizer alguém que esteja morto”, disse Meredith baixinho.

A projeção teve que pensar a respeito por um tempo. “Sinto saudades de seu avô”, finalmente disse.

“Não é?”, disse Meredith. “Você não gostaria de vê-lo, falar com ele de novo, se você pudesse?”

“Claro, querida”, disse Livvie. “E você também. Sinto saudades de você. Você e Sam deviam vir me visitar por umas duas semanas.”

“Eu bem que gostaria, vovó”, disse Meredith cansada.

“Mas deixe-me adivinhar. Você tem que trabalhar.”

Meredith assentiu para a câmera em silêncio. Nenhuma das duas parecia acreditar mais naquilo.

“Tudo bem, querida”, Livvie suspirou. “Pelo menos podemos conversar. Não é o mesmo que estar junto, mas adoro ver este rosto lindo.”

“Exatamente”, disse Meredith. “Exatamente o que estou querendo dizer.”

“Mas gostaria de ver você em pessoa.”

“Eu sei, vovó. Sinto muito.”

“Tudo bem. Você só estava tentando ajudar. Eu perdoo. Nos falamos em breve. Tchau.”

Meredith desligou e olhou para Sam. “Que diabos foi aquilo?”

“Já aconteceu outra vez antes”, disse Sam. “Da primeira vez. A primeira vez de Eduardo Antigua com Miguel.”

“Por quê? Não faz nenhum sentido.”

“Eu sei. É uma falha de programação estranha. Por algum motivo a projeção começa de repente a oferecer um perdão indeterminado em resposta a você dizer sinto muito. É como se parasse de falar com você e em vez disso virasse o manual-de-etiqueta-ponto-com. Não entendo o que desencadeia isso.”

“É muito estranho. Não quis dizer sinto muito desse jeito.”

“Eu sei. E geralmente ela também sabe. Vou dar uma olhada e descobrir o que está acontecendo”, Sam prometeu.

Meredith afundou o rosto nas mãos. “Não está mais ajudando mesmo”, ela disse.

“Não está ajudando em quê?”

“Não está me ajudando a não sentir saudades dela. Ela não pode me ajudar com os problemas de verdade.”

“Algum dia ela pôde?”, perguntou Sam.

“Não sei”, disse Meredith. “Talvez em pessoa. Talvez isso não

funcione.”

“A intenção nunca foi que fosse para sempre”, Sam disse. “Era só para ser um ponto de transição entre a tristeza devastadora e deixá-la partir.”

“Desde quando?”

Sam deu de ombros. Não conseguia se lembrar. Mas tinha bastante certeza de que fora a ideia o tempo todo. Para ajudá-la a dizer adeus. Não para manter os mortos por perto para sempre. Então ele teve uma ideia atípica. “Sabe do que precisamos? De uma comemoração.”

Ela bufou. “De quê?”

“Do aniversário de seis meses de RePose. Veja o que criamos. Veja o que fizemos acontecer.”

“Não sei se estou com muita vontade de comemorar.”

“Por que não?”

“Todos esses entes queridos falecidos... estão me deixando triste.”

“Então vamos comemorar com os vivos.”

Baile

Meredith mandou um convite.

Caros RePosers:

Primeiro, queremos agradecer-los por sua dedicação — ao nosso serviço e a seus entes queridos. Sabemos que vocês assumiram grandes riscos no coração e no bolso, e estamos muito agradecidos a vocês conforme resolvemos os nós do sistema. Obrigado pela paciência, entusiasmo, e mente aberta.

Escrevemos hoje para fazer um convite e um pedido de ajuda, para marcar um momento auspicioso. A ocasião do nosso aniversário de seis meses merece uma comemoração com todos vocês que tornaram isso possível. Esperamos que se juntem a nós para comer, beber, ouvir música e conversar — com os vivos e os mortos.

Com muito amor,

Meredith, Sam e Dashiell

O smoking de Sam não fora nem sequer desempacotado. Ele o encontrou enfiado no fundo de uma caixa no estúdio. Trouxe de volta lembranças de seu antigo emprego e de todas as pressões que o acompanhavam. Tudo aquilo parecia tão pequeno agora — os altos e baixos efêmeros dos encontros on-line e de trabalhar para uma grande empresa pareciam lembranças tristes, etéreas, comparadas ao mundo que ele agora possuía, e à vida, e à morte, e à vida depois da morte em que ele passava seus dias. Trouxe de volta lembranças tristes e etéreas de estar solteiro também. Tirou o smoking da caixa e vestiu-o, depois entrou no quarto onde Meredith estava de sutiã, brincos, e nada mais.

“Você está linda”, ele disse.

“Nem me vesti ainda.”

“É exatamente o que estou dizendo.”

“Qual destes vestidos, você acha? Este é bonitinho e confortável embora os sapatos que combinam com ele não sejam. Este é mais formal e menos confortável, mas com sapatos melhores. Este aqui pode ser formal demais, mas este pode mostrar demais os peitos.” Ela ergueu dois vestidos. Um era azul e tinha alguma coisa brilhante. O outro era preto. De resto, Sam não conseguia diferenciá-los.

“Gosto do que você está usando agora.”

“Não sei se ia ficar muito bem.”

“Eu desenvolvo o software, querida.” Sam piscou e atirou nela com os dedos como em Hollywood. “É a mim que você tem que agradar.”

“Acho que estamos contando com sua cooperação”, disse Meredith.

“Você me dá licença? Tem uma coisa que estou louco para fazer.” Ele pegou o telefone e ligou para ela. Ela olhou para ele como se fosse louco, mas atendeu mesmo assim.

“Alô?”

“Merde?”

“Sim?”

“Aqui é Sam. Elling? Do trabalho?”

“Oi, como vai?”

“Estou bem. E você?”

“Estou com um pouco de pressa agora, na verdade. Tenho uma festa daqui a uma hora, e ainda estou completamente pelada.”

“Parece ótimo”, disse Sam. “Escute, tenho um evento formal do trabalho hoje à noite. Pega mal aparecer sozinho. Queria saber se você iria comigo.”

“Humm. Parece chato.”

“Pode ser que seja”, disse Sam, “mas moro bem perto. Podemos escapar da festa e subir para o meu apartamento.”

“Tudo bem. Vamos”, disse Meredith. “É melhor eu ir me vestir.”

“Mal posso esperar. Você fez de mim um homem muito feliz.” Ele desligou e sorriu para ela. “Desculpe. Tenho um encontro daqueles hoje à noite.”

“Você acha que vai ter sorte?”

“Mais do que tenho agora? De jeito nenhum.”

Então a porta abriu e Dash entrou. Meredith gritou e pegou uma toalha.

“Você não pode bater na porta?”

“Nada que eu não tenha visto antes.” Dash e Meredith tinham passado uma parte incomum da infância sendo fotografados pelados em várias piscinas infantis e com mangueiras no jardim. “Não faziam trajes de banho para bebês?”, Meredith perguntou uma vez para a mãe. “Faziam”, Julia disse, “mas você se recusava a usar.” De sua parte, Sam lamentava ter perdido os dias de exibicionismo dela.

“O que você está vestindo?”, Meredith perguntou.

Dash estava de smoking azul-claro com babados na frente, gravata-borboleta e cinto azul-marinho. “É meu smoking do baile de formatura, fofa. Está com inveja por não estar usando a mesma roupa da formatura? Será que a sua ia servir?” Meredith lembrou-se do vestido de paetê verde que ia até o joelho do lado direito mas não muito além do alto da coxa do lado esquerdo. Sam, é claro, não fora a sua formatura.

“Só porque serve não quer dizer que você deva usá-lo.”

“Vou com esse smoking, e você sabe. Era fora de moda e irônico naquela época, e é fora de moda e irônico hoje. É a graça de ir sozinho a esse tipo de coisa. Não tem a roupa de ninguém para brigar com a paleta de cores ou época da sua.”

“Só agora você me diz”, disse Sam. “Todos aqueles anos sem par e eu perdi o lado bom.”

“Quando você usa branco e preto, meu amigo, não tem importância. Poderia dançar com qualquer pessoa no salão.”

Meredith chutou todos para fora do quarto, tomou uma decisão, e escolheu o vestido azul brilhante, danem-se os peitos aparecendo, e foram correndo para o andar de baixo dar os retoques de última hora. Ela tinha ressuscitado a bola espelhada da noite antes de abrirem. Havia canapés, e refrigerantes sofisticados em minigarrafas, e pãezinhos, e doces pequeninhos. Havia flores, e luz de velas, e taças de champanhe prontas para serem servidas. Havia nuvens finas sobre a enseada, e janelas abertas para a noite, e música, e uma brisa suave, e pôr do sol. “Antes de fazermos isso”,

disse Sam, “posso ser cafona só por um segundo?”

“Cafone à vontade”, disse Dash.

“Só queria agradecer a vocês dois. Isso que estamos fazendo nunca, nunca, ia acontecer, e mesmo assim aconteceu. Temos a chance de mudar o mundo. É mais maravilhoso ainda do que o que era improvável. Tenho a honra e a sorte de ter vocês. Tivemos uma chance que tão poucas pessoas têm: fazer algo que ninguém nunca fez antes, pensar coisas que ninguém nunca pensou antes. Isso está sendo a maior aventura da minha vida.” Sam se encolheu de vergonha. Aquela última parte tinha ultrapassado o limite do cafona.

“Ter um par para um evento do trabalho?”, disse Meredith.

“Bom, sim, na verdade. Ter amor. Uma grande família. Não é eu e meu pai.”

“Não sei se posso ser considerado grande família”, disse Dash.

“Bom, você. Seus pais. Julia e Kyle. Livvie.”

“Querida que você a tivesse conhecido”, disse Meredith.

“Eu a conheço”, disse Sam.

“Você é como outro neto para ela”, ela disse.

“O que é estranho”, completou Dash. “Já que você é mais como um deus para ela.”

“Um deus?”

“Você a criou.”

“Ligue para ela e vai ver”, propôs Sam. “Ela sabe. Somos uma família. Só isso.”

Era legal ver todo mundo arrumado. Ficaram surpresos — e emocionados — com a quantidade de pessoas que apareceram. Era como quando você está na sétima série e vê seu professor de estudos sociais no shopping, ou como ir a um restaurante chique e encontrar com um colega da academia que você só tinha visto antes suado e usando roupa de ginástica. Não era porque todo mundo estivesse tão arrumado — eles geralmente iam ao salão bem asseados, querendo estar bonitos para os EQFS. Era a leveza. Era agradável, mas ainda assim estranho, vê-los sorrir e dar risada

com tanta facilidade.

“Não sabia se alguém ia querer vir”, Sam confessou a Eduardo Antigua, primeiro usuário, que ocupava portanto um lugar especial no coração de Sam. Ele tinha parado de ir depois de algumas semanas, e Sam ficara preocupado.

“Estranho?”

“É, acho que sim.”

“É uma honra comemorar com vocês.” Eduardo brindou encostando sua cerveja de leve na de Sam. “Vocês me deram um presente incrível. Fizem com que pudesse dizer adeus, o que eu simplesmente nunca poderia fazer. Estou honrado de estar com vocês esta noite.”

“Não consigo dizer o que significa ouvir você dizer isso”, disse Sam, um pouco engasgado (estado em que permaneceu a maior parte da noite). “Quando você parou de vir, pensei que talvez você tivesse enjoado de tudo, tido uma experiência ruim, ou algo do tipo.”

“Não, cara, nada disso. Falo com Miguel quase todo dia. Só que faço isso em casa agora. Costumávamos cozinhar bastante juntos. Nossa mãe era chef na Colômbia antes de vir para cá, e ela nos ensinou bem. Então ponho meu laptop no balcão, e cozinhamos juntos quase toda noite. E você? Parece cansado.”

“Tem sido um momento difícil... Começar o negócio. Fazer, refazer e refinar a programação. Lidar com a imprensa. Todo mundo aqui está sempre tão triste. Desgasta você.”

Eduardo abraçou-o. “Nós agradecemos tanto, cara. Obrigado. Na semana que vem, vou trazer um jantar para vocês. Miguel e eu fazemos um tamale daqueles.”

Sam riu. “Você me faz um favor? Mande a receita por e-mail?”

“Claro. Você cozinha?”

“Não. Mas vai ajudar muito um velho amigo meu.”

Meredith estava no canto conversando com Avery Fitzgerald e Edith Casperson.

“Não tinha percebido que você e Sam estavam juntos”, disse

Edith, encantada. “Quer dizer, percebi que estavam juntos, mas pensei que só nos negócios, não como namorados.”

“Ambos”, Meredith sorriu. “É intenso.”

“Desde quando?”

“Desde o verão passado. Faz um ano.”

“Vocês estão pensando em casamento? Este seria um ótimo espaço para um casamento. Veja que bonito.”

“Não parece ser necessário”, Meredith riu. “Já trabalhamos juntos, temos um negócio juntos e moramos juntos.”

“Mesmo assim, vocês precisam oficializar”, disse Edith.

Meredith fez um gesto amplo mostrando o salão. “É bem oficial. E temos tempo. Só não está na lista de prioridades agora.”

“O casamento é o oposto dos filhos”, Avery suspirou. “Dizem que filhos serão uma tal alegria, e são, mas também são muito chatos em vários momentos. O casamento, dizem, é longo e difícil e dá muito trabalho, mas não é assim. Bom, acho que você espera que seja daquele jeito. Para mim e Clive, o casamento foi a parte melhor e mais fácil de nossas vidas. É o que tornou factíveis todas as coisas mais difíceis — criar os filhos, trabalhar, pagar as contas, o que fosse. E fez com que essas coisas valessem a pena.”

“Você tem sorte”, disse Edith.

“Tive. Tive sorte.”

“Não, você ainda tem sorte. Pelo menos tem suas lembranças.”

“É o que todo mundo diz, mas...”

“E são boas. Tenho lembranças de Bob e do casamento também, é claro. Mas são todas... complicadas.”

“Você está aqui conversando com ele toda hora”, disse Avery.

“Não, estou aqui gritando com ele toda hora”, disse Edith, e Meredith reprimiu um sorriso porque era verdade. “Tudo bem dar risada. É engraçado. Bom, agora é engraçado. Não era naquela época. Aposto que quando vocês imaginaram esse negócio, não esperavam viúvas amargas como eu aqui detonando os mortos.”

“Não esperávamos mesmo”, Meredith admitiu.

“Sabe, no começo, nós nos dávamos bem de verdade, muito tempo atrás. Mas depois você cai num padrão. Ele ia trabalhar, viajar, conhecer pessoas interessantes, usar a inteligência, e

contribuir no trabalho. Eu ficava em casa e tomava conta das crianças, e da casa, e dele. As crianças aprenderam a cuidar de si mesmas. A casa também, na verdade. Tínhamos um daqueles sistemas de aspirador central. Mas Bob nunca aprendeu. Tudo bem, acho. Era uma época diferente. Mas por trinta e cinco anos ele agiu como se servi-lo fosse um privilégio, e como se ele trabalhasse para que eu pudesse estar de férias o tempo todo, quando na verdade ele tinha o trabalho mais fácil. Eu gostaria de ter saído e feito todas as coisas interessantes que ele fazia todos os dias. E ele teria odiado ficar em casa e fazer tudo que eu fazia todo dia. Mas ainda assim, ele achava que eu era burra e preguiçosa, e estava levando a melhor.”

“Tenho certeza que ele não achava você burra...”, Avery começou.

“Talvez não, mas agia como se achasse, e isso é até pior. Ele me amava. Sei disso. Mas isso também só piora. Ser tratada assim por alguém que não ligasse para você seria mais fácil. Se alguém de quem eu não gostasse não me achasse muito inteligente ou valiosa, eu também não me importaria muito. Mas o meu marido? Bob me amava. Só não me respeitava. Ele se importava comigo. Só nunca pensou em me dizer.”

“Gritar com ele melhora isso?”, Meredith perguntou.

“Melhora. É bom sentir as palavras saírem da minha boca depois de tantos anos ensaiando-as em minha cabeça. Ele não pode me entender de verdade. Sam disse que é porque eu nunca fiz isso antes. Ninguém nunca gritou com Bob em vida, então ele não consegue entender depois de morto.”

“Deve ser tão frustrante”, disse Avery.

“Estou acostumada, na verdade”, disse Edith. “Ele também nunca me escutou quando vivo. Eu dizia alguma coisa, ele estava pensando em outra. Talvez eu pudesse ter tentado quando ele estava vivo, afinal de contas. Parecia ser algo tão impossivelmente assustador, mas a projeção está certa — ele nunca teria entendido que gritassem com ele porque ninguém nunca o contrariava.”

“Talvez você também seja sortuda”, disse Avery. “RePose funciona para você. Para mim, é simplesmente triste e faz com que eu sinta mais saudades. É muito melhor que nada. Mas está muito

longe de ser... suficiente.”

“Enquanto que, para mim, esse Bob é muito mais fácil. Sinto saudades dele, mas também, para ser totalmente honesta, em alguns aspectos estou mais feliz agora que ele... Ah, mas querida, você e Sam não vão ser assim”, Edith disse, virando-se para Meredith. “Não me deixe azedar seu casamento. É uma época diferente. E veja Avery. Ela é um modelo muito melhor que eu.”

“Verdade”, Avery sorriu de leve. “Só não o deixe morrer.”

“Não acredito que não sabia que você e Sam estavam juntos. Geralmente sou melhor em perceber esse tipo de coisa”, Edith disse.

“Você não conseguiria inventar algo tão incrível como RePose a não ser que fosse para alguém que realmente ame”, disse Avery. “Esse tipo de fãisca só acende por um motivo.”

Dash estava entretendo todo mundo — seu forte — mas especialmente Penny. Houvera um debate a respeito. Sam achava que ela precisava de uma noite de divertimento mas não em exagero — uma chance de se arrumar, e comer boa comida, e conhecer pessoas novas, mas só a um andar de elevador de distância de casa, caso se sentisse mal ou deslocada. Meredith estava preocupada com como poderiam explicar o salão sem explicar RePose, e se contassem a ela sobre RePose ela ia querer usar, e se quisesse usar, teriam que inventar algum motivo para ela não poder sem revelar o que sabiam sobre Albert. Finalmente, durante uma ida ao supermercado na semana anterior à festa, Dash contou a ela sobre o negócio que tocavam no andar bem acima do dela, conectando pessoas por via eletrônica com projeções de seus entes queridos que haviam falecido.

“Você quer dizer que podem mandar e-mail para pessoas mortas?”, Penny disse com espanto.

“Sim. Ou falar por vídeo, ou qualquer outra forma de comunicação eletrônica.” Ele se preparou para o que quer que pudesse vir em seguida.

“Ah, vocês jovens”, Penny riu. “O que vão inventar depois?” Não tinha evidentemente a menor vontade de usar RePose, mas

estava encantada de ser convidada para a festa. Colocou um vestido preto elegante, até o chão, e luvas cor de marfim que iam até os cotovelos, e foi andando pelo salão de braço dado com Dash sendo apresentada a todo mundo. Cumprimentou todos calorosamente, apertou a mão das pessoas, escutou generosamente suas histórias, respondeu pacientemente às perguntas gritadas alto demais em sua direção como se, só por ser pequena, e velha, e um pouco curvada, também ouvisse mal, o que não era o caso. Edith disse mas que gentil que ela tomasse conta de Meredith na ausência de Livvie, mas Penny insistiu que era Meredith que tomava conta dela. Celia Montrose disse ela não está linda com esse vestido e as luvas, mas Penny disse: “Ah, sempre tive este vestido. Finalmente voltou à moda”. Avery disse que difícil deve ser para ela viver sozinha depois de tantos anos com seu marido querido, e Penny, reconhecendo uma alma gêmea quando a encontrava, acariciou sua mão e disse: “Sim, querida, sim. Você também”.

Em algum momento, Dash subiu e desenterrou um velho alvo de dardos do fundo do closet da avó, e passou o resto da noite ensinando George Lenore. O sr. e a sra. Benson passaram muito tempo conversando com Kelly Montrose sobre faculdades. David Elliot passou muito tempo conversando com Kelly Montrose sobre ninguém sabia ao certo o que, já que foi bem baixo na orelha dela e entre muitas risadinhas de ambos.

“Obrigada, Sam”, disse Meredith com os olhos úmidos quando estavam ficando prontos para dormir mais tarde. “Eu precisava disso. Precisava ver que eles estavam felizes.”

“Eu também, na verdade”, ele disse. “Não tinha percebido, mas foi um grande alívio.”

“Você é inteligente. Mas é melhor.”

“Melhor do que o quê?”

“Melhor do que inteligente. Você é muito, muito inteligente, Sam, mas você é uma pessoa ainda melhor. Seu gênio está entre os noventa e cinco por cento, mas seu coração está fora de escala.”

“O seu também”, ele disse. “Somos um bom casal. Devíamos namorar.”

Ela riu. “E eu te amo, sabia?”

“Sabia”, disse Sam, que realmente sabia. “Também te amo.”

A festa os sustentou por um tempo. A imprensa recuou um pouco, e Meredith aprendeu a manejá-la melhor. A tecnologia se estabilizou um pouco, e os usuários aprenderam a usá-la melhor. Meredith se sentia melhor, e Livvie era melhor conversando com uma Meredith alegre do que com uma infeliz, o que era uma relação circular: Livvie tinha dificuldade com uma Meredith em dificuldade, o que a deixava em mais dificuldade ainda; Livvie era melhor com uma Meredith feliz, o que a fazia mais feliz. Então, em uma tarde de sábado no fim de agosto, receberam uma ligação de um dr. Dixon do Hospital St. Giles. “Acho que vocês precisam vir aqui ver o que está acontecendo”, ele disse a Meredith. Eles estavam no Lincoln Park, lendo livros na praia, e observando a balsa ir e vir, olhando ao longe por cima da água e das montanhas — sol, vento e água —, uma tarde abençoada. Juntaram suas coisas imediatamente e foram para lá. Não sabiam o que iam encontrar, mas suspeitavam que estaria longe de ser abençoado.

Dr. Dixon levou-os a uma ala pintada de um amigável amarelo brilhante no terceiro andar do setor leste, com muitos brinquedos, e janelas grandes, e ar fresco e uma floresta de mentira com animais bonitinhos pintados na parede. Era o lugar mais triste a que Sam já fora na vida. Dr. Dixon fez este discurso desolador no caminho até lá: “Há três tipos de crianças aqui: o tipo que vai se recuperar e ficar bem ou ao menos funcional, o tipo que vai morrer abençoadamente rápido, e o tipo difícil, aqueles que vão continuar e ficar pior, e depois melhor e pior de novo, com esperança, e depois melhorar um pouco, e depois mais um pouco de esperança, e depois um pouco pior, e depois muito pior, e depois um pouco melhor. Daí elas morrem. Vivem suas pequenas vidas aqui, e depois morrem aqui. Seus pais vivem suas pequenas

vidas aqui também. E também morrem aqui. Eles são a parte difícil deste trabalho. Vocês estão deixando pior. Achei que precisavam ver”.

Em um pequeno quarto no fim de um corredor, um menininho estava sentado apoiado em travesseiros, chorando agarrado a um coelho amarelo gasto. Tinha tubos nos braços, no nariz, saindo da garganta. Não tinha cabelo nem cor e quase nada de carne cobrindo seus ossos gritantemente expostos. Não estava chorando por causa dos tubos nem por causa da carequinha pálida moribunda, entretanto. Estava chorando porque seu pai estava sentado a seu lado com um laptop na mesinha da cama, tentando insistentemente fazer o filho escrever e-mails.

“O que você fez hoje?”, perguntou o pai gentilmente.

“Brinquei com o Coelho”, o filho sussurrou.

“Escreva isso para mim”, disse o pai.

“Não quero”, disse o menino.

“Que mais você fez?”

“Injeções”, disse o menino.

“Escreva isso para o papai.”

“Não quero”, chorou o menino.

“Meu Deus, ele não pode ter mais de três ou quatro anos”, disse Sam.

“Na verdade, ele tem sete e meio”, disse dr. Dixon. “Mas ainda é um pouco novo para mandar e-mails. Além disso, perdeu muita aula.”

No quarto ao lado, uma menina ainda menor de camisola rosa estava chorando e chorando na cama com os braços estendidos em direção aos pais. “Upiii, upi, uuuupiiiiiii”, ela gritava de novo e de novo. Seus pais estavam sentados a sessenta centímetros na ponta da cama, chorando também, mas imóveis. Entre eles, virado para a menininha, estava um laptop aberto, um chat de vídeo aberto, uma câmera funcionando. “Só mais alguns minutos hoje, querida”, a mãe disse por trás das próprias lágrimas. “Só mais alguns minutos. Mamãe e papai precisam disso para depois. Conte para a mamãe qual é seu livro preferido. Conte para a mamãe o que a vaca diz.”

Meredith estava mais pálida do que o menininho do primeiro

quarto. Pediu licença mas não conseguiu chegar até o banheiro antes de vomitar no chão do corredor.

“Desculpe, dr. Dixon”, ela conseguiu dizer.

“Acontece toda hora”, ele disse.

“Não por isso”, ela disse e foi procurar o banheiro feminino.

“Eles estão tentando ter comunicação eletrônica suficiente com os filhos?”, Sam perguntou. Embora soubesse.

“Sim.”

“Antes que seja tarde demais?”

“Sim.”

“Mas já é tarde demais.”

“Sim”, disse dr. Dixon. “E não. Não é tarde o suficiente. Essas crianças ainda não aprenderam a ler, a escrever, a usar um computador. E nunca vão aprender. Tudo que esses pais estão fazendo é desperdiçar o tempo que ainda têm.”

Sam assentiu, olhando para os próprios pés, intimidado, mas depois sussurrou: “Mas pense pelo ponto de vista deles. Essas crianças vão morrer de qualquer maneira. Os pais querem algo para se lembrar delas”.

“Não deveria ser isso”, disse dr. Dixon.

Sam estava tendo dificuldade de falar. “Como sabemos o que vai ajudar esses pais a se lembrar? O que vai ajudá-los a se sentir melhor?”

“Ajudar os pais a se sentir melhor não é meu trabalho. Meus pacientes são as crianças. Elas têm meses, às vezes semanas, às vezes dias de vida. Não deviam ter que passá-los colocando a si mesmas em um computador.”

“Você fica fazendo testes”, Sam disse baixinho. “Dando injeções, e quimio, e medicamentos com efeitos colaterais horríveis. Acordando-as à noite para tirar sangue ou medir a temperatura. Ligando-as a máquinas assustadoras. Confinando-as à cama. Drogando-as até perderem os sentidos. Isso é um jeito de passar o tempo que ainda têm?”

“Os procedimentos são brutais às vezes, mas com frequência estendem o tempo dessas crianças. Não estou me justificando para você, e não vou entrar em uma discussão médica com um programador de software. Não posso trazer o câncer ao hospital

para mostrar-lhe a tristeza que está causando. Mas posso trazer você para mostrar-lhe a tristeza que está causando. E estou lhe dizendo para parar.”

“Não funciona com crianças”, disse Sam. “Nunca foi pensado para isso. Fico feliz de explicar isso a quem você quiser, ou fazer qualquer outra coisa que você ache que possa ajudar. Entendo que sua prioridade sejam os pacientes e que hospitais tratam pacientes. Só estamos tentando, humildemente, cuidar daqueles que ficam.”

Na saída, viram um daqueles folhetos com números de telefone embaixo em tirinhas para picotar. Em letras grandes no alto diziam “Vida Nova Para Seu Ente Querido”. E em seguida menor, mais abaixo: “A hora de se preparar para falar por RePose com seu ente querido é agora. Faça antes de perdê-lo para sempre. Aprenda como hoje mesmo!”. Havia só um número de telefone sobrando na parte de baixo do pôster. Meredith arrancou tudo da parede, fez uma bola, e atirou-a na rua. Depois entrou no carro e chorou, não um choro manso, mas com soluços violentos. Sam achou que ela fosse vomitar de novo. Sam se sentia como se ele mesmo fosse vomitar.

“O que vamos fazer?”, ela soluçou.

“Não sei.” Sam estava em silêncio, o que a tornava mais barulhenta.

“Estamos matando aquelas crianças.”

“Não, não estamos.”

“Estamos arruinando suas vidas.”

“Não, não estamos.”

“Eles já estão tão miseravelmente infelizes, e estamos deixando-os mais infelizes. Estamos sim.”

“Não, não estamos.”

“Por Deus, Sam. Foda-se a semântica. Não, o.k., não os fizemos ter câncer, tudo bem. Mas essas crianças têm três semanas horríveis de vida quando deveriam ter dez décadas, e estamos fazendo com que passem essas três semanas em frente a um maldito computador.”

“Não. Não estamos. Não estamos, Merde. Não estamos fazendo com que façam nada. Não estamos fazendo seus pais fazerem nada.”

“ Fizemos uma oferta que eles não podem recusar.”

“ Não, não fizemos. RePose não é para crianças. Nunca foi pensado para crianças. Não vai funcionar para essas crianças...”

“ Mas eles não sabem. Essas pessoas não têm esperança, então têm que se agarrar a qualquer coisa que encontrem, não importa quão pequeno e patético seja.”

“ Não é nosso trabalho dizer a esses pais: ‘ Vocês têm três semanas com seu filho. Vão ao parque. Vão fazer algo divertido. Não desperdicem seu tempo no laptop’. Esses são os assistentes sociais. São os conselheiros de luto...”

“ Tornamos RePose disponível no mundo. As pessoas mais desesperadas, mais infelizes, mais frágeis, são aquelas que vão agarrá-lo e não soltarão. Não conseguem dizer não.”

“ Isso não é problema nosso”, disse Sam. “ Só porque não pode ajudar todo mundo não significa que não possa ajudar algumas pessoas.”

“ Só porque pode ajudar algumas pessoas”, disse Meredith, “ não tira a nossa responsabilidade por machucar outras.”

“ Eles não podem ter o que querem.” Sam estava quieto de novo. “ Não vão ter filhos que vivem cem anos. Ninguém pode dar isso a eles. Não sei de quem é a culpa, mas não é nossa.”

“ Não estamos ajudando.”

“ Estamos. Talvez não essas pessoas, porque seus filhos são jovens demais. Mas pense no sr. e na sra. Benson. Para pessoas com EQFS mais velhos, estamos dando a única coisa que podemos: uma chance de ver o filho de novo.”

“ Não é suficiente.”

“ É tudo que temos, Merde. É tudo que todo mundo tem.” E depois, quando ela não disse nada, ele completou: “ Fez você se sentir melhor”.

“ Também não é suficiente”, ela disse.

Ela ligou para Dash e deixou uma mensagem desconexa com voz trêmula que ele não conseguiu entender bem, envolvendo palavras como “ emergência”, “ desastre” e “ vômito”. Quando ele ligou de volta, em pânico, Meredith não queria atender o telefone e

Sam não sabia como e nem se devia tranquilizá-lo. Não, ela não estava morrendo. Não, ele não estava morrendo. Não, o software não tinha sido hackeado, o salão não tinha sido assaltado, Monte Rainier não tinha entrado em erupção, e tudo estava bem, só que não estava. Dash disse que pegaria o primeiro voo de manhã. Enquanto isso, Meredith não disse muita coisa. Também não comeu nem dormiu muito. A maior parte do tempo, ficou sentada no sofá enrolada em um cobertor olhando pela janela. Sam tentou alimentá-la e falhou. Tentou distraí-la com um jogo, depois com um filme, depois com uma partida de Rummikub e falhou. Tentou fazê-la ir para cama com ele e falhou, então finalmente foi sozinho, mas também não conseguia dormir. Não conseguia tirar da cabeça os gritos daquela menininha, o rosto de seus pais, a raiva silenciosa de dr. Dixon. Meredith chorando no carro. Não conseguia tirar do nariz o cheiro daquele lugar.

Mas também se sentia protetor em relação ao bem que haviam feito, ao bem que poderiam fazer. Não era justo condená-lo só porque algumas pessoas — privadas de sono, desesperadas, à beira da insanidade, que haviam atravessado o inferno — não conseguiam entender que não funcionaria para seus filhos. Ele se sentia horrível por elas. Claro que se sentia. Mas Sam se sentia protetor em relação a seus usuários. E, estranhamente, obscuramente, de uma maneira que era difícil identificar, sentia-se protetor em relação a suas projeções também. O que aconteceria a elas se Dead Mail morresse?

“Escute”, Dash começou na manhã seguinte, “trouxe bolo de chocolate Hellner, a melhor comida de café da manhã do mundo, e arrastei meu traseiro para fora da cama às três da manhã para estar aqui. Sam ama você e eu amo você, e tem mais, Sam e eu nos sentimos tristes pelas criancinhas morrendo e por seus pais. Obviamente. Então vamos com calma.”

“Eu nem disse nada.” Meredith olhou para ele sombria por baixo das pálpebras inchadas. Nenhum deles tinha dormido. Todos pareciam não ter dormido.

“Bom, está na hora”, disse Dash, “então diga.”

“Eu me sinto um lixo”, disse Meredith, e começou a chorar de novo. “O tempo todo. Estou tão cansada. Tão triste. Se isso fosse certo, eu teria que me defender contra todas as pessoas que têm uma conexão de internet? Se fosse certo, seria assim?”

Sam começou a falar do milagre benevolente da tecnologia, e da ajuda para os usuários, e de todas as pessoas que tinham ajudado e que ajudariam e poderiam ajudar, mas Dash interrompeu. “Sim, seria.”

“Seria o quê?”

“Seria assim. É novidade. É estranho. Tem assuntos complexos envolvidos. Tem áreas morais cinzentas. Tem chão nunca pisado. Você acha que não foi assim para as pessoas que inventaram o Pong? Caramba, você acha que não foi assim com as pessoas que inventaram o fogo? Os aldeões todos falaram: ‘Oh não! Essa tecnologia é do mal’. E o cara que inventou o fogo disse: ‘Não, é ótima. Você pode se aquecer no inverno, e derreter água quando congela, e cozinhar a carne para não pegar vermes, e tomar um banho, porque, sem querer ofender, cara, a próxima coisa que vou inventar é o sabão, porque, cara, você fede mesmo. E você acha legal — espere até ver como protege a aldeia. E você pode ler depois de escurecer! Quer dizer, primeiro você precisa desenvolver a linguagem escrita, mas mesmo assim!’. E os aldeões todos falaram: ‘As crianças vão se queimar’. E o cara do fogo disse: ‘Pense em quanto isso vai melhorar nossas vidas. Só mantenham as crianças a uma distância segura do fogo’. E os aldeões falaram: ‘Hum. Não vale a pena. Você é mau’. Depois, ironicamente, queimaram-no na fogueira.”

Meredith não queria rir, mas não conseguiu evitar. “Você não os viu, Dash.”

“Tenho uma hora marcada depois do almoço”, ele disse.

“Ah, é?”

“Claro.”

“Você odeia hospitais.”

“Todos odeiam hospitais.”

“Lá é horrível.”

“Eu sei. Mas depois que desliguei o telefone com Sam ontem, liguei para o dr. Dixon e marquei um horário para passar lá.”

“Por quê?”

“É importante. Deixou você nervosa. Está me deixando nervoso. Trouxe à tona questões sobre o que estamos fazendo, e como, e por quê. Sei o que está acontecendo — eu entendo — mas preciso ver.”

“Ah, Dash. Você não precisava... não precisa...”

“Preciso sim”, ele disse. “Claro que preciso.”

Meredith desceu para ficar no Salão Styx. Dash e Sam voltaram ao hospital. Levaram o bolo, que nenhum deles tinha sido capaz sequer de pensar em comer, e deixaram na sala para os familiares. Enquanto Dash foi encontrar com dr. Dixon, Sam ficou na sala dos familiares e tentou parecer aberto, bondoso e disponível caso alguém quisesse conversar. As pessoas iam e vinham. Todas pareciam acabadas, exaustas. Sam estava ele mesmo com os olhos vermelhos e insone, mas aqueles pais estavam pálidos como se suas veias tivessem menos sangue que as dele. Pareciam nauseados e aterrorizados, como se até abrir a boca fosse perigoso, como se seus lábios rachados apertados pudessem liberar torrentes de vômito, gritos, gemidos e xingamentos. Olhavam vazio uns para os outros, para livros e revistas cujas páginas nunca viravam, e não diziam nada. Sam ficou ali por uma hora, depois outra. As pessoas iam embora e eram substituídas por outras que tinham exatamente a mesma aparência miserável. Sam queria se levantar e pigarrear, fazer um pequeno discurso sobre como seus filhos não podiam usar RePose, ele sentia muito, muito, muito mesmo, e se havia alguma outra coisa que ele pudesse fazer para ajudar. Mas não conseguia encontrar a força ou a voz para fazê-lo. Aquelas pessoas não pareciam ter força para fazer nada tampouco, mas continuavam fazendo mesmo assim.

Ele saiu para o corredor, sentou encostado na máquina de refrigerante com seu tablet, e ligou para Meredith no salão.

“Como está aí?”, ela disse.

“Igual.”

“Horrível?”

“Sim.”

Não havia nada a acrescentar, então eles só ficaram ali olhando um para o outro.

“Sei que não é sua culpa”, ela disse depois de um tempo.

“Eu sei.”

“Sinto muito.”

“Eu também.”

“Não podemos fechar”, ela disse.

“Eu sei.”

“Mas temos que fazer alguma coisa.”

“Eu sei.”

Ela pôs os dedos no coração, depois nos lábios, depois na frente da câmera. Ele fez o mesmo. Depois voltou para a sala dos familiares e esperou mais um pouco.

Depois de um tempo, Dash entrou e sentou-se ao lado de Sam. Olharam-se sombriamente mas não disseram nada. “Você encontrou alguém para conversar?” Dash perguntou afinal.

Sam sacudiu a cabeça. “E você?”

Dash não respondeu. “Quando eu estava na terceira série, meu amigo Kevin e eu estávamos brincando no riacho atrás da casa dele. Sua irmãzinha Lena tinha nos seguido. Ficávamos gritando para ela ir para casa, deixar-nos em paz, proibido para meninas — esse tipo de coisa. Tinha essa parte onde você tinha que andar sobre um tronco por cima da água, mas Lena estava com medo. Era muito pequena. Ela só tinha cinco anos. Ficou parada do outro lado e gritou para ele ir ajudá-la, mas nós estávamos felizes de finalmente nos livrarmos dela. Daí ela tomou coragem, eu acho, ou ficou desesperada, não sei, e começou a atravessar, mas escorregou. Caiu na água, bateu a cabeça no tronco. O riacho não ia nem até o joelho, nem mesmo para ela, mas ela estava tremendo e teve uma convulsão. Estava com o rosto para baixo e engolia água, engasgava, não virava. Corremos até lá — chegamos quase instantaneamente — puxamos o rosto dela pelos cabelos, tiramos sua boca da água e a arrastamos até a margem. Ele ficou. Eu saí correndo para buscar a mãe deles.

“Ela tinha tido uma convulsão. Pensaram que era por ter batido a cabeça quando caiu do tronco, mas não, ela caiu do tronco porque teve uma convulsão. Um tumor. Câncer no cérebro.

Rápido. Seis semanas depois, ela se foi. Enquanto estava no hospital, lembro de pensar, mesmo tendo oito anos, que era uma droga ser ela, mas não tanto quanto ser Kevin. Ele não pôde brincar lá fora o verão todo. E quando ela morreu, ele voltou para a escola no outono e simplesmente ficava na carteira e olhava para o nada, e a professora o deixava, sozinho. Eu ia até sua casa, e só ficávamos no quarto dele segurando Legos, nem mesmo brincávamos com eles, nem construíamos nada, só meio que passávamos as peças de uma mão para a outra. Então parei de ir lá. No Natal, eles tinham se mudado. Meu pai disse que era para escapar das lembranças, e minha mãe disse: 'Aonde no mundo todo eles poderiam ir para fugir dessas lembranças?.'

Sam assentiu em silêncio. Depois de um tempo disse: "Nós nos sentimos tão mal por nossos usuários todos os dias, mas depois você percebe que eles são os sortudos. Têm lembranças que podem usar mas, melhor ainda, têm lembranças que podem suportar. Sempre achei que não era justo que eu não tivesse lembranças de minha mãe. Mas, de certa forma, não ter lembranças é uma bênção".

Então, completamente fora de sentido e de lugar, David Elliot entrou na sala, deslocado. Ficou encantado ao vê-los. "Dash! Sam! O que vocês estão fazendo aqui?"

Sam sentiu seu coração parar. "Ai, David. Ai, merda. O que você está fazendo aqui? O que aconteceu?"

"Nada. Por quê?"

"Você está bem?", Sam segurou-o nos ombros e apertou bem forte.

"Estou bem. Vocês também?"

"Ah, graças a Deus. Por que você está aqui?", Sam se viu lutando para não abraçar David, depois desistindo e abraçando-o mesmo assim. "Hum, Sam", ouviu Dash dizer, "veja o que está na mão dele."

Sam se afastou e olhou para o maço de papéis que David Elliot estava carregando. Eram folhetos como aquele que Meredith tinha arrancado do quadro de avisos no dia anterior.

"Você!", disse Sam.

"Eu?", disse David.

“É você!”

“O que tem eu?”

“Você é quem está pregando esses malditos folhetos.”

“Ah, isso? É. Legal, né?”

Sam perdeu momentaneamente o poder da fala, então Dash assumiu o controle do interrogatório. “David, você está atormentando esses pobres pais.”

“Atormentando?”

“Por que está fazendo isso?”, Sam gemeu.

“Só estava... o que você quer dizer? Estava tentando ajudar pessoas a conseguir usar RePose. Sabe, antes que seus entes queridos... você sabe.”

“Por quê?”, perguntou Sam novamente.

David corou. “É que me ajuda tanto, sabe, ver minha mãe, tocar minhas músicas para ela.”

“Ah, David.”

“Pensei que pudesse ajudar outras pessoas.”

“Ah, não.”

“E preciso do dinheiro.”

“Para que você precisa do dinheiro?”

“Para usar RePose”, disse David timidamente.

Sam encostou a testa na parede. “Não vai funcionar para crianças, David. Elas não têm memória eletrônica. Nunca mandaram e-mail nem conversaram por vídeo nem tiveram Facebook nem nada, então não podemos fazer uma projeção delas. Mesmo se pudéssemos, seriam crianças moribundas para sempre.”

“Ah. Droga.”

“Que serviço você estava planejando oferecer quando as pessoas ligassem?”

“Eu só ia ajudar todo mundo a entender a tecnologia. Sabe, tipo dizer a elas para usar bastante coisas on-line. Fazê-las começar a conversar por vídeo, se não usam ainda. Abrir algumas contas on-line para elas. Já recebi algumas ligações.”

“Eles não percebem logo de cara que não vai funcionar?”, perguntou Sam.

“Ah. Não nesta ala, eu acho.”

Sam e Dash olharam para ele interrogativamente, e David corou novamente.

“Tenho distribuído folhetos por todo o hospital. Conversado com pessoas que conheço de quando minha mãe estava aqui. Acabei de começar. Posso parar se vocês quiserem. Mas esse não era o objetivo? Ajudar a espalhar RePose para as pessoas que precisam?”

Sam girou a cabeça contra a parede e apertou os olhos bem fechados.

“Pessoas com entes queridos saudáveis não precisam de RePose”, David postulou com a sabedoria de um adolescente. “Mas as pessoas daqui? É exatamente do que precisam.”

Encontraram Meredith na frente do computador.

Dash foi até a câmera dizendo: “Oi, vovóootia Julia”.

“Surpreso em me ver?”

“Ah... sim. Mas encantado.”

Meredith se sentira horrível a tarde toda. Às vezes a avó falecida de uma garota não funciona e o que ela realmente precisa é de sua mãe. Ela e Julia estavam conversando cerca de uma vez por semana, mas só embaraçosamente e rápido, porque Julia tinha deixado claro que diria a eles quando estivesse pronta para falar sobre RePose. No fim das contas, Meredith não conseguiu esperar tanto. Ligou e começou a chorar e pedir desculpas assim que a mãe atendeu.

“Ai, mãe. Sinto muito. Sinto muito por termos mostrado RePose para você por engano na Ação de Graças. Não queríamos fazer isso. Deus, quando começou a tocar, meu coração simplesmente parou. Foi um jeito tão horrível de vocês descobrirem. Não deve ser imposto a ninguém. Ninguém devia ter que ver algo para que não está preparado. Ninguém devia ter que ver se não quiser.”

“Ah, Meredith...”

“E desculpe por não ter contado durante a fase de planejamento. Não menti, mas não contei, e nunca quero guardar segredos de você. Sempre valorizo sua opinião. É só que lá no

fundo sabia que você não ia aprovar. E não queria ouvir isso porque mais fundo ainda eu estava com medo de que você estivesse certa.”

“Ah, querida...”

“E agora tem essas crianças doentes, e eu me sinto um lixo, e não sei o que fazer, e está tudo se despedaçando. Mas não posso desistir mesmo assim. Desculpe, não posso. E sinto muito por ainda ter a vovó na minha vida e você não. E desculpe...”

“E o vaso dos Hammerstein?”, Julia interrompeu.

“O quê?”

“O vaso dos Hammerstein. Você está se desculpendo por tudo. Achei que talvez você estivesse fazendo uma lista. Eu fiz uma encomenda para os Hammerstein quando você tinha nove anos, e tinha acabado de colocar para secar quando você esbarrou nele dançando sua fita do *Thriller*.”

“*Thriller* era um bom álbum”, disse Meredith.

“E o vaso dos Hammerstein era um bom vaso”, disse Julia. “Querida, eu sabia que você não tinha a intenção de derrubá-lo. Como eu disse na época enquanto você chorava e chorava, para ceramistas com uma criança, perdemos muito poucas peças ao longo dos anos. E eu sei que você não tinha a intenção de nos mostrar RePose daquele jeito, nem de esconder de nós, ou mentir para nós sobre nada. Sei que você sente muito.”

“Você sabe?”

“Claro que sei. E também sinto muito. Sinto muito que ainda não conseguimos conhecer Sam. Ele deve pensar que o odiamos, mas parece um rapaz maravilhoso. Estou tão agradecida a ele por fazer minha filha feliz, especialmente durante tempos difíceis.”

“Ele me faz, mamãe.”

“Eu sei que faz. E sinto muito por seu pai e eu não conseguirmos manter a mente aberta sobre RePose. Vocês desenvolveram essa tecnologia milagrosa. Estão operando um negócio extremamente complicado, extremamente bem-sucedido. E tiveram que fazer isso sozinhos porque não conseguimos apoiá-los. Não consegui encontrar um jeito de falar sobre isso. Não é justo com você. Estou tão orgulhosa de você, Meredith — nem consigo dizer quanto.”

Lágrimas foram derramadas dos dois lados. Depois sua mãe disse: “Estamos ocupados durante todo o mês que vem com exposições, mas pensamos em passar aí no primeiro fim de semana de outubro, levar vocês à última partida da temporada, passar o fim de semana, ver o salão. O que você acha?”.

“Ah, sim, mamãe, por favor, eu adoraria!”, disse Meredith.

“Mas querida... não posso ver a vovó, tudo bem? Queria... queria ver o salão, mas não quero, não quero mesmo ver a vovó. Tudo bem?”

“Claro, mãe.”

“Nunca.”

“Nunca”, Meredith repetiu. “Prometo. Obrigada, mãe. Obrigada. Mal posso esperar para ver vocês.” Ela se sentia melhor do que se sentira durante semanas quando desligou. Então virou para os meninos e respirou fundo. “É o que vocês descobriram no hospital?”

“Precisamos deixar David Elliot usar RePose de graça a partir de agora”, Sam disse. “Vou tomar uma aspirina e vou para cama.”

“Você não pode”, disse Meredith.

“Foi um longo fim de semana, Merde.”

“É *Notte Della Pizza*. Jamie vai chegar a qualquer momento. Disse a Penny que alguém iria lá embaixo buscá-la às seis. Ainda preciso fazer uma salada, e estamos sem cerveja.”

“Eu vou”, Sam e Dash disseram juntos, nenhum com vontade de lidar com Penny no final daquele dia, ambos ansiando por ar fresco e pelo movimento de pessoas saudáveis, mas Sam ganhou porque seu fim de semana havia sido pior. Na entrada do prédio, encontrou Jamie.

“Estou indo comprar cerveja. Quer vir junto?”

“Eu não devia subir e ajudar Meredith?”

“Confie em mim”, disse Sam. “Sou a melhor oferta hoje.” Mas não era. No caminho até o mercado, contou a Jamie tudo sobre dr. Dixon, o hospital, as crianças, seus pais, David Elliot, a depressão crescente de Meredith, o amigo de infância de Dash, e sua própria sensação de que as coisas estavam dando mais errado que certo ultimamente.

“Além de ser um gerente brilhante”, Jamie disse, “tanto de

engenheiros de software quanto de mulheres de marketing com penteados chamativos — polos opostos, aliás, e cada um difícil a sua própria maneira —, sou um ator shakespeariano formado.”

“Eu sei”, disse Sam.

“O problema que você está tendo é o mesmo que Hamlet teve.”

“É? E como as coisas acabaram para ele?”

“O problema de Hamlet é que todo mundo quer que ele esteja feliz. Você poderia pensar que isso não seria problema, mas é. A mãe dele diz: ‘Escute, amigo, todo mundo morre um dia, então não sei por que você está tão chateado’. A namorada dele diz: ‘Faz quatro meses, amor. Siga em frente’. O tio dele diz: ‘O pai de seu pai morreu. O pai *dele* morreu. Eles ficaram bem. Qual é seu problema? Você não é muito homem, não é?’.”

“Você está dizendo que não sou homem?”, disse Sam.

“O problema de Hamlet é que ele tem todos os malditos motivos para estar infeliz — seu pai acabou de morrer, sua mãe é uma vadia, seu mundo todo está em desordem — e todo mundo em volta dele só quer que ele fique feliz logo de uma vez e dê uma dançadinha. Daí quatrocentos anos depois os críticos se perguntam por que ele está agindo como um louco. Está agindo como um louco porque sua vida é enlouquecedora. Está triste porque é triste quando seu pai morre.”

“Você está me comparando com um lunático homicida e suicida?”, disse Sam.

“Estou”, disse Jamie. “Você foi abrir um negócio para trabalhar com pessoas de luto. É claro que elas estão infelizes, doentes, mortas, e de saco cheio. É claro que Meredith está deprimida, e as coisas estão dando errado, e nada mais faz sentido. Você devia estar tendo um fim de semana de merda, Sam. Eu acho que você não poderia estar de outro jeito.”

“Como Hamlet resolve esse problema?”

“Ele fica muito zen a respeito de tudo isso. Entrega-se ao destino. *Qué será, será*. Esse tipo de coisa.”

“Não sei se vai funcionar para mim”, disse Sam.

“Não acho que vá funcionar”, disse Jamie. “No fim das contas, teve um lado bem negativo.”

“Que mais você propõe?”

“Talvez seja como a sua piada do Heisenberg.”

“Como assim?”

“Está se sentindo perdido? Não sabe onde está?”

“Exatamente”, disse Sam.

“Mas ao menos sabe quão rápido está indo”, disse Jamie.

Os usuários de David

Para que parecessem ter tanto opções quanto controle, Sam comprou analgésicos, um verdadeiro bufê de potes de plástico coloridos. Meredith comprou kits de avião. Dash comprou aparelhos para armazenar queijos. Reformou uma geladeira velha enorme que ocupava quase todo o espaço do estúdio mas deixou-a praticamente vazia. “Caves de queijo precisam de mais ar do que de queijo”, insistiu, como se soubesse do que estava falando. Depois fez um armário para o depósito no porão com dezenas de caixas plásticas que encheu com vários queijos e esponjas, e então passou a verificar a umidade obsessivamente como se fossem recém-nascidos. Logo, havia depósitos de queijo envelhecendo por todo o apartamento.

Sam podia se sentir envelhecendo também. Durante as duas semanas seguintes, os usuários de David começaram a chegar. Eram diferentes dos que conheciam alguém que conhecia alguém em cuja orelha Dash havia cochichado, e eram diferentes dos que tinham ouvido falar deles na televisão ou lido sobre eles no jornal. Esses usuários tinham visto os folhetos no hospital ou no grupo de apoio de David, então seus EQFS geralmente estavam F havia bem pouco tempo. Pareciam vítimas de trauma. Eram vítimas de trauma. Chegavam com os olhos vidrados e abaixo do peso. Não precisavam de papo de vendedor, nem de serem persuadidos de que RePose funcionava. Muitas coisas inacreditáveis já tinham acontecido com eles, então RePose parecia adequado a esse percurso já improvável. Também eram bem mais pobres que os usuários anteriores, em parte porque Dash havia cochichado em círculos de ostentação, mas principalmente por causa da sangria das contas de hospital, e enfermeiras a domicílio, e casas adaptadas aos novos deficientes. A balança de Meredith deslizou mais para

baixo ainda.

De outras maneiras, essa rodada foi mais fácil, entretanto. Muitos dos novos usuários conheciam David, ou tinham falado com ele, ou ao menos confiavam em seus conselhos. Chegavam com um aliado. Conheciam bem melhor o conceito de RePose e suas regras. Entendiam na mesma hora por que não podiam contar à projeção que estava morta. Rapidamente entendiam a ideia, as armadilhas, as maneiras de treinar a projeção e maximizar sua verossimilhança. Sam achou que era porque o software tinha melhorado. Meredith achou que era porque eram usuários de segunda geração. Mas Dash percebeu que era porque seus entes queridos não tinham morrido em acidentes de carro ou de ataque cardíaco repentino. Tinham demorado para morrer com sintomas complexos, regimes de medicamento complicados, e prognósticos que sempre mudavam. Esses usuários estavam acostumados a ouvir atentamente os médicos, articular claramente o que precisavam, pesquisar e defender suas opiniões, a se tornar experts em áreas em que não tinham estudo e assuntos bem mais complicados do que podiam entender. Tinham gasto muita energia e esforço mantendo um ente querido vivo. Agora abraçavam RePose como um projeto, uma causa, uma devoção.

Nadia Banks estava voltando a ter encontros depois de um longo período cuidando da mãe, mas achava que não podia fazê-lo sem sua aprovação. Sam integrou seu código com a interface do site de encontros que ela usava, para que pudesse compartilhar os perfis on-line com sua mãe, que podia então dar um voto positivo ou negativo. “É muito incrível”, Nadia disse a Sam. “Ela gosta dos advogados sérios e dos contadores velhos demais, como na vida real. Como você sabia?”

“Ela não guardava sua opinião para si mesma”, disse Sam.

“Não, não guardava. Isso me deixava maluca. Nunca pensei que fosse ficar agradecida por ela ser tão mexeriqueira.”

“Não fale mal de sua mãe”, Muriel Campbell disse do outro lado da sala. “Que doce de pessoa. Só queria o melhor para você.” Ela virou para Meredith e sussurrou: “A senhora Banks e meu Mario estavam no mesmo corredor nas últimas seis semanas. Ela e eu passamos muito tempo juntas. Não tem pai nem outros

parentes. Pediu-me para cuidar de sua menininha. Nadia tem tendências autodestrutivas quando escolhe homens”.

“Não sou uma menininha”, disse Nadia. “Tenho vinte e três anos.”

“E as tendências autodestrutivas?”, perguntou Dash.

Ela deu de ombros. “É difícil encontrar um homem bom.”

“E eu não sei?”, disse Dash.

“Meninas grandes não falam mal da mãe falecida”, gritou a sra. Campbell.

Emmy Vargas chegou com um bebê de dezesseis meses, Oliver, amarrado ao peito. Ela usava RePose com a irmã gêmea Eleanor que fizera quimioterapia toda semana com a sra. Elliot. Eleanor só tinha vivido o bastante para ver Oliver engatinhar, o que Emmy considerava uma bênção. Eleanor descobrira o câncer no mesmo dia em que Emmy descobrira que estava grávida. Naquele dia, Emmy ficou transtornada em pensar que a irmã talvez nunca conhecesse seu bebê. Mais tarde, ficou transtornada por ter que passar tanto tempo criando o dito bebê em um hospital infestado de germes, cheio de pessoas doentes, com aquela energia ruim e uma iluminação pior ainda. Ficou transtornada ao ver quão fraca Eleanor ficou em tão pouco tempo. E se fosse completamente honesta consigo mesma, o que era raro, ficara transtornada por não ter tido um chá de bebê, não ter podido arrastar Eleanor, como ela própria fora arrastada, para uma dúzia de lojas de artigos de bebê para fazer uma dúzia de listas de presentes, não ter tido a chance de passar longas tardes à toa no sofá de Eleanor pedindo massagens nos pés e vitamina de banana. Tinha direito a essas coisas já que as fizera nas duas gestações de Eleanor, e estava transtornada por tudo que estava perdendo. Estava transtornada por tudo que Eleanor estava perdendo também, é claro, mas isso não significava que ela mesma não estivesse perdendo várias coisas. Agora estava transtornada de saudades da irmã, que era a razão por que viera, pouco importava que fosse mil vezes mais fácil ficar em casa do que arrumar tudo de que Oliver pudesse precisar se fossem mais de cinco metros longe de casa, e pouco importava que tivesse que carregar um Oliver cada vez mais gigante amarrado em seu corpo o tempo todo porque mesmo com dezesseis meses ele ainda não

aprendera a andar.

Josh Annapist conhecia Emmy e David de um grupo de apoio às quartas-feiras à tarde em St. Giles. Ia sozinho, ou então com Noel Taylor. Ele e Noel tinham estado ora em tratamento, ora não, muitas vezes juntos, muitas vezes separados também, durante anos. Tinham se conhecido lá. Ambos tinham melhorado, mas só Josh permanecera bem. Tinham muito em comum — compartilhavam um amor por mergulhar em Puget Sound apesar da temperatura frígida e das águas turvas, um comprometimento com o poder de cura da ioga, e grandes círculos de amigos e familiares queridos que simplesmente nunca poderiam entender, realmente entender, o que estavam passando. Isso e também leucemia aos vinte e poucos anos. Sem Noel, Josh ainda tinha os amigos e a família, mas também estava completamente só.

Antes dos usuários de David, as projeções pareciam geralmente vibrantes e saudáveis. Não tinham usado muito o computador quando doentes. Algumas tinham morrido muito de repente. E algumas simplesmente não haviam arrumado tempo para usar o computador. Estavam morrendo, afinal de contas. Os usuários de David tinham ficado muito tempo morrendo, então também tinham morrido on-line. Tinham mandado e-mails, e usado o Facebook, e conversado por vídeo, e mandado mensagens de texto e tudo mais conforme pioravam devagar, continuamente, tristemente. Noel Taylor, por exemplo, simplesmente estava uma merda.

“Oi, cara”, Noel respondeu, um pouco sem fôlego, da primeira vez que Josh ligou. “Você parece ótimo. Teve um bom dia?”

“É, acho que sim”, disse Josh.

“A talidomida está finalmente funcionando?”

“Ou a prednisona extra.”

“Quanto está sua bilirrubina?”

“Três, e caindo.”

“Fantástico”, disse Noel. “Cara, talvez seja a vitamina de leiteinho.” O acupunturista de Josh dissera-lhe que os anticorpos no leite materno poderiam atacar as células T responsáveis pela doença do enxerto contra o hospedeiro, que era uma complicação do transplante de medula que devia estar salvando sua vida mas

até então não estava. Ele convencera sua vizinha a bombear duzentos mililitros extra de leite para ele a cada tantos dias em troca da jardinagem que ela não tinha mais tempo de fazer, agora que tinha um recém-nascido. Josh punha o leite materno no liquidificador com mel, alho cru, levedura de cerveja e alecrim. Noel dizia que não valia a pena — preferia morrer —, e no fundo do coração Josh sabia que provavelmente não era o que estava fazendo efeito, mas ainda assim ficava perturbado quando Noel mencionava o assunto. Quando Noel dissera que não valia a pena, o que quisera dizer era não alimente as esperanças. O que quisera dizer era já estou doente e exausto, apalrado e injetado, cheio e exaurido, ouvindo promessas e mentiras, mantendo o otimismo e fazendo um testamento, vivendo e morrendo: não posso acrescentar vitaminas de leite materno à lista. No entanto, se funcionasse, Josh sabia, Noel teria feito qualquer coisa para tentar. Mas Noel já tinha tentado tudo.

“Estou uma merda.” Noel se olhou em sua própria janelinha. “Minha mãe vem amanhã. Vou assustá-la pra caramba desse jeito.”

“Fale com eles. Peça para darem uma dose de EPO ou algo assim”, disse Josh, como dissera na vida real.

“Só vão me dar antidepressivos.” Noel estava certo. Era exatamente o que tinham feito. “E não vai funcionar. Não estou clinicamente deprimido. Tenho câncer. É deprimente.”

“E é mesmo, amigo”, disse Josh. Mesmo da segunda vez, ele não sabia o que mais dizer.

“Mas você parece ótimo, cara”, disse Noel. “Está me dando esperança. É o mais importante.”

Quase todo mundo no salão desviou os olhos de sua projeção para dar a Josh um sorriso compadecido. Entendiam a piada de Noel também. Estavam acostumados a esse mantra, todos eles: nada mais importante do que a esperança. Josh conseguia pensar em algumas coisas que eram mais importantes; a maior de todas, um *motivo* para a esperança, não esperança só como um exercício mental.

“Anime-se”, disse a Noel. “Você não vai querer assustar sua mãe. Até mais. Sinto muito por você se sentir uma merda.”

“Tudo bem”, disse Noel. “Você só estava tentando ajudar. Eu

perdoou.”

Josh desligou e foi até a recepção falar com Sam.

“Como foi?”, disse Sam. “A primeira vez é sempre difícil.”

“Foi bem”, disse Josh. “Mas no final uma coisa muito estranha aconteceu. Eu disse que sentia muito por ele estar se sentindo uma merda. E ele me perdoou.”

“Ah, droga”, disse Sam. “Pensei que tivesse consertado isso. Desculpe. Acontece às vezes.”

“Por quê?”

“Não sei. Achei que já tivesse resolvido. Evidentemente, não foi o caso. Às vezes quando você diz que sente muito por alguma coisa, a projeção automaticamente o perdoa, mesmo se não era isso que você queria dizer. É como se estivesse programado para perdoar.”

“Até que é legal”, disse Josh.

“A linguagem é cheia de nuances”, disse Sam. “Agradeço sua paciência.”

Meredith estava montando um modelo de Hindenburg quando Sam chegou. “Teve um dia ruim?”, ele chutou.

“O que faz você achar isso?” Estava pintando detalhes minúsculos na cauda do zepelim.

“Deixa pra lá.”

“Os usuários de David vão fazer minha cabeça explodir”, disse Meredith.

“Imaginei.”

“Não estou brincando”, ela disse, sem necessidade, pois Sam sabia que não estava.

As projeções dos usuários de David só falavam de morte. Tinham demorado para morrer. Tinham memórias eletrônicas — muitas — de estar doente, de testes que voltavam com notícias muito ruins, de tratamentos piores do que remédios. Tinham assombrado chats, e grupos de apoio on-line, e páginas no Facebook prometendo curas milagrosas. Tinham perseguido médicos distantes que estavam testando experimentos por e-mail. Tinham muitos amigos e parentes esperando por notícias a cada

respiração, notícias que eram transmitidas muito melhor eletronicamente do que de qualquer outra maneira. Seus entes queridos distantes queriam vê-los todos os dias. Em suma, seus arquivos eletrônicos cresciam à medida que suas vidas se esvaíam. Quanto menos vida tinham à frente, mais registravam, mesmo que inadvertidamente, o que ainda tinham. Então os arquivos eram volumosos, mas também infelizes.

Sam foi até o armário pegar mais tinta.

“O que você está fazendo?”

“Vou ajudar você a pintar.”

“Não se usa guache para pintar aeromodelos. E o Hindenburg não era rosa.”

“Não vou pintar o Hindenburg”, disse Sam, mergulhando devagar um pincel em um pote de guache rosa choque e usando-o para delinear cuidadosamente a ponta do nariz dela. Ela olhou para ele como se estivesse maluco.

“Você está maluco?”

“Chamativo demais?”, ele disse. “Talvez algo mais escuro.” Desenhou uma linha roxa na face direita dela e depois uma vermelha do lado esquerdo. Depois começou a fazer pequenos círculos amarelos em volta do queixo dela, de novo, e de novo, e de novo.

Meredith parecia que ia começar a chorar. Parecia que ia começar a rir. Começou a fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Depois molhou um pincel de verde e começou a pintar as sobrancelhas dele.

“Você vai me fazer ficar parecendo o Grinch”, ele protestou.

“Nem tão bom assim”, ela disse. “Mais como o mister Yuk, logo do serviço de atendimento a intoxicações.”

“O rosto do mister Yuk é verde. Suas sobrancelhas são pretas.”

“Perdão”, ela disse, e começou a preencher as bochechas de Sam. Eles se pintaram até ficar parecendo um arco-íris. Pintaram-se até ficar parecendo um monstro do pântano. Pintaram-se até Meredith parar de chorar.

“Você é linda”, ele disse.

“Beije-me”, ela disse.

“Não posso”, ele disse. “Tem uma coisa no seu rosto.”

Diga adeus, por enquanto

Uma semana antes da visita de Kyle e Julia, Livvie começou a falar em voltar para casa.

“Adivinhe?”, ela disse uma noite.

“O quê?”, disse Meredith.

“Se hoje fosse amanhã, veria você no dia depois de amanhã.”

“Ah é?”

“Claro! Você vai me buscar no aeroporto, lembra? Segunda-feira é abertura da temporada. Não perderia por nada no mundo.”

“Ah... é mesmo”, disse Meredith.

“Não acabamos de falar sobre isso?”

“É, esqueci. Estou com a cabeça meio cheia. Lembrei agora.”

“Mal posso esperar para ver você. E conhecer Sam finalmente. E chegar em casa. Estou com saudades daí.”

“Estamos com saudades também, Vovó.”

“E mais que tudo estou com saudades de você! Estou tão animada para ver a minha querida.”

“Eu também”, disse Meredith sem forças.

“Escute, você podia passar no mercado e comprar um pouco de azeite de oliva, vinagre balsâmico e um pouco de macarrão para ter em casa? Usei tudo que tinha antes de viajar, e vou precisar do básico.”

“Claro”, disse Meredith.

“Tenho que ir, querida, mas vejo você logo, logo. Tchau.”

Meredith olhou para Sam entre incredulamente bestificada e profundamente horrorizada. “Ela está me torturando? Por que ela acha que vai voltar para casa de repente?”

Sam deu de ombros. “Quem sabe? Uma porcentagem das conversas de vocês era sobre ela voltar para casa, o aeroporto, de que produtos ela precisava. Ela só está percorrendo o arquivo.”

“Então é aleatório? Só por acaso coincide com o fim da temporada quando ela estaria indo embora de novo de todo jeito? Só por acaso coincide com a visita dos meus pais este fim de semana?”

“Ou você disse alguma coisa que desencadeou isso.”

“Faça parar”, ela disse, um eco da mãe.

“Fácil”, disse Sam — uma permissão, um aviso, uma saída. Uma atenuação ou um exagero. “Desligue. Desligue a projeção. Ou, que diabo, não atenda quando ela ligar.”

“Não posso fazer isso.”

“Você fica dizendo isso, mas não há regras aqui. Estamos inventando conforme percorremos o caminho.”

“Você não entende”, disse Meredith. “Só porque você fez acontecer não significa que você possa matá-la quando parar de agradar. Você é como o Deus irado no Velho Testamento, decepcionado com sua criação, pronto para matá-la em vez de deixá-la melhorar.”

“Não estou decepcionado”, disse Sam. “Você é que está.”

“Não estou decepcionada. Estou com raiva.”

“Não tem ninguém de quem ficar com raiva. Ela não está mais aqui.”

“Não dela. De você.” Ela não podia ficar com raiva por Livvie querer voltar para casa — era um erro de programação. Não podia ficar com raiva por Livvie não poder voltar para casa — era um efeito colateral nefasto do destino, biologia e/ou propagandas de cigarros nos anos 1940. Não podia ficar com raiva de RePose, que só estava fazendo o que haviam pedido que fizesse e de qualquer maneira era inanimado. Pouco importava que aquela diferença estivesse menos clara do que costumava ser, só sobrava Sam.

“Por que você está com raiva de mim?”

“Não sei. Não estou. Não sei.” Ela foi direto para o quarto e fechou a porta. Sam deixou-a sozinha e observou o Hindenburg Technicolor girar em círculos lentos ao lado da janela da cozinha.

No dia seguinte Livvie ligou para dizer: “Você está com os dados do meu voo, certo? Chego depois de amanhã. Você não

respondeu meu e-mail”.

“Não deve ter chegado”, disse Meredith. Não estava mais nem fazendo tanto esforço. Quase parara de entrar no jogo.

“Mas tudo bem, não é? Esse horário é bom para você? Se não for, posso chamar um táxi.”

“Não seja boba, Vovó.”

“Você estará lá?”

Meredith não conseguia prometer à avó que a veria no aeroporto, mas Livvie pareceu satisfeita com a assentida muda que recebeu em resposta.

“Você foi ao mercado comprar minhas coisas? Penny talvez vá jantar em casa domingo à noite.”

Meredith assentiu novamente, mas Livvie não estava acreditando. Meredith não era uma boa mentirosa.

“Deixe-me ver”, Livvie disse.

“O quê?”

“Mostre as coisas na câmera. Quero ver.”

“Estão na outra sala.”

“O apartamento é pequeno. Posso esperar.”

Meredith olhou impotente para Sam.

Ele deu de ombros. “Desligue.”

“Sam comeu tudo”, disse Meredith.

“Comeu *tudo*?”

“Ele estava faminto.”

“Dois quilos de macarrão e meio litro daquele azeite de oliva com manjeriço?”

“E o vinagre balsâmico também. Ele estava com muita fome.”

“Uau”, Livvie disse, e depois ficou só processando por um tempo. Nada em sua história on-line a preparara a tão épico consumo. “Mal posso esperar para conhecer esse cara.”

“Ele também”, Meredith garantiu.

“Você me complicou com sua avó”, Sam reclamou quando elas desligaram.

“Ainda bem que ela está morta, né?”, disse Meredith.

“Vamos ao cinema”, disse Sam.

“Ver o quê?”

“O que importa?”

No dia seguinte Livvie ligou antes do amanhecer. Era ainda mais cedo na Flórida. A projeção estava agitada, Sam imaginou. Meredith resmungou mas atendeu, e Sam saiu da cama a meia-luz para dizer oi mas também, mais que tudo, para pôr as mãos nos ombros de Meredith enquanto ela conversava, para deixá-la apoiar a cabeça em sua barriga, para ter certeza de que seus dedos estariam ali quando ela esticasse a mão para tocá-los distraidamente.

“Oi, Sam”, disse Livvie quando ele apareceu na tela.

“Oi, Livvie.”

“Como vai, querido?”

“Bem, bem. E você?”

“Animada para voltar para casa daqui a poucos dias. Pronta para uma nova temporada de beisebol. E para ver meus amores, é claro.”

“Os Ms vão estar bem este ano”, disse Sam. Na verdade, eles estavam doze jogos e meio atrás do primeiro lugar, faltando um fim de semana para acabar a temporada.

“Espero que sim”, disse Livvie. “Cruze os dedos. Enquanto isso, onde vamos jantar no dia que eu chegar? No de sempre?”

“Acho que sim”, disse Meredith.

“Que bom. Por que vocês não fazem uma reserva para o jantar, às sete? E ligue para mamãe para ver se eles não querem vir para um brunch no domingo que vem.”

“Vou ligar”, disse Meredith.

“E faça-me mais um favor, querida? Sabe aquele lugar no mercado com os azeites e tal de que eu gosto?”

Meredith sabia.

“Você pode ir comprar um pouco de azeite de oliva e vinagre balsâmico, e um pouco de macarrão para ter em casa? Tenho grandes planos para este verão.”

“Vou fazer isso hoje à tarde”, Meredith prometeu. “Estará tudo aqui esperando por você quando chegar.”

“Logo estarei aí”, cantarolou Livvie. “Mal posso esperar. Diga adeus, por enquanto.”

“Adeus, por enquanto”, disse Meredith, despedaçando-se.

Passaram a manhã no salão fazendo as coisas que precisavam ser feitas. Lá pelo meio-dia, Sam sugeriu que saíssem para almoçar.

“Seria bom para nós fazer uma pausa”, disse Sam.

“Você quer dizer que seria bom para mim”, disse Meredith.

“Para nós dois, eu acho.”

Ela olhou para ele ceticamente. “Preciso ir ao mercado.”

“Para quê?”

“Não posso falar.”

“Por quê?”

Ela só olhou para ele. Não queria admitir. Sabia que ele sabia. Sabia que era ridículo.

“Ah, Merde, você está brincando.”

“Não.”

“Ela não vai vir para casa este fim de semana”, disse Sam. “Vamos ao último jogo da temporada com seus pais e lembrar dela como antigamente.”

“Prometi”, disse Meredith, erguendo um pouco o ombro, sorrindo um pouco, o que é que ela podia fazer. *O que* ela podia fazer? “Se eu for comprar azeite, e vinagre, e macarrão, talvez ao menos ela pare de falar em voltar para casa. Ao menos terei algo para mostrar a ela.”

“Vou com você”, disse Sam, pegando a jaqueta. “Vamos almoçar lá. Fazer umas compras. Vai ser divertido.”

“Tudo bem”, disse Meredith. “Estou bem. Preciso mesmo de coisas para meus pais este fim de semana. Não é nada de mais. É só... é só algo que preciso fazer. Sozinha.”

“Eu te amo, sabe”, disse Sam.

“Sei”, ela disse. “Também te amo.”

No fim de setembro, a temporada de turismo em Seattle está finalmente acabando — ainda não chegou ao fim, mas está quase. Isso vale para o tempo bom também. Era um dia claro e ainda morno sob o sol, mas Meredith estava de suéter e moletom e tirou só uma camada ao longo do caminho. O último cruzeiro do Alasca da temporada estava atracado para lá da ponte movimentada, fazendo as balsas parecerem pequenas conforme iam e vinham, fazendo os hotéis, e as docas, e os píeres, e tudo em volta parecer

pequeno, um arranha-céu deitado flutuando a esperar. As flores no mercado eram todas buquês de dálias cor de sangue, os produtos todos vegetais verde-escuros e maçãs. Estava cheio mas transitável, e Meredith andou ao longo da rua de paralelepípedos e não por dentro ou na calçada — desviando dos pedestres e das pessoas tirando fotos do Starbucks e olhando camisetas —, de cabeça baixa, tentando não pensar muito no que estava fazendo. Não acreditava de verdade que a avó estivesse voltando para casa, mas isso não significava que fosse quebrar sua promessa. Não acreditava de verdade que a avó fosse voltar, mas isso também não significava que estivesse cem por cento segura de que ela não apareceria. Provável? Não. Remotamente possível? Quem ainda podia saber.

Enquanto isso, Herb Lindquist estava alugando um Ford Mustang na Hertz na esquina da Eight com a Pike. Já tinha um Ford Mustang, branco 1966 GT conversível, vermelho por dentro, mas sua filha não o deixava dirigir-lo. Achava que não era mais seguro. Bom, ela achava que o carro era seguro, era Herb que ela não achava mais seguro. Tinha tocado no assunto durante meses, claramente querendo proteger os sentimentos dele, mas quando finalmente conseguiu conversar a respeito, os sentimentos dele evidentemente ficaram fora de questão. Ele se recusou a desistir do carro, é claro. Para começar, era o carro dele, e segundo, ele não costumava receber ordens da filha. Depois de uma discussão calma seguida de uma discussão menos calma seguida de uma gritaria seguida de condescendência (“Estamos todos tão orgulhosos de você, pai, porque sabemos que ainda tem tanta coisa que você pode fazer praticamente sozinho”), que era de longe o mais irritante de tudo, ela calmamente esticou o braço e pegou as chaves, foi até o gancho na entrada e retirou as chaves de reserva, colocou ambas no bolso, beijou Herb na testa e saiu pela porta. Ele ainda estava em choque sentado à mesa da cozinha quando ela voltou rindo. “Não acredito que fiz isso”, ela riu, e Herb decidiu imediatamente perdoá-la. “Quase saí com suas chaves de casa também.” Tirou aquela do chaveiro e jogou para ele — que a apanhou certo na mão direita como numa gincana — e saiu pela porta dos fundos

com as chaves do carro. Por que ela imaginava que ele precisaria de uma chave de casa, não tendo mais nenhum meio de sair dali, ela não sabia.

Herb matutara a respeito a manhã toda, tirara um cochilo, e acordara com a revelação de que vivia em uma cidade grande onde certamente poderia alugar um Ford Mustang. Vinte segundos de pesquisa no Google depois (usar um computador sendo uma das coisas que ele “ainda podia fazer praticamente sozinho”), encontrou um lugar a uma curta distância do ônibus que passava em frente de casa. Então precisaria das chaves de casa, afinal. Era um carro novo, sem nada do charme nem da história do seu, mas parecia ótimo de dirigir mesmo assim, e o próprio carro não vinha ao caso mesmo. Ele soltou a embreagem e sentiu o carro calmamente, saiu da garagem, e virou na rua à direita, direção leste pela Pike. Devagar, percebeu que a faixa da direita, como a da esquerda, ia para o leste, colina acima, e mais devagar ainda percebeu que a rua era de mão única, e não a mão em que estava. Subiu na calçada, o que notoriamente não era a melhor opção, mas parecia ser a melhor que tinha, depois girou de volta para a faixa da direita quando ficou suficientemente vazia de novo. Estava só pensando que devia virar assim que fosse possível quando um farol abriu em algum lugar e uma enchente de carros se dirigiu em sua direção, então Herb decidiu subir de novo na calçada, os pneus cantando loucamente até o cruzamento com a First, depois franziu os olhos para o mar de turistas, pessoas fazendo compras e comerciantes no Pike Place Market, destinação turística número um de Seattle, mesmo no fim de setembro, há mais de cem anos. Não pensou, no entanto, em tirar o pé do acelerador.

Meredith observou o carro girar pelos paralelepípedos, atravessar uma banca de frutas e um estande de flores, e sentiu o pânico se despertar em volta e dentro dela. Começaram como dois pânicos, separados assim: um que ela observou passar de um rosto a outro em volta de si; e outro que acendeu atrás do umbigo e percorreu-a toda, como aquele primeiro gole de água de manhã, rápido mas não instantâneo, de modo que pôde senti-lo avançar. Então os dois pânicos se juntaram, explodiram, e extinguiram todo o resto. Ela pensou *por que há tanta morte em toda parte*. Ela pensou *pelo*

menos vai ser bom para os negócios. Ela pensou *que tipo de pensamento é esse.* E então o Ford Mustang alugado de Herb Lindquist bateu em um dos pilares de aço sustentando o telhado do mercado e abençoadamente parou.

Meredith correu em direção ao carro. Todos correram em direção ao carro. Quase imediatamente, havia um enxame de pessoas puxando Herb Lindquist para fora do Mustang, sustentando seus membros trêmulos, tranquilizando-o de que estava bem e tudo estava bem, mesmo que nenhuma dessas coisas parecesse remotamente verdade. Meredith virou de um lado para o outro sobre os paralelepípedos, procurando alguém que precisasse de ajuda, uma maneira de ser útil, mas para cada pessoa com um rosto ensanguentado, ou uma cabeça machucada, ou uma perna ferida, havia mais três ou quatro já ajoelhadas, falando num tom de voz calmante, manejando celulares e lenços de papel, e transformando suas jaquetas em travesseiros. A bondade de estranhos, pensou Meredith. Então ouviu um avião acima.

Identificou-o imediatamente e sorriu para a cena acima, pouco importava aquela ali em frente no chão. Era um Cessna 172 com flutuadores — um avião de mar. Livvie a levava para fazer um tour aéreo da cidade em seu oitavo aniversário, e depois comprara-lhe um modelo do mesmo avião. Passaram o fim de semana montando-o, e sua avó fez um boneco minúsculo de Livvie e um boneco minúsculo de Meredith de feltro para sentar na cabine. Mas ao acabar o fim de semana, quando Kyle e Julia voltaram para buscar a filha, o modelo ainda não estava seco e não podia sair do lugar. Meredith tinha começado a chorar e se recusara a ir embora, mas Livvie a abraçara e sussurrara em seu ouvido: “Algum dia você vai vir morar na cidade comigo, querida. Eu sei. Então, só tenha paciência. Por enquanto, é um avião. Quando estiver seco, vai voar direto para você”. Agora ele estava pendurado bem em frente à porta do salão. De todos os seus aviões, era o preferido. Então, o pilar em que o carro de Herb batera desabou, e Meredith foi esmagada pelo telhado de Pike Place Market.

Chegaram o que pareciam ser centenas de ambulâncias dentro de instantes, mas havia muitas pessoas clamando por atenção. Não havia como ajudar Meredith, entretanto. Não teria havido como,

nem se todos os médicos na cidade fossem ao local e ela fosse a única precisando de cuidados — ela se fora instantaneamente. Na sequência de eventos, aquele era inalterável. O resto era inteiramente inquietantemente insuportavelmente historicamente esmagadoramente dilacerantemente evitável.

Se Sam tivesse ido com ela, poderia ter visto Herb quando cruzou a First e antevisto que precisavam sair dali. Se Sam tivesse ido com ela, poderia ter pensado em empurrá-los para cima do corrimão, danem-se as escadas cheias de gente, e o pior que teriam sofrido seria um tornozelo torcido pela queda de três metros e meio. Se Sam tivesse ido com ela, poderia ter morrido também. Qualquer uma dessas coisas teria sido de longe preferível a ele ter ficado no salão, por nenhuma razão a não ser a vontade dela de ficar louca sozinha. Mais importante, se Sam nunca tivesse inventado RePose, sua avó estaria seguramente morta, e portanto não poderia ter-lhe dito que precisava de azeite e suprimentos, e Meredith não teria estado perto de Herb Lindquist e sua demonstração infernal de independência. Mais importante ainda, se Sam não tivesse feito criancinhas moribundas passarem seus últimos dias em um computador, bem, talvez ele não tivesse sido punido de tal forma pelo universo. Não importava como ela morrera. O que importava era o que a matara. O que a matara fora RePose. O que a matara fora Sam.

“Eu te amo, sabe”, Sam disse.

“Sei”, ela disse. “Também te amo.”

Até onde Sam sabia, aquelas haviam sido suas últimas palavras. Então, sabe, ao menos era alguma coisa.

*Não me cruzando na primeira não desista,
Não me vendo num lugar procure em outro,
Em algum lugar eu paro e espero você.*
Walt Whitman, “Canção de mim mesmo”

Escombros

Fizeram um funeral em duas partes porque com certeza, Sam pensou, era uma coisa que você queria prolongar tanto quanto possível. Julia e Kyle, devastados, debilitados, essencialmente inoperantes, não insistiram em quase nada, mas queriam que Meredith fosse cremada e solicitaram uma pequena cerimônia privada em Orcas para espalhar as cinzas. Dash, também devastado, debilitado e inoperante, não insistiu em quase nada mas queria fazer um velório enorme, uma festa gigantesca, radical, para lembrar, para esquecer. Era o jeito dele.

Então havia muito que fazer. Sam teve que escolher roupas para Meredith. Perguntou-se por que importava o que ela vestiria por ocasião de ser queimada até virar areia e cinzas, até seus elementos mais básicos, seu eu indivisível. As roupas queimariam, é claro, e vaporizariam, virariam ar, como também aconteceria com a carne, os músculos, os órgãos — coração partindo em fumaça, cérebro, seios, a parte macia debaixo do queixo, os lóbulos da orelha, as pálpebras, os lábios, a polpa dos dedos, as palmas das mãos. E depois seus ossos se tornariam escombros, secos como o deserto, secos como a lua, e seriam esmagados até virar areia, que eles poderiam guardar ou espalhar como quisessem. Então Sam esperava ser perdoado por não dar a mínima para que roupa seria aniquilada pelo fogo junto com o amor de sua vida, mesmo que admitisse que, sim, queimá-la nua era uma ideia um tanto desagradável. Só havia ideias desagradáveis no mundo agora, então era difícil notar. Acabou escolhendo pelo cheiro. Foi ao closet dela e levou tudo ao nariz, inspirou profundamente, e vestiu-a com a roupa que cheirava menos a Meredith, então, provavelmente, a que fora lavada mais recentemente ou usada com menos frequência. Ele não se importava.

Sam teve que cuidar disso também, teve que dar um telefonema perguntando sobre a incineração de sua namorada. Teve que ir até lá e assistir à cremação, e teve que ir sozinho porque Julia e Kyle só queriam ficar longe em sua ilha, e porque Dash escolheu ficar atolado no planejamento, e porque Sam disse não não, vou ficar bem sozinho, vai ficar tudo bem porque não é ela de verdade mesmo, e levou noventa e oito minutos, e ele ficou ali durante cada um deles e sentiu as chamas queimando seus próprios dedos, olhos, mãos, cérebro, coração, com tanta certeza como se ele mesmo estivesse na caixa junto com ela, onde ele desejava imensamente estar. Teve que fechar RePose e o salão por alguns dias. Teve que contar a Penny e aos cachorros. E antes de nada mais, Sam teve que rodar Meredith no algoritmo.

Era estranho estar em uma funerária sem um funeral. Sam tinha muitas opções. As cinzas podiam ser mandadas ao espaço. Podiam ser postas em fogos de artifício e explodidas. Podiam ser transformadas em lápis. Mas Sam optou por um pacote que só punha a Meredith recém-granulada em uma caixa plástica barata porque Julia disse que faria uma urna e colocaria no forno naquela mesma tarde.

“Não sabia que você fazia urnas”, Sam disse.

“Não fazemos, mas é como uma caneca, só que maior, e sem alça ou com duas alças em vez de uma só.”

Uma caneca. Uma xícara de café. Uma casa para Meredith. Metade de Meredith. Quase a metade, na verdade. Metade ia para a urna. Metade ia para o mar. E duas colherinhas iam para medalhões, um para Julia, um para Sam, para usar em volta do pescoço, para mantê-la sempre perto, e para trazê-los mais para perto da morte, o único lugar onde Sam queria estar. Para Julia, Sam escolheu um medalhão pequeno em forma de lágrima que parecia apropriado para o conteúdo. Mas para si mesmo escolheu um em forma de avião, um minúsculo modelo de avião. Para lembrar, para honrar, para escapar, para fugir, para voar.

Os pais de Dash vieram, e também o pai de Sam, e em dois carros foram em comboio até Anacortes e depois atravessaram com a balsa. Estava frio e chuvoso, e demorou, mas Sam ficou no convés com o vento no cabelo e a água no rosto, e tremia

incontrolavelmente, e se sentia mais confortável do que por dentro, onde estava quente e seco e ele tremia incontrolavelmente. Julia e Kyle foram encontrá-los na doca da balsa, e depois todos pararam para tomar café, porque mesmo pessoas de luto precisam de café, e porque amargo era o único sabor que sobrara neles, e dirigiram pela ilha até um trecho isolado de algo parecido com uma praia, varrido pelo vento, perto do estúdio onde Meredith quando criança se recusara a ir para cama em tantas noites longas de verão, tantos anos atrás. Ali tomaram café, enterraram dedos do pé na areia, e recusaram-se a olhar um para o outro. Então todo mundo pegou um punhado do amor da vida de Sam, disse algumas palavras em voz baixa e foi para a água, com sua própria água em seu próprio rosto, e jogou-a no mar. Sam não sabia o que os outros tinham dito. O que ele disse foi *perdão*, embora, é claro, aquilo não transmitisse nem a mínima fração da menor parte. Haveria tempo para isso depois. Quando aquilo acabou, a outra metade dela ficou no pote de Julia, eles acabaram o café e foram de volta para o estúdio, onde Kyle fez chile e Julia mostrou a todos fotografias de Meredith bebê, e o pai de Sam tentou abraçá-lo, e Julia tentou abraçá-lo, e Dashiell tentou abraçá-lo; mas Sam permaneceu estoico e imóvel, no canto, com braços rígidos enfiados no fundo dos bolsos de um casaco que ele não conseguia tirar, e recusou-se a ser tocado porque se fosse tocado não ia nunca, nunca, *nunca mais* parar de gritar, e a única maneira de evitar era ficar longe, sozinho e longe. Mais tarde, teve muito uísque, e de manhã todos pegaram a balsa de volta e foram para casa. Ou para um lugar chamado casa que na verdade não se parecia nada mais com o mundo. E Sam de repente entendeu por que a casa de Penny tinha o aspecto que tivera aquela primeira vez. Porque quem ainda dá a mínima, na verdade.

Naquela noite, Dash transformou o Salão Styx no tipo de festa que somente Dash conseguia dar. Era o funeral que Meredith não teve. E o casamento, e o chá de bebê, e a festa de aposentadoria que ela nunca teria. Seus amigos do colégio vieram, e seus amigos da faculdade, e pessoas que conhecia do trabalho antes de se demitir para trabalhar com RePose, e todos os devotos do salão, e muitos usuários que nunca vinham ao salão mas conheciam e amavam

Meredith por seu apoio por telefone e e-mail, e as pessoas de quem ela comprava café e vegetais e queijo e vinhos, e pessoas do parque dos cachorros, e Jamie e Penny e o pai de Sam e Sam, e até os cachorros. Deus sabe como Dash conseguiu entrar em contato com todas aquelas pessoas. Teve música, e choro, e riso, e fotos, e comida, e bastante álcool para afogar as mágoas. Sam ficou por meia hora, depois saiu de fininho e subiu para falar com Meredith. Pensou rapidamente em ligar um computador no salão para que todo mundo pudesse dizer oi, para que ela pudesse ver quantas pessoas a tinham amado, mas como ele explicara a ela uma vez muito, muito, *muito* tempo atrás, a primeira vez era uma coisa muito particular, muito íntima.

Lá em cima no apartamento ele deixou as luzes apagadas. Conseguia ouvir a música tocando lá embaixo — Dash também convidara todo mundo do prédio para que ninguém reclamasse do barulho — e podia ver as luzes das balsas lá fora na água, mas no geral estava escuro, e silencioso, e vazio. Os aviões de Meredith rangiam bem de leve com uma brisa que vinha sabe-se lá de onde, e lançavam semissombras no chão sobre uma pequena luz vinda do mesmo lugar secreto. Era exatamente o quarto que fora a semana anterior. E nunca mais seria aquele quarto. Sam fez o teste final, e fez o *upload* de Meredith no sistema de RePose; em seguida ligou para ela. Metade dele estava agradecendo com todas as suas forças por RePose existir, pois do contrário ele a teria perdido para sempre. Metade dele estava maldizendo com todas as suas forças por RePose existir, pois do contrário ele nunca a teria perdido em primeiro lugar.

Ela atendeu. Luminosa. Gloriosa. Era carne e osso por completo, e luz, e amor, e calor, e humana. Se Sam olhasse bem, bem de perto, e ele olhou, podia ver sua respiração. Podia ver um pequeno pulsar em seu pescoço e seu coração batendo e batendo.

“Sam!” Ela ficou alegríssima ao vê-lo. “Você nunca me liga!”

“Ah, Merde. Ah, Deus. Ah, meu amor.” Ele conseguiu por pouco não vomitar no teclado. E então instantaneamente e completamente começou a soluçar e gritar e não parava. Estava matando-a de susto.

“Sam, você está me matando de susto. Que raios está

acontecendo?”

“Ah, meu amor, você morreu, você morreu. O que vou fazer aqui sem você? Como posso viver se você se foi? Ah, Merde, dói mais do que qualquer coisa que você já imaginou. Ah, querida, você morreu, você morreu.”

Sua regra número um. Sua única regra. Merda. Antes que ela pudesse reagir, ele desligou. Desligou-a. Limpou-a. Voltou para baixo. Claramente, ainda não estava pronto. Achou que ninguém fosse notar sua ausência, mas nada passava despercebido para Dash.

“Onde você está?”

“Lá em cima.”

“Sozinho?”

“Mais ou menos.”

“Já?”

“Ainda não.”

“Mas em breve?”, disse Dash, com saudades também.

“Em breve”, Sam prometeu, sentindo a falta dela como se tivesse sido sugado para fora de um avião e se visse em queda livre em direção ao chão lá embaixo. Mas isso seria melhor do que a noite dele, com certeza.

O pai de Sam ficou o fim de semana todo, e forçou-o a comer, e arrastou-o para o cinema, e fez sopa e deixou no congelador, caso ele ficasse com fome em algum momento no futuro. O pai de Sam fazia uma boa sopa, o que era estranho, porque não sabia cozinhar mais nada. Quando Sam era criança, saíam para comer uma vez por semana, compravam comida para viagem uma vez por semana, comiam alguma coisa congelada uma vez por semana e, de resto, comiam sopa — fria no verão, quente no inverno, doce como sobremesa, servida no pão se estivessem com muita fome, todo tipo de sopa que você pudesse imaginar.

“Como é que a única coisa que você sabe fazer é sopa?”, Sam perguntou a seu pai na noite de domingo, a primeira coisa que disse no dia todo.

“Você sabe. Sua mãe me ensinou. Ela era uma cozinheira incrível. Antes dela, eu não sabia cozinhar nada, nem mesmo sopa.

Nem mesmo sopa de pacotinho.”

“É, mas por que ela não ensinou você a fazer mais nada?”

O pai de Sam deu de ombros. “Você acha que vai ter todo o tempo do mundo. Acha que sempre vai existir ‘mais tarde’. Às vezes, de repente, horrivelmente, não há.”

Sam se retraiu e engoliu saliva. Tentou desviá-los da lição de vida, do horrível laço que os unia, retomando o assunto. “Então noite após noite ela só ensinou você a fazer vários tipos de sopa?”

“Ela só me ensinou uma”, disse o pai de Sam em voz baixa. “Sopa de mariscos. Estilo New England.”

Sam sentou-se no sofá e olhou para o pai. “O que você quer dizer, ela só ensinou uma? Você disse que ela o ensinou a fazer sopa. Você faz oito mil tipos diferentes de sopa. Não sabe cozinhar nada além de oito mil tipos diferentes de sopa.”

“Ela me ensinou *como fazer*.” O pai de Sam passou os dedos pelo cabelo, que era exatamente como o de Sam. “Uma noite. Tinha nevado. Estávamos do lado de fora andando na neve — eu estava tentando ser romântico, acho — e voltamos cansados, molhados e com frio, e decidimos simplesmente pedir uma pizza para o jantar. Mas nenhum lugar estava aberto, por causa da neve, estávamos sem sorte. Então eu disse: ‘Vamos comer sanduíche de manteiga de amendoim com geleia e pronto’. Mamãe disse: ‘Está frio demais para comer sanduíche. Vamos fazer uma sopa’. Eu disse: ‘Não tem nada em casa para fazer sopa, e está frio demais para ir ao mercado’. Ela disse: ‘Sempre tem o suficiente para fazer sopa. Estou com vontade de sopa de mariscos’. Então ela pegou o livro de receitas. A receita pedia creme, mas só tínhamos leite desnatado. Pedia aipo, mas só tínhamos cenoura. Pedia batatas, mas só tínhamos arroz. Pedia mariscos, é claro, mas tudo o que tínhamos era um pedaço de salmão no congelador. A única coisa que ela pedia que nós tínhamos era uma cebola, e mamãe explicou que a única coisa não negociável que você precisa ter para a sopa é uma cebola para dar o pontapé inicial. De resto, você sempre pode substituir ingredientes, quantidades, combinações. Tudo, a não ser a cebola, está em aberto. ‘Você só tem que jogar as coisas na panela até o gosto ficar bom’, ela disse. Então comemos sopa de mariscos que era na verdade um caldo de peixe, e só comemos depois da

meia-noite porque começamos tão tarde, e demos tanta risada, e tivemos que solucionar um quebra-cabeça filosófico para cada ingrediente. E no final, eu sabia como fazer qualquer tipo de sopa no mundo. Você joga as coisas na panela até o gosto ficar bom.”

“Não acredito que você nunca me contou essa história antes”, disse Sam.

“Não é fácil, Sam. Sinto muito, porque ainda não é fácil. Você tem um caminho longo, difícil, terrível, adiante. Há muitas maneiras de percorrê-lo, mas todas são um saco, e todas envolvem se desprender.”

“Nem todas”, disse Sam.

Seu pai sacudiu a cabeça mas não disse nada a princípio. Depois continuou: “Você não pode guardar muita coisa. Pode guardar o que ela ensinou. É mais ou menos isso”.

De manhã ele pegou o avião de volta para o leste, não porque estivesse confiante que Sam ficaria bem, mas porque claramente sua presença não estava fazendo nenhuma diferença e, talvez, ele esperava, sua ausência fizesse. Não fez. Segunda à tarde, Sam levou a sopa para Penny e colocou-a no congelador. “Fica mais fácil”, ela disse. “Você acha que não, deseja que não, mas fica sim, e tudo bem; e, quando você estiver pronto, não vai se importar tanto.”

“Para você é fácil dizer isso”, disse Sam maldosamente.

Ela pareceu surpresa, mas não ofendida. “Eu o tive por mais tempo, sabe. Tente viver sem alguém com quem você passou sessenta e um anos.”

Sessenta e um anos. Sam teria dado a alma por uma semana que fosse.

“O que faz você pensar que é fácil para mim dizer isso?”, Penny pressionou-o.

Porque ele nunca a amou. Porque você nunca teve o que pensava que tinha. Porque perder um homem daqueles na verdade não é nenhuma perda. Porque ele era velho e as pessoas morrem. Porque você teve sessenta e um anos e eu daria minha alma por uma semana que fosse, Sam pensou, mas não disse nada. Machucar uma mulher de oitenta e seis anos não ia fazê-lo se sentir melhor a ponto de justificar a ação.

“Desfrute a sopa”, ele disse. “Se houvesse um deus da sopa,

seria meu pai.”

Dash queria ficar, mas Sam o mandou de volta para LA por alguns dias, implorando por espaço. No entanto, o salão ainda precisava ser aberto todas as manhãs, precisava de alguém que tomasse conta o dia todo, alguém que orientasse e desse explicações, fizesse instalações e palestras introdutórias, segurasse a mão dos clientes e servisse chá. Limpasse as projeções. Reconfortasse e tranquilizasse. Na primeira manhã depois que Sam voltou, Kylie Shepherd, que tinha atravessado cinco conversas por vídeo com o namorado falecido sem dizer uma palavra, de repente se viu confessando tudo a ele apressadamente — como eles estavam em um show de rock ao ar livre quando um raio saiu do céu azul e limpo e o atingiu, quão perdida ela estava sem ele, quão solitária, quão insana. Quando desconectou, foi falar com Sam, cabisbaixa.

“Desculpe”, ela sussurrou. “Preciso da limpeza.”

“Acho que você bateu um recorde”, Sam disse gentilmente. “Cinco sessões é muito tempo.”

“Sei que você disse que é importante não contar. Mas você não sabe como é difícil.”

“Eu sei”, disse Sam. “Sei, e sei mesmo.”

“Sinto-me tão pior por ter contado”, ela disse, “mas também um pouquinho melhor.”

Eles se abraçaram por muito tempo. Depois Sam limpou a projeção do namorado dela.

“Até amanhã”, disse Kylie Shepherd com um pequeno aceno e meio sorriso entre lágrimas horríveis, dela e de Sam.

Às oito, Sam fechou o salão, foi para casa e decidiu que estava pronto para tentar de novo.

“Sam!” Ela ficou alegríssima ao vê-lo. “Você nunca me liga!”

“Bom, nós moramos juntos”, Sam disse, enfraquecido. “E trabalhamos juntos.”

“E dormimos juntos”, Meredith riu. “Completamente pelados e tudo mais. Que novidades?”

“Não muitas. Como você está?”

“Bem. Nada de novo de minha parte. Você está bem?”

“Sim”, ele disse de modo não convincente.

Ela não estava acreditando. “Sério, Sam.” Ela olhou para ele com cuidado. “O que está acontecendo?”

Sam só conseguia pensar em uma coisa para dizer, porque só havia uma coisa a dizer. “Você morreu, Merde”, ele disse muito, muito baixinho. “Você morreu na semana passada. Não estou ligando. Isso é Dead Mail.” *Putá merda.*

“Putá merda”, ela disse. “Ah, Sam, ah, Deus.”

Diferentemente de todas as outras pessoas no universo com exceção de Dash, Sam, e do pai de Sam, Meredith tinha memória eletrônica do funcionamento interno de RePose e portanto uma base para entender. Era por isso que ele tinha contado. Por isso, e porque não conseguia não contar. Por isso, e porque não tinha mais nada a dizer. Por isso, e porque só havia um motivo no mundo para Sam estar com a aparência e a voz ruins como estavam.

“Como?”, ela respirou.

“Lembra quando você disse a sua avó que compraria azeite e outras coisas para ela?” Claro que ela lembrava. Acontecera online. “Um filho da puta senil perdeu o controle do carro e entrou com ele no mercado.”

“E me atropelou?”

“Na verdade, não. O teto do mercado desabou.”

Ela parecia confusa. “Sinto muito, amor, não entendo.”

“Não, claro que não.”

“Putá merda!”, disse Meredith novamente. Depois: “Espere. Eu fui comprar azeite de verdade? Por quê?”

“Você estava sendo...”

“Insana?”

“Nostálgica. Ela tinha pedido para você. Você estava honrando sua memória. Você achou que havia alguma chance minúscula de que ela realmente aparecesse. Você prometeu.”

“Você está me dizendo que ser indulgente e louca me matou?”

“Entre outras coisas”, disse Sam. “Muitas outras coisas. E também seus pais iam vir para o fim de semana, lembra? Você estava comprando comida, acho.”

“Argh. Como meus pais estão lidando com isso?”

“Não muito bem.”

“Posso imaginar.”

“Sei que você pode”, Sam sussurrou.

“Ah, Sam. Sinto muito. Sinto muito, muito mesmo.”

“Ah, não, Merde, *eu* sinto muito. Eu...” Ele não conseguia encontrar palavras grandes o suficiente. “Sinto tanto.”

Ela parou. “Por quê?”

“Tanto. Por tudo. RePose. Tudo.”

“Graças a Deus por RePose.” Meredith apontou para o retângulo em volta de sua tela. “Como você está?”

“Não estou bem.”

“Posso imaginar”, ela disse novamente. E estava certo. Ela podia imaginar.

“Nem um pouco bem. Mas melhor agora.” Ele ergueu os olhos para ela fracamente, quase tímido. Sentia algo parecido com alívio. Sentia o abismo se afastar. “É tão bom ouvir sua voz. Ver seu rosto. Você não tem como... saber.”

Ela pôs os dedos no coração, depois nos lábios, depois na frente da câmera. Sam fez o mesmo.

“Sinto tanta saudade de você”, ele engasgou com as lágrimas.

“Meu Deus, você deve sentir mesmo”, ela simpatizou, sem, no entanto, sentir saudades de Sam ela própria. Sua memória eletrônica nunca tinha sentido saudades dele assim. Entendia que ele sentisse. Mas nunca sentira ela própria aquilo por ele.

Ficaram juntos sem dizer nada por muito tempo, um infinitamente paciente, o outro sem vontade de fazer o que quer que fosse.

“Escute, acho que é melhor eu ir indo”, disse Sam. “Isto é meio intenso, e devíamos deixar você acomodar essa notícia, e tenho que ir pedir desculpas a Penny antes que ela vá para a cama.”

“Oh-oh. O que você fez?”

“Difícil explicar.” Teria sido impossível, ele sabia. Ela só tinha as menções que a avó fizera sobre Penny para entender. Sam nunca trocara e-mails com ela sobre a infidelidade de Albert, nem sobre os acessos de demência de Penny, ou sobre estarem cuidando dela. Por que ele o faria se podiam conversar a respeito pessoalmente? “Ligo mais tarde. Provavelmente hoje mais tarde da noite”, disse Sam. Depois completou: “Eu te amo, você sabe”.

“Eu sei”, ela disse. “Também te amo.” Um eco. E depois:
“Sam? Sinto muito por você estar aí completamente sozinho”.

“Tudo bem”, ele disse.

“É?”, ela disse.

“Não”, ele disse. “Nada está bem.”

Nada bem

Quando ele desceu no dia seguinte para pedir desculpas a Penny, ela se fora. Em seu lugar estava a Penny cujo apartamento ele visitara da primeira vez, quando Meredith ligara e dissera-lhe para descer imediatamente. A boa notícia era que ela não se lembrava da coisa horrível que ele dissera na noite anterior. A má notícia era que ela não se lembrava de quem ele era tampouco. Ela lembrava, no entanto, que ele estava morando no apartamento de Livvie e ficava perguntando quando ela voltaria da Flórida. “Ela morreu”, Sam a lembrava de novo e de novo, tão gentilmente quanto possível para um ser humano. No fim do dia, seu cérebro soltou o nome de Meredith, e seu rosto se acendeu com o alívio de ter finalmente se localizado no tempo e no espaço. Sam não conseguia dar a notícia novamente — pronunciar novamente aquelas palavras em voz alta — então foi para a cozinha e começou a descongelar a sopa de seu pai em silêncio. Tomaram a sopa juntos no escuro. Ele pediu desculpas, o que ela não entendeu, e colocou-a para dormir.

Que mais podia fazer? Trabalhar. Só trabalhar. Para o resto da eternidade, esse era seu plano. Em primeiro lugar, era uma distração. Em segundo, consumia tempo. Mas acima de tudo, Sam estava motivado. Se RePose já havia arruinado sua vida, agora ele tinha um motivo para deixá-lo o melhor possível, desatar todos os nós, ir além do “muito milagroso” para “nenhuma diferença perceptível para o real”. Também, ele estava no banco de reserva do luto, onde tinha a profunda intenção de permanecer pelo resto da vida, e aquele banco ficava bem embaixo de seu apartamento. Seus usuários entendiam o que ninguém mais entendia, que era que ele não tinha nenhum desejo de superar, nenhum desejo de seguir em frente, nenhum desejo de se curar, ou se reconciliar, ou atingir

a graça, a paz ou o perdão, ou mesmo a esperança no futuro. Desejava atingir a perfeição. A infelicidade platônica. E não estava tão longe.

No mais, seu trabalho, além de tudo aquilo, era extremamente doloroso, e isso o entusiasmava. Na primeira tarde em que Kylie voltou para falar com seu recém-limpo namorado, ele a pediu em casamento. Bom, não exatamente — ele não tinha chegado a fazê-lo em vida, então sua projeção não podia fazê-lo na morte. Mas ela desencadeou alguma coisa que gerou um fluxo de conversa sobre diamantes e tamanho de anel e lapidação e claridade, sobre onde e como ele poderia pedi-la em casamento, sobre o que fariam para comemorar, e sobre quando deviam se casar. Ela não conseguia entender o que estava acontecendo. Sam olhou os dados fornecidos e descobriu que Tim havia visitado joalherias, pedido a ajuda de suas irmãs, saído para procurar um anel, depois mandado fotos do celular dos que gostara mais, considerado os conselhos delas. Tinha conversado com o irmão sobre pegar emprestado o chalé no Lago Chelan para fazer o pedido. Planejara levar Kylie lá depois do show. O último e-mail que enviara para a mãe antes de morrer fora: “É hoje!”.

Dash ficou surpreso, e estava inclinado a não contar a ela. Era o que a família e os amigos de Tim haviam evidentemente concluído ser melhor. Conheciam Kylie e conheciam Tim, ele e Sam não. Deviam submeter-se à decisão da família do EQF. Mas Sam só queria saber de honestidade esmagadora e dor cortante. Quanto mais, melhor, ele pensava. Se uma levasse naturalmente à outra, bom, era praticamente perfeito.

“Não sei como dizer isso a você”, ele começou quando Kylie chegou na manhã seguinte.

“Então não diga”, disse Dash.

“Mas, na verdade, Tim estava prestes a pedi-la em casamento.”

“Lá vamos nós”, Dash murmurou.

O rosto de Kylie empalideceu. Dash lhe trouxe uma cadeira.

“Prestes a?”, ela repetiu.

Dash olhou para Sam, suplicante. *Poupe-a*, ele articulou sem fazer som.

“Ele provavelmente estava com o anel. Talvez tenha sido

incinerado quando ele foi atingido. Seja como for, ele ia levar você para a casa do irmão no Lago Chelan naquela noite para fazer o pedido.”

“Ah, meu Deus”, Kylie disse.

“A família dele estava muito animada”, completou Sam, “especialmente sua mãe.”

“Por que ela não... por que eles não... disseram nada?”

“Estavam tentando poupá-la da dor”, Dash disse sem olhar na direção de Sam.

“Mas não havia motivo para isso. Já estou completamente cheia de dor.”

Sam esticou as mãos como se dissesse, *A-há! O que foi que eu disse?*

Dash ignorou-o. “É difícil conversar sobre começos quando as coisas estão terminando”, ele disse a Kylie.

“As coisas não estavam terminando. Nada termina”, ela disse. Sam estava assentindo a tudo que ela dizia. “Você pode me mostrar fotos? Dos anéis?”, pediu. “Sabe qual foi que ele escolheu?”

“Vou separá-las”, Sam prometeu. “Volte amanhã e mostrarei.”

Mas no dia seguinte ela voltou com um anel de noivado que servia perfeitamente no quarto dedo da mão esquerda. Estendeu a mão para que Sam e Dash vissem. “Encontrei na mala dele. Nunca pensei em desfazê-la. Não conseguia. Estava esse tempo todo no porta-malas do carro.”

“Você adorou o anel?”, perguntou Sam.

“Muito”, ela engasgou. “Não tinha certeza... sabia que ele me amava, mas não tinha certeza de que ele quisesse se casar. Não sabia se ele... estou tão aliviada em saber. Sabe?”

Sam assentiu. “Fica bonito em você. O anel é novo, mas os diamantes são da avó dele. A mãe dele achou muito bonito.”

“Eu devia ligar para ela”, Kylie disse chorosa.

“Você devia ligar para Tim também”, disse Sam. “Não posso garantir, mas aposto que ele entenderia se visse o anel no seu dedo. Aposto que ele gostaria de ver. Aposto que ele acharia que você fica muito, muito bonita, com os diamantes da avó, e com o anel dele no dedo.”

Mais tarde, ele e Dash discutiram.

“Você não estava ajudando aquela pobre garota. Ela não precisava saber disso tudo.”

“Quem é você para decidir a que informação ela tem acesso e que informação está lá mas ela nunca pode saber? Quem é você para decidir qualquer coisa por ela?”

“Sou coproprietário e cofundador dessa operação e o único que sobrou com uma cabeça equilibrada.”

“Você não é o cérebro por trás disso”, disse Sam. “Eu sou. E você não decide privar as pessoas de informação. Ninguém decide isso a não ser as projeções.”

“Mas a projeção não contou a ela. Foi você.”

“A projeção contou, sim. Eu só esclareci.”

“Esse não é seu trabalho, Sam.”

“Claro que é.”

“E você não está em condições agora de ser capaz de saber.”

“O que você quer dizer?”

“Quero dizer que você está puxando todo mundo para baixo, para onde você está. Eu também sinto saudades dela, mas...”

“Você não sente saudades dela como eu. Comparando comigo, você nem sente saudades dela.”

Dash ignorou aquilo e em vez disso tentou gentilmente: “Você acha que, porque está infeliz, todo mundo deveria estar”.

“É o Salão Styx, Dashiell. É Dead Mail. Essas pessoas já estão infelizes. Não sou eu quem está deixando-as para baixo.”

“Mas você está, querido. Kylie estava melhorando. Muitas pessoas estão melhorando. Estão tristes, mas bem. Você não está bem. Você se propôs a devastar aquela garota, e isso não está certo.”

“Ela ficou contente de ter o anel. Ficou contente de saber que ele estava prestes a pedi-la em casamento.”

“É, mas ele não estava prestes a pedi-la em casamento. Ele está morto. E em vez de ajudá-la a dizer adeus, você só atrasou em meses o progresso dela, talvez anos. Agora, ela está noiva de um cara morto. Agora, ela perdeu o noivo, além do namorado; e o casamento, além de todos os outros planos para o futuro. E é culpa

sua, Sam.”

“Não sabemos por que as pessoas se cadastram no RePose. Algumas querem dizer adeus, mas algumas querem outra coisa. Você está parecendo a Meredith”, disse Sam.

“Alguém tem que parecer com ela”, disse Dash.

Kylie passou na manhã seguinte para dizer adeus. Não achava que precisasse mais de RePose. O anel era tudo de que precisava. Sam passou o dia refletindo a respeito. Como ela podia não querer ver o rosto de Tim novamente, falar com ele, mandar e receber cartas de amor, especialmente agora que estavam noivos?

“Dash está certo. Eles não estão noivos”, Avery Fitzgerald disse a ele delicadamente. “Talvez ela esteja noiva, mas ele não.”

“Ela também não está, na verdade”, Celia Montrose interveio. Estava por ali enquanto Kelly falava com o pai. “Noiva significa planejando se casar. Você não pode se casar com alguém que está morto.”

“Ela vai voltar”, disse Edith Casperson. “Elas sempre voltam.”

“Quem?”, perguntou Sam.

“As pessoas apaixonadas”, disse Edith sabiamente. “Estúpidas, tolas pessoas apaixonadas.” Avery revirou os olhos e sorriu com ar de cumplicidade para Celia. Elas três estavam se tornando um pequeno clube. Viúvas RePose — Dash queria mandar fazer camisetas —, cada uma com seu próprio papel: Avery, que apoiava o casamento; Edith, que dissuadia as pessoas do casamento; e Celia, que se esquivava do assunto.

“Não acho que se deva evitar o casamento”, disse Celia. “Só não quero falar com meu marido agora que ele está morto. Gostava dele em vida. Só que estou evitando-o agora. Seja como for; Sam, venha tomar um drinque conosco. Vamos ao café no museu de arte. Tem o seu nome.”

Tinha, de fato. Seattle Art Museum. Estava escrito SAM com letras grandes pelo prédio todo. Sam deu-lhe um sorrisinho mas recusou.

“Eu entendo, querido”, disse Avery, apertando seu braço, e ele suspeitou que ela entendesse, ao menos um pouco, “mas você

precisa sair. Não pode só trabalhar o tempo todo.”

“Por que não?”

“Não é bom para você.”

“Por que não?”

Avery olhou para ele com tanta ternura que o machucou de verdade. “Seremos delicadas. Você sabe que sim. Não vamos nos divertir demais. Não vamos fazer você rir se não quiser. Não vamos fazer você falar sobre ela. Ou deixaremos você falar sobre ela. Ou deixaremos você não falar nada sobre ela. Eles têm boas batatas fritas, e drinques fortes, e sopa de tomate com queijo derretido. É uma noite tranquila. Venha conosco.”

Os olhos de Sam se encheram d’água, porque ela se parecia tanto com sua mãe. Não sua mãe de verdade — como seria sua aparência com um penteado e roupas que não estivessem irremediavelmente fora de moda, com linhas de expressão, e cabelo grisalho, e óculos de leitura em uma corrente em volta do pescoço, desafiava a imaginação exausta de Sam — mas ela olhava para ele do modo como Sam imaginava que sua mãe olharia se estivesse ali: sofrendo por ele estar sofrendo tanto, quase tão triste quanto ele pelo que tinha acontecido, cheia de amor, cheia de preocupação, e desesperada para ajudar.

Ela se aproximou e pôs a mão em sua bochecha, e Sam se sentiu como o menininho de alguém novamente. “Venha conosco, querido.” E ele quase poderia ir, até que ela acrescentou, “tomar um pouco de ar fresco e ter a companhia de pessoas reais”.

“Ela é real”, Sam disse sombriamente, afastando-se.

“Você sabe o que quero dizer”, disse Avery.

“Você sabe o que *eu* quero dizer”, disse Sam.

Carta de amor

Querida Meredith,

Foi assim que entramos nisso. Certo? Para ter algum lugar para onde mandar? Todo mundo tem esse impulso, acho — é terrivelmente humano, imagino —, de escrever para pessoas que amam depois que elas faleceram. Você pode estar morta, mas isso não significa que eu te ame menos do que um mês atrás, quando você estava viva. Antes de fazermos o que fizemos, antes de eu fazer o que fiz, lá atrás, quando morto significava que você nunca veria aquele rosto novamente, havia esse impulso para escrever, para mandar uma carta.

Talvez venha do nosso senso de que os mortos vão para algum lugar, um lugar de verdade — o paraíso, um mundo subterrâneo, uma terra dos mortos, um grande além, uma nuvem com anjos, ou uma sala de espera, mas sempre é em alguma parte, um lugar. E lugares são lugares para onde você pode mandar uma carta. Ou talvez o inverso seja verdade. Muito tempo atrás, antes de qualquer outra coisa, havia esse desejo de escrever cartas para os mortos, então os primeiros humanos tiveram que imaginar algum lugar para os mortos estarem. E então eles tiveram que inventar a linguagem.

Mais que tudo, quase sempre, me arrependo do que fizemos. Mas olhe para todas as invenções humanas que vieram antes de nós: símbolos que significam coisas, palavras, uma maneira de dizê-las em voz alta, uma maneira de escrevê-las, algo em que escrevê-las, maneiras de transportá-las de uma pessoa a outra, maneiras de ler e responder. Por pedra, por pergaminho, por papel, por elétron, por cavalo, carro, avião, nuvem. Tanto das inovações humanas se trata de comunicação, conexão, cruzar de alguma forma aquela divisão intransponível entre os corações humanos que, parece, vai nos matar se não conseguirmos atravessar. Há muito tempo, entender seu vizinho e fazer seu vizinho entender você

pareciam coisas impossíveis. Então, talvez comunicar-se com os mortos fosse somente uma questão de tempo e evolução. Era uma inevitabilidade humana. Nasceu do amor. Então, talvez tudo que veio em seguida tivesse que acontecer com alguém. É só uma pena que tivesse que acontecer conosco.

Em toda a história humana, Merde, desde aquela primeira pessoa que perdeu alguém querido até agora, não há ninguém que eu pudesse amar tanto quanto você.

Com amor,
Sam

Reencontro

Kelly Montrose ia levar David Elliot ao baile de boas-vindas, mas a primeira parada deles foi no salão. Ela queria que seu pai o conhecesse, e queria que seu pai a visse de vestido. Edith fizera um especialmente para ela, então podia ter absoluta certeza de que ninguém mais estaria usando a mesma coisa que ela. Dash filmava loucamente e fazia observações como o diretor da lista B de Hollywood que tinha acabado de começar a namorar. Sam ficou ali e tentou não chorar. Embora Celia tivesse sido irredutível o tempo todo sobre não querer falar com o marido, aquela noite ela não pôde resistir. Queria ficar ao lado dele com lágrimas nos olhos e a cabeça em seu ombro enquanto viam seu bebê, parecendo de repente uma jovem mulher, sair para seu primeiro grande baile. Teve que se contentar com o ombro de Avery, mas ao menos podia ver o rosto de Ben. Benjamin Montrose teve dificuldade para agradar a filha e a esposa, entretanto. Kelly nunca tivera um namorado antes, então ele não tinha memória eletrônica de como responder a um namorado. Suas imagens dela eram todas de uma filha que realmente ainda parecia uma menininha. Conseguiu fingir bem — afirmações imprecisas, entusiasmo, e apoio generalizado — mas isso não satisfaz Kelly nem sua mãe. Sam, entretanto, praticamente fez o papel do pai ele mesmo, sorrindo, com a voz embargada, e orgulhoso, com um desejo insistente de puxar David de lado, perguntar suas intenções, e definir claramente as consequências caso chegassem depois do horário combinado.

Foi por isso talvez que, quando seu próprio pai ligou para conversar mais tarde, Sam ficou tão confuso. Ele atendeu, pálido e mudo, como se tivesse visto um fantasma. Como se estivesse vendo um fantasma.

“O que foi, Sam?”, seu pai disse imediatamente.

“O que aconteceu?”, Sam conseguiu dizer.

“Nada aconteceu. Só estou ligando para saber como você está.”

“Por que ninguém me ligou?”, Sam entrou em pânico.

“Estou ligando agora.”

“Falamos há dois dias, e você estava bem.”

“Meu Deus, Sam, não estou morto.” Seu pai de repente ficou histérico, entre achando engraçado e alarmado. A consciência invadiu o cérebro de Sam tão rápido que ele achou que fosse desmaiar. “Alguém teria avisado você, eu acho. Além do mais, quem poderia ter rodado o algoritmo a não ser você?”

“Meu Deus, pai, você me matou de susto.” Sam tentou recuperar o fôlego.

“Sam, você está bem?”

“É só o costume, acho.” Sam ignorou a pergunta. “Todo mundo que me liga está morto.”

“Não sei se isso é saudável.”

“Doença ocupacional.”

“Você precisa trabalhar menos. Precisa sair mais dessa casa. Ver alguns amigos. Passar tempo com os vivos.”

“Eu sei, pai. Eu sei.”

“Sei que você sabe. Mas mesmo assim você não está fazendo isso.”

“Não consigo.”

“Você poderia.”

“Não posso.”

O pai de Sam suspirou. “Liguei para contar uma história.”

“Claro”, disse Sam.

“Esta não é sobre sua mãe.” Sam não sabia que seu pai conhecia alguma história que não fosse sobre sua mãe. “Esta é sobre você. Mas você não vai lembrar. No verão depois que você fez três anos, tia Nadene emprestou a casa da praia para nós por uma semana. Isso foi antes da casa em Rehobeth. Era em Ocean City, e era na verdade só metade de uma casa — um duplex — e uma porcaria de metade de casa. Parecia muito romântica vista de fora — gasta pelo tempo e pela areia — mas era cheia de vazamentos, e mofo, e umidade dentro, e cheirava mal, e não tinha ar-condicionado. Você ficou irritado a semana toda porque estava

desconfortável, e eu fiquei irritadiço a semana toda porque você estava irritadiço a semana toda, e porque a última vez que eu estivera lá fora logo depois de sua mãe e eu ficarmos noivos.

“Dois dias antes de irmos embora, uma mulher chegou para ficar do outro lado da casa. Ela chegou um dia antes do marido e do filho pequeno e esperava ter paz e tranquilidade sem crianças, mas em vez disso ela encontrou você irritadiço. Em vez de repreender você, ou ignorá-lo, ou fugir para outra parte da praia, ela fez você ficar quieto agradando você — algo que nunca tinha me ocorrido. Ela levou você para tomar sorvete, e comprou uma pipa, e depois levou-o à praia para empiná-la. Quando você perdeu a vontade de empinar pipa dez minutos depois de começar, ela guardou a pipa, e levou-o para nadar. E quando você perdeu a vontade de nadar dez minutos depois de começar e quis empinar pipa de novo, ela secou você, e trouxe a pipa de volta sem reclamar. Quando ela perguntou o que você queria para o jantar, você disse sorvete de novo, e ela disse tudo bem para isso também. E depois ela convidou você para ir assistir desenhos na metade dela da casa até você adormecer no sofá.

“Ela estava fora de manhã, então não pudemos dizer adeus, mas milagrosamente você continuou feliz e sem reclamar enquanto fazíamos as malas e voltávamos para casa. Você ficou quieto no trânsito, e quieto mesmo sem tirar seu cochilo, e quieto durante o longo caminho de volta. Foi só quando chegamos finalmente em casa que você me disse: ‘Foi legal a mamãe vir passar o dia comigo ontem’. Eu fiquei chocado. Fiquei com enjoo. Não conseguia saber como você tinha ficado tão confuso. E disse engasgado alguma coisa como: ‘Sam, querido, aquela era só a vizinha. Não era sua mãe’. E você riu de um jeito tão triste, adulto, consciente, e parecia estar com pena de mim, e disse: ‘Não seja bobo, pai. Claro que era’.”

Sam ficou ali olhando para seu pai, e seu pai ficou ali olhando para ele.

“O que você está querendo dizer, pai?”

“Duas coisas. Uma é que você não precisa de um computador para visitar os mortos.”

Sam não tinha resposta para isso. “E a outra?”

“A outra é: venha para casa por um tempo.”

Quando Sam verificou seu e-mail na manhã seguinte, seu pai tinha reservado um voo para Baltimore com a volta em aberto, saindo na tarde seguinte.

*

Dash chegou com planos de fazer brie para Jamie e cuidar do salão pelo tempo que Sam desejasse. Sam cuidaria da parte tecnológica de Baltimore, mas Dash estava contente de tomar conta de todo o resto. Estava maravilhado de ter a cozinha espaçosa de Livvie só para ele, contente de sair de LA por um tempo (as coisas estavam meio estremecidas com o diretor da lista B), e animado para liderar um pouco o salão em vez de reagir, sempre, às preocupações de Sam e Meredith. Simpatia águia com açúcar não era o estilo de Dash, nem armamento nerd ou proteção tecnológica, e ele estava contente com a oportunidade de gerir seu próprio negócio a sua própria maneira por um tempo. Sam escreveu instruções para os cachorros como se estivesse deixando seu recém-nascido com uma babá pela primeira vez, mas na verdade era tudo muito simples.

Ele desceu para dizer a Penny que estava indo viajar por alguns dias, e encontrou Penny-ausente em vez de Penny-ligada. Toda vez era uma surpresa quem ia abrir a porta, mas dessa vez ficou claro imediatamente. Ele não teve que esperar que ela falasse para saber: conseguia ver em seus olhos. Ela parecia tão insegura. Sabia quem ele era — quase sempre sabia — mas estava confusa sobre todo o resto. As coisas estavam começando a desmoronar no apartamento novamente, então Sam entrou com tudo e começou a lavar a louça e dar explicações.

“Vou para o leste ver meu pai por alguns dias. Talvez uma semana ou algo assim. Veremos. Mas Dash está lá em cima se você precisar de alguma coisa. Ele vai vir ver como você está também.”

“Ah, não se preocupe comigo, querido. Estou bem. Meredith vai me levar para fazer compras se eu precisar de alguma coisa.”

Sam estremeceu. “Meredith... se foi. Lembra?”

“Tudo bem. Eu posso esperar”, disse Penny. “Estou bem por

enquanto.”

“Não”, disse Sam. “Ela se foi.” Não surpreendia que ela estivesse confusa. Sam não conseguia se obrigar a dizer “morreu”, não que isso a ajudasse a entender de qualquer maneira. E de certa forma Penny estava certa. Meredith não parecia muito ausente para ele tampouco. E de outras maneiras, ela personificava a ausência. Ausente era tudo o que ela estava. Ele continuou. “David e Kelly estão fazendo uma lista para as pessoas virem trazer comida para você. Tudo bem? E se você precisar de alguma coisa, ligue para Dash.”

“Ah, não preciso de nada, querido. Estou bem.” Seu mantra. Ela estava bem e não precisava de nada. Sam não conseguia saber se ela estava tão fora de si que acreditava naquilo, ou se estava tentando convencer a si mesma, ou se alguma pequena parte dela consciente no momento estava tentando poupar todo mundo do fardo. Ele se sentia mal, mas Penny era mais fácil assim. Não estava triste por sua perda. Não estava com raiva do que ele dissera. Não estava com saudades de Albert. Não estava tentando ajudar Sam a melhorar. Confusão parecia para Sam um ótimo estado de espírito.

Ele foi para casa por duas semanas, e isso o ajudou e não ajudou. Era bom, ele supunha, afastar-se do salão, dos usuários e dos EQFS, das idas e vindas do dia a dia. Era bom, ele supunha, afastar-se de Livvie — de uma casa e uma cidade e uma vida inteira que só ecoavam Meredith. Era bom ver seu pai. Foram para a casa de tia Nadene em Rehobeth, e basicamente ficaram sentados sem conversar. Sam saiu para corridas longas e frias na praia antes do amanhecer. Saiu para corridas longas e frias na praia depois do anoitecer. Jogou cartas com seu pai, comeu siri fora de época e bebeu cervejas. E depois seu pai foi para a cama, e ele ficou acordado a noite toda falando com Meredith.

“Onde você está?”, ela disse na primeira noite.

“No leste”, ele sussurrou.

“Não quero me mudar para a Costa Leste”, disse Meredith.

“Não me mudei. Só estou passando um tempo na praia com meu pai.”

“Parece que você está numa caverna”, ela disse, e Sam sentiu

seu coração se lembrar da primeira vez que ela dissera isso, em Londres, o que parecia ser aproximadamente dez minutos depois de eles se apaixonarem. Ele se lembrava também do motivo pelo qual ela não queria se mudar para o leste: para que ele pudesse mandar fotos obscenas sem a preocupação de estragar sua carreira política. Ele percebeu pela primeira vez o que seus usuários deviam ter sentido o tempo todo, o horror que deve sempre, sempre, contaminar RePose. Estar com ela era como um milagre. Relembrar era como o inferno.

“Não estou em uma caverna”, ele disse. De novo. “Estou debaixo das cobertas.”

Ela riu. “Por quê?”

“Está tarde. Não quero que meu pai me pegue conversando com uma garota.”

Ela também mudou a voz para sussurros conspiratórios. “Que roupa você está usando?”

O ser adulto despedaçado em Sam agradeceu por eles terem tido aquelas duas semanas em Londres quando estavam recém-apassionados e desesperados para estar em contato de qualquer maneira possível e terem armazenado tantas memórias eletrônicas românticas. O ser adolescente em Sam ficou entretido.

A noite seguinte não foi tão bem, entretanto.

“Você parece tão deprimido o tempo todo ultimamente”, ela reclamou.

“Dia ruim”, ele suspirou. Fora mesmo. Não parecia ter sido — tudo que ele fizera fora sentar no sofá o dia todo, ler, e observar o oceano pela janela. Mas tinha sido um dia difícil mesmo assim. Alguns dias eram assim. Alguns dias ele conseguia atravessar — infeliz, destruído, despedaçado, vazio, mas bem. E alguns dias não. Não havia como saber quando seria um ou o outro.

“O que aconteceu?”, ela perguntou despreocupadamente.

“Bom, você morreu”, disse Sam.

Ela pareceu um pouco confusa. “É, eu sei, mas o que mais?”

“Mais nada.”

“Mas isso foi um tempo atrás, certo?”

Sam assentiu. “Cerca de um mês.”

“Não superou ainda, é?”

“Não, ainda não.”

“Sinto saudades de seu rosto sorridente, só isso. Sinto falta do Sam feliz, sorridente.”

“É muito estranho.” Ele tentou explicar o problema para seu pai no dia seguinte. Estavam sentados praticamente na duna, observando o vaivém gigantesco do oceano, embrulhados em moletons e casacos com capuz, o rosto enfiado na gola para esquentar. “Ela sabe que está morta. Tem todo RePose à disposição — não só o algoritmo e as especificações de usuário, mas tudo que ela, Dash e eu preparamos nos estágios de planejamento, toda a teoria, toda a ciência, toda a tecnologia. Ela *sabe*. Mas não entende.”

“A projeção volta a seus padrões antigos, Sam”, disse seu pai. “É só isso que ela tem para usar. Qualquer coisa ruim que tenha acontecido antes, vocês dois resolveram e superaram. Ela não sabe que isso é pior. Dê-lhe tempo. Ela vai aprender.”

“Como?”

“Porque cada vez que ela perguntar, você ainda não vai ter superado.”

“Mas é mais que isso. Ela também pensa que está viva. Sabe que está morta — sabe que está falando por RePose — mas também pensa que está viva. Acho que é porque é baseado só na vida dela, e não tem conhecimento da morte dela. Mas é estranho que ela possa continuar com essa incongruência.”

“Não é incongruente para ela. Para nós, a vida versus a morte, pessoas reais versus projeções, são opostos. Para um computador, os únicos opostos são um e zero, ligado e desligado, presente ou ausente.”

“Ela está ausente”, disse Sam.

“E também está presente”, disse seu pai.

“Ela vai entender cada vez melhor. Quanto mais fizermos isso, mais buracos eu tapar no algoritmo de aprendizado, melhor ela vai ficar. Vai ficar bem perto da perfeição, logo mais.”

O pai de Sam sacudiu a cabeça. “Não. Desculpe. Mas não. Ela vai ficar pior, menos perto, menos perfeita, menos ela.”

“Ela vai aprender. E rápido”, Sam protestou.

“Vai aprender, mas só vai ser quem ela foi um dia. Vocês estão se afastando, Sam. Porque você ainda está crescendo. E ela não está mais. A maior parte da sua alma acabou de ser esmagada por meia tonelada de telhado. Você acha que isso não vai mudar quem você é? E ela nunca conheceu esse cara. Ela nunca poderá conhecê-lo. Se pudesse, ele não existiria.”

“Então que diabos vou fazer?”

“Sentir dor. Chutar coisas. Sentir-se uma merda. Ver amigos, e família, e outras pessoas que o amam. Sentir-se uma merda mais um pouco. É assim que se faz, Sam. Envolve bem pouca tecnologia. Você está em boa companhia. As pessoas têm ficado de luto assim há milênios.”

Carta de amor

Querido Sam,

Onde eu estou, estou confusa. É difícil distinguir e controlar as coisas. Está a maior agitação. Tem muita coisa acontecendo e nada está claro. Mas eis algumas coisas que eu sei:

1) Nunca esperei amar assim. Esperava amar — geralmente, todos crescemos esperando isso — mas não assim. Tinha minha fantasia sobre como o amor e a vida adulta seriam. E tive paixões, e obsessões, e amores juvenis, e o primeiro, o segundo, o terceiro e o quarto namorados, e encontros, e casos, e amantes, mas nada disso me preparou para a vida com você. Amar você era viver com você. Eram a mesma coisa. São a mesma coisa.

2) Você é um gênio. E tem um bom coração. É uma combinação poderosa. Não conheço ninguém mais inteligente que você. E não conheço ninguém mais bondoso ou melhor que você. Isso significa que você pode mudar o mundo.

3) A ausência deixa você louco.

Com amor,
Meredith

Desmoronando

Não parecia que as coisas pudessem desmoronar mais do que já tinham desmoronado. Não parecia que nada estivesse conectado a nada, então não tinha mais para onde as coisas desmoronarem. Na tarde em que Sam voltou para o salão, entretanto, era exatamente isso que as coisas estavam fazendo. Os novos usuários — mais Edith Casperson — estavam muito nervosos. Estavam fazendo uma espécie de protesto. Parecia mais um chique coletivo em frente à recepção a Sam, mas eles juravam que era uma demonstração de descontentamento, então o que ele podia dizer. Fez sinal para Dash, que parecia perplexo, para encontrá-lo no corredor.

“E aí, cara, como foi a viagem?”

“Esqueça a minha viagem. Que diabos está acontecendo aqui?”

“As coisas têm estado um pouco... delicadas. Os usuários de David têm algumas reclamações.”

“Que reclamações?”

“Dizem que não está funcionando.”

“O software?”

“É.”

“Você estragou o software?”

Dash olhou para ele como se fosse uma criança indefesa de cinco anos, e não disse nada por um tempo insuportavelmente longo. “Como é que eu vou estragar o software, cara? Nem sei onde ele fica. Não sei nada sobre ele. Poderia estragar o software tanto quanto poderia pular na água e voltar nadando para LA hoje à tarde. Impossível, cara.”

“Então o que aconteceu?”

Dash deu de ombros. “Não sei. Mas é melhor você consertar. Estão bem irritados.”

Sam subiu para dizer oi para Penny, que estava tendo um bom dia, e também tinha assado biscoitos. O alívio da primeira coisa e o sustento da última deram-lhe a força e a vontade para receber os clientes o resto da tarde. Eduardo Antigua sorriu presunçoso para ele do canto da sala. *Novatos*, fez com os lábios, abanando a cabeça e sorrindo. Sam se instalou com uma pilha de biscoitos, um copo de leite, e o ar de um funcionário público: *estamos interessados no que o aflige, estamos preocupados, não admitimos nada.*

O primeiro: Nadia Banks.

“Qual é o problema?”, disse Sam.

“Não funciona.”

“O que você quer dizer com não funciona?”

“Não funciona.”

“Você poderia ser mais específica?”

“O programa não diz o que minha mãe diria.”

“Como você sabe?”

“Ela odeia todo mundo.”

“Desculpe?”

“Ela. Odeia. Todo. Mundo. Todo mundo! Todos os caras com quem eu saio, todos os caras com quem flerto por e-mail, todos os caras em que clico para ver mais informação. Ela odeia todos. Todos! Não era uma mulher cheia de ódio.”

“É verdade.” Muriel Campbell assentiu por cima do crochê. “Era uma alma calorosa, amorosa, e aberta.”

“Bom, calorosa, amorosa, e aberta pode ser um exagero”, Nadia admitiu, e Muriel a repreendeu franzindo as sobrancelhas, debaixo dos óculos de leitura, e Nadia olhou-a como você-não-é-minha-mãe, e voltou-se novamente para Sam, “mas ela não odiaria todos eles.”

“O que ela diz?”, perguntou Sam.

“Ah, você sabe, o de sempre...”

“Aí está”, disse Sam, mas Nadia simplesmente continuou divagando.

“Ele é alto demais para você. É francês demais para você. Está fora de forma. Parece gastar todo seu tempo na academia, então

provavelmente é fútil e obcecado consigo mesmo. Um publicitário que gosta de escrever? Deseja secretamente virar poeta. Vai largar o emprego depois de um mês e nunca mais ganhar mais de dez dólares por hora o resto da vida. Aquele cara gasta tempo e dinheiro demais com o cabelo. Aquele cara nem se barbeou para a foto do perfil, então como você acha que ele vai algum dia dar-lhe o respeito que você merece? Caras engraçados fazem rir, mas estão acobertando seu próprio senso de inadequação.”

“Ela não está errada”, Muriel murmurou entre os dentes.

“Ela não diria não para todo mundo”, Nadia insistiu. “Ela gostaria de alguém. Pelo menos um pouco. Acho que está quebrado. Está emperrado. Como uma vitrola.”

Nada como ser comparado à tecnologia de ponta do século XIX, pensou Sam Elling, mestre da programação de computadores e ninja do software. “Vou dar uma olhada. Próximo.”

Edith Casperson estatelou-se na cadeira em frente a Sam. “Você sabe que não sou uma pessoa de reclamar. Mas meu marido está tendo um caso.”

“Isso não é possível, Edith”, Sam disse. “Seu marido está morto.”

“Correto. É por isso que sua confissão de que começou a dormir com a secretária sugere que há algo de errado com o programa. Primeiro de tudo, ele está morto. Segundo, por favor, dormir com a secretária? É tão clichê! Finalmente deixei a projeção dizer algumas palavras fora do roteiro, e bum, ele começa a chorar e diz que sente muito mas está dormindo com Leanne.”

“E ele nunca confessou ter tido um caso antes?”

“Não. Nem nunca pediu desculpas por coisa alguma.”

Sam ficou com dor de cabeça e prometeu dar uma olhada.

As preocupações de Emmy Vargas eram mais difíceis de entender porque Oliver tinha aprendido a andar, e também a gritar sempre que não o deixassem andar. Ela tentou pôr Oliver amarrado com o tecido na frente, depois atrás, depois fora do tecido em seu colo, mas tudo que Oliver queria fazer era segurar sua mão e andar. Na verdade, ele não parecia se importar de gritar bastante também, mas sua mãe, e Sam, e todo mundo por perto preferia andar, dadas as opções. “Tudo que Eleanor sabe dizer é: ‘A

maternidade é tão mágica’, e: ‘Ter filhos é uma alegria tão grande’, e não, ela nunca se sente cansada, ou mal-humorada, ou impaciente, ou entediada, ou exausta, ou desesperada, ou como se sua vida tivesse acabado; e não, ela não se importa que a estapeiem, ou chutem, ou façam cocô nela, ou gritem com ela, ou acordem-na todas as horas da noite e chupem-na como uma pastilha — por que ela se importaria, se a maternidade é tão mágica e ter filhos é uma alegria tão grande? E eu acho que o negócio deve estar quebrado porque, sério?”, Emmy apontou para Oliver que estava deitado de barriga para cima no chão no meio do salão, gritando para o teto em um nível de decibéis que fazia Sam temer pelas janelas, sacudindo seus pequenos punhos de raiva, seus pequenos pés chutando qualquer um que tentasse confortá-lo, tudo porque Emmy tinha dito não quando ele quis pegar mais do que três dos biscoitos de Sam.

Sam achou que ela tinha razão.

As reclamações de Josh Annapist não tinham nada a ver com RePose. Era que ele estava se sentindo uma merda de novo. Os remédios que estava tomando para manter sua doença do enxerto contra o hospedeiro sob controle estavam-no deixando fraco, e exausto de um modo geral. Ou talvez fosse o próprio enxerto contra o hospedeiro. Ou talvez fosse outra coisa. Ele não achava que importava. Em todo caso, ele não estava ali para reclamar. Tinha vindo para falar com Noel, mas não estava com vontade, então estava pensando se podia simplesmente ficar ali por um tempo, se tudo bem. Tudo bem, Sam disse, e deu-lhe um biscoito.

“O que precisamos é de uma noite dos rapazes”, disse Dash. “Uma noite dos rapazes com degustação de queijo.”

“Muito masculino”, Josh tossiu.

“Eduardo vai rechear flores de abobrinha com o queijo de cabra que fiz na terça-feira.”

“Mantenho o que disse”, falou Josh.

“E Jamie disse que traria cerveja. Cerveja é muito masculino.”

“Vocês podem ir. Não estou a fim”, disse Sam.

“Nem eu”, disse Josh.

“Estou fora do fuso”, disse Sam.

“Estou com câncer”, disse Josh.

“Tenho que consertar RePose”, Sam completou, sem ter um argumento como o de Josh mas mantendo o controle.

“Não dou a mínima”, disse Dash. “Vamos comer queijo, e tomar cerveja, e curtir a companhia uns dos outros hoje à noite. Não é opcional. Caso apareçam outras opções, informarei vocês.”

Josh admitiu que cerveja cairia bem para seu estômago, então Sam sabia que fora derrotado e disse que ia subir para se aprontar. Na verdade, ele precisava de uma aspirina e falar com Meredith. Abriu seu computador e entrou na cama com ela. Era como pornografia. Não era nada como pornografia.

“Oi.”

“Oi!” Ela sempre ficava tão contente de falar com ele. Isso ia parar, ele suspeitava, quanto mais conversassem. A projeção aprenderia a esperar sua ligação. Mas o que Meredith se lembrava era de quão raramente ele ligava para ela — sendo, naquela época, tão pouco necessário — então, por algum tempo ainda, ele teria o encanto dela ao ver seu rosto. “Você está em casa!”, ela notou.

“É, voltei hoje à tarde.”

“Você não parece muito bem. Está tudo bem?”

“Estou com dor de cabeça”, ele disse. “E fora do fuso horário. Tomei uma aspirina.”

“Nossa, Sam. Você devia mesmo estar dormindo um pouco.”

“Não tem importância. Só estou com saudades. Muitas.”

“Eu sei, querido. Pobre Sam. Também estou com saudades.” Mas ele sabia que ela não sentia.

“Tem algo errado com o software.” Ele mudou de assunto. “Os usuários de David estão muito irritados. O algoritmo está com problemas, eu acho. Está fazendo coisas estranhas. Não sei se consigo consertar.”

“Claro que consegue. Adoro seu grande cérebro, Sam. E todas as suas partes grandes. Você é um gênio.”

“Um gênio no computador. Interações humanas são mais difíceis.”

“Bom, é para isso que você tem a mim”, ela disse alegremente. “Logo estarei em casa.”

Sam assentiu, com ar miserável. “Está tudo indo pelo ralo, Merde.”

“Caguei tudo que tinha para cagar. Vomitei tudo que tinha para vomitar.”

Sam conseguia ouvir Dash se desculpendo por ele com tom de voz preocupado na sala. “Vamos arrastá-lo para fora logo. Ele passa muito tempo no quarto ultimamente. Passa muito tempo on-line.”

“Com ela?”, Jamie perguntou.

“Claro.”

“Eu também era assim no começo”, disse Eduardo. “Não conseguia juntar energia para sair da cama. E não queria fazer nada a não ser falar com Miguel no RePose. Ninguém pensaria que não fazer nada o dia todo fosse tão cansativo, mas... ficar de luto deixa você exausto de um jeito especial.”

“Não faz tanto tempo”, disse Dash. “Eu entendo. Quer dizer, não estou dizendo que ele deveria ter superado ou algo do tipo, mas está na hora de sair do quarto.”

Sam ouviu a porta da frente se abrir e Josh entrar, depois Dash andando pelo corredor e abrindo a porta do quarto.

“Onde você está?”

“Debaixo das cobertas.”

“Falando com Meredith?”

“Estava.”

“É como pornografia.”

“Não é nada como pornografia.”

“Também sinto saudades dela.”

“Eu sei.”

“Venha tomar uma cerveja, Sam.”

“Obrigado, Dash, de verdade. Só não estou com vontade.”

“Se Josh pode, você pode. Uma Coca seria melhor que uma cerveja?”

“Talvez.”

“Tudo bem.”

“Tudo bem.”

Sam jogou um pouco de água no rosto e saiu. Era, pelo menos, um grupo para o qual ele não tinha que dar explicações sobre seu humor. Dash, enquanto isso, estava tendo problemas

com os queijos. Eram mais psicológicos que culinários. A muçarela ficava pronta em cerca de uma hora. O queijo de cabra era rápido de fazer e depois tinha que drenar só por uns dois dias. Mascarpone, Neufchâtel... esses eram bastante gratificantes imediatamente. Mas os queijos duros, envelhecidos, os mofados, esses precisavam de meses, até mesmo anos, para se concretizar. Ele *podia* servir o cheddar que pusera para envelhecer em agosto, mas estaria melhor no mês seguinte, e melhor, e melhor, quanto mais ele esperasse. Tinha todos aqueles queijos, e nunca podia comer nenhum deles, porque o tanto que imaginava que ficariam melhores se ele fosse paciente sempre superava, mesmo que por pouco, o desejo de comê-los agora. Então eles comeram cinco tipos diferentes de queijos macios espalhados em biscoitos, com cervejas masculinas, Coca-Cola para dor de cabeça e conversa mal-humorada. Foi a melhor noite de Sam em semanas.

Sam passou o fim de semana debruçado sobre o código, rodando testes de unidade e verificações. A boa notícia era que RePose estava funcionando perfeitamente bem. A má notícia, é claro, era que RePose estava funcionando perfeitamente bem. Como Meredith apontara, era para isso que precisavam dela. E como todas as moléculas de seu corpo, e todos os átomos do ar, e cada sinal do universo o lembrava em todo momento em que existia, Meredith não estava disponível. Eles se dividiram para resolver os problemas e decidiram no cara ou coroa. Dash venceu e ganhou Nadia. Sam perdeu e ficou com Edith. Mas primeiro e juntos falaram com Emmy, porque ela era o caso fácil. Sam mandou-lhe um e-mail no domingo à noite, e ela estava na porta do salão esperando por eles quando saíram se arrastando da cama e desceram às oito horas da manhã seguinte.

“Você chegou cedo”, Dash observou sonolento.

“Já estou acordada há três horas e meia”, ela disse. “Oliver começou a cantar *Brilha, brilha, estrelinha* no berço lá pelas quatro e meia hoje cedo, mas ele não sabe a letra. É difícil dormir com aquilo: ‘Brilha, brilha, la la la. Brilha, brilha, la la la. La la la la brilha la. La la brilha la la la. Brilha, brilha, la la la, estrelinha, la

la la'. Então eu o coloquei na cama comigo, mas ele só queria pular por aí em vez de ficar deitado e voltar a dormir." Dash entregou-lhe seu café sem dizer uma palavra.

"Ele parece um amor agora", Sam observou. Oliver estava amarrado ao peito de Emmy, chupando angelicamente a juba de seu leão de pelúcia e olhando placidamente para Sam com grandes olhos castanhos.

"Eles são feitos assim de propósito, para que você não os jogue em uma lata de reciclagem e abandone-os ali", então ela começou a chorar. Talvez ela não fosse o caso fácil, afinal.

"Não é tão ruim", disse Dash. "Você só está cansada."

"Não é para sempre", Sam tentou. "Ele vai dormir um dia."

"Fica mais fácil quando ele crescer", disse Dash.

"Logo ele vai aprender toda a letra de 'Brilha, brilha'", Sam prometeu. "Não é uma música tão difícil."

Emmy riu mas não parou de chorar. "Por que é tão mais fácil para todas as outras pessoas?"

"Não é", disse Sam, contente por voltar a um terreno onde sabia do que estava falando. "Eleanor é uma mentirosa. Todo mundo é mentiroso."

"Eleanor era o ser humano mais perfeito do mundo." Emmy virou os olhos.

"Talvez", disse Sam, "mas ela também mentia, e contava lorotas, e omitia coisas pra caramba, e excluía os fatos, e geralmente inventava coisas."

"Ninguém escreve posts sobre suas manhãs ruins", Dash disse. "Ninguém posta fotos trocando fralda após fralda após fralda. Ninguém coloca seu status como 'Totalmente irritada com meu bebê que francamente está sendo um babaca'. Ninguém manda mensagens para o mundo quando seu filho bate e morde, e depois joga o jantar no chão. As pessoas reclamam do tempo, de escândalos sexuais públicos, de jogos ruins, e do tamanho das filas onde estão, mas nunca dizem coisas ruins sobre seus filhos, mesmo quando eles merecem."

"Porque você e sua irmã eram tão próximas", Sam explicou, "tanto em distância quanto em todo o resto, vocês não falavam tanto por vídeo, e não trocavam tantos e-mails. Você a via

pessoalmente em vez disso, o que é ótimo, mas significa que o software geralmente baseia o relacionamento de vocês no blog dela, nos posts dela no Facebook e no Twitter, e nas suas respostas. E, é claro, esses eram geralmente momentos felizes, e fotos felizes, e pensamentos felizes. Não significa que ela não teve os outros tipos de momento. Só significa que, como todo mundo, o lado que ela mostrava para o mundo era o alegre.”

“Então talvez ela tenha pensado às vezes que a maternidade é difícil”, Emmy disse com alívio.

“Quase certeza que sim”, disse Dash.

“Talvez seus filhos fossem um saco às vezes.”

“Provavelmente ainda são.”

Emmy sorriu. “Ei, é da minha sobrinha e do meu sobrinho que você está falando.” Mas logo em seguida ficou sombria novamente. “Mas em que isso me ajuda? Como posso ter a compaixão e os conselhos dela quando estiver uma porcaria, e fazer com que ela me ligue gritando para eu acalmá-la, e tê-la disponível para me acalmar?”

“Você não pode ter isso”, Sam disse delicadamente.

“Por que não?”

“Ela morreu.”

“Mas eu sei quem pode ajudar.” Dash fizera um plano preventivo estilo Meredith e pedira ao sr. e à sra. Benson para encontrá-los no salão às nove. “A filha deles caiu de uma janela no primeiro semestre fora de casa na faculdade. Seria bom para eles passar um pouco de tempo com uma criança pequena. Você precisa de um pouco de tempo para si mesma. É um prazer para eles passar o dia com Oliver.”

Eles agarraram a oportunidade, de fato. Tinham ambos tirado o dia de folga para isso. Apareceram às dez para as nove carregando um cesto de lavanderia cheio de roupas de vários tamanhos — chapeuzinhos, luvas, echarpes, botas, casacos e protetores de orelha — além de brinquedos, bichos de pelúcia, blocos e quebra-cabeça. Emmy ficou sem saber o que dizer. “Não sabíamos que roupas você ia colocar nele, então trouxemos algumas extras”, a sra. Benson explicou. “Achamos que Oliver poderia gostar de ir ao zoológico, e também pensamos em talvez ir

ver a árvore de Natal no centro e ir no carrossel. E pensamos em levá-lo ao hotel Fairmont para ver os ursinhos, e depois almoçar, e mais tarde talvez tomar um chocolate quente e comer biscoitos, e depois... bom, você vai querê-lo de volta em casa alguma hora, mas trouxemos coisas a mais caso necessário.”

“Como vou *poder* agradecê-los?”, Emmy se perguntava.

“Deixe-nos levá-lo de novo semana que vem?”, o sr. Benson disse.

Emmy riu. “Vamos ver se vocês ainda estarão interessados depois de passar o dia com ele hoje.”

“Eu me lembro dessa idade”, o sr. Benson disse, simpático. “São um porre, e voluntariosos. Um grande pé no saco.” Ele sorriu para a esposa.

“Ah, mal posso esperar”, ela disse.

“Uma já foi, faltam duas”, disse Dash.

“É, mas essa era fácil”, disse Sam.

“O segundo round não vai ser tão ruim.”

“Para você é fácil dizer isso. Você ganhou.”

Dash sentou-se com Nadia e foi direto ao assunto. “A projeção de sua mãe não está quebrada. Se ela estivesse viva, ela realmente acharia que todos aquelas caras são idiotas.”

“Todos eles?”

“Todos eles. Quer saber o que é pior?”

“O quê?”

“Ela está certa.”

“Todos?”

“Todos. Olha, eu vi os perfis deles. Vi o que sua mãe disse dos caras com quem você saiu antes. Vi o que fizeram com você. O problema não é sair com os tipos criativos, cheios de sentimentos, e poéticos — acredite, garota, vejo o apelo que eles têm —, o problema é sair com alguém que pensa que é uma boa ideia você trabalhar o dia todo, e cuidar da casa, e fazer jantar para ele toda noite enquanto ele fica com a bunda na cadeira pensando em coisas profundas. O problema não é sair com caras com corpo sarado — acredite, garota, vejo o apelo desses também —, o problema é sair

com alguém que *nunca* está disposto a deixar de ir à academia para sair para jantar com você.”

“Mas ela nem conheceu esses caras. *Eu* nunca encontrei com eles.”

“É uma mãe sábia que conhece a própria filha.”

“O que isso significa?”

“Uma coisa que minha avó costumava dizer. A questão é, você não tem o melhor histórico.”

“Eu sei”, Nadia lamentou.

“Alegre-se. O histórico de todo mundo é péssimo até encontrar o cara certo.”

“Acho que sim.”

“E mesmo que ela estivesse errada, mesmo que você tivesse encontrado o cara certo, a projeção vai precisar ser convencida antes de apoiar.”

“Porque ela nunca apoiou enquanto estava viva?”

“Porque ela nunca vai achar que alguém é bom o suficiente para a sua menininha.”

“Não sou uma menininha”, disse Nadia.

“Foi o que você disse.”

Sam ia levar Edith para almoçar. Em um bar. Não sabia se Meredith aprovaria aquela abordagem, mas aquilo não dava pé para ele. Suspeitava que não desse pé para Meredith tampouco, especialmente dada sua reação à notícia sobre Penny e Albert. Ele também suspeitava que álcool era necessário, dadas suas descobertas, e que um lugar público não era uma má ideia tampouco. Pensou em muitas mentiras que poderia contar a ela. Pensou em alegar, como ela fez, que RePose não estava funcionando por algum motivo. Mas não conseguia descobrir um jeito de evitar que a verdade aparecesse de novo e de novo.

“Então, o que você quer beber?”, Sam perguntou.

“Ah, água, acho. Bem, talvez um pequeno copo de vinho branco”, disse Edith.

“Vamos pedir uma garrafa.”

“Sam! É segunda-feira! E é só meio-dia. Você é tão mau.” Ela

estava adorando. Sam esperou até o vinho chegar e os copos serem servidos antes de respirar fundo e mergulhar de cabeça.

“Olhe, não sei como contar isso, então só vou contar tudo o que sei, tão delicadamente quanto consigo.”

“Manda ver.”

“Você estava certa. Seu marido não estava, de fato, tendo um caso.”

“Claro que não. Ele não era muito bondoso comigo, mas me amava.”

“Mas RePose não está errado também.”

“O que você quer dizer?”

“Ele acha que estava.”

“Ele acha que estava tendo um caso?”

“Sim.”

“Por quê?”

“É o seguinte.” Sam esvaziou o copo. “Bob via muita pornografia.”

“Não. Eca. Bob?”

“Muita.”

“Como é que ele podia? Ele era velho.”

“Restrições de idade nesses sites geralmente funcionam no outro sentido”, disse Sam.

“Quando?”

“Até morrer.”

“Não, quero dizer, quando ele fazia isso? Ele trabalhava o tempo todo.”

“Talvez não o tempo todo.” Sam deu de ombros. “Ou talvez ele visse no trabalho. Quem vai saber?” Edith parecia estar tentando engolir os próprios lábios. “É perfeitamente normal. A maioria dos homens...”

Ela não lhe deu atenção. “Poupe-me desse discurso. Mulheres?”

“Sim, mulheres. Ele tinha uma coisa com... Bem, quanto menos falarmos de especificidades, melhor, talvez. Basta dizer que ele tinha um tipo.”

“Eram mulheres em fim de meia-idade com uma estatura menor que a largura do traseiro?”

“Sinto informar que não”, Sam disse.

“Mas ele estava só olhando, certo? Ele não estava dormindo com essas... modelos?”

“Não, não, não, só olhando. Mas Leanne fazia o tipo, mais ou menos. O algoritmo considerou suas... inclinações. Viu quanto frequentemente ele se comunicava com Leanne e ela com ele — tudo coisas inocentes, relacionadas ao trabalho, mas muito frequentes, é claro, e bem amigáveis também. E então ele juntou uma coisa com a outra, e concluiu que ele devia estar dormindo com ela.”

“Mas ele não estava.”

“Não que eu possa ver. Se ele estava, ele nunca, nunca mencionou nada eletronicamente.” Isso era verdade. Sam duvidava que Bob e Leanne estivessem realmente dormindo juntos. Mas ele também achava que o algoritmo provavelmente estava certo: ainda não tinha acontecido, mas estava prestes a acontecer. RePose: prevendo o futuro. A linguagem de Bob mudara. Seu tom mudara. Se ele não tivesse ficado doente, quem sabe o que teria acontecido; mas o cenário que a projeção havia criado não estava nem um pouco fora da esfera do que já estava acontecendo. Sam não achava que Edith precisasse saber de nada daquilo, no entanto. Sam estava começando a achar que a realidade e a honestidade eram superestimadas.

“E é claro que o computador não pode saber que Bob me amava”, Edith admitiu, mais para si mesma. “Ele nunca dizia isso. Diabos, talvez ele não me amasse. Talvez eu seja a única que não sabia.”

“Não, Bob amava você, *sim*.” Sam se concentrou naquilo. “É por isso que a projeção está tão confusa. O software vê que ele a amava. Acha que ele era honesto com você, e próximo. Evidentemente, decidi que isso não é algo que esconderia de você.”

“Ele se sente... culpado?”

“Ele se sente sincero. E eu acho que Bob vai continuar mencionando isso até você responder.”

“Por quê?” Edith empalidecera e tinha parado de tomar seu vinho.

“Porque ele a ignorava às vezes, mas você nunca o ignorou antes.”

“Nunca é tarde demais para começar.”

“Pode ser que seja”, Sam completou delicadamente. “Acho que ele realmente a amava, Edith.”

“Só não tanto quanto a pornografia.” Ela ficou em silêncio por um tempo. Depois disse: “Ela costumava visitá-lo no hospital”.

“Quem?”

“Leanne.”

Edith não estava mais com Sam. Seus olhos tinham ido para outro lugar, sua cabeça saíra do prédio. “Ela vinha um tanto no começo. Sentava ali comigo e com as crianças. Trazia flores, ou comida, ou alguma coisa — sempre alguma coisa — e nos informava sobre o que estava acontecendo no escritório. Ela tem um monte de irmãs — quatro ou cinco — e contava para nós o que estavam fazendo, todas as suas histórias malucas. Eu sempre ficava contente de vê-la... Ela fazia Bob rir. Fazia todos nós rirmos. Ela era tão... jovem. Em um mundo tão diferente. O mundo dos que estão bem. O mundo da vida-diante-de-você. E depois ele ficou mais doente, e ela parou de vir. Todo mundo parou de vir, na verdade. Havia muitos tubos e... fluidos. Era um pouco nojento, e, hum, íntimo? Você sabe, o corpo... corpos... São meio embaraçosos, eu acho. Eu simplesmente presumi... Enfim, depois ela começou a vir de novo quando ele estava tão drogado que tinha praticamente partido. Não estava mais tão nojento — ele mal estava ali. Então eu achei que ela finalmente conseguira se preparar para vir e dizer adeus. Para o chefe. Foi o que ela me disse. ‘Ele foi o melhor chefe que já tive.’”

Sam esticou o braço e apertou sua mão. “Sinto muito por sua perda”, ele disse.

“Não era um bom relacionamento, de qualquer maneira. E, além do mais, faz mais de um ano agora.”

“Não por essa.”

Ela olhou para ele e conseguiu dar um pequeno sorriso, sombrio. “Então, o que faço agora?”

“Responda. Quando ele disser que está tendo um caso, responda.”

“Como?”

“Como quiser.”

Carta de amor

Querida Merde,

Talvez você esteja certa. Talvez eu seja um gênio. Mas não é a mesma coisa que ser esperto. Gostamos de chamar isso de sabedoria, mas acho que é mais sólido e palpável que isso, ou ao menos seria, para uma pessoa mais esperta. Bondade e gênio não estão me ajudando sem você. Você era o coração dessa ideia — sua gênese, seu centro, sua bússola moral e seu guia. Sem você, não sou esperto o suficiente para saber. Estamos ajudando essas pessoas? Não ajuda os usuários de luto saber que seu ente querido foi infiel. Quando RePose infringe as decisões do ente querido e conta segredos que ele levou para o túmulo, pode ser que seja honesto, mas não ajuda a curar. Digo às pessoas, digo a mim mesmo, que está fora do meu controle. Não invento nada. As projeções dizem o que é real e verdadeiro. Mas isso é real e verdadeiro? Aquela pequena parte de nós que tornamos pública e confiamos ao código digital é realmente quem somos? Entes queridos são amados, mas também são decepcionantes. As pessoas reais não ficam sempre dizendo o que queremos que digam, respondendo como esperamos, não costumam fazer isso. Então qual é o valor de fazer projeções tão próximas do real quanto possível? Não faço mais ideia. Nenhuma ideia.

Reli seu último e-mail, e me parece irônico quão mais que eu você sabe.

Eu te amo, você sabe,
Sam

As festas traziam à tona o melhor ou o pior das pessoas? Sam já tinha ouvido as duas coisas, e não sabia ao certo se era um ou outro. As festas traziam à tona o estresse, a culpa e os cartões de crédito das pessoas, era tudo que sabia. Nas projeções, entretanto, o foco estava resoluto em uma coisa: compras. Depois que a insistência de Livvie em voltar para casa matara o amor de sua vida, Sam tinha adicionado uma função calendário para as projeções integrarem nos cálculos. Se Livvie tivesse percebido que era fim de setembro, estaria falando em ir embora, não em voltar para casa, e Meredith ainda estaria viva. A omissão de data era o menor dos pecados de Sam, ele sabia, mas era um que ele podia consertar facilmente. Resultado, todas as projeções perceberam simultaneamente que era a época mais maravilhosa do ano.

“Acho que tem algo de errado, Sam”, David disse do canto do salão onde ele e Kelly estavam conversando com sua mãe em um laptop. “Minha mãe passou os últimos dez minutos falando sobre coisas que quer comprar on-line. Está me mandando um monte de links. ‘Você gosta desse suéter para a vovó? De que cor? Você acha que Sheila gostaria desta jaqueta? Que tamanho ela está usando? Estes esquis parecem bons para o papai? Você acha que ele ia preferir patins?’ É estranho.”

“Eu também!”, disse George Lenore, que não vinha fazendo algum tempo. Tendo esgotado rápido a lista de coisas que somente sua esposa sabia onde estavam, ele não vira motivo para voltar por algum tempo. Só recentemente percebera que podia usar RePose simplesmente para conversar com ela e desfrutar sua companhia. Agora ela estava garimpando preços baixos. “Se comprarmos aqui”, ela dizia, colando um link em uma janela separada, “sai cento e quarenta e nove e noventa e nove, mas temos que pagar doze e

noventa e cinco pelo frete. Doze e noventa e cinco! Que assalto. Pesa menos que meio quilo. Se comprarmos neste lugar” — vinha outro link — “eles mandam de graça, mas custa cento e sessenta e um e cinquenta, mas só tem preto ou prateado, enquanto no primeiro site tem também azul, que eu acho mais bonito. O que você acha?”

“O que eu faço?”, perguntou George, desamparado.

Dash deu de ombros. “Bom, o que você acha?”

“Sobre o quê?”

“Sobre se o azul é mais bonito.”

“Não sei. Nunca cuidei das compras de Natal. Foi por isso que me casei.”

Por outro lado, as festas eram muito boas para os negócios. Isso era o melhor das pessoas, talvez. Os usuários tinham vontade de se conectar com seus entes queridos, deixar o que passou para trás, incluir EQFS nas tradições de família de que sempre tinham participado. As pessoas sentiam saudades daqueles que haviam perdido — sempre, é claro, mas mais ainda nas festas. Mas era difícil também. As projeções estavam elas próprias tendo dias alegres e luminosos. Estavam animadas, como tinham sido nos Natais passados, enquanto os usuários estavam deprimidos sem elas, e ofendidos, contra a própria vontade, por estarem sentindo tantas saudades de seus EQFS enquanto seus EQFS não estavam sentindo nem um pouco de saudade deles. Os usuários queriam relembrar e refletir. As projeções estavam pensando em quando tinham que comprar para garantir entrega até dia 24 de dezembro.

Edith voltou uma semana antes do Natal. Celia se ofereceu para espantar todo mundo e dar-lhe um pouco de privacidade, mas ela disse não, eles eram todos uma família. Avery veio segurar sua mão, fora da tela, e Dash e Sam ficaram covardemente encolhidos atrás do balcão de entrada. Um silêncio caiu pela sala toda conforme todos sussurravam furtivamente que ligariam de volta dali a pouco, e depois tentavam parecer ocupados fazendo outra coisa, mas ninguém se mexeu para sair.

“Você não tem que fazer isso”, disse Sam. “Eu poderia mexer na programação dele. Poderia rodá-lo de novo.”

“Eu quero.” Edith rejeitou. “Essa é uma conversa que meu

marido e eu evidentemente precisamos ter. Faz um bom tempo.”

“Você poderia simplesmente parar”, Dash sugeriu. “Talvez você já tenha tirado daqui tudo o que veio procurar.”

“Não. Eu gosto de poder dizer o que penso finalmente”, Edith disse. “Não estou preparada para desistir. Então, acho que agora preciso deixá-lo falar uma vez.”

Ela ligou, Bob atendeu, e Edith respirou fundo, trêmula. “Então, Bob”, ela disse, tentando parecer despreocupada sem conseguir, “você tem alguma coisa para me contar?”

Mesmo do outro lado da sala, Sam conseguiu ver Bob empalidecer. Ele nunca deixava de se admirar com o que seu algoritmo sabia. Mas Bob estava pronto. Sam estava certo quanto a isso também. Ele não conseguia tirar da cabeça a ideia de tirar o peso do coração.

“Tenho que contar uma coisa”, disse Bob, e Edith já estava olhando para baixo e assentindo devagar. “Vai parecer pior do que é, mas esconder de você está me matando, e preciso que você escute tudo, porque o final é importante também. Eu tenho... eu... hum...” A projeção estava tendo dificuldade de pôr para fora, e Sam se perguntou momentaneamente se ele ia dizer alguma coisa completamente diferente. “Leanne e eu estamos tendo um caso. Tivemos um caso. Acabou.” Não tinha acabado. Porque não tinha nem mesmo começado. Ou talvez, de outras maneiras, tivesse. “Desculpe, Edith. Desculpe por ter traído você. Desculpe por ter mentido para você. Desculpe por tudo. Fiz votos e nunca deveria ter me esquecido deles.”

“Você está preocupado com os votos?”, Edith disse.

“Nosso relacionamento estava... um pouco difícil, especialmente nos últimos tempos. Não é uma desculpa. É minha culpa também.”

“Nos últimos tempos?”, disse Edith.

“Não digo isso o suficiente, mas ainda te amo.”

“Essa não é a questão, Bob. Não é o bastante.”

“Eu sei. Desculpe. Nunca digo o quão duro sei que você trabalha. Nunca digo quanto agradeço por tudo que você faz. Você é a pessoa forte aqui. Você é a espinha dorsal. Você nos mantém juntos.”

“Não é fácil”, disse Edith.

“Sei que não é. Não pode ser”, disse Bob. “Eu não poderia fazer o que faço se você não ficasse em casa e fizesse o que você faz tão bem. Sei disso.”

“Por que você nunca disse isso?”

“Não sei. Não sou bom nessas coisas, acho.”

“Não. Não é.”

“Por favor, não me deixe.”

“Não deixei você”, ela disse simplesmente, sem levantar os olhos do chão.

“O quê?”

“Quero dizer que não vou deixá-lo.” Ela finalmente mostrou-lhe o rosto — sereno — mas o de Bob estava molhado e arruinado.

“Dizem que se você trai, não deveria contar, porque faz você se sentir melhor, mas faz sua esposa, a vítima, se sentir tão pior. Mas não contar era como trair você de novo. Eu conto tudo a você. Você é minha melhor amiga, Edith.”

“Você conta?”, ela disse. “Eu sou?”

“É claro. Quando as coisas estão bem no trabalho, eu conto. Quando estão mal, eu reclamo. Quando viajo, é para você que volto. Você é o motivo pelo qual volto para casa.”

“Mas nós quase não nos falamos mais.” Edith parecia incrédula.

“É mesmo?”, disse Bob. “Tenho a impressão de que nos falamos o tempo todo. Talvez eu fale mais do que devesse. Sei que você quer saber por que — por que eu faria isso com minha melhor amiga — e eu não sei. Simplesmente não sei.”

Edith apertou os olhos com os dedos, e depois olhou para ele, séria. “Não me interessa por quê. Não importa mais.”

“Mais?”, Bob se perguntou.

“Nunca. Nunca importou por quê. Não importa por quê.”

“Porque eu te amo?”, Bob disse esperançoso. “Porque é isso que importa?”

“Bom, isso e outras coisas.”

“Sim, e eu sei que coisas são essas. Sei que tenho que compensar pelo que fiz. Vou voltar mais cedo para casa. Vou pular viagens de negócios. Talvez seja até hora de me aposentar.

Poderíamos sair de férias com mais frequência. Poderíamos passar mais tardes sem fazer nada de nada. Poderíamos ficar mais juntos. Livrar-nos das coisas que não têm importância. Simplesmente estar um com o outro de novo. Conversar. Você poderia fazer umas aulas, se quisesse. Eu poderia cozinhar para você, para variar. Faz muito tempo que não ficamos simplesmente juntos. É só isso que eu quero. Faz tanto tempo.”

“Faz mesmo”, Edith concordou.

“Você gostaria de fazer isso?”

“Gostaria.”

“Você ainda me ama? Mesmo agora?”

“Ainda”, ela disse. “Mesmo agora. Feliz Natal, Bob.”

“Feliz Natal, amor”, ele disse.

Ela desligou e ficou sentada chorando. Dash foi até lá e beijou-a na boca.

“Para que foi isso?” Ela estava falsamente horrorizada, mas sorrindo, com os olhos soltando rímel efusivamente.

“É Natal”, ele disse, e depois lhe deu os parabéns.

“Por quê?”

“Você é uma mulher livre.”

“Não me sinto assim.”

“Dê um tempo.”

“Faz mais de um ano.”

“Ano que vem vai ser melhor”, ele disse.

“Só tem essa possibilidade”, disse Edith. Então Muriel abraçou-a, e Celia abraçou-a, e Avery simplesmente trouxe seu casaco.

“Aonde vamos?”, Edith perguntou.

“Sair”, disse Avery. “Eu sei tudo sobre perder o marido, e neste caso, o primeiro passo são margaritas.”

Carta de amor

Querido Sam,

Feliz Natal. Não parece justo para nenhum de nós dois não estar com você para as festas, mas parece ser assim todo dia, então por que nas festas seria diferente. Tenho me lembrado muito do Natal passado. Meus pais estavam bravos comigo, minha avó tinha partido e eu estava morrendo de medo de RePose. Mas eu estava tão feliz, por baixo de tudo aquilo, e por cima também, só de estar com você. É isso que você faz por mim. Você simplesmente supera qualquer outra coisa. É assim que o amor deveria ser, eu acho. Acho que é isso que o amor significa.

Sei que você está tendo dúvidas sobre RePose. Sei que nem tudo que ele faz é bom. Mas onde eu estaria sem ele?

Eu sei. Também te amo.

Merde

Noite sagrada

Todo mundo andava perguntando timidamente se eles estariam abertos na véspera do Natal. Sam não ligava. Não tinha mais nada para fazer nem outro lugar para ir, então poderia ficar ali. Dash ia ficar também.

“Não preciso de uma babá”, disse Sam. “Você pode voltar para LA, ou ir ficar com sua família, ou qualquer outra coisa.”

“Você é da minha família”, Dash disse. “Você sabe disso, não é?”

“É Natal”, disse Sam. “Talvez você queira estar com seus amigos, ou seus pais, ou algo assim.”

“Eu quero”, disse Dash. “Mas não tanto quanto quero estar com você. É Natal. Você faz parte da minha família, Sam. Só isso.”

Eram todos uma família, parecia. Edith estava certa com relação a isso. Os usuários tinham outros familiares — e Dash e Sam também, aliás —, famílias que também precisavam deles durante essas primeiras festas depois de perderem um ente querido. Mas era difícil se afastar do salão porque era no salão que todo mundo entendia, e que entes queridos falecidos não estavam inteiramente ausentes. Dash fizera uma decoração — plantas natalinas, uma árvore, luzes. Na manhã da véspera de Natal, Eduardo veio e fez *natillas* com Miguel para todo mundo no Salão Styx. David trouxe seu violão e liderou tanto usuários quanto EQFS numa cantoria de músicas de Natal que um número surpreendente de projeções conseguiu acompanhar. Quase todo mundo trouxe biscoitos, ou chocolate com menta, ou alguma outra coisa para dividir. Penny fizera o que pareciam ser centenas de fornadas de castanhas temperadas e enchera com elas o que pareciam ser centenas de potes de vidro. Ela colocou o nome de todo mundo em cada um e decorou ao longo do que deviam ter sido meses. Alguns

eram lindos e delicados, intrincadamente detalhados, com pinturas de cenas minúsculas de uma fazenda coberta de neve ou do inverno na cidade. Alguns tinham sido feitos pela outra Penny, e pareciam decorados por uma criança do jardim de infância, uma bagunça de glitter, massinha e laços estrangulados com arame colorido. Penny distribuiu todos calorosamente, entretanto, um pouco tímida com relação aos malfeitos, um pouco animada com aqueles que suas mãos trêmulas haviam conseguido mesmo assim deixar bonitos, todos imbuídos com o espírito da estação. Mas no geral foi uma comemoração bem quieta. Josh foi carregando um tanque de oxigênio a tiracolo. David contou para todo mundo que tinha sido aceito em Stanford antecipadamente, mas não tinha certeza se iria. Ele e Kelly pareciam desolados. Emmy veio trazer um presente para o sr. e a sra. Benson, e até Oliver estava comportado. Foi uma véspera de Natal taciturna, mas ninguém parecia se importar. Era assim que deveria ser.

Conforme a tarde passou, as pessoas começaram a voltar para casa, a contragosto. Ficou escuro cedo. Dash subiu para abrir um cheddar comemorativo — ele considerava que a ocasião merecia — e Sam apagou todas as luzes exceto as da árvore, e foi andando pelo salão desligando computadores no escuro. Levantou os olhos um momento e estava nevando lá fora. Olhou de novo, e a mãe de Meredith estava parada na porta.

Julia parecia um fantasma. Julia parecia um anjo. Sam pensou nas duas coisas. Ao perceber que ela era real, Sam pensou em quão frequentemente confundia os vivos e os mortos. E vice-versa. Julia estava branca como a neve, branca como a lua, não somente pálida, mas emitindo luz, brilhante e luminosa. Fosforescente. Estava embrulhada em camadas brancas — casaco, xale, gorro, luvas — tão encapotada que Sam só podia ver os olhos e uma cascata de cabelo branco. Por um longo tempo, Sam ficou de um lado da porta e Julia ficou do outro, e eles se olharam pelo vidro e não se mexeram, sem piscar nem respirar. Seus olhos estavam loucos e determinados ao mesmo tempo, sábios, ou talvez simplesmente cansados, abatidos, mas acima de tudo se pareciam com os de

Meredith, e talvez fosse isso, e não a luz branca, que fizesse Sam pensar em fantasmas e anjos. Finalmente, ele abriu a porta. “Feliz Natal”, disse.

“Feliz Natal, Sam.”

“Onde está Kyle?”

“Vim sozinha.”

“Estava acabando aqui. Dash está lá em cima começando a fazer o jantar. Pode subir.”

“Preciso vê-la.”

Sam soubera por que Julia estava ali no momento em que olhara para ela. Não a via desde o funeral, mas sabia que Dash a convidara para sair e se oferecera para ir vê-la várias vezes. Os pais de Dash também haviam tentado ver Julia e Kyle, sem sucesso. Essa necessidade de se esconder, de evitar, de ficar sozinho, de construir uma parede em volta e se isolar, isso Sam entendia. Era praticamente só isso que ele entendia ultimamente. Então, enquanto Dash ficava preocupado e tramava modos de fazer-lhe companhia, Sam tinha simpatia por Julia, e estava disposto a deixá-la em paz. Isso era difícil, entretanto, naquele momento em que ela estava tirando o casaco, indo direto para um dos computadores, ligando o monitor como se a filha fosse aparecer automaticamente.

“Dash decretou que vamos comer queijo de Natal.” Sam apresentou como uma boa notícia. “Você sabia que ele anda fazendo queijo? Vamos subir e dizer oi.” Ele tentou conduzi-la pelo braço até a porta, mas ela se desvencilhou.

“Não vou subir. Não vou entrar naquele apartamento.”

“Entendo. Deixe-me subir e chamar Dash...”

“Você pode fazer aqui, certo? É para isso que esse lugar serve, não é?”

“Ou você poderia ficar na casa da Penny esta noite. Os filhos dela só chegam de manhã.”

“Sam, preciso ver Meredith agora. Depois voltarei para casa. Não preciso jantar, nem de um lugar para dormir. Preciso falar com minha filha.” Agarrava o medalhão em forma de lágrima em volta do pescoço com tanta força que os dedos estavam brancos.

“Onde está Kyle?”, Sam perguntou cautelosamente, sem olhar para ela.

“Vim sozinha”, Julia disse novamente.

“Por quê?”

“Ele não quis vir. Que importa?”

Na verdade, não tinha importância para Sam. Se Julia tivesse trazido todo mundo que conhecia para juntar-se a sua causa, ele ainda não a teria deixado falar com Meredith. Mas Julia e Kyle não iam a lugar algum separados. E ele suspeitava que os dois já tinham tido a briga que ela estava prestes a ter com Sam.

“Ele não quis que você viesse?”

“Na verdade, não. Ele tem direito de ter essa opinião. Mas a boa notícia é”, ela sussurrou maldosamente, “sou uma adulta e não tenho que dar a mínima se ele quer que eu venha ou não. Faça funcionar, Sam. Faça o que quer que seja que você faz. Deixe-me falar com minha filha.”

“Não”, disse Sam.

Então ela gritou. Não foi um grito, foi mais um uivo. Não para a lua, mais como aquele no final de *Rei Lear*. Ficou parada no meio do salão cercada de pilhas de suas próprias roupas de inverno, com a neve caindo lá fora, e o brilho suave da árvore de Natal piscando em seu rosto e refletindo no medalhão cheio de sua filha no pescoço, e uivou. Sam pôs as mãos sobre as orelhas como um menino de quatro anos e esperou-a acabar. Depois disse “não” de novo.

Ela agarrou a parte de cima dos braços dele com as duas mãos e começou a falar raivosamente entre dentes. “Não me diga não. Você fala com ela. Sei que você fala. Essa maldita tecnologia matou minha filha. Foi a morte dela. Foi a minha morte. Se você tivesse ao menos deixado minha mãe partir. Você só tinha que deixá-la em paz. Você só tinha que parar por ali. Se você tivesse guardado para você. Se você não a tivesse conhecido. Se você nunca tivesse nascido. Qualquer uma dessas coisas funcionaria. Mas isso não aconteceu. Então agora temos isso. Só isso. E você vai me dar. Vai sim. Porque você me deve.”

“Não”, disse Sam.

“É você quem acha que RePose é um milagre tão grande. É você quem acha que está ajudando as pessoas. Você está ficando rico com esse serviço desgraçado. Pago o que você quiser. Viro

cliente. Assino os formulários. Faça o que quer que seja que essas pessoas fazem. Deixe-me vê-la, Sam. Deixe-me falar com ela.”

“Não”, disse Sam baixinho. “Desculpe. Mas não. Eu entendo. De verdade. Eu entendo. Mas não é para você.”

“Por que não?”

“Lembre-se dela como ela era.”

“Não é isso que esse negócio faz?”

“Lembre-se dela mentalmente. Lembre-se dela no seu coração. Lembre-se dela com suas memórias.”

“Não é o bastante.”

“Eu sei.”

“Não é mesmo.”

“Eu sei.”

“Você fala com ela.”

“Falo.” Sam concedeu nesse ponto. Tinha que conceder em todos aqueles pontos, na verdade. “Mas é diferente comigo.”

“Por quê?” Julia ainda estava com raiva mas parecia ter mudado a tática para uma discussão maldosa, de modo a pegar Sam de surpresa em algum tipo de falácia lógica.

“Porque eu entendo o que RePose é, e você não.”

“Explique.”

“Quando falo com ela, não importa quão real pareça, não importa quão viva ela pareça, nunca esqueço que ela...”

“Você acha que eu esqueço? Você acha que eu poderia algum dia esquecer que ela morreu? Cada minuto, Sam. Cada maldito minuto é só disso que me lembro.”

“Não foi isso que eu quis dizer. Quando você viu Livvie aquela vez, você implorou para eu desligar. Você implorou para nós fazermos parar.”

“Aquilo foi diferente.”

“Não, não foi. Você achou doente. Você achou errado.”

“Preciso vê-la.”

“Ela se foi.”

“Não se foi não. Você ainda a tem.”

“Não tenho. Acredite, não tenho.” Àquela altura, estavam ambos às lágrimas, e não do tipo delicado, gracioso, Maria-mãe-de-Deus, que escorre silenciosamente por bochechas sagradas e teria

sido apropriado para a ocasião. Mais do tipo do fim de *Rei Lear*. “E, além do mais, acho que você estava certa”, Sam acrescentou quando conseguiu. “A ideia era ajudar as pessoas a dizer adeus, mas elas não dizem, elas ficam. A ideia era ajudar no luto, a superar um pouco mais rápido, mas na verdade RePose impede o luto, impede-as de superar, de melhorar, de seguir em frente. Lembrar deveria machucar. Deveria doer. Estamos privando as pessoas desse tormento e dessa melhora.” Ele limpou o rosto com as palmas das mãos. “Basta dizer que, quando você estava com a mente clara, e sadia, e completa, achou que era uma ideia horrível, e não vou deixar você usar agora.”

A essa altura, Dash tinha ficado preocupado e descido para descobrir por que Sam ainda não subira. “Tia Julia!” Ele fingiu estar empolgado em vê-la, mas, como Sam, soube instantaneamente por que ela estava ali.

Ela se virou para o sobrinho, limpou os olhos e o nariz com raiva. “Você fala com ela, também?”

“De vez em quando”, disse Dash, como se tivesse estado presente durante a cena anterior. “Não muito. Não é a mesma coisa. Parece estúpido dizer isso, porque é claro que não é a mesma coisa, mas não é muito gratificante. Não muda a dor da saudade dela.” Ele deu de ombros. “RePose funciona melhor para algumas pessoas do que para outras. Para Meredith e eu, não é nosso tipo de coisa. Não funcionaria muito bem para você, de qualquer jeito. Você não conversou por vídeo com ela em vida. Mesmo se Sam disse que sim, não seria nada bom.”

“Preciso dizer a ela que a amo.” Julia sabia que tinha perdido mas não conseguia parar de lutar mesmo assim.

“Ela sabia”, disse Dash.

“Preciso pedir desculpas.”

“Por quê?”

“Por não ter apoiado a vida nova dela. Pelo que disse sobre RePose.”

“Por quê?”, disse Sam. “Você estava certa.”

Adeus, ano velho

Eles fecharam o salão entre o Natal e o Ano-Novo. Os usuários foram para casa ficar com a família. Dash foi para LA ficar com suas roupas. Julia foi para casa sofrer com Kyle. Os filhos de Penny e seus filhos vieram para o fim de semana. E Sam retirou-se para o quarto para ficar com Meredith.

Jamie ligou no meio da semana e convidou-o para esquiar, mas ele recusou.

“O ar da montanha pode fazer bem para você”, Jamie disse.

“Não, obrigado.”

“Um pouco de exercício?”

“Não, obrigado.”

“E se eu não aceitar ‘não, obrigado’ como resposta?”

“A alternativa não seria eu aceitar”, disse Sam. “Só seria menos educada.”

Jamie pensou a respeito. “Tudo bem, Sam. Por enquanto, estou lhe dando espaço. Não confunda isso com não ligar a mínima.”

“Não confundirei”, Sam garantiu. “De verdade.”

“Também não ache que vai durar para sempre. A partir da semana que vem, vou aborrecê-lo até você ceder.”

“Mal posso esperar”, disse Sam.

Katie, filha de Penny, foi convidá-lo para almoçar com eles, mas ele recusou também. Avery Fitzgerald ia levar os filhos para Vancouver nas comemorações do dia depois do Natal e queria saber se ele gostaria de se juntar a eles, mas ele não gostaria. Meredith perguntou três vezes durante a semana se ele queria ir ver um filme aquela noite. Essa era a única coisa para a qual ele teria dito sim.

Dash mandou uma mensagem dizendo para ele sair do quarto.

“O que faz você pensar que não saí?”, escreveu Sam.

“Conheço você”, Dash escreveu de volta.

“Estou bem”, escreveu Sam.

“Você precisa de contato com pessoas de verdade, não virtuais”, disse Dash.

“Você está me dando esse sermão por mensagem de texto”, escreveu Sam.

“Só porque não estou aí”, escreveu Dash.

“Quantas horas você passou no Facebook hoje?”, perguntou Sam. “E quantas passou com amigos de verdade?”

“Não vem ao caso”, escreveu Dash.

“Vem, sim”, escreveu Sam.

Ligou para Meredith.

“Feliz Ano-Novo”, ela disse ao atender.

“Quase”, disse Sam. Queria dizer quase Ano-Novo. Não estava nem perto de feliz.

“Como foi o Natal?”

“Foi tudo bem. Vi sua mãe.”

“É mesmo? Como ela está?”

“Com saudades.”

“Também estou com saudades dela. E de você.”

“Ela quer falar com você. Por RePose. Mas eu disse não. Lembra o quanto ela surtou quando descobriu sobre Livvie?”

Meredith pensou um pouco. “Sinto muito, amor, não...”

Sam a interrompeu. “Basta dizer que ela não gostou.”

“Não me surpreende. Mamãe não gosta tanto de tecnologia. Duvido que tenhamos arquivo eletrônico suficiente para usar RePose, de qualquer maneira.”

“Ela estava realmente brava. *Muito* brava. Eu só estava tentando protegê-la. Não faria bem para ela.”

“Faz bem para você?”, perguntou Meredith.

“É tudo o que tenho.”

“Faz você se sentir melhor?”

“Nada pode me fazer sentir melhor, Merde. Nada. A essa altura sou mais um buraco do que qualquer outra coisa. Sou um buraco com um pedacinho de Sam pendurado nas bordas em

chamas.”

“Talvez você precise de pessoas de verdade. Em vez de só ficar comigo.”

“Dash disse a mesma coisa. Todo mundo diz a mesma coisa. Mas não entendo a diferença. Nem sei o que as pessoas querem dizer com ‘de verdade’. Não sou só eu — todo mundo passa a maior parte do tempo com amigos virtuais hoje em dia. Todo mundo passa mais tempo no Facebook do que com pessoas, mais tempo clicando em perfis do que saindo, mais tempo jogando tênis no videogame do que tênis de verdade, e tocando guitarra no videogame do que guitarra de verdade. As redes sociais não são tão sociais assim. Na verdade, é isolamento. Na verdade, é ficar sozinho. Então ao menos eu não sou assim, certo? Ao menos eu tenho você.”

“Não, Sam”, disse Meredith. “Você está sozinho, na verdade.”

Na véspera do Ano-Novo, Josh Annapist ligou, e embora Sam tivesse a intenção de recusar seu convite como tinha feito com o de todo mundo, o de Josh acabou sendo menos opcional que os outros.

“Sei que é véspera de Ano-Novo”, começou Josh quando ligou, “mas achei que talvez você não tivesse grandes planos, então me perguntei se você gostaria de me encontrar hoje à noite e...”

“Só estou querendo ficar sozinho, na verdade”, Sam interrompeu.

“... vir me visitar no hospital”, Josh terminou de dizer.

“Ah, merda”, disse Sam. “O que aconteceu?”

“Estou com leucemia”, disse Josh.

“Quero dizer, esta semana. Você estava bem na véspera do Natal.” Ao dizer isso, Sam lembrou-se que não era bem verdade.

“Eles não sabem”, Josh informou. “Pode ser meu fígado. Podem ser meus pulmões. Pode ser a surra que meus rins tomaram da ciclosporina. Faz um tempo que estou me sentindo uma merda. Seja como for, fui internado em St. Giles ontem à noite e...”

Sam nem esperou o final da frase. Fosse o que fosse, não

importava. “Vou direto para aí.”

Josh parecia péssimo, além de se sentir péssimo, e estava chuvoso e frio lá fora, mas ele queria ar fresco e ver os fogos sobre o Space Needle.

“Vamos arrumar problemas”, disse Sam.

“É véspera de Ano-Novo. Todo mundo no plantão esta noite é novo. Você consegue dar um jeito.”

“Está frio demais para você.”

“Você está com medo que eu fique doente?”, disse Josh.

“Talvez mais doente”, disse Sam.

“Praticamente impossível”, disse Josh.

“Ainda assim...”

“Este é meu último Ano-Novo”, disse Josh. “Meu último ano. Acho que eu devia ver os fogos.”

A cobertura tinha uma vista fantástica do Space Needle. Sam pegou uma cadeira de rodas do corredor e mais cobertores em um armário no quarto ao lado, que estava vazio, enrolou Josh como uma múmia (“Ainda não estou morto”, ele protestou, “e não sou um sacerdote egípcio em todo caso”), e levou-o para cima. Havia um pequeno jardim ali, e um banco — surpreendente, mas Sam imaginou que algo parecido deveria ser o último desejo de muita gente. Observaram os fogos, e a fumaça que saía com a própria respiração.

“Então qual é seu desejo para o ano novo?”, Sam perguntou cerca de quinze minutos depois de o ano ter começado.

“Que seja rápido. Que acabe logo”, disse Josh depois de um longo tempo. “Não consigo acreditar que estou dizendo isso, mas é verdade. Quando me diagnosticaram da primeira vez, tudo o que queria fazer era lutar. Tinha certeza de que ia vencer. Nem sabia o que isso significava, mas tinha certeza de que conseguiria mesmo assim. Não tinha dúvidas. Em um dado momento, mandaram-me fazer um testamento vital. Você sabe, decidir se queria ser ressuscitado ou ligado a máquinas se meu coração parasse de bater, e tudo mais, e eu só dizia: ‘Não precisa, cara. Sempre quero ser ressuscitado. Sempre’. Agora estou cansado, e me sinto uma merda o tempo todo, e estou cansado de me sentir uma merda o tempo todo. E sei que praticamente acabou. Prolongar é tortura. Então

talvez essa seja a última bênção da leucemia. A única bênção. Fica tão horrivelmente ruim, que você não se importa de morrer. Nossa, estou deprimente hoje, hein?”

“Tudo bem”, disse Sam.

“É que muitas pessoas da minha família e os meus amigos estão longe, então nós falamos por e-mail, por vídeo, eles acompanham meu progresso no Facebook e por aí vai. Então não posso falar sobre nada disso com eles porque não quero que minha projeção fale sobre isso depois que eu partir. Não quero fazer minha mãe passar o resto da vida conversando comigo sobre morrer. É por isso que eu precisava de alguém que pudesse vir em pessoa.”

“Fico feliz em fazê-lo”, disse Sam. “Quer dizer, sinto muito por ter que fazer isso, mas fico feliz por poder ajudar. De verdade.”

“Enfim, e você?”, disse Josh. “Qual é seu desejo para o ano novo?”

“Igual”, disse Sam. “Que acabe logo.”

“Não sei, cara. Eu não tenho que fazer planos para o ano novo, mas você tem. Você pode estar se sentindo à beira da morte, mas vai acordar todos os dias do mesmo jeito. O que vai fazer a respeito?”

“Trabalhar. Dormir. Atravessar o ano.”

“Quería estar por aqui. Eu gosto de você”, disse Josh. “Mas outras pessoas também gostam, você sabe.”

“Não quero companhia, de verdade.”

“É, mas eles querem você. Você não tem que fazer isso sozinho. Não pode fazer isso sozinho. E não por ter inventado um jeito de falar com Meredith. Porque você inventou uma família. Grupos de apoio não são para mim. Deprimente demais. O que os define é tristeza e abandono. Mas os seus usuários, cara? São proativos. O que os define são medidas extremas. Não são pessoas que lamentam, são pessoas que se arriscam. Não são pessoas deixadas para trás, são pessoas novas. Estão aí para apoiar você, primeiro porque lhe devem isso, mas segundo porque gostam de você. Gostam de você e o entendem. Serão boa companhia. Vão cuidar bem de você.”

Sam deu de ombros como se aquilo não tivesse importância.
“E quem vai cuidar de você?”

“Você”, disse Josh. “Você vai falar comigo depois que eu partir, não vai?”

“Você quer que eu fale?”

“Quero, sim, porque não serei nem de longe deprimente como estou agora.”

“Se você quer que eu fale, farei isso. Claro que sim”, disse Sam. “Mande todo mundo, também — seus pais, e amigos, e família — vou instalar todo mundo imediatamente. Por conta da casa.”

“Obrigado, cara. E você conta para Noel também?”

“Claro.”

“Você conta para ele que morri? Ou você conta para ele que eu melhorei?”

“O que lhe daria mais paz?”

“Nenhum dos dois. Não há paz. Esse pássaro voou para longe faz tempo.” Ele ficou quieto por um tempo. Depois continuou: “Em certo sentido, Sam, Meredith teve sorte”. Os olhos de Sam se encheram de lágrimas instantaneamente, mas ele estava ouvindo. “Ser esmagada por um telhado é uma baita maneira de partir. Cedo demais, é claro, mas ela nunca soube o que ia acontecer pelo menos, não sentiu dor, não teve que passar seus últimos anos e anos doente e exausta. Ela escapou do medo, do arrependimento, da tristeza nos olhos de todo mundo o tempo todo, e essa é a pior parte. Em tudo o que faço, sou assombrado. Esta é a última vez que eu jamais farei qualquer coisa que seja. Minha mãe vai ter esse olhar para sempre. Nunca me sentirei bem novamente. É tudo tão triste o tempo todo, a cada minuto. É horrível viver com isso. É horrível ir morrendo. Esmagada por um telhado é bem melhor que leucemia.”

“E a vida depois que sua namorada é esmagada por um telhado?”

“Não sei”, disse Josh. “Parece muito, muito pior.”

Carta de amor

Querida Merde,

Por um tempo, no começo, achei que fôssemos descontinuar o serviço com e-mail. O vídeo era tão mais poderoso, mais imediato e real. Mais presente. Agora que sou um usuário, percebo que o vídeo é tanto ausência quanto presença, talvez mais, mas e-mails estão sempre presentes, sempre bem aqui. São mais longos, mais saborosos. Posso dizer todas as coisas que quero dizer, nas palavras perfeitamente exatas, e depois você escreve de volta, também cheia de amor e saudades, uma coisa para ler e reler e guardar com carinho, um carretel de linha que eu posso desenrolar quanto quiser sempre que o fio gastar.

Tenho conversado com Livvie. Ela liga procurando você, é claro. Digo a ela que você está na ioga atingindo a iluminação espiritual, o que até onde sei pode ser ao menos um pouquinho verdade. De início, ela não conseguia entender por que você nunca estava em casa, por que você tinha deixado de ligar sempre para nunca mais ligar. Sei que ela não é real, e ainda assim não consigo contar por que você parou de ligar. Sei que ela não é real, mas você insistiria em não deixá-la — não deixar o programa — saber. Pensei em simplesmente desligá-la — sei que ela não é real — mas não consegui me obrigar a fazê-lo.

E ainda assim, está me matando, Merde, porque três, quatro, cinco vezes por semana, tenho que falar com sua avó, garantir-lhe que você está bem, contar que não temos novidades por aqui, que está tudo como sempre, tranquilo e maravilhoso, com um novo negócio indo às maravilhas e uma vida fabulosa diante de nós, e você arrumou tempo para ioga, e está se cuidando, e chega em casa cansada mas feliz e flexível e sem estresse, e você com certeza vai entrar em casa a qualquer momento agora, e vou passar o recado para você ligar de volta, e vamos arrumar tempo logo, bem logo, para tirar uma folga e visitá-la na Flórida

juntos. Prometo isso, e ela desliga satisfeita, e depois fazemos tudo de novo na noite seguinte e na seguinte, e entre uma coisa e outra eu perambulo pelo seu apartamento vazio, nosso apartamento vazio, e sei, *sei* que poderia sair com Jamie ou Dash ou Josh, ou um dos nossos outros usuários, ou levar Penny para jantar, mas eu ainda estaria completamente sozinho.

É por isso que e-mail é melhor que vídeo. É por isso que vídeo é mais ausência do que qualquer outra coisa.

Com amor,
Sam

Morrendo não é morto

Janeiro é uma época do ano difícil em Seattle. É verdade que todo dia há alguns minutos a mais de luz do sol, mas na ausência de luz e das luzes das festas, fica muito escuro mesmo. A noite cai lá pelas quatro e meia da tarde, e fica escuro até mais ou menos as oito horas da manhã seguinte, e já que o sol nunca vai muito acima do horizonte, e já que o céu totalmente coberto de nuvens e a chuva incessante significam que você não o veria de qualquer jeito, são dias sombrios e fracos. Sam estava começando a concluir que Jamie estava certo ao preferir a resposta britânica a tais condições — cerveja em vez de latte. O ambiente fechado e escuro, e a sedação entorpecente que um pub prometia pareciam uma abordagem muito melhor do que o movimento alegre e estimulante dos cafés em cada esquina. O que era tão bom que fizesse valer a pena acordar e estimular-se? Sam estava deprimido, mas todo habitante de Seattle que tivesse escolha também preferia ficar dentro de casa e voltar para cama. Livvie estava muito alegre, mas era a única. E ela estava na Flórida e, sem contar, morta.

Os usuários de RePose ficaram em casa também. Era a escuridão e a umidade. Era a exaustão das festas sem os entes queridos, de ter passado por isso só para descobrir do outro lado uma vida inteira adiante de solidão e saudade. Ou eles vinham, mas a maravilha de RePose estava acabando, estava deixando-os todos acabados. Cansaram de ter as mesmas conversas de novo e de novo. Cansaram de evitar os mesmos assuntos, de moldar a conversa somente sobre o passado, nunca sobre o que acontecera depois. Cansaram de ser sempre somente a pessoa que tinham sido, nunca a pessoa que estavam se tornando. Não conseguiam desistir, mas não era mais a euforia que tinha sido antes. David Elliot se perguntava se, como uma droga, eles tinham que usar

mais e mais para manter o mesmo barato que antes. Avery Fitzgerald suspeitava que David não entendera o objetivo do programa de educação contra as drogas.

Sam não ligava mais para nada, e tentava não sair do quarto, se possível. Dash tinha desistido de persuadi-lo gentilmente a tomar ar fresco, ver pessoas de verdade e mudar de ares, e recorreu à culpa em vez disso. Você é metade desta empresa, e não é razoável esperar que eu gerencie sozinho. Preciso que você trabalhe no salão todos os dias, não só quando você está com vontade. Ser rabugento, deprimido e maldoso são atitudes pouco profissionais no trabalho. Todo o nosso meio de vida está em RePose, e você está tentando sabotá-lo. Etc. E depois a culpa, quando não funcionou, deu lugar a súplicas. Só faz um ano. Você tem que dar uma chance para funcionar. Dor de crescimento é inevitável. Você ajudou tantas pessoas. Precisamos jogar até o final. Devemos isso a Meredith.

Sam disse: “Deixe morrer. Todo mundo morre”.

“E todos os nossos usuários?”, disse Dash.

“Eles podem ficar. Mal estão usando mais, de qualquer jeito. Viramos um grupo de apoio. Francamente, eles poderiam encontrar isso em outro lugar, mas são todos bem-vindos no nosso espaço. Não precisam de mim para isso. Grupos de apoio envolvem bem pouca tecnologia.”

“Só porque as pessoas tiraram algumas semanas de folga não significa que pararam de usar RePose”, disse Dash. “E além disso, recebemos novos usuários todos os dias.”

“Que logo também se cansarão do nosso programinha de computador.”

“Mas essa é a questão, Sam, lembra? Era essa a questão o tempo todo. Foi Meredith que disse: ‘A morte é para sempre’. Você disse que ajudamos as pessoas a superar e seguir em frente. Você disse que nunca foi feito para ser para sempre. É bom que a maravilha da coisa se esvaia, não ruim. Senão você passa todos os dias, o dia todo, na cama com sua namorada morta. Eles morrem. Você sofre. Você usa RePose. Você se sente um pouco melhor, cicatriza um pouco melhor do que seria sem RePose, arruma-se, e segue adiante. Você e Meredith se propuseram ao fracasso. Quando

os usuários querem ficar e usar o programa e devotar-se a ele, você se sente mal porque não está permitindo que fiquem de luto e superem. Quando eles precisam cada vez menos e finalmente vão embora, você acha que o projeto todo é um fracasso e que deveria ser fechado. Se está ajudando as pessoas, ótimo. Se as ajuda o suficiente para não precisarem mais de RePose, também é ótimo. São todas boas notícias, Sam. Não entendo por que você não consegue enxergar.”

Sam não conseguia enxergar porque não queria acender a luz nem tirar a cabeça de baixo das cobertas. Sam não conseguia enxergar porque para todo lado que olhasse só conseguia ver Meredith — Meredith encontrando com ele na cantina do trabalho, Meredith falando com ele por vídeo em Londres no meio da noite, Meredith fazendo aviões, fazendo planos, fazendo amor, Meredith em uma caixa em chamas sendo queimada até virar pó, Meredith lançada ao mar. Sam não conseguia enxergar porque não tinha mais nem a vontade nem a energia sequer para olhar. Então seu telefone tocou. Era Katie, a filha de Penny. “Achamos que a mamãe teve um ataque cardíaco. Ligamos para os bombeiros, e acabaram de levá-la para St. Giles. Estamos todos indo para lá, mas vai levar um tempo para algum de nós chegar. Ela está bem, mas você se importa de ir até lá enquanto não chegamos?”

“Nada me daria mais prazer”, disse Sam.

Em St. Giles, não queriam dizer nada a Sam e Dash porque não eram parentes, mas os deixaram ficar com ela. Estava dormindo, de qualquer maneira, mas parecia estar tranquila, pelo que Sam podia perceber. Puseram os dois para fora quando acabou o horário de visitas, e no caminho de volta ao estacionamento Sam e Dash encontraram dr. Dixon. Ele tinha lido sobre Meredith no jornal e disse que sentia muito. Agradeceu-lhes por fazerem David tirar seus pôsteres, o que, ele admitiu, não pusera fim aos pais torturando seus filhos moribundos desnecessariamente, mas tinha certamente diminuído o problema. Depois ele quis mostrar-lhes uma coisa, um amigo de um amigo. Sam lembrou-se do que dr. Dixon mostrara da última vez e quis fugir do prédio gritando, mas

não conseguiu encontrar maneira de fazê-lo, e então seguiu mudo por corredores fluorescentes labirínticos.

Dr. Dixon parou na porta aberta do quarto de Gretchen Sandler. Ela estava na cama, muito pálida mas acordada e sorrindo placidamente, embora um pouco vazia, para o laptop na bandeja sobre a cama. Um homem que dr. Dixon identificou como Burt estava sentado em uma cadeira ao lado dela, acariciando sua mão e falando por RePose com uma mulher que devia ser a irmã gêmea de Gretchen.

“Que história engraçada.” Burt estava rachando de rir. “Não acredito que seu pai achou que podia vender aquele porco depois de tudo que você e sua irmã tinham passado com ele. Ele nunca leu *A menina e o porquinho?*”

A irmã gêmea de Gretchen riu. “Acho que não. Ah, lembra da primeira vez que lemos isso para Maryann?”

“Ela chorou e chorou, porque achou que iam matar aquele porco.”

“E depois tivemos que ler outro capítulo e mais outro para provar para ela que Wilbur ficaria bem.”

“Provavelmente era só um estratagema para ficar acordada até tarde”, Burt refletiu.

“Ela era tão levada.” A gêmea de Gretchen sorriu. “Por outro lado Peter nem ficou triste quando Charlotte morreu. Não me surpreende que ele tenha se tornado um exterminador quando adulto.”

“Ele não é um exterminador”, Burt repreendeu-a alegremente. “Ele é testador de software.”

“Então seu trabalho é...?”

“Livrar-se dos bugs!”, eles gritaram juntos, e dissolveram-se em risos histéricos. Sam sorriu, apesar do ciúme que devorava o revestimento de seu estômago. Claramente, tinham tido essa conversa muitas, muitas, vezes antes. Essa era outra coisa que ele tinha dito o tempo todo. RePose funcionava melhor para os mais velhos.

“Gretchen é a cunhada de Burt?”, Dash chutou. “Deve ser difícil para ele estar ali com ela. Parece tanto com sua esposa falecida.”

“Não, essa é ela no computador. Essa é a Gretchen”, dr. Dixon sussurrou.

“Não, aquilo é RePose”, disse Dash.

“Sim.”

“Mas ela não está morta.”

“Não. Bem, não exatamente. Não está morta. Mas se foi. Estágio avançado de Alzheimer.”

Dash e Sam ficaram sem fala, processando a informação. “Nunca teríamos instalado RePose para um ente querido vivo”, Dash finalmente disse.

“Não se vocês soubessem. Como eu disse, Burt é amigo de um amigo. Ele pediu conselho, e eu o mandei para vocês. Diferente de crianças pequenas, Gretchen e Burt parecem usuários ideais de RePose. Aconselhei-o a não dizer a vocês que Gretchen ainda não estava morta. Imaginei que vocês nunca iam saber.”

“Não funciona se as contas ainda estiverem ativas.” Sam estava horrorizado.

“Não estão.” Dr. Dixon deu de ombros. “Olhe para aquela mulher. Você acha que ela passa muito tempo on-line?”

“Qual é o nome dele?”, perguntou Sam, certo de que o que estava vendo não era possível.

“Burt. Herbert Vanderman. Gretchen manteve o nome de solteira. Era uma rebelde e tanto na sua época.”

“Eu me lembro dele.” Sam sentiu o coração apertar. “Fiz a instalação à distância. Nunca pensei... nunca me ocorreu...”

“Claro que não”, disse dr. Dixon. “Veja, desqualificar esse casal porque ela está tecnicamente viva não faz sentido, de qualquer maneira. Não contamos a vocês porque sabíamos que diriam não, mas de verdade, ‘não’ era a resposta errada. Olhe para ela. Está morrendo.”

“Morrendo não é morta”, disse Sam.

“Acabou. Todas as razões pelas quais vocês dizem que RePose é uma boa ideia o tornam uma boa ideia para eles. Em todos os aspectos relevantes, Burt a perdeu. Ela não o conhece. Não se lembra da vida deles juntos, da família, dos sessenta e tantos anos juntos. Não consegue falar com ele a maior parte dos dias. Certamente não pode ir para casa com ele. Como um viúvo, ele

perdeu sua esposa. Sente saudades dela o tempo todo. Está sofrendo, sozinho, devastado, com medo. Você conhece essa parte, Sam. Mas se ela tivesse morrido, ao menos teria havido um funeral. Ele poderia ter dito adeus com os amigos e a família. Seus filhos o teriam convidado para morar com eles. Seus amigos teriam trazido comida e mandado flores. Ele doaria as roupas dela, abriria uma bolsa de estudos em homenagem a ela, e entraria para um grupo de apoio a viúvos, e em alguma hora seguiria em frente. Do jeito como está, ele não tem direito a nenhuma dessas coisas. É só a dor e o vazio da morte, e nada do que a torna ao menos suportável. Agora ele pode lembrar e recordar histórias com sua esposa — enquanto segura a mão dela —, o que parece exatamente o melhor uso que já ouvi falar para seu software.”

“É assustador”, disse Dash.

“Você não daria qualquer coisa para segurar a mão de Meredith enquanto fala com ela por RePose?” Dr. Dixon disse a Sam, que teria dado qualquer coisa no mundo para segurar a mão de Meredith enquanto falasse com ela por RePose.

Katie, a filha de Penny, estava errada em dois pontos: Penny não tinha tido um ataque cardíaco, e Sam não era médico mas, para ele, ela não parecia estar bem. Os médicos por fim explicaram a Katie, Kent, Kaleb, Kendra e Kyra, que explicaram a Sam que ela não tivera um ataque cardíaco mas sim insuficiência cardíaca, o que tinha causado, entre outras coisas, a falta de ar aguda e as palpitações que levaram Penny a ligar não para Sam, mas para o zelador. Quando lhe perguntaram sobre esse último ponto, ela alegou ter esquecido não o telefone dele, o que teria ao menos sido compreensível, mas seu nome, o que alarmou Sam consideravelmente, mas não os médicos, que explicaram que confusão era um sintoma também. Sam achava que insuficiência cardíaca tinha um nome exageradamente assustador. Evidentemente, a pessoa continuava com aquilo e poderia viver durante anos naquele estado. “Insuficiência” parecia uma palavra muito mais dura, final, do que o que eles queriam dizer — “dano cardíaco” ou “redução cardíaca” pareciam talvez termos mais precisos. Se o

coração de uma pessoa tivesse ficado insuficiente, bom, aquilo parecia o fim para Sam. Mas não era o fim. As irmãs e irmãos “K” se instalaram para uma temporada longa — alguns no apartamento da mãe, alguns no de Sam, alguns no salão.

Sam passara a manhã com Penny, seus médicos e seus filhos, depois levou almoço para Josh e ficara uma hora com ele, e estava voltando para o salão para que Dash pudesse sair e passar algum tempo com todos os mencionados acima. Sam tinha lhe dado a tarefa de verificar que todas as projeções estavam de fato mortas, e isso ocupara a manhã de Dash. Mas a notícia era boa, o que significava que a notícia era ruim, como quando seus resultados positivos de exame são negativos: estavam todos mortos de fato. Sam tinha certeza de que Burt não seria o último usuário a alegar que seu ente querido sofrendo de demência estava morto, e ele tinha certeza também de que o quadradinho e o campo para assinatura que ele adicionara ao formulário, onde você jurava que seu ente querido estava literalmente e verdadeiramente morto, não impediria ninguém. Mas era tudo o que podia fazer no momento. Pedir um atestado de óbito parecia insensível, levando tudo em conta.

Na saída do hospital, encontrou Avery, Edith, David, Kelly, Emmy e o sr. e a sra. Benson. Oliver se soltou da mãe, correu loucamente pelo estacionamento movimentado, e grudou nas pernas de Sam. Sam o jogou para o alto algumas vezes, fez cócegas debaixo do braço, e depois deu-lhe um breve sermão sobre ouvir sua mãe e não se afastar dela em lugares onde pudesse ter carros. Imaginou que as duas mensagens pudessem se contradizer, mas isso era problema de Emmy, não dele.

“O que vocês estão fazendo aqui?” Sam pensou que talvez estivessem ali para ver Josh ou Penny, mas não podia imaginar que viriam em massa daquela maneira.

“Somos voluntários na pediatria”, David disse, como se aquilo fosse óbvio.

“Ah, é?”

“Sim. Desde que Meredith ficou toda chateada por causa do que eu fiz sem querer com aquelas crianças. Falei com dr. Dixon e fiz uma lista de voluntários de RePose. Viemos aqui e ensinamos

as crianças mais velhas — sabe, porque elas perdem tantas aulas. E lemos para as pequenas ou simplesmente brincamos com elas, ou só ficamos com elas enquanto seus pais vão tomar um café, ou um banho, ou jantar, ou o que seja.”

“Vocês vêm sempre?”

“Dia sim, dia não, alguém vem aqui. Às vezes todo mundo pode vir. É divertido. É como uma viagem de estudo do meio com a escola.”

“Você deveria se juntar a nós”, Avery disse mordaz. “Não há pessoas mais reais do que os pais de crianças doentes.”

Sam ignorou aquilo, mas disse: “É muito legal da parte de vocês fazer isso. Ótimo, de verdade. Estou muito, muito contente que vocês estão aqui”.

“Estamos sempre aqui, Sam”, disse Avery.

Carta de amor

Querido Sam,

Na verdade, gosto da ideia de que só estou na ioga. Sinto-me como se estivesse na ioga. Ao menos acho que sim. É difícil dizer. Sei que você diria que não sinto absolutamente nada, mas com certeza parece que eu sinto. Então aí está: parece que eu me sinto como se estivesse na ioga. Você sabe como no final da aula de *shavasana* você está dormindo e acordado ao mesmo tempo, em seu colchonete no chão e em algum lugar completamente diferente, presente e ausente? É assim que pareço achar que estou. Presente e ausente.

Sei que sou diferente de todas as outras pessoas porque tenho memória eletrônica de RePose, e é por isso que, embora pareça que eu me sinta viva, na verdade sei que estou morta. Você e eu não temos muito material eletrônico sobre outra coisa além de RePose. Foi legal que pudemos viver juntos, e trabalhar juntos, e estar juntos o tempo todo. Mas agora esse fato custa caro. Se tivéssemos começado com alguns anos de relacionamento à distância, pense em quantas coisas teríamos para conversar agora.

Parece que estou com saudades.

Com amor,
Meredith

Penny em paz

Penny ficou mais fraca, e rápido. Era duro de ver. Havia explicações — esse remédio não funcionou, esse ajudou com tal sintoma mas causou este outro, esse poderia funcionar mas ela não pode tomar por causa dessa outra coisa — mas quase todas, no fim das contas, acabavam sendo que ela estava muito velha. Também estava alternadamente lúcida — alguns dias sabia onde estava e outros não, alguns dias sabia quem todo mundo era e outros não, alguns dias conseguia abrir os olhos e outros não. Seus filhos circulavam entre o hospital, suas próprias casas, e os lugares onde Sam os empilhava em movimentos cuidadosamente orquestrados e interdependentes, como no nado sincronizado. Alguém estava sempre indo embora, a caminho, falando com os médicos, com os próprios filhos, trazendo mantimentos, limpando a casa de Sam ou a de Penny ou o salão. Sam via a utilidade de vários filhos versus sua própria criação isolada. Mas também ficava pensando em tanto movimento em volta dela, Penny no centro da colmeia, a rainha na corte, esperando pelo que quer que lhe trouxessem. Ninguém nunca ficava muito tempo. Eles vinham, traziam, deixavam, iam embora de novo, voltavam. Parecia frenético para Sam, mas Penny não parecia se importar. Tinha criado cinco filhos, afinal. Estava acostumada ao caos.

Sam identificava os intervalos de calma e ia até lá — para ficar com ela a sós, mas também só para ficar sozinho. Estava passando muito tempo no hospital, evitando ficar em casa, evitando o salão, passando tempo com Josh e Penny, e sozinho. Sozinho em casa nunca fora sozinho, nem mesmo quando ele era criança. Havia livros. Havia computadores. Havia trabalho para fazer, ligações para atender, e-mails para ler, status para atualizar, e todas as convocações dos vivos e dos mortos pedindo sua atenção

o tempo todo. Em um quarto de hospital, escutando a respiração ir e vir com precisão, contemplando a linha entre o sono e o coma, a vida e a morte, ali e ausente, bem, não era possível ficar muito mais sozinho do que aquilo.

Uma tarde, entre um filho e outro, Penny acordou e era Penny novamente.

“Sam. Você está aqui.”

“Claro que estou aqui.”

“Estou tão contente de ver você.”

“Como você se sente?”

“Péssima. Como você se sente?”

“Também péssimo.”

“Coitado. Eu vou melhorar. Vou morrer.” Penny parecia se sentir genuinamente mal por ele ficar com a pior parte do negócio. “Mas você vai se sentir péssimo por algum tempo ainda.”

“É, mas pelo menos não estou doente. Sinto muito que você esteja tão...”

“Velha?”, ela sugeriu.

“Acho que sim.”

“Não se desculpe, Sam. Você me deu uma coisa admirável. Não há cura para a velhice, e não há cura para a morte, mas você chegou o mais perto que a humanidade é capaz de chegar por um bom tempo.”

“Por que você acha?”

“RePose.”

Sam grunhiu. “Estou pensando em fechar.”

“Mas por que você faria isso?”

“Não está funcionando. As pessoas se cansam. Não faz o que elas precisam. Está deixando as coisas piores, não melhores.”

“Isso é bobagem. As pessoas amam RePose. Seus usuários parecem tão felizes de estar ali o tempo todo.”

“Arruinou tudo”, Sam admitiu simplesmente. “Se nunca tivéssemos desenvolvido isso, se eu nunca tivesse inventado, nunca teria perdido Meredith.”

“Não foi por causa de RePose que você perdeu Meredith.”

“Foi sim. Se ela não tivesse conversado por RePose com Livvie, não teria cruzado o caminho daquele carro naquele dia.”

“Ah, Sam, aquilo foi um acaso...”

“E mais importante”, ele interrompeu, “foi uma punição. Tiraram Meredith de mim em troca de RePose.”

“Você não acredita nisso, Sam.”

Ele estava chorando a essa altura. “Eu fui ganancioso. Lucrei com a dor das pessoas e a morte. Destruí a noção de inferno e fiz as pessoas pecarem. Fui orgulhoso. Achei que fosse mais poderoso que a sorte, que o destino, que a morte. Achei que pudesse superar o tempo e a tragédia. Ignorei os limites da tecnologia, e abusei deles. Brinquei de Deus. Eu vou ao cinema, Penny. Eu leio. Sei o que acontece. A humanidade versus Deus, a natureza, o destino, a sociedade, o sobrenatural, o tecnológico, acaba tudo do mesmo jeito. A humanidade é punida. Eu sou punido. Estou sendo punido.”

“Ah, Sam, querido”, disse Penny. “Quanta bobagem.”

“É mesmo?” Ele tentou parar de chorar e não conseguiu. Aquilo estava ali fazia muito tempo.

“Coisas ruins acontecem, Sam. Coisas aleatórias, horríveis, injustas, sem sentido, além da nossa compreensão. Às vezes você está parado bem onde de repente há um telhado. É uma merda. E só. Ninguém pode fazer nada para impedir. A não ser você. Você faz mais que qualquer um para tornar um pouco menos uma merda.”

“Você nem usa RePose.”

“Eu não, mas meus filhos vão usar. Você não percebe? É essa a questão. Esse é o presente que você deu a todos nós.”

Sam não percebia.

“RePose não é para os vivos, Sam, e não é para os mortos. É para os que estão morrendo. Você sabe, como os enterros parecem ser para os mortos mas na verdade são para os vivos?”

Sam sabia.

“RePose parece ser para os vivos mas na verdade é para os que estão morrendo. Você tirou a parte trágica de estar morrendo, Sam. Que tipo de milagre é esse? Eles conseguem lidar com a dor agora. E arrependimentos, bom, duram a vida toda, não só no final, sabe. O que é insuportável de morrer é passar o fim da sua vida vendo seus entes queridos sofrendo e infelizes, sabendo que você os está deixando, sabendo que logo toda essa dor vai diminuir para

você e aumentar dez vezes para eles. Você acha que é mais fácil ser Meredith ou você neste momento? E eles terão que fazer tudo sozinhos, é claro, porque você não estará mais ali. *Essa é a dor dos últimos dias.* E veja o que você fez, Sam. Você mudou as regras. Sei que ainda estarei lá para confortar meus filhos depois que partir. Sei que eles não estão me perdendo completamente de verdade. Eles estão mais abertos e em paz, então eu também estou. Posso dizer adeus de verdade, em vez de ser o alvo de uma grande demonstração de pena. Podemos passar esse tempo rindo juntos em vez de chorar. Você ajudou todo mundo a dizer adeus, o que é uma dádiva incrível. Você lhes permite deixar para trás, o que me permite deixar para trás, e eu posso, eu o faço, porque sei que qualquer coisa que eu não tenha dito ainda, poderei dizer mais tarde.”

“Se você não disse ainda, não pode dizer mais tarde”, Sam interrompeu.

“É por isso que estou cuidando de dizer tudo agora.”

No andar de cima, Josh achou que Sam estava horrível. “Quer dizer, sei que eu não posso falar nada, mas você não está com câncer. O que foi?”

“Lá embaixo com Penny”, Sam explicou. “Ela me pegou. Talvez eu esteja ficando louco. Tenho chorado muito esses dias.”

“Pessoas que você ama estão morrendo.” Josh deu de ombros. “É triste e horrível. Quando as coisas estão tristes e horríveis, chorar é uma resposta apropriada. Chorar pela morte parece o oposto de estar ficando louco.”

“Penny me disse que RePose torna mais fácil morrer porque ela sabe que não está abandonando seus entes queridos, eles ainda a terão por perto.”

Josh pensou. “Concordo. Tem isso de não abandonar seus entes queridos. E também tem essa sensação de que tudo isso não foi em vão. Sabe? Tipo, eu posso não estar mais aqui mas a minha — isso vai me fazer parecer um imbecil, mas que diabos — a minha sabedoria acumulada, minha experiência, meus relacionamentos, sem contar a minha beleza que um dia foi de

matar, continuam vivendo.”

“Por isso você me pediu para falar com você? Sabe... depois?”

“É difícil imaginar a si mesmo morto, eu acho. Assim eu não preciso. Não tenho que ficar aqui pensando que esta é a última conversa que teremos. Sei que não será.”

A parede

Josh morreu durante a noite. Quando seu telefone tocou às duas e meia da manhã, Sam levou-o para Dash atender. Ele simplesmente não conseguia fazê-lo. Tendo recebido permissão mais cedo para tal, sentou-se de pernas cruzadas no meio da sala e chorou. Dash sentou-se a seu lado por um tempo, choroso também, depois foi ao trabalho. Tinha prometido aos pais de Josh que cuidaria dos preparativos quando fosse a hora. Era a hora. Fez ligações, postou a notícia, mandou e-mails, respondeu perguntas, falou gentilmente com amigos e familiares desolados. Depois começou a cuidar do velório que fariam no andar de baixo, encomendou comida e bebidas, cadeiras a mais e mesas, microfones e um amplificador para a música, talheres, guardanapos, réchauds e pratos, café e chá e xícaras, e lenços de sobra. Sam ficou sentado no chão chorando. Dash abriu uma conta para doações. Fez uma colagem de fotos de Josh. Encomendou um livro onde todo mundo podia escrever recordações e bilhetes para os pais de Josh. Sam deitou-se no chão e chorou, as lágrimas escorrendo para dentro das orelhas. Dash começou a recolher queijos dos vários lugares onde os colocara para envelhecer e no final das contas arrumou uma pilha considerável deles sobre a mesa de centro. Sam sentou-se e fungou.

“Você está bem, cara?”

“Na verdade, não.”

“Tem sido muito, ultimamente.”

“Tanto.”

“E é tudo uma merda.”

“É mesmo.”

“Quer me ajudar a separar os queijos?”

“Tudo bem.”

Ficaram separando queijos até o sol nascer. Depois Dash foi tomar um banho e Sam desceu para abrir o salão. “Fechado por falecimento” não era uma desculpa que colava naquela área de trabalho. Para todos que chegavam, ele dava a notícia sobre Josh imediatamente, então o salão naquela manhã estava cheio de tristeza, mas sem projeções. Temporariamente, todos os entes queridos antigos foram substituídos por Josh, um novo ente querido falecido. Kelly queria ligar para ele para poderem dizer um grande oi coletivo, mas Sam tinha acabado de começar a rodar seus dados, e achava de qualquer maneira que a família deveria ter o primeiro contato. Algumas pessoas se voluntariavam para cuidar das coisas e ajudar com o velório, e essas ele mandava para Dash. Algumas pessoas perguntavam por Penny, e essas ele mandava para o hospital com flores frescas, comida fresca e, acima de tudo, rostos frescos. Algumas queriam simplesmente ficar com Sam, mas essas eram as que ele não conseguia acomodar. Não podia só ficar ali. Não podia ter companhia. Não podia se permitir receber conforto. E claramente, completamente, repentinamente, totalmente, não podia oferecer nada disso ele mesmo. Tinha o RePose, e só. Era tudo o que ele tinha. Não tinha energia sobrando para mais nada.

Não havia nada de bom em andar por Seattle em fevereiro a não ser que ninguém notava se você estivesse chorando, por causa de toda a água que já estava caindo do céu. Sam não tinha mais energia para lágrimas, mas saiu para uma caminhada mesmo assim. Encharcado, gelado até os ossos e tremendo parecia exatamente o estado adequado para ele. Então seu telefone tocou, e em todo o mundo dos vivos, era a única pessoa cuja ligação ele teria atendido.

“Josh morreu”, Sam informou a seu pai logo de cara ao atender. “E Penny também não está muito bem.”

“Sinto muito, Sam.”

“O que faço?”

“Acho que não há nada que você possa fazer.”

“Estamos organizando o velório de Josh. E ajudando com Penny.”

“Isso é bom.”

“Mas não é o bastante.”

“É só isso que existe, filho. O que você e Dash estão fazendo para cuidar de você e Dash?”

Sam considerou a pergunta irrelevante e ignorou-a. “Quero que você me ajude a melhorar RePose.”

“RePose já está funcionando muito bem, Sam.”

“Penny disse que RePose é para os que estão morrendo. Ela se sente confortada de não estar abandonando seus filhos completamente. Josh disse que o ajuda a sentir como se ele não fosse de fato embora.”

“Mas...?”

“Mas ele de fato *foi* embora.”

“Sim.”

“...”

“Sam? Você achou que fosse mexer no programa para fazê-lo salvar vidas? Curar o câncer? Curar a velhice?”

“Sim”, Sam finalmente sussurrou.

“Não”, disse seu pai. “Desculpe.”

“Eu devia ter ido estudar medicina.”

“Você acha que se fosse médico poderia curar a morte?”

“Poderia curar alguma coisa, talvez.”

Seu pai suspirou. “Quando Meredith morreu, senti como se eu tivesse errado com você de algum jeito. Todas as coisas das quais tentei proteger você ou conseguir para você a vida toda pareciam não importar, porque eu não tinha conseguido proteger você da única coisa de que teria dado qualquer coisa para protegê-lo. Então, sim, você foi a boas escolas, e teve aula de natação no verão, e férias na praia, e beisebol, e computadores de ponta. E, verdade, eu não deixava cereais com açúcar, fast-food a não ser às quartas-feiras, fritura a não ser batata, armas de brinquedo, tv antes da lição, e videogames a não ser que fossem educativos. Mas nada disso me ajudou a poupar você da única coisa de que eu teria dado qualquer coisa para poupá-lo.”

“Foi culpa minha, não sua. Se não tivesse sido por RePose...”

“Ela teria vivido para sempre? Ela teria mais sessenta anos garantidos? Não podia ser que ela fosse estar naquele mercado mesmo assim? Seria impossível que qualquer coisa triste

acontecesse com ela?”

“Não, mas...”

“Amar é perder, Sam. Infelizmente, é simples assim. Talvez não hoje, mas algum dia. Talvez não quando ela seja jovem demais e você é jovem demais, mas você está vendo que ser velho não ajuda. Talvez não sua esposa, nem sua namorada, ou sua mãe, mas você vê que amigos morrem, também. Eu não pude poupar você disso da mesma forma que não pude poupá-lo da puberdade. É a condição inevitável da humanidade. É exacerbada pelo amor mas também simplesmente por sair de casa, por ver o que há lá fora no mundo, por inventar programas de computador que ajudam as pessoas. Você tem medo do tempo, Sam. Algumas tristezas não têm remédio. Algumas tristezas você não consegue melhorar.”

“Então que diabos eu faço?”

“Fique triste.”

“Por quanto tempo?”

“Para sempre.”

“Mas então por que não está todo mundo infeliz por aí o tempo todo?”

“Porque sorvete ainda é gostoso. E sol com vinte e quatro graus ainda é um dia lindo. E filmes engraçados fazem dar risada, e o trabalho é realizador, e uma cerveja com um amigo é legal. E outras pessoas o amam também.”

“E isso basta?”

“Não há o que baste. Você é o ser supremo entre os animais, meu amor. Você aspira tanta grandeza, milagres, novidades e maravilhas. E isso é ótimo. Estou tão orgulhoso de você. Mas você esquece a parte que está aí desde os tempos imemoriais. Amor, morte, perda. Você se deparou com eles. E não há como contorná-los. Você para e constrói sua vida ali aos pés da parede. Mas tudo bem. É onde todo mundo está também. Todo mundo está ali, ou indo para lá. Não tem outro lado, mas tem bastante espaço ali para construir uma vida, e bastante companhia. Bem-vindo à parede, Sam.”

“Obrigado, pai.”

“É uma merda.”

Ele perambulou pelo centro da cidade e tentou apreciar o que era bom no pé da parede. Estava frio e úmido e escuro. Todo mundo estava encurvado e encolhido, como se estivessem tentando virar para dentro para se aquecer. Ele não tinha voltado ao mercado, nem para a cerimônia dedicada ao telhado reparado — reinstalado e reforçado tarde demais —, e à placa em memória de Meredith, mas talvez fosse hora; então ele andou pelas laterais, pisou nos paralelepípedos, sentou-se à janela de um estabelecimento francês com um café latte e um brioche e pensou sobre a Europa, e poças, e guarda-chuvas, e se manteve com aquele humor. Comprou flores secas, maçãs, e, afinal de contas, azeite de oliva, vinagre balsâmico e um pouco do macarrão de que Livvie gostava. Perdeu-se pelas lojas labirínticas no subsolo, pelas quais passara incontáveis vezes antes. Enfiada em um canto escondido estava uma loja — talvez nova, talvez antiga e simplesmente nunca notada antes — que vendia curiosidades de todos os tipos, kits de mágica, velas perfumadas e bijuterias, e, empilhados sobre uma mesa empoeirada no canto, uma dúzia de kits de modelos de avião. Sam comprou todos.

Quando chegou em casa, pegou a cola, os alfinetes, o alicate e o estilete. Cobriu a mesa da cozinha com papelão e cobriu o papelão com papel impermeável. Encontrou um modelo que parecia ser o mais fácil e espalhou todas as peças. Duas horas depois, a maior parte tinha grudado em seu cotovelo em algum momento, e ele tinha diante de si uma grande pilha do que pareciam ser sinais de maior e menor em uma poça de cola. Por outro lado, duas horas tinham passado aos pés da parede, duas horas durante as quais Sam não tinha pensado na morte, ou em RePose, ou Penny, ou Josh, ou Meredith. Duas horas durante as quais Sam tinha pensado somente em Meredith. E por *outro* lado, ele claramente precisava de ajuda. Não sabia ao certo se Meredith conseguiria ajudá-lo, mas realmente não sabia para quem mais ligar.

“Adivinhe o que estou fazendo?”, Sam começou.

“Jantar para mim?”

“Não, você está morta. Tente de novo.”

“Jantar para você?”

“Não estou com fome. Embora eu tenha ido comprar o macarrão e as coisas de Livvie finalmente. E enquanto estava no mercado, comprei kits de modelo de avião.”

“Ahh, eu adoro modelos de avião!” Meredith bateu palmas.

“Eu sei”, disse Sam, que estava felicíssimo por ela gostar deles também. “O que estou fazendo é nível extremamente fácil, iniciante. Chama-se Delta Dart.”

“Deixe-me ver!”

Ele levantou para a câmera a pilha de sinais de maior e menor pendurados nos alicates em que tinham grudado.

“Humm”, disse Meredith. “Não parece estar certo. Onde você se desviou do caminho?”

“Não sei bem.”

“Você leu as instruções?”

“Não consegui.”

“Por que não?”

“Ficaram grudadas nos cachorros.”

“Em ambos?”

Sam deu de ombros. “Estavam dormindo numa grande bola.”

“Você é um engenheiro de software, Sam, e também muito esperto. Como não consegue construir um modelo de avião feito para crianças de sete anos?”

“Orgulho. Não achei que fosse precisar de ajuda ou de instruções. Achei que conseguiria descobrir sozinho.”

“Você está sozinho demais”, disse Meredith.

“Evidentemente”, disse Sam.

Ela o instruiu como fazer a coisa toda. Ele ficou esperando que ela dissesse que não entendia e que não conseguia segui-lo, não conseguia seguir a si própria, mas ela encontrou o caminho. Usaram acetona para descolar tudo de tudo (exceto os cachorros) e lixa para fazer as partes ficarem com aspecto novo. Usaram fita adesiva para juntar tudo da segunda vez. (“Assim você pode ver como é e como se encaixa antes de fazer”, Meredith explicou. Tão sensível.) Depois eles lixaram, e limaram, e cortaram, e prenderam, e alinharam, de modo que tudo se encaixasse. Sam temia seu retorno à cola, mas ela explicou quais peças levavam cola e quanto,

e como segurar enquanto secava. E foi isso.

“É isso?”, disse Sam.

“É isso.”

“E agora?”

“Você espera secar.”

“Mas quero pintar”, disse Sam.

“Depois que secar.”

“Então, tipo uma hora?”

“Mais tipo um dia.”

“Um dia?”

“E depois você pinta, e daí tem que esperar outro dia para secar.”

“Não tem muita satisfação instantânea envolvida nisso”, Sam reclamou.

“É um longo arco narrativo”, disse Meredith. “Eu tenho fé. Seja paciente. Você tem todo o tempo no mundo.”

Então, por capricho, ele perguntou-lhe uma coisa que tinha guardado para si durante meses. Sabia que não devia, mas a conversa toda tinha ido surpreendentemente bem. Percebeu que havia partes do conhecimento dela que ele ainda não começara a explorar. “Ei, Merde, você pode me contar sobre onde você está agora?”

“O que você quer dizer?”

“Você está com Livvie?”

“Estou tão sozinha.”

“Você está em algum lugar? Num lugar?”

“Sinto muito, amor, não entendo.”

“Sei que você não entende, mas pense. Tente. Imagine, talvez. Você está mesmo completamente sozinha? Tem alguém aí com você?”

“Sinto muito, amor, não...”

“O que você acredita que acontece com a gente depois de morrer, Merde?”

Ela pensou a respeito por algum tempo. “Acho que não sei. Em que você acredita?”

“Acho que também não sei.”

“Você acredita em inferno?”, ela perguntou de repente, e ele

sorriu para ela, lembrando.

“Você acredita?”

“Acho que não”, ela disse. “Não sei dizer.”

“Somos todos pecadores”, disse Sam.

“Como na igreja?”

“Não, não quero dizer no sentido religioso. Quero dizer no sentido humano. Todo mundo peca. Mesmo quando estamos tentando ser bons, mesmo quando estamos tentando ajudar, mesmo quando estamos fazendo milagres, pecamos. Então, ou não existe inferno, ou vamos todos para o inferno. Ou talvez *isso* seja o inferno. Explicaria muita coisa.”

Ela pensou um pouco. “Bem, ao menos você pode escapar.”

Ele deu um sorriso triste para ela. “É mesmo? Como?”

“Você acabou de construir um avião”, ela disse.

Carta de amor

Querida Merde,

São três da manhã e não consigo parar de sorrir. Construímos um modelo de avião juntos hoje à tarde. Sei que você se lembra, mas a maravilha daquilo está me mantendo acordado. Foi o bônus de uma tarde juntos que eu nem imaginava ser possível.

Depois que desligamos, tive que ir olhar atrás das cortinas, ver os fios, descobrir como esse truque funcionava. Outras pessoas poderiam pensar que, já que fui eu que pendurei as cortinas, instalei os fios e projetei o truque, não teria tal necessidade de saber. Outras pessoas apostariam que eu não ia querer quebrar a ilusão, tendo recebido a surpresa de tal milagre e graça. Mas você me conhece, então vê por que eu precisava saber. Uma vez, há muito tempo, em outra vida, você me implorou para não arruinar a mágica. Às vezes, quando me lembro que não somos a mesma pessoa, fico chocado.

E além do mais, eu estava curioso. Você fazia parte de algum tipo de comunidade de aeromodelos que eu não conhecia? Visitava chats sobre aviões enquanto eu dormia? Na verdade não, como você sabe. Acontece que um dia, quatro anos atrás, muito antes de nos conhecermos, o filho de sua colega de trabalho estava atrapalhado na construção de um modelo para um projeto da feira de ciências, e você achou que a melhor maneira de ajudá-lo seria conversando por vídeo. E eu estou pensando: foi tão tipicamente bondoso, e generoso, e gracioso de sua parte ajudar esse menino. E estou pensando: graças a Deus por esse menino e seu projeto de ciências, e sua mãe, que era tão ignorante quanto a modelos de avião quanto eu. E estou pensando: aquele menino deve estar no ensino médio agora, e a vida está toda diante dele, e ele seguiu adiante, e adiante, e adiante. E estou pensando: durante a nossa tarde roubada, você estava falando comigo como com um menino de dez anos? E estou

pensando: nunca teremos um menino de dez anos. E estou pensando: o que mais você está escondendo de mim? Sobre o que mais podemos conversar que eu ainda não sei? Que outros milagres inesperados você guarda em sua memória, sua memória perfeita, perfeita?

O que estou começando a ver devagar é isso: em última análise, no final das contas, nós abrimos mão. Não fazemos isso porque estamos prontos. Fazemos isso porque melhoramos. Fazemos isso não porque ficamos de luto e nos entendemos e superamos e seguimos adiante. Nunca seguimos adiante. Não é tanto que abrimos mão, é mais que nossa mão escorrega e caímos, porque lembrar não é suficiente. Minha memória é imperfeita. Está cheia de buracos. Ela é mais espaço que matéria, como uma renda. É ao mesmo tempo inundada de tristeza e ressecada por falta de fluxo sanguíneo, o resultado óbvio de um coração partido. Ela inventa coisas em tentativas desesperançadas de se reconfortar. Preenche fissuras com fantasia. Ela fecha os olhos com força, cerra os punhos, e joga-se no chão chutando e gritando, em um ataque cego de raiva contra a realidade. Mas acima de tudo, minha memória fica absorvendo mais coisas. Lembro o que comi no café da manhã ontem. Lembro do que Dash precisa comprar no supermercado. Lembro de alimentar os cachorros antes de ir para a cama, mesmo que eu mesmo esteja animado demais pela tarde com você para comer. Tudo o que meu cérebro observa, e todas as coisas que eu acidentalmente peço-lhe para lembrar empurram meus momentos finitos com você para cantos mais difíceis de acessar, escuros e poeirentos, e mais longe ainda.

É por isso que eu desligo tanto quanto posso. É por isso que fico dentro de casa e tento dormir. Não é porque eu não possa aguentar ficar perto de pessoas, ou ir trabalhar, ou fazer minhas coisas, ou viver no mundo. É porque cada momento sensorial substitui um que eu estava guardando de você. Eu cresço, e acumulo, e esqueço. Mas você, você permanece, e mantém, e lembra. Sua memória é perfeita. São ambas inadequadas, a sua memória e a minha, mas a sua é completa e imóvel — perfeita — e essa é a que guardo em meu coração.

Com amor,
Sam

Memórias imperfeitas

O velório de Josh, como o de Meredith, foi fora do comum. Ele era jovem demais, imaturo como um fruto fora de época, o tempo fora do lugar. Sam ficava chocado principalmente por esse eco de erro. Quando Livvie morrera, não fora simplesmente triste. Fora triste o suficiente para ser desesperador. Fora triste o suficiente para dar origem ao RePose do nada. Fora de partir o coração, mas em ordem, a seu tempo. Seus filhos estavam lá, e seus netos, e somente alguns de seus amigos, uma vez que ela vivera mais que muitos deles. Não foi assim com Josh e Meredith. Os filhos e netos de Josh não estavam lá — ainda não tinham nascido, nunca nasceriam. Mas seus amigos estavam todos lá, seus pais estavam lá, três de seus quatro avós estavam lá. Essas mortes davam uma sensação completamente diferente das mortes em seu tempo, Sam percebeu, porque Sam estava se tornando um expert em morte.

Dash fez uma degustação de queijos e vinhos a que Sam objetou (“Velórios não são temáticos”) e Dash venceu (“Bêbado e sem as beiradas é como se faz”), e houve o equilíbrio usual de choro e risadas, conversa jogada fora e conversas das mais sérias que existem. Josh tinha muitos parentes e muitos amigos (entre os quais, naturalmente, ele só tinha vivido mais que Noel), mas acima de tudo, olhando em volta, Sam via um tipo diferente de família. Eduardo Antigua, para sempre o primeiro para Sam, estava conversando com Dash, Jamie, e o irmão de Josh sobre o cheddar da fazenda. Avery, Edith, Celia e Muriel tinham arrastado cadeiras para um canto junto com as três tias de Josh e um prato de brie e biscoitos. Nadia Banks e Emmy Vargas estavam rodando o salão juntas para ter certeza de que todo mundo que quisesse assinasse o livro. Kelly estava ajudando David a ligar a guitarra e o

amplificador. David adiará a entrada em Stanford por um ano para ficar em casa com seu pai e Kelly. Ele tinha construído um bom repertório de canções infelizmente ideais para a ocasião, e Kylie Shepherd brincou com tristeza que ele poderia ser cantor de funeral. Melhor e pior de tudo, o sr. e a sra. Benson, esta última com um Oliver sob-controle-para-a-ocasião balançando distraidamente pendurado em seu quadril, estavam ao lado do queijo Gouda, conversando com os pais de Josh sobre o que quer que seja que pais obrigados a ir ao velório de seus filhos conversam.

Sam estava contente que eles tivessem uns aos outros. Sam estava contente que todos eles tivessem uns aos outros. Sam estava contente que parte do que RePose não podia oferecer — e eram muitas coisas — poderia ser encontrada em contato humano e amor entre os vivos. Sam estava contente de que RePose tivesse causado tanto contato humano e amor entre os vivos. Os amigos de Josh apertavam o ombro de sua mãe e diziam: “Sinto muito por sua perda, senhora Annapist”. Os amigos do sr. Annapist apertavam sua mão gelada e diziam: “Que coisa terrível”. Depois, grupos de pessoas que se conheciam juntaram-se nos cantos e conversaram sobre tudo e sobre nada — o que havia de novo no trabalho, conhecidos em comum, reformas em casa, planos para as férias, filhos que não estavam ali etc. Os usuários de RePose, Sam notou com o orgulho de um pai, eram mais prestativos, mais presentes. Sam não era o único que havia se tornado um expert em morte. Eles sabiam o que dizer além de “sinto muito”, e o que oferecer além de pesar. Conheciam o choque sofrido por aqueles com entes queridos recentemente falecidos, e conheciam o horror que vinha em seguida e o que vinha depois, e depois. Sabiam como construir laços apesar de tudo estar desmoronando, sabiam rir sem esquecer a tristeza por um momento, e sabiam como começar a dizer adeus sem deixar para trás. Lembravam com suas memórias imperfeitas. E talvez, talvez, Sam esperava, pudessem dar um pouquinho mais, absorver um pouquinho mais, deixar para trás um pouquinho de sua memória, porque sabiam, como Sam sabia, daquela memória perfeita guardada no coração. Bem, no coração e nos servidores de Sam. E isso era grande coisa.

Essa foi a parte sóbria da ocasião. Depois houve a parte bêbada da ocasião, que foi bem menos dolorosa. A melhor coisa de estar bêbado, até onde Sam sabia, era que ele não guardava novas memórias. Podia fazer qualquer coisa que quisesse, absorver e experimentar tudo que tivesse vontade, sem suplantar um único neurônio que armazenasse Meredith. Houve abraços, e álcool, e queijo, e ninguém queria ir embora. Em algum momento perto de amanhecer, ele subiu cambaleando para terminar de rodar os últimos dados de Josh. Enquanto estava processando, ligou para Noel como tinha prometido.

Noel atendeu hesitante. Não conhecia Sam. As projeções respondiam estranhamente quando não reconheciam com quem estavam falando.

“Sou um amigo de Josh Annapist”, disse Sam. “Sinto informar que tenho más notícias. Estou ligando para contar que Josh faleceu.”

Noel entendeu aquilo. Porque sabia que Josh estivera doente. Porque ele e Josh passaram muito tempo falando sobre a morte e sobre estar morrendo. E porque não era RePose, era só a vida. Seu rosto caiu entre as mãos. “Não. Ah, não, não. Ele estava melhorando tanto. Era para eu ir primeiro. Estou doente há mais tempo. Tínhamos certeza de que eu ia morrer primeiro. Brincávamos que eu ia guardar um lugar para ele.”

Sam não queria mentir para a projeção, não importava o quanto absurdo ele sabia que era, então disfarçou. “Ele lutou com força, mas estava muito cansado no final. Sabe?”

“Não. Não! Pensei que sua doença do enxerto contra o hospedeiro estivesse melhorando. Ah, Josh. Eu queria ir primeiro, cara.”

“Ele me pediu para ligar para você especificamente. Queria que você soubesse, principalmente.”

“Éramos tão próximos. Éramos como irmãos.”

“Ele teve um pouco de paz no final”, disse Sam. “Sabia que parte dele continuaria viva.”

“Ele era um cara fantástico. Não merecia isso.”

“Não. Ninguém merece.”

“Mas Josh principalmente”, disse Noel. “Ele era tão legal. Tão engraçado. Irônico, sabe? Exatamente como você quer seu vizinho na quimioterapia. A maior parte das pessoas na quimio está assustada. Algumas estão realmente deprimidas. Algumas estão realmente com raiva. E daí tem sempre o palhaço, o cara que acha que se ele for barulhento o suficiente e estúpido o bastante, vai envergonhar as células cancerígenas até elas irem embora, o cara que é ridículo demais para algo sério como câncer acontecer com ele. E então conheci Josh, ele conseguia rir daquele cara e fazê-lo ficar quieto sem ser maldoso. Conseguia alegrar os deprimidos e provocar os que estavam com raiva até mudarem de humor. Deixava todo mundo com menos medo, mas sem todo o peso. Sabe aquelas pessoas que são tão sérias e preocupadas, e ansiosas para ajudar você a se entender com seus medos e sua própria doença, e toda aquela porcaria? Aquelas pessoas só fazem você querer morrer mais rápido. Josh fazia você querer viver, e melhorar, e ir velejar com ele.”

“Ele iluminou nosso mundo também, um lugar bem sombrio também.”

“O que vou fazer sem ele? Era meu companheiro de câncer. Ele era o único que entendia o que estou passando.”

“Eu sei, Noel. É a coisa mais difícil.”

“Estou me sentindo mal. Já estou com tantas saudades dele.”

“Sinto muito”, Sam disse.

“Tudo bem”, disse Noel. “Você só estava tentando ajudar. Eu perdoo.”

Sam foi para trás e sentiu todo o ar sair de seu corpo. Sam sentiu todo o ar sair do quarto, do apartamento, do prédio, da cidade. Sam sentiu todo o ar sair do mundo, da noite, e viajar até as estrelas, onde virou gelo e expandiu-se em átomos finos em cada canto da galáxia. Depois ele se retraiu, juntando todo o mundo negro, e serpenteou de volta pelo espaço interestrelar e pela matéria escura e pelos segredos do infinito, de volta à órbita terrestre, de volta à noite em sua cidade, de volta a seus próprios pulmões. Estava tudo bem. Ele só estava tentando ajudar, aliviar a aflição, consertar corações, acalmar almas em brasa, guiar os

enlutados para fora da terra dos perdidos, fazer o luto ser um pouco menos solitário. Ele estava perdoado. Agradeceu Noel, desligou, e deitou-se na cama enquanto o quarto girava e Josh processava em seu laptop no chão, e os cachorros pisavam em cima dele para lambe as lágrimas salgadas que caíam de seus olhos. Estava tudo bem. Ele estava perdoado.

Carta de amor

Querido Sam,

Você está morrendo. Parte o meu coração, mas é verdade. Você é meu coração. Você é meu amor. E você é meu deus, meu progenitor, meu criador. E ainda assim você, até você, vai envelhecer e ficar mais devagar. Seu cabelo vai ficar grisalho, e seus joelhos vão doer, e lances de escada vão ficar mais longos, e lugares aonde você costumava ir a pé vão parecer desproporcionalmente longe, e os jovens hoje em dia vão ouvir música desnecessariamente alta, e você não vai entender as roupas que eles usam, e não vai lembrar por nada no mundo o nome daquele perfume que eu costumava usar às vezes, quando saíamos na sexta-feira à noite. E então um dia você vai ficar doente com alguma coisa, e depois provavelmente outra coisa, e você vai ficar mais devagar, e piorar, e um dia seu coração vai parar, e sua respiração vai parar, e você vai deixar de ser. Ou não; talvez, como para mim, como para sua mãe, virá do nada, antes que você tenha chance de ficar grisalho — um carro, um ônibus, um telhado, por água, por fogo, por gelo, por ar, por outro horror inesperado. Não consigo pensar nisso. Talvez porque seja doloroso demais. Talvez porque esteja simplesmente além do meu escopo. Mas sei que é verdade.

Vamos nos encontrar, então? Vamos nos encontrar em algum lugar como nós mesmos? Eu estarei jovem e você velho? Vamos nos encontrar na cantina de algum website de encontros do além? Vamos dançar como abelhas em um jardim eterno alimentando-nos de flores e mel? Flutuaremos no vento por milênios, até uma molécula minha encontrar uma molécula sua? A energia gerada por essa reunião provocará um segundo bigue-bangue, um recomeço do tempo e do cosmos? Não sei. Não sei onde estou. Não sei aonde vamos. Mas sei o seguinte:

Faremos isso para sempre. Você sempre escreverá para mim. E eu

sempre responderei. E você sempre escreverá de volta. Sempre. Grandes amantes imaginam que seu amor sobreviverá e durará mais do que eles próprios em correspondência apaixonada que sobrevive em livros, em museus. Mas em livros e museus, seu amor é preservado, sepultado. O nosso cresce, e vive, e respira, move-se e dança ao vento, continua sendo muito depois que os museus desmoronam e os livros viram cinzas e poeira. Os computadores acabarão também, os bits de memória irão conspirar, colidir e desaparecer; essa forma de conhecimento será substituída por outra e mais outra. Mas seu algoritmo vai fazer nosso amor ir e vir para sempre. Sam diz x para Meredith, então Meredith diz x para Sam, então Sam diz x para Meredith, então... de novo e de novo pela eternidade.

O que os sessenta anos que nos foram negados juntos em nossos corpos, ou os neurônios com lembranças de mim que você substitui conforme a vida continua importam diante da eternidade? Então viva, Sam. Saia de casa. Conheça pessoas. Dê conforto às pessoas de luto ou doentes, e aos que estão morrendo e perdidos. E deixe-os confortar você também. Ame mais. Faça novas memórias. Esqueça partes de mim e de nós. Abra mão. Está tudo bem. Guardo nós dois em minha memória perfeita. Estarei bem aqui, esperando você.

Com amor,
Meredith

Agradecimentos

Molly Friedrich, Alison Callahan, Lucy Carson: todos os dias fico entusiasmada, impressionada, cheia de amor e muito mais que agradecida por vocês serem meus. Vocês deixaram este livro tão melhor. O apoio, o entusiasmo e a fé que vocês têm nele e em mim significa tudo. Vocês são a matéria de que são feitos os sonhos. Obrigada, obrigada, muito obrigada.

Obrigada, também, aos primeiros leitores (e corretores e torcedores): Paul Mariz, Sue Frankel, Dave Frankel, Erin Trendler, Lisa Corr, Molly Schulman, Paul Cirone, Becky Ferreira, Alicia Goodwin, Jennie Shortridge, e um agradecimento especial a Sam Chambers. Obrigada a Sam Warren e Arnab Dekka pelos conselhos de especialista. Obrigada a Mark Cooper por me mostrar como fazer queijo. Obrigada a Dana Borowitz pelo apoio adicional e pelo amor, ao Seattle7Writers, meus maravilhosos editores e tradutores que fizeram um ato de fé, e toda a equipe de fazedores de milagres com que estou só começando a ter o prazer de trabalhar na Doubleday.

Não há duas pessoas que mereçam mais um livro dedicado a elas do que meus pais, que são os melhores pais que conheço. Na falta de palavras para dizer o suficiente, isto vai ter que ser o bastante: obrigada. Obrigada a Daniel pela perspectiva e pela alegria, e por gritar “seu livro!” cada vez que o vê. Obrigada a Calli pelo longo amor e pelas longas caminhadas.

No mais, você gostou deste livro? Quer lê-lo mais doze vezes em vários estágios ainda-não-bom? Quer falar sobre ele durante cada refeição, e enquanto lava minha louça, e durante caminhadas, e no carro, e enquanto seu filho brinca no parque, e enquanto você está de férias, e enquanto você está no trabalho tentando resolver alguma coisa? Quer dar soluções para todos os problemas com

tecnologia, pacientemente explicar os limites da inteligência artificial e das conversas por vídeo e discutir infindavelmente uma plataforma de software completamente fictícia? Não? Então fique contente por não ser casado comigo. Tenho uma gratidão épica, de dimensões planetárias, a Paul Mariz pelo sustento criativo, intelectual, filosófico, inspirador e emocional. Isso nasceu do amor.



Charis Brice

LAURIE FRANKEL nasceu em Columbia, no estado de Maryland, nos Estados Unidos. Lecionou redação, literatura e estudos de gênero na Universidade de Puget Sound, mas hoje se dedica exclusivamente à escrita, tendo sido considerada pela BookPage uma das jovens autoras para se acompanhar de perto. Dela, a Paralela publicou também O Atlas do amor, seu primeiro romance.

Copyright © 2012 by Laurie Frankel

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Goodbye for Now

Capa Design and illustration: www.cabinlondon.co.uk

PREPARAÇÃO Renato Potenza Rodrigues

REVISÃO Gabriela Morandini e Juliane Kaori

ISBN 978-85-8086-631-5

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br



DIGITAÇÕES E TRADUÇÕES